

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA HEBRAICA, LITERATURA E
CULTURA JUDAICAS**

A Rota do Êxodo

Manu Marcus Hubner

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Suzana Chwartz

São Paulo
2009

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA HEBRAICA, LITERATURA E
CULTURA JUDAICAS**

A Rota do Êxodo

Manu Marcus Hubner

São Paulo
2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em memória a três grandes amigos que iluminaram os nossos caminhos, e nos deixaram no período em que este trabalho foi feito: Bruce Michael Jentof, Nusen Treiger e Wilson Horowitz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Profa. Dra. Suzana Chwartz pela orientação, apoio e dedicação;

A Profa. Dra. Nancy Rozenchan pela amizade e disponibilidade constantes;

Ao Prof. Dr. Samy Pinto pelas valiosas contribuições a este trabalho;

A Profa. Ester Szuchman pelo suporte e dicas em traduções do Hebraico;

A minha esposa, Tatiana, meus filhos Rebeca e Michael, e meus pais Abraham e Haia, pela compreensão e apoio incondicional durante a execução deste trabalho.

“Ela foi e continua sendo a mais influente narrativa da história da política. Quando Oliver Komel fez seu primeiro discurso no parlamento depois da guerra civil inglesa, referiu-se a ela. Quando Thomas Jefferson e Benjamin Franklin estavam desenhando o *Great Seal* dos Estados Unidos, foi sua primeira escolha como imagem que simbolizasse fielmente seus sonhos. Na batalha que empreenderam pelos direitos civis, os negros americanos fizeram-na seu canto. Quando os sul-americanos escreveram suas teologias de libertação, foi o texto que tomaram como ponto de partida. Século após século, esta narrativa, mais do que qualquer outra, tem inspirado os povos a quebrar as correntes do passado e construir uma nova sociedade baseada na autodeterminação. É a história de Moisés levando os israelitas à liberdade, de sua jornada pelo deserto em direção à Terra Prometida. É a grandiosa, eterna, narrativa de esperança. Visto sob qualquer ângulo, trata-se de um momento decisivo na história. Os povos antigos podiam entender a vitória do poder sobre o poder. Impérios lutavam uns contra os outros, exércitos se digladiavam, e os deuses estavam sempre do lado dos fortes. Mas, que Deus pudesse estar do lado dos fracos, que Ele pudesse intervir a favor dos oprimidos, que escolhesse como Seu povo um grupo de escravos – isto era totalmente novo. Escravos sozinhos já haviam fugido antes, mas nunca uma população inteira. Foi um acontecimento sem precedentes”.

Rabino Jonathan Sacks. *Uma Letra da Torá*. São Paulo: Sefer, 2002, p. 135.

SUMÁRIO

Folha de Rosto.....	1
Capa.....	2
Dedicatória.....	3
Agradecimentos.....	4
Epígrafe.....	5
Sumário.....	6
Resumo.....	7
Abstract.....	8
Introdução.....	9
Capítulo 1. Rotas Existentes.....	15
Capítulo 2. A Escolha da Rota.....	20
Capítulo 3. Considerações sobre os Objetivos das Jornadas.....	29
Capítulo 4. Os Protagonistas da Narrativa das Jornadas pelo Deserto.....	33
Capítulo 5. O Significado do Deserto.....	40
Capítulo 6. A Descrição dos Acampamentos.....	46
Capítulo 7. Comparação com Registros Históricos.....	163
Capítulo 8. Ciclos/Padrões da Rota.....	174
Considerações Finais.....	179
Referências Bibliográficas	
Bibliografia Geral.....	188
Artigos.....	191
Softwares.....	195
Anexo I – Mapas	
Anexo II - Figuras	

RESUMO

O período de quarenta anos em que os Filhos de Israel saíram do Egito e entraram na terra de Canaã foi um período de grandes milagres e maravilhas. Toda a sobrevivência foi milagrosa, distante das cidades, em lugares que dificultam a sobrevivência do homem, como desertos áridos e inóspitos. A escolha da rota para esta jornada não foi aleatória. Esta escolha parece estar apoiada em fatores geográficos, ambientais, estratégicos e de segurança. Os quarenta e dois acampamentos, ou estações, não parecem objetivos em si, mas meros estágios intermediários da grande jornada à terra de Canaã. Apesar disto, cada um destes lugares tem uma história e um significado, e aparenta ser parte integrante de um plano Divino. Todo o período de jornadas pelo deserto, então, configura-se como uma prova necessária para a geração que as vivenciou, uma vez que um grupo de escravos tornou-se uma nação, com unidade nacional, leis e um sentido de existência. Esta é a história do nascimento de um povo. O ponto alto desta jornada, a ser destacado, é o recebimento da *Torá* no Monte Sinai, que marcou de forma única e definitiva a existência e a história de Israel.

PALAVRAS CHAVE

BÍBLIA HEBRAICA, ISRAEL, ÊXODO, DESERTO, SINAI

ABSTRACT

The forty-year period in which the children of Israel left Egypt and entered the land of Canaan was a period of miracles and wonders. Being far from the cities, in places where human survival was extremely difficult and challenging, such as in dry and inhospitable deserts, survival was a miracle. The choice of the route for this journey was anything but random. It appears to be contingent upon geographic, environmental, strategic and security factors. The forty two stops or stations don't seem to be the final destinations in themselves, but rather mere intermediate stages of the long journey to the land of Canaan. In despite of this, each one of these locations has a history and a meaning and seems to be a part of a Divine plan. Thus, the whole period of the wanderings through the desert seems to be a necessary test for that generation. It transformed a group of slaves into a nation, with a national unity, laws and a sense of existence. It is the history of the birth of a nation. The climax of this journey is the reception of the Torah in the Mount Sinai, which marked in a unique and final way the history of Israel.

KEY WORDS

HEBREW BIBLE, ISRAEL, EXODUS, WILDERNESS, SINAI

INTRODUÇÃO

Segundo o relato da *Torá*¹, os Filhos de Israel saíram do Egito, após séculos de escravidão². Passaram os primeiros quarenta e nove dias de liberdade no deserto³, preparando-se para a experiência mais monumental de suas vidas e, possivelmente, de todos os tempos: o recebimento da própria *Torá* no Monte Sinai⁴. Após uma permanência de aproximadamente um ano neste local⁵, o passo seguinte seria uma jornada de alguns dias⁶ em direção à Terra Prometida (naquele momento ainda conhecida como Terra de Canaã), que deveria ser conquistada e dividida entre as tribos formadoras do povo. Mas um fato inesperado mudou o curso dos acontecimentos: os espiões, enviados com o objetivo de reconhecer a região a ser conquistada, trouxeram um relato desfavorável à conquista, provocando a revolta de todo o povo. A punição por esta revolta, e pela recusa dos israelitas em confiar na promessa Divina da conquista da terra de Canaã, foi a permanência de quarenta anos no deserto, até o florescimento de uma nova geração⁷.

No deserto, conta a Bíblia que os Filhos de Israel construíram um Santuário móvel⁸, estudaram⁹ e se aprofundaram nas leis da *Torá*, enfrentaram conflitos¹⁰ internos e externos, até que, finalmente, após estes quarenta anos, puderam conquistar a tão sonhada Terra Prometida, conquista esta relatada no Livro de Josué.

¹A *Torá*, ou Bíblia Hebraica, compõe-se dos cinco livros de Moisés, chamados de Pentateuco.

²Ex 12:51 e Ex 12:41. As abreviações dos livros Bíblicos seguem a Bíblia de Jerusalém.

³A saída do Egito ocorre no dia 14 de Nissan (KAPLAN, 1981, p. 317, Ex 13:4), e o recebimento da *Torá* em 6 de Sivan (ibid., p. 351, Ex 19:11). São exatamente 50 dias entre uma data e outra, o que implica que o recebimento da *Torá* ocorreu no 50º dia após a saída do Egito. Esta contagem dos dias e semanas aparece também em Lv 23:15-16.

⁴Ex 19, 20. Segundo Johnson (1987, p. 26): "The way it was related and set down convinced subsequent generations that this unique demonstration of God's mightiness on their behalf was the most remarkable event in the whole history of nations".

⁵Nm 10:11; Har-El (1983, p. 321); seriam 344 dias estudando e revendo as leis da *Torá*, segundo Deutsch (2004, p.141).

⁶Rashi, comentário sobre Nm 10:29: "Immediately, within three days, we will enter the Land. For on this first journey they traveled with the intention of entering the Land of Israel, but [because] they sinned at the episode of the complainers [they were punished and did not enter the Land until much later]". (Mikraot Gedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 172; tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9938/showrashi/true>, acesso em: 13/08/2009.

⁷Nm 14:29-33

⁸Ex 40:17

⁹Em Ne 9:14 há a afirmação de que os Filhos de Israel, durante sua estadia no deserto, foram instruídos por Moisés à respeito das leis, ensinamentos, decretos e mandamentos. Em Ex 15:25 há também uma afirmação à respeito de ensinamentos transmitidos aos Filhos de Israel: "[...] Ali deu-lhe (Deus ao povo) estatutos e leis, e ali o provou". Isaacs (1946) afirma que os Israelitas receberam em Mará "certas leis e mandamentos". Segundo o *Talmud*, foram recebidas 10 leis em Mará (Sanhedrin 56b, 36:2; Mekhiltah BeShalach; Yalkut Beshalach 256-257 em DEUTSCH, 2006, p. 25).

Durante estes quarenta anos de jornadas pelo deserto, os Filhos de Israel acamparam em quarenta e dois lugares diferentes¹¹. Cada um destes lugares possui um significado específico, e o seu conjunto forma uma rota diferente daquela que seria a mais direta ou a mais próxima do destino final¹², como afirma Rashi¹³:

He led them around from a direct route to a circuitous route¹⁴.

Esta rota possui duas dimensões: uma dimensão temporal e uma dimensão espacial, que a tornam plena de significado.

A dimensão temporal da rota pode ser explicada de forma resumida através da passagem abaixo:

“Segundo o número dos dias em que espiastes esta terra, quarenta dias, por cada dia um ano, um ano por cada dia, levareis as vossas iniquidades quarenta anos, e conhecereis a consequência de vosso afastamento de Mim. Eu, o Eterno, falei; assim farei a toda esta má congregação, que se reuniu contra mim. Neste deserto serão consumidos, e ali morrerão”. (Nm 14:34-5)¹⁵

A dimensão temporal indica que foram quarenta anos de jornadas pelo deserto, decorrentes dos quarenta dias em que os espiões percorreram a terra de Canaã, até o florescimento de uma nova geração.

O número quarenta¹⁶ possui uma simbologia especial, e alguns dos seus significados são: transição e renovação. Pode também significar a transição da morte para a vida, do impuro para o puro (GINSBURG, 1992, p. 202-3); mudanças cataclísmicas e nova criação (Maharal de Praga¹⁷); e ainda, o período de uma geração (Nm 32:13¹⁸).

¹⁰Entre os conflitos relatados, estão a batalha contra os amalequitas (Ex 17:8), Arad (Nm 21:1), Midian (Nm 31:1) e os reis Sichón e Og (Nm 21:23-24 e Nm 21:33-35); revoltas internas, como em Refidim (Ex 17:1-7) e as revoltas de Côrach (Nm 16) e o Bezorro de Ouro (Ex 31:18).

¹¹A lista dos acampamentos ou estações está em Nm 33:1-48. São quarenta locais que, somados ao ponto de partida e ao de chegada, totalizam quarenta e dois acampamentos.

¹²Tanto a rota evitada quanto a escolhida são mencionadas em Ex 13:17-8.

¹³Rashi: Rabi Shelomô Yitschaki (1040-1105) de Troyes, França. “O maior comentarista de sua geração, das gerações que se seguiram e ainda o será nas futuras gerações.” (GANTZFRIED, 2008, Vol. 1, p. 16-7).

¹⁴Rashi, comentário sobre Ex 13:17 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 288; tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9874/showrashi/true>, acesso em: 13/08/2009).

¹⁵A não ser quando indicado de outra forma, a Bíblia utilizada para citações do Pentateuco neste trabalho será a *Torá – A Lei de Moisés*, de Melamed, Editora Sefer, 2001; para citações dos demais livros da Bíblia Hebraica, será utilizada *A Bíblia Sagrada*, de D’Almeida, Sociedades Bíblicas Unidas, 1950.

¹⁶O significado do número quarenta será apenas mencionado, mas não será discutido neste estudo.

¹⁷Maharal de Praga: Rabbi Yehuda Loewe (1513-1609), um dos maiores eruditos da nossa história, sábio e cabalista. (WINKLER, Gershon. *O Golem de Praga*. São Paulo: Editora Lubavitch, 2006), citação disponível em: <http://ohr.edu/ask_db/ask_main.php/170/Q3/>, acesso em: 27/04/2009.

¹⁸Nm 32:13: “[...] e os fez andar errantes pelo deserto quarenta anos, até se acabar toda a geração [...]”.

Este conceito de mudança está presente em todos os períodos de quarenta dias ou anos encontrados na Bíblia Hebraica¹⁹.

O número quarenta e dois, por sua vez, que é o número de estações ou acampamentos no deserto, representa as quarenta e duas dimensões do nome de Deus²⁰.

O tempo, a propósito, é contado no relato Bíblico através de um sistema referencial intra-Bíblico. Os meses são denominados através de números ordinais (primeiro mês, segundo mês, e assim por diante), como nos exemplos abaixo, em Ex 19:1 e em Nm 20:1, respectivamente:

“E vieram os filhos de Israel, toda a congregação, ao deserto de Tsin, no primeiro mês, e esteve o povo em Cadesh [...]”.

“No terceiro mês de saírem os filhos de Israel da terra do Egito, neste dia chegaram ao deserto do Sinai”.

Muitas vezes, o ponto de referência é a própria saída do Egito, como no exemplo do Ex 16:1:

“E partiram de Elim, e veio toda a congregação dos filhos de Israel ao deserto de Sin, que está entre Elim e o Sinai, no décimo-quinto dia do segundo mês de sua saída da terra do Egito”.

A dimensão espacial, por sua vez, que é a descrição geográfica da rota, e se inicia com a escolha da rota, narrada em Ex 13:17-8:

¹⁹No Pentateuco, o número quarenta aparece nos seguintes versos: o dilúvio durou 40 dias e 40 noites (Gn 7:4-17), e Noé enviou o pombo após 40 dias sem chuva (Gn 8:6); Isaque tinha 40 anos quando se casou com Rebeca (Gn 25:20); Esaú se casou aos 40 anos com Judite e Basemate (Gn 26:34); entre os presentes que Jacó enviou para Esaú, haviam 40 vacas (Gn 32:15); os egípcios embalsamavam um corpo em 40 dias (Gn 50:3); Moisés se manteve no cume do Monte Sinai por 40 dias e 40 noites para receber os ensinamentos da *Torá* (Ex 24:18; Dt 9:9-11), e uma segunda vez após o pecado do bezerro de ouro (Ex 34:28); Moisés jejuou para salvar o povo de Israel da aniquilação após o pecado do bezerro de ouro por 40 dias e 40 noites (Dt 9:18), como também após o episódio dos espiões (Dt 9:25, 10:10); na construção do Tabernáculo, haviam 40 bases de prata debaixo de cada tábuca (Ex 26:19); os espiões percorreram a terra de Canaan por 40 dias (Nm 13:25), e trouxeram da viagem um relato negativo sobre a terra, causando a descrença do povo de Israel na conquista e provocando um decreto de 40 anos de jornadas pelo deserto, até o florescimento de uma nova geração (Ex 16:35; Nm 14:33-34; Dt 2:7, 8:2-4; Js 5:6; Ne 9:21, Am 2:10); punição máxima a um criminoso: 40 açoites (Dt 25:3); um período de 40 dias é necessário para purificação da mãe após o nascimento de um menino; para uma menina, o número de dias é o dobro (Lv 12:2-5).

²⁰Segundo Maguen Avraham em Gantzfried (2008, Vol. 1, p. 442); Bogomilsky (2006, p. 234-236). O significado do número quarenta e dois será apenas mencionado, mas não será discutido ou aprofundado neste estudo. A lista dos acampamentos ou estações está em Nm 33:1-48. São quarenta locais que, somados ao ponto de partida e ao de chegada, totalizam quarenta e dois acampamentos.

“E aconteceu que, quando Faraó deixou ir o povo, Deus não os levou pelo caminho da terra dos filisteus, que estava mais perto; porque Deus disse: Para que porventura o povo não se arrependa, vendo a guerra, e volte ao Egito. Mas Deus fez o povo rodear pelo caminho do deserto do Mar Vermelho; e armados, os filhos de Israel subiram da terra do Egito”.

Para cada um dos quarenta e dois acampamentos, ou estações, por onde passaram os filhos de Israel durante este período de quarenta anos no deserto, é possível fazer uma análise histórica, geográfica e arqueológica. Cada nome possui um significado específico (muitas vezes, o nome do local já existia antes da passagem dos filhos de Israel; outras vezes, alguma característica do local lhe conferia o nome; mas há também os nomes decorrentes de eventos que ocorreram durante a estadia dos filhos de Israel²¹).

Bright (2000, p. 124) afirma que a localização de qualquer um dos acampamentos associados à jornada dos filhos de Israel após a saída do Egito é muito difícil. Quase nenhum dos lugares pode ser identificado com certeza.

Portanto, não temos certeza sobre nomes e localizações geográficas de diversos lugares; assim, não podemos identificar com exatidão diversos locais por onde passaram os filhos de Israel, mencionados no Pentateuco; também não conseguimos relacionar a história do Êxodo com a história universal; além disso, ainda não há provas ou indícios arqueológicos destas jornadas. Por isso, existem estudiosos que acreditam que estas nunca ocorreram²². Assim, as localizações sugeridas, em geral, são baseadas em tentativas.

Alguns estudiosos consideram a narrativa das jornadas pelo deserto um épico ou um rito de passagem ou iniciação. Hendel (2001, p. 621-622) argumenta que esse relato possui ritos simbólicos de passagem: o povo libertado da escravidão, que ganha uma nova identidade como “o povo de Deus” na montanha sagrada, e entra na “Terra Prometida” com sua nova identidade. Para Knapp (1995, p. 11-12), andanças ou jornadas podem ser vistas como paradigmas de rituais de

²¹Exemplos de nomes dados a locais em decorrência de eventos que ocorreram durante a estadia dos filhos de Israel: Massá e Meribá (Ex 17:1), Taberá (Nm 11:3), Kibrot Hataavá (Nm 11:34).

²²Diversos estudiosos assumem esta postura. Entre eles, Bernard Batto (1983, p. 35) conclui: “In short, the hypothesis that the Israelites experienced deliverance from their Egyptian pursuers at some historical body of water, whose name was dimly but accurately preserved as the ‘Reed Sea’, should be laid to rest forever”. Prentice (1913, p. 243): “Of course we are told that the accounts of the Exodus were written hundreds of years after the events which they describe, that they represent only untrustworthy traditions, and that we can base no arguments upon the lists of stations, or on the number of days of traveling which lay between them.”

iniciação, como a busca de conhecimento ou busca do centro espiritual ou psicológico. É claro que surgem, habitualmente, obstáculos a serem vencidos, e isso faz com que a jornada proporcione a possibilidade de aprender a lidar com dificuldades. O período de quarenta anos no deserto deve ter ensinado aos israelitas como sobreviver em situações extremas.

Mas, para Bright (2000, p. 121), a narrativa Bíblica tem um significado diferente:

“Here is no heroic epic of migration, but the recollection of shameful servitude from which only the power of God brought deliverance”.

Bright parece acreditar na veracidade da narrativa Bíblica, assim como diversos outros estudiosos, como Hoffmeier, Krahmalkov e Kitchen:

“There can really be little doubt that ancestors of Israel had been slaves in Egypt and had escaped in some marvelous way. Almost no one today would question it”. (BRIGHT, 2000, p. 120)

“Of the Exodus itself we have no extra-biblical evidence. But the Bible’s own witness is so impressive as to leave little doubt that some such remarkable deliverance took place. [...] A belief so ancient and so entrenched will admit of no explanation save that Israel actually escaped from Egypt to the accompaniment of events so stupendous that they were impressed forever on her memory. [...] That Egyptian records do not mention it is not surprising. Not only were pharaohs not accustomed to celebrate reverses, but an affair involving only a party of runaway slaves would have been to them of altogether minor significance. We should as little expect an account of it in the Egyptian annals as we would a description of Passion Week in the annals of Caesar. To Caesar this was of no importance”. (ibid., p. 122)

“The details of travel and life in Sinai as the Torah presents them square well with what is known about Sinai. [...] It seems to me easier to believe that the Bible accurately preserves an authentic picture of the travels and life in the Sinai wilderness than to suppose that authors six to seven hundred years later, writing in ignorance of the past and using creative imagination, go so much certifiable correct as this investigation has demonstrated”. (HOFFMEIER, 2005, p. 248-249)

“The account sounds credible enough, even authoritative, as if based on real and reliable sources”. (KRAHMALKOV, 1994, p. 56)

“The narratives show a practical knowledge of Sinai conditions not readily to be gained by late romance writers in exilic Babylon or an impoverished Persian-Hellenistic Judea, hundreds of miles from the places and phenomena in question”. (KITCHEN, 2006, p. 274)

Bright (2000, p. 122) enfatiza a grande importância deste período de jornadas pelo deserto:

“Os grandes objetivos dos israelitas foram a aceitação, como nação, do Deus de Israel e o recebimento da *Torá* na montanha escolhida. Foi neste período que Israel recebeu a sua religião característica, que se tornou um povo. A origem, a própria fundação da religião de Israel, ocorreu no deserto”.

O plano Divino (capítulo 2, item 4); os exercícios de humildade e fé (capítulo 2, item 5); a oportunidade de crescimento espiritual (capítulo 2, item 6); a preparação de um exército (capítulo 2, item 7); a organização do acampamento (Nm 2) e a escolha de juizes e líderes (Ex 18), proporcionando o aprendizado de ordem e disciplina; e, acima de tudo, a aceitação de um rígido código de leis e de conduta ética e moral; este conjunto de fatores foi decisivo para a transformação de um amontoado de escravos em um povo com um propósito.

Estudaremos o significado dos quarenta e dois lugares nos quais os Filhos de Israel acamparam durante seus quarenta anos de andanças pelo deserto, através da investigação da etimologia, história, geografia e arqueologia de cada lugar, além do estudo da exegese judaica relacionada às jornadas. Tentaremos entender a natureza e os motivos da escolha desta rota específica, e verificar a existência de padrões ou ciclos de ocorrências durante este período.

No capítulo 1, relacionaremos as rotas existentes na região por onde passaram os filhos de Israel. No capítulo 2, analisaremos motivos para a escolha de uma rota específica. No capítulo 3, discutiremos alguns possíveis objetivos das jornadas, segundo a exegese judaica. No capítulo 4, analisaremos o papel central de Deus na narrativa Bíblica como protagonista principal, e discutiremos a função de Moisés como homem, líder e mediador. No capítulo 5, estudaremos o significado do deserto. No capítulo 6, descreveremos as quarenta e duas estações nas quais acamparam os filhos de Israel durante suas jornadas pelo deserto. No capítulo 7, faremos uma comparação da rota em questão com outros registros históricos, e no capítulo 8, procuraremos indícios de ciclos ou padrões no estudo desta rota.

Capítulo 1

Rotas Existentes

Segundo Aharoni (1979, p. 43-63), havia uma rede de estradas de grande importância no Oriente Médio antigo. Estas estradas serviam como artérias para o comércio internacional. Uma vez que a topografia da região dificultava o desenvolvimento de novas rotas ou até mesmo a modificação das antigas, as estradas mantiveram o mesmo padrão por muito tempo. A proximidade destas estradas pode ser um fator decisivo para o desenvolvimento e a concentração de população em uma região.

As rotas mais importantes entre as conhecidas (Mapa 1, Anexo I) são:

1.1. Via Maris, “O Caminho da Terra dos Filisteus”, conforme Ex 13:17: Har-El (1983, p. 73-74) a descreve como uma rota internacional de grande importância, na extremidade oeste da Península do Sinai, norte do Golfo de Suez. Esta rota seguia a costa do Mediterrâneo, desde o Egito até Gaza, e foi utilizada primeiramente para propósitos militares. As condições topográficas e climáticas favoráveis tornaram possível a aparição de numerosos vilarejos nos arredores desta rota. Uma ramificação desta rota cruzava o banco arenoso de Sabkhat Bardawil e era extremamente adequada para a passagem de caravanas militares, já que, rodeada de água dos dois lados, era naturalmente protegida contra ataques. A desvantagem desta rota é que esta possuía escassos recursos hídricos e não havia vegetação por aproximadamente cem quilômetros de sua extensão. Havia também alguns pontos em que as ondas do mar podiam tornar a passagem intransitável. A campanha do faraó Tutmósis III no século 15 a.C. utilizou esta rota, que é também mencionada nas placas de Seti I e Ramsés II (GARDINER, 1920, p. 99-116). Todos os outros exércitos, como os da Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma (Titus), Cruzados, Napoleão, Mohammed Ali, Allenby (Britânicos) durante a Primeira Guerra Mundial e Zahal (Exército de Defesa de Israel) utilizaram esta rota ou suas diversas ramificações (HAR-EL 1983, p. 72-78).

Esta rota recebeu diversos nomes:

- O Caminho da Terra dos Filisteus (Ex 13:17)
- O Caminho dos Filisteus (Josefo²³)
- O Caminho do Mar (Is 9:1)
- O Caminho de Horus (Papiro Anastasi I²⁴)
- Via Maris (versões latinas da Bíblia²⁵)
- The Ancient Military Road Between Egypt and Palestine (GARDINER, 1920).

Aharoni (1979, p. 45-54) e Sarna (1986, p. 103-106) descrevem esta rota como a mais comum, utilizada pelos faraós para incursões na Ásia. Tornou-se uma das vias internacionais de comunicação mais importantes através da história. Gardiner (1920, p. 99-116) estudou e comparou as duas descrições detalhadas desta rota em documentos egípcios²⁶; um deles é um relevo nas paredes do templo de Atum em Karnak, construído por Seti I no final do décimo - quarto século a.C. (Figura 1, Anexo II); o outro é o Papiro Anastasi I, do escriba egípcio Hori, durante o reinado de Ramsés II (1279 a.C. a 1213 a.C.).

O livro do Êxodo (13:17–18) deixa bem claro que esta rota não foi utilizada pelos filhos de Israel após a saída do Egito:

“E foi ao enviar o Faraó ao povo, não o guiou o Eterno pelo caminho da terra dos filisteus que era próximo [...]”.

1.2. O Caminho do Rei (Nm 20:17 e 21:22): Har-El (1983, p. 74-78) a considera uma rota internacional de grande importância, na extremidade leste da região, no final do Golfo de Eilat, usada primeiramente para propósitos militares. Aharoni (1979, p. 54-55) a considera segunda em importância, atrás apenas da Via Maris. Também servia ao comércio internacional, apesar de inicialmente ter servido como trilha para caravanas de nômades. Seu nome pode não ser o nome oficial da estrada, mas apenas uma referência, já que foi chamada por vezes simplesmente de “a estrada” (Nm 20:19). Atravessa a Transjordânia de norte a sul e se estende até

²³ *Antiquities* 2:15:3, em Kaplan (comentário sobre Ex 13:17, 1981, p. 321).

²⁴ Refere-se à história de Sinuhe no Papiro Anastasi I, Aharoni (1979, p. 46).

²⁵ *ibid.*, p. 46-47.

²⁶ Uma longa linha de fortes e reservatórios de água constitui o mais antigo equivalente de um mapa conhecido. A fonte principal é uma série de cenas esculpidas que ocupam a parede norte exterior da sala do Hipostilo no templo de Karnak, e se referem ao rei Seti I da 19ª. Dinastia, por volta de 1300 a.C. (Figura 1, Anexo II). No papiro Anastasi I (27, 2-28, 1), muitos destes nomes são recorrentes. (GARDINER, 1920, p. 99-116)

Damasco. Seu setor norte é chamado “Caminho de Bashan” (Nm 21:33, Dt 3:1), por levar de Cheshbon a Ashtarot, capital de Bashan. A estrada é atravessada por quatro *wadis*²⁷, que dividem a Transjordânia em diferentes setores geográficos: Yarmuk, Jabbok, Arnon e Zered. A mais antiga campanha através desta estrada está registrada em Gênesis 14, na narrativa do conflito entre os quatro reis do norte, chefiados por Kedarlaómer, rei de Elam, e os reis de Sodoma e Gomorra e seus aliados. A Bíblia preserva a lista de acampamentos dos Filhos de Israel ao longo do Caminho do Rei, em Edom e Moab: Tsalmoná, Punon, Obot, Ruínas de Abarim no vale de Zered, Dibon-gad, Almon Diblatáima, as Montanhas de Abarim de frente a Nebo e a Planície de Moab (Nm 33:41-9).

1.3. O Caminho de Shur: segundo Har-El (1983, p. 74), esta é a rota que atravessa a região dos lagos no leste egípcio, próximo à moderna cidade de Ismailia, seguindo à nordeste para ‘Ain Qudeirat e Quseima, e de lá até Beer Sheba. Esta rota era utilizada por nômades que vinham do norte para alimentar seus rebanhos em terras egípcias. Aparentemente é a rota na qual passou Hagar, esposa de Abraham, após ter fugido de Sara com seu filho Ismael (Gn 16:7). Segundo Beth-Arieh (1988, p. 31-32), a rota passava entre os lagos, na região onde os egípcios construíram uma linha fortificada chamada de *Shur Mitzrayim*, “A Muralha do Egito”, para proteger a região do Delta e controlar a entrada e saída de nômades. Parece ser também o caminho que os Patriarcas tomaram em direção à terra de Goshen (Gn 25:18; 46:1, 5, 28-29).

1.4. A Estrada de Atharim: Har-El (1983, p. 72-78) identifica esta estrada como aquela pela qual os israelitas tentaram penetrar na terra de Canaã em Nm 21:1, onde foram confrontados pelo rei de Arad. Esta rota leva de Cadesh-Barnea para Arad.

1.5. A Estrada do Deserto (Êxodo 13:18): de acordo com Har-El (1983, p. 72-78), esta estrada vai do Egito para Suez e de lá para leste até o leste do Golfo de Eilat. A distância entre as duas ramificações do Mar Vermelho é de 240 quilômetros. É uma rota topograficamente conveniente, já que cruza a extremidade norte do planalto de Et-Tih, mas possui escassez de recursos hídricos.

²⁷Riacho, somente em período de chuva. (BEREZZIN, 2003, p. 201)

Parece ser a rota de peregrinação de muçulmanos do Egito para Meca. Uma rede de fortes foi construída nesta rota, como ‘Ajrood (a oeste da cidade de Suez), Nakhl, ‘Aqaba, dentre outros, usados para a defesa de caravanas de peregrinos, e fornecendo-lhes alimento e água. Esta rota também foi utilizada por nômades do deserto que vinham de Moab, Edom, Midian e Arábia, e que vinham ao Egito comprar alimentos para eles e para seus rebanhos.

1.6. A Rota do Mar Vermelho: mencionado em Ex 13:18; Nm 14:25, 21:4; Dt 1:40 e 2:1. Har-El (1983, p. 75) acredita que esta seja a rota que atravessa desde ‘Ain Qudeirat e Quseima até o Golfo de Eilat. Parte desta rota está indicada na Tabula Peutingeriana²⁸ como a rota que leva de Gaza para Eilat. Segundo Aharoni (1979, p. 58), esta rota passava pelo sul do Mar Morto, pela região conhecida como Arabah, e conectava Zoar e Tamar com Elath.

1.7. A Estrada do Monte Seir: mencionada em Dt 1:2, para Har-El (1983, p. 75-76), aparentemente é a mesma, ou talvez paralela à “Estrada da Montanha dos Amorreus”, mencionada em Dt 1:19. Atravessa o planalto de Et-Tih, através do Vale de El-‘Arish para o norte, em direção às montanhas do Negev central e às regiões de ‘Ain Qudeirat e Quseima. Durante o período bizantino, havia uma rota de peregrinação, desde Beer Sheba e Nitzana até Bir Hassaneh e Nakhl, que seguia até os mosteiros do sul da Península do Sinai. Os registros de Ammonius²⁹, do quarto século d.C., relatam sua jornada, juntamente com outros monges, de Jerusalém até o tradicional Monte Sinai, em 18 dias.

1.8. As Rotas do Sul: segundo Har-El (1983, p. 77-78), como as caravanas normalmente seguiam a rota sul com destino às minas de cobre, turquesa e manganês, ou em direção aos lugares sagrados, há uma rota principal longitudinal através do Golfo de Suez indo até o centro montanhoso do Sinai.

²⁸Tabula Peutingeriana é um mapa viário do Império Romano, desenhado em 1265 por um monge de Colmar, e descoberto em 1494 por Konrad Meissel e entregue em 1507 para um antiquário de Augsburg, Konrad Peutinger. Hoje é mantido na Biblioteca Nacional de Viena. O índice de rotas mostra Roma no centro de um círculo do qual partem radialmente as grandes estradas da Itália. (KISSEL, Theodor. *Estradas Romanas, Caminhos do Poder*. História Viva, nº46. Editora Duetto; Nüssli, Christos. *Atlas Historique Périodique*. Yverdon, Suíça: Euratlas, 2003).

²⁹Ammonius, um monge de Canopus, Egito, que chegou ao Sinai à partir de Jerusalém em 18 dias, possivelmente em 373 d.C. (ROBINSON, Edward; SMITH, Eli. *Biblical Researches in Palestine, Mount Sinai and Arabia Petraea: A Journal of Travels in the Year 1838*. Boston: Crocker & Brewster, 1841, p. 181).

Esta rota foi utilizada tanto pelos faraós egípcios em direção às minas de Serabit el-Khadim, Maghara e Nasb, como também por peregrinos que atravessavam os vales de Sidri, Feiran e E-Sheikh.

Capítulo 2

A Escolha da Rota

Segundo o Livro do Êxodo (13:17-18), após a saída do Egito, os israelitas não tomaram a rota mais curta e lógica para Canaã, que seria aquela ao norte do Sinai, seguindo a costa do Mediterrâneo e atravessando o território dos filisteus, conhecida como “O Caminho da Terra dos Filisteus³⁰”.

Este caminho, da fronteira do Egito até Gaza, possui cerca de 150 milhas ou 240 quilômetros, de acordo com Sarna (*Exploring Exodus*, 1996, p. 103-106). Esta distância levaria apenas algumas semanas, talvez um mês para ser percorrida, mesmo por um grande grupo de pessoas, incluindo seus rebanhos³¹. Vários estudos confirmam esta informação:

- O exército de Thutmosis III (1504 a 1450 a.C.) cobriu esta distância em dez dias, segundo Sarna (*Exploring Exodus*, 1996, p. 103-106).
- Har-El (1983, p. 167), um ex-pastor de rebanhos, sugere um valor menor do que seis milhas/dia ou dez quilômetros/dia para evitar exaustão do rebanho, resultando numa caminhada de 24 dias.
- Hoffmeier (2005, p. 144) sugere 15 a 20 milhas/dia ou 24 a 32 quilômetros/dia, o que daria uma caminhada entre 7,5 e 10 dias.
- Com seus idosos, suas crianças e seus rebanhos, não poderiam ter viajado mais que 10 milhas/dia ou 16 quilômetros/dia, o que daria 15 dias de viagem, segundo Prentice (1913, P. 238-244).
- Estudado por Davies (1979, p. 93), um texto de Mari sugere que uma caravana poderia percorrer 22 milhas/dia ou 35 quilômetros/dia em um deserto, o que daria 7 dias de viagem.
- O Talmud³² sugere 10 *parsangs*, que seriam aproximadamente 34 milhas ou 54 quilômetros por dia. Neste ritmo, o caminho seria percorrido em até 5 dias.

³⁰A descrição desta rota se encontra no Capítulo 1, item 1.

³¹Em Ex 12:37, 38 há a confirmação de que haviam crianças e animais junto com os filhos de Israel que saíram do Egito: “E viajaram os filhos de Israel de Ramsés a Sucot; eram como seiscientos mil homens andantes, fora as crianças. E também grande mistura de gente subiu com eles, e rebanhos e gado, animais em grande quantidade”.

³²Tratado Pesachim 93b, em Kaplan (comentário sobre Gn 30:36, p. 145). O Talmud define a distância entre Jerusalém e Mod'in, uma distância de 17 milhas, como sendo 15 mil ou 5 *parsangs*.

Sendo assim, menos de um mês seria suficiente para percorrer este trajeto; mas outro caminho foi escolhido, e este levou 40 anos para ser percorrido.

A rota escolhida foi descrita em Ex 13:18 como “O Caminho do Deserto do Mar Vermelho” (Mapas 2 e 3, Anexo I). Os Filhos de Israel se dirigiram ao sul para o interior do deserto, para áreas fora do controle egípcio. Alguns dos possíveis motivos para a escolha de uma rota alternativa são:

2.1. Proximidade: “O Caminho da Terra dos Filisteus” era muito próximo do Egito; sendo assim, seria a rota mais fácil para retornar ao Egito. Em Ex 13:17, fica claro que um dos motivos para a escolha de uma rota alternativa e complexa seria evitar que os filhos de Israel se arrependessem de ter saído do Egito e resolvessem retornar:

“E foi ao enviar o Faraó ao povo, não o guiou o eterno pelo caminho da terra dos filisteus **que era próximo**, porque disse o Eterno: ‘Que não se arrependa o povo ao ver guerra e volte ao Egito’.”

Rashi, Ibn Ezra e Nahmânides deixam clara esta idéia:

[...] it was **easy to return** by that road to Egypt. [...] If they had gone on a direct route, **they would have returned**. Now, if when He led them around in a circuitous route, they said, ‘Let us appoint a leader and return to Egypt’ (Num. 14:4), how much more [would they have planned to do this] if He had led them on a direct route? They will have [second] thoughts about [the fact] that they left Egypt and they will think about returning”. (Rashi sobre Ex 13:17 em Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 296; tradução disponível em: http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9874/showrashi/true, acesso em: 10/08/2009)

“Deus não os deixou seguir pelo caminho dos filisteus, **por ele ser próximo**, e os levou para uma terra distante para que não tivessem medo de alguma guerra e dissessem: ‘vamos voltar para o Egito’. Sabemos que Deus conhece o futuro, e sabia que iam se arrepender se fossem pelo caminho dos filisteus, e disse: ‘para que o povo não se arrependa’.” (Ibn Ezra sobre Ex 13:17, ibid. p. 295-6, tradução nossa)

[...] é fácil voltar pelo mesmo caminho para o Egito. Deus não deixou que fossem pela terra dos filisteus por ser próxima. Se arrependeriam e voltariam logo para o Egito. Segundo meu conhecimento, se há esta possibilidade, Deus a previu com antecipação. E as Escrituras dizem que Deus não os deixou ir pelo caminho da terra dos filisteus pois disse que ele é próximo, e o povo se arrependeria ao vislumbrar uma guerra próxima, já que os filisteus

não os deixariam passar por sua terra em paz; assim, voltariam ao Egito. Porém, pelo caminho do deserto, não precisariam temer batalha alguma, até a chegada às terras de Sihon e Og, reis amorreus, terra que foi dada à eles. Neste momento, já estariam longe do Egito. A guerra contra Amalek em Rephidim, não havia como voltar por causa dela, por que eles não atravessaram o território de Amalek; estes últimos é que vieram da terra deles e batalharam contra os Israelitas apenas por ódio. Se os Israelitas decidissem voltar para o Egito, não adiantaria, pois Amalek lutou contra eles no meio do caminho. Estavam também longe do Egito, e não conheciam outro caminho para sair de lá. Mesmo no caminho do deserto muitos quiseram voltar ao Egito; se tivessem ido por um caminho mais simples, quantos não voltariam...” (Ramban sobre Ex 13:17, *ibid.* p. 296-9, tradução nossa)

O mais rápido, fácil e direto caminho do Egito para Canaã é pelo nordeste, seguindo a costa do Mediterrâneo, atravessando a terra dos filisteus, que fica na costa oeste da Terra de Israel, pelo “Caminho da Terra dos Filisteus”. Da mesma forma como este seria o caminho mais fácil para deixar o Egito, seria também o caminho mais fácil para retornar. Para evitar isso, foi escolhido um caminho circular através do deserto do Sinai, primeiro para o leste e depois para o norte, para que a entrada na terra fosse através da margem oriental do rio Jordão. Essa rota levaria os israelitas tão longe do Egito que a opção do retorno seria difícil. Houve momentos em que os Filhos de Israel desafiaram Moisés e desejaram voltar ao Egito³³; se este retorno fosse rápido e fácil, provavelmente muitos teriam retornado. Durante o ataque dos amalekitas (Ex 17:8-13), por exemplo, os israelitas já estavam longe demais do Egito para retornarem.

2.2. Evitar a guerra contra os filisteus: se os Filhos de Israel tentassem passar pela terra dos filisteus, correriam o risco de provocar uma guerra; já que a fé de muitos ainda era fraca, a perspectiva de guerra poderia ter feito com que estes retornassem ao Egito, conforme Ex 13:17:

“Para que porventura o povo não se arrependa, vendo a guerra, e volte ao Egito.”

Alguns comentaristas afirmam que já havia alguma inimizade entre israelitas e filisteus³⁴. Mas havia ainda outro motivo para evitar a guerra contra os filisteus: o tratado de não-agressão entre Abraham e o rei dos filisteus Abimeleque³⁵ (Gn 21:22-34).

³³Em diversos locais da Bíblia Hebraica há a menção da vontade de parte dos Israelitas voltarem ao Egito: Pi Hachiroth (Ex 14:10), Refidim (Ex 17:1-7), Mará (Ex 15:22), Taberá/Kibroth Hataavá (Nm 11), o episódio dos espiões (Nm 14).

2.3. Evitar fortificações egípcias: segundo Sarna (1983, p. 103-6), a vulnerabilidade de sua fronteira nordeste exigiu dos egípcios a fortificação dos caminhos contra incursões hostis. Desde os tempos de Amenemhet I (1991-1962 a.C.), uma linha de fortes foi construída ao longo do istmo de Suez. Esta linha de defesa é conhecida como “o muro de Horus”, provavelmente conhecida na Bíblia como *Shur* (Ex 15:22), que significa literalmente “muro”, e impedia a passagem de tribos nômades. A rota mais curta para Canaã através do país dos filisteus estava fechada por estas fortificações. No início desta rota, havia a imensa Fortaleza de Tjaru³⁶, descoberta na década de 1980, que se localizava em uma faixa estreita de terra, com água dos dois lados. Servia como um enorme obstáculo contra invasores do leste, como também contra elementos ou grupos não autorizados que desejavam deixar o Egito.

Segundo Aharoni (1999, p. 45-6), as campanhas faraônicas contra Canaã exigiam bases logísticas a intervalos de cerca de 20 milhas através da rota sinaítica costeira ao norte. Um relevo mural entalhado na parede externa do templo de Amon em Karnak durante a época de Seti I (aprox. 1300 a.C.) mostra mais de vinte estações na “Estrada de Horus”, pelo deserto do Sinai setentrional, cada qual com um pequeno forte e um reservatório de água. Estas estações fortificadas foram estudadas por Gardiner (1920, p. 99-116)³⁷. A “Estrada de Horus” era fortificada demais para servir como rota de fuga para o povo de Israel.

2.4. Plano Divino: supõe-se que o tempo marcado pelo plano Divino para a ocupação da terra pelos cananeus (juntamente com os outros povos que a habitavam) ainda não havia transcorrido, ou seja, quando os filhos de Israel saíram do Egito, ainda não estava na data em que deveriam conquistar a terra de Canaã:

³⁴Targum Yonathan; Mekhilta; Rashi; Josephus 2:15:3 em Kaplan sobre Ex 13:17 (1981, p. 321). Segundo Ginzberg (2001, p. 12), quando os filhos de Israel completaram 180 anos no Egito, Ganon, um descendente de José, da tribo de Efraim, reuniu membros de sua tribo que, confiantes em suas qualidades militares, deixaram o país em direção à Canaã. Seguiram pelo caminho mais curto até Gath. Lá, após um encontro violento com os filisteus, foram exterminados, e apenas dez deles sobreviveram e retornaram ao Egito, trazendo a notícia da tragédia para os demais Filhos de Israel.

³⁵Este tratado estaria em efeito por três gerações. No tempo do Êxodo do Egito, o rei dos filisteus era um homem muito idoso, neto daquele Abimeleque, ou seja, o pacto ainda estaria em vigor. (Mekhilta, Lekhach Tov Beshalach 13:17 em DEUTSCH, 1998, p. 319).

³⁶HOFFMEIER (2005, p. 65, 93).

³⁷Uma longa linha de fortes e reservatórios de água constitui o mais antigo equivalente de um mapa conhecido. A fonte principal é uma série de cenas esculpidas que ocupam a parede norte exterior da sala do Hipostilo no templo de Karnak, e se referem ao rei Seti I da décima - nona dinastia (por volta de 1300 a.C.). (Figura 1, Anexo II). No papiro Anastasi I (27, 2-28, 1), muitos destes nomes são recorrentes. (GARDINER, 1920, p. 99-116).

“E disse (Deus): ‘Sabe com certeza que peregrina será tua semente em terra que não lhe pertence, e a farão servir e a afligirão **quatrocentos anos**. E também à nação que há de servir, julgarei Eu; e depois sairá com grande riqueza. Tu, porém, irás a teus pais em paz, serás sepultado após boa velhice. E a quarta geração voltará aqui, porque **não se completou (a medida do) pecado do Amoreus, até aqui**’.” (Gn 15:13-16)

As outras nações, especialmente aquelas a serem conquistadas, ao ouvirem os relatos dos milagres ocorridos no deserto durante os 40 anos, supostamente se sentiriam aterrorizadas, tornando a conquista mais fácil³⁸.

2.5. Testes: os Filhos de Israel passaram por testes e provações durante a sua estadia no deserto, conforme descreve o Deuteronômio:

“E te recordarás de todo o caminho pelo qual te levou o Eterno, teu Deus, estes quarenta anos no deserto, para afligir-te, para provar-te, para saber o que estava em teu coração, se guardarias os seus mandamentos ou não. E te afligiu, e te fez padecer fome, e fez-te comer o maná, que não conhecias e que não conheceram teus pais; para fazer-te saber não só de pão vive o homem, senão que de tudo o que sai da boca do Eterno, disso vive o homem”. (Dt 8:2-3)

“Quem no deserto te fez comer Maná, que teus pais não conheceram; para te afligir e para te provar, para te fazer bem afinal”. (Dt 8:16)

O *maná*³⁹ foi um grande exemplo de teste de fé. Havia boas razões para não se exceder a quantidade diária de *maná* a ser colhida: primeiro, evitar a necessidade de transportá-la através das andanças pelo deserto; segundo, todos os dias as pessoas recebiam uma nova porção, “fresquinha”; terceiro, um exercício de humildade e fé: depender da ajuda Divina e confiar na sua vinda. Somente a porção diária deveria ser colhida a cada dia. O *maná* só não “caía” aos sábados e dias santos, sendo que uma porção dupla vinha no dia anterior. Mesmo com todos os avisos, algumas pessoas, incrédulas, ainda saíram para colhê-la no primeiro sábado e outras procuraram estocá-la, causando sua deterioração e a presença de vermes.

2.6. A busca da espiritualidade: segundo Isaacs (1946), a recém nascida nação teve a oportunidade de se livrar do que restou da influência egípcia durante a estada no deserto, para ser educada de uma nova maneira, através dos ensinamentos da *Torá*.

³⁸Sefat Emet em Kaplan (1981); há também a confirmação deste fato através do relato de Raabe em Js 2:9: “E disse aos homens: Bem sei que o SENHOR vos deu esta terra e que o pavor de vós caiu sobre nós, e que todos os moradores da terra estão desfalecidos diante de vós”. (Tradução BibleWorks 5.0, ACF – Portuguese Corrigida Fiel).

³⁹Ex 16:15-27; Deutsch (2004, p. 41-60).

Deutsch (1998, p. 319) sugere que, se os israelitas tivessem entrado na Terra de Canaã logo após a saída do Egito, cada um receberia seu lote de terra e logo se ocuparia com o cultivo, deixando de lado o estudo das leis da *Torá*. No deserto, todas as necessidades materiais foram satisfeitas, conforme Êxodo 8:4:

“Nunca se envelheceu a tua roupa sobre ti, nem se inchou o teu pé nestes quarenta anos”. (Dt 8:16).

Sendo assim, todos os esforços poderiam ser dirigidos aos estudos, ao conhecimento da lei e ao crescimento espiritual. Em cada uma das estações, os filhos de Israel tiveram uma nova oportunidade de crescimento espiritual⁴⁰.

2.7. A preparação de um exército para a conquista de Canaã: em Nm 13:28, os espiões trazem um relato sobre Canaã, do qual consta a seguinte afirmação:

“Porém forte é o povo que habita na terra, e as cidades são muito fortificadas e grandes [...]”.

A informação de que houveram cidades fortificadas e grandes em Canaã pode ser confirmada por alguns estudos:

- Prentice (1913, p. 238-244) afirma que Canaã era habitada por uma civilização militarizada e bem desenvolvida para a época. Os reis de Canaã viviam em grandes cidades, com fortes muralhas, portões e torres. As cidades eram defendidas por soldados em armaduras e por bigas de guerra. As cartas de Tell El-Amarna⁴¹ e escavações como as de Gezer⁴² nos revelam as dimensões da tarefa de conquista de Israel.

⁴⁰Chatam Sofer em Kaplan (1981, p. 911).

⁴¹Em Tell El-Amarna, no Médio Egito, no palácio de Amenófis IV (= Akhenaton, 1352-1336 a.C.) foi encontrado um arquivo contendo mais de 360 documentos escritos em acadiano sobre tabuinhas de argila, que é parte da correspondência diplomática entre o governante egípcio e governantes de cidades cananéias e de outras potências importantes, como a Babilônia, o império hitita e Alashya – provavelmente Chipre. (MAZAR, 2003, p. 234-5). As placas de El Amarna não fornecem um quadro completo, mas proporcionam uma visão fiel da terra de Canaan neste período, levando em consideração os importantes centros canaanitas e suas áreas de influência. Algumas destas importantes cidades-estado, mencionadas nas placas de El Amarna, são: Hazor, Pełel, Megiddo, Taanach, Shim'on, 'Ashkelon, Yurza, Gezer, Gath-carmel, Lachish, Shechem, Jerusalém; outras cidades menos influentes também são registradas: Yenoam, Shunem, Gina[th] Japhia, Hannathon, Gath-padalla, Gath-rimmon, Rubute, Zorah, Aijalon, Keila, Mareshah e aparentemente também Zaphon, Manahath e Beth-horon; haviam também bases egípcias em Beth-shean, Joppa e Gaza. (AHARONI, 1979, p. 169-176).

- Mazar (2003, p. 187, 209, 215, 240) confirma a afirmação de Prentice de que haviam poderosas cidades-estado cananéias no período do Bronze Médio. Neste período, grandes cidades fortificadas, fortes e assentamentos rurais sedentários foram fundados. Algumas cidades eram defendidas por sólidas muralhas de tijolos, com entre três e quatro metros de largura, e com fundações de pedra. Um novo tipo de portão da cidade foi introduzido neste período. Era uma grande casa de guarda, retangular e simétrica, composta de duas torres maciças flanqueando uma passagem alongada. Os palácios eram enormes complexos arquitetônicos, alguns com mais de mil metros quadrados de área, incluindo grandes pátios cercados por salões, e diversos quartos. No período de transição entre o Bronze Médio e o Bronze Recente, em meados do século dezesseis a.C., é significativo o número de cidades que foram destruídas. Na Idade do Bronze Recente, Mazar afirma que a população e a densidade de assentamento declinaram em comparação com o período precedente, fenômeno sintomático de um declínio demográfico que foi talvez seguido por um incremento na população de pastores nômades. O número de fortificações também declina, mas em alguns sítios as poderosas defesas do Bronze Médio poderiam ter continuado em uso.
- Johnson (1987, p. 42-44) também confirma a grandiosidade das cidades cananitas da época, afirmando que Jericó era uma das mais antigas cidades do mundo, e possuía enormes muralhas na Idade do Bronze; a cidade de Gibeon era o centro de uma região de produção de vinhos, com enormes porões subterrâneos para estocagem; Hazor era uma grande e esplêndida cidade, que abrigava possivelmente 50.000 habitantes, com fortes portões e sólidas muralhas.

Para esta tarefa de conquista da terra de Canaã, escravos teriam de se transformar em guerreiros, e para esta transformação, uma longa permanência no deserto se tornou essencial (PRENTICE, 1913, p. 238-244).

⁴²Em Gezer, foi utilizado um tipo de fortificação chamado de *glacis* (rampa artificial criada por meio do acúmulo de terra compactada sobre um cômodo ou colina existente). A encosta artificial foi criada alternando estratos aglutinados de destroços de ocupações anteriores e fragmentos de greda (calcário branco, macio e poroso). Havia também uma muralha maciça de pedra "externa", supostamente fundada ou fortalecida na Idade do Bronze Recente. Existem também evidências de um alto grau de planejamento urbano. Um centro de culto aberto possuía dez grandes pedras em pé, uma demonstração do uso da pedra vertical nas práticas de culto cananéias. (MAZAR, 2003, p. 207-208, 214, 218).

2.8. A formação de uma nação: Israel recorda-se do Êxodo como o evento constitutivo que o transformou em uma nação. (BRIGHT, 2000, p. 122).

Segundo a Bíblia Hebraica, em Dt 26:5, os filhos de Israel atingiram o *status* de “nação” ainda no Egito:

“E falarás em voz alta e dirás diante do Eterno, teu Deus: ‘Labão [Laván], o arameu, quis fazer perecer o meu pai, e este desceu ao Egito e peregrinou ali com pouca gente, e ali veio a ser **nação** grande, forte e numerosa’.”

Porém, em Ex 19:4-6, esta transformação ocorre no deserto, após a aceitação do pacto Divino:

“Tendes visto o que fiz no Egito, e vos levei sobre asas de águias e vos trouxe a Mim. E agora, se ouvirdes atentamente Minha voz e guardarem Minha aliança, sereis para Mim **um reino de sacerdotes e um povo santo**.”

Há uma aparente contradição. Sacks (2002, p. 142-3) afirma que há duas maneiras pelas quais indivíduos se aglutinam em um grupo com identidade própria. A primeira é a maneira do passado: pessoas sentem-se ligadas umas às outras por terem uma história, uma ancestralidade, uma origem comuns. Este é o tipo de vínculo que une povos e grupos étnicos; cada um deles é uma comunidade do destino, ‘*am*⁴³, um povo. A segunda maneira tem por base o futuro: os indivíduos formam um grupo em função do lugar para onde estão indo, por aquilo que são chamados a alcançar. Compartilham ideais e têm uma visão comum. Participam de uma vida coletiva sob um conjunto de leis, valores e virtudes específicas. Estão ligados não pela história, mas pela missão que têm em frente. Uma comunidade de fé. A Bíblia chama esta comunidade de ‘*edah*⁴⁴’.

Em Ex 1:9, quando um novo faraó anuncia a escravidão dos israelitas, estes são chamados pela primeira vez de ‘*am*’: “o povo dos Filhos de Israel”. Ali, os israelitas se tornaram uma comunidade do destino.

⁴³Povo, nação, comunidade, população, multidão. (BEREZZIN, 2003, p. 503)

⁴⁴Comunidade, congregação, coletividade (ibid., p. 494); segundo Elazar, “a assembléia de toda as pessoas que constituem um corpo político” (ELAZAR, Daniel. *People and Polity*. Detroit: Wayne State University Press, 1989, p. 23, em SACKS, 2002, p. 143).

Enfrentaram um inimigo comum que tinha a forma de um poder escravizador e tirânico. Para os egípcios, os israelitas eram nômades estrangeiros, cujos hábitos eram considerados impuros aos olhos dos egípcios⁴⁵. Os israelitas adquiriram uma identidade comum por serem uns como os outros e, juntos, diferentes daqueles à sua volta. Tinham os mesmos ancestrais e as mesmas origens. Foi a primeira maneira pela qual se transformaram em uma nação.

Sacks (2002, p. 144-7), então, conclui que o Êxodo foi apenas o prelúdio para o nascimento da nação de Israel. O evento decisivo não teve lugar no Egito, e também não foi sua saída de lá. Aconteceu quando se encontravam ao pé do Monte Sinai, onde ouviram a voz de Deus e receberam os Dez Mandamentos, o código moral mais famoso entre todos. No Sinai, os israelitas foram transformados de uma comunidade do destino em uma comunidade de fé, de *'am* para *'edah*, significando um corpo político sob a soberania de Deus, cuja constituição escrita era a *Torá*.

“Atende e ouve, ó Israel! Hoje vieste a ser o povo do Eterno, teu Deus”. (Dt 27:9)

⁴⁵Em Gn 43:32, quando José ofereceu comida aos seus irmãos, estes comeram separados dos egípcios, “pois não podiam os egípcios comer pão com os hebreus, porque isto era abominação para o Egito”.

Capítulo 3

Considerações sobre os Objetivos das Jornadas

É possível distinguir, nas passagens abaixo, alguns propósitos que parecem claros:

“E disse o Eterno: ‘Tenho visto a aflição do Meu povo que está no Egito, e o seu clamor ouvi por causa de seus fiscais de trabalho, porque conheci as suas dores. E desci para **livrá-lo do poder do Egito** e para **fazê-lo subir daquela terra**, para **uma terra boa e espaçosa**, para **uma terra que emana leite e mel**, para o lugar do cananeu, do hiteu e do amoreu, do periseu, do hiveu e do jebuseu. E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel veio a Mim, e também vi a opressão com que os egípcios os oprimem’.” (Ex 3:7-9)

“E fez o Eterno sinais e milagres grandes e maus contra o Egito, contra o Faraó e contra toda sua casa, ante os nossos olhos. E a nós, nos tirou de lá para **nos trazer** e para **nos dar a terra** que jurou a nossos pais”. (Dt 6:22-3)

“Atende e ouve, ó Israel! Hoje vieste a ser **o povo do Eterno, teu Deus**. E obedecerás à voz do Eterno, teu Deus, e cumprirás Seus **mandamentos** e Seus **estatutos**, que eu hoje te ordeno”. (Dt 27:9-10)

“Tendes visto o que fiz no Egito, e vos levei sobre asas de águias e vos trouxe a Mim. E agora, se ouvirdes atentamente Minha voz e guardarem Minha aliança, sereis para Mim **um reino de sacerdotes e um povo santo**”. (Ex 19:4-6)

Nas duas primeiras passagens, o propósito parece ser sair do sofrimento e herdar uma terra prometida. Nos demais, parece haver um propósito religioso, diretamente relacionado ao recebimento das leis no Monte Sinai, e um propósito nacional⁴⁶.

Diversos comentaristas discutiram estes e outros possíveis propósitos:

Rashi afirma que o objetivo do registro das jornadas é destacar a bondade de Deus; muitos podem pensar que os filhos de Israel estiveram durante quarenta anos no deserto caminhando, sem descanso; porém, foram apenas quarenta e dois acampamentos em quarenta anos. Além disso, é possível perceber que, no primeiro ano de jornadas pelo deserto, os israelitas acamparam em quatorze locais, entre a saída do Egito até a chegada a Cadesh Barnea; no último ano, os israelitas acamparam em oito locais, após a morte de Aarão, entre o Monte Hor e as Planícies de Moab; restam apenas vinte acampamentos, realizados num intervalo de trinta e

⁴⁶Sobre a formação de uma nação, veja Capítulo 2, item 8.

oito anos.

“Why were these journeys recorded? To inform us of the kind deeds of the Omnipresent, for although He issued a decree to move them around [from place to place] and make them wander in the desert, you should not say that they were moving about and wandering from station to station for all forty years, and they had no rest, because there are only forty-two stages. Deduct fourteen of them, for they all took place in the first year, before the decree, from when they journeyed from Rameses until they arrived in Rithmah, from where the spies were sent, as it says, ‘Then the people journeyed from Hazereth [and camped in the desert of Paran].’ (12:16); ‘Send out for yourself men...’ (13:2), and here it says, ‘They journeyed from Hazereth and camped at Rithmah,’ teaching us that it [Rithmah] was in the desert of Paran. Subtract a further eight stages which took place after Aaron’s death—from Mount Hor to the plains of Moab—during the fortieth year, and you will find that throughout the thirty-eight years they made only twenty journeys”. (Rashi⁴⁷, Nm 33:1, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 696-8)

Segundo Nahmânides⁴⁸, um propósito seria a lembrança dos grandes feitos de Deus:

[...] Este livro é todo sobre mandamentos durante a estada dos Israelitas no deserto, e sobre os milagres realizados para eles, para que contassem todos os grandes feitos de Deus, por ter feito com que vencessem todos os seus inimigos pela espada, e ordenou como dividir a terra entre eles [...]”. (Ramban em Introdução ao Números, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 2, tradução nossa)

Para Maimônides⁴⁹, lembrar das jornadas é fundamental para que as gerações futuras possam entender que a sobrevivência num ambiente tão hostil e inóspito foi devida apenas às maravilhas e milagres Divinos:

“Há uma grande necessidade de se lembrar das jornadas, porque os milagres e as maravilhas eram reais para aqueles que os viram, mas no futuro vão parecer mentiras aos que ouvirem (estes mesmos relatos das grandes maravilhas e milagres) durante este período de quarenta anos no deserto: a *maná* encontrada todos os dias, os lugares distantes das cidades e não naturais para a sobrevivência do homem, que não são lugares semeáveis, de

⁴⁷Comentário de R. Moshe Hadarshan (Midrash Aggadah), citado por Rashi. Tradução disponível em: http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9961/showrashi/true, acesso em 13/08/2009.)

⁴⁸Rabi Moshé Ben Nahman ou Ramban (1194–1270), nascido na Espanha, foi um grande estudioso, comentarista e cabalista, um dos grandes mestres de sua geração. Nomeado grão-rabino pelo rei de Aragão para representar o Judaísmo. (GANTZFRIED, 2008, p. 18-9)

⁴⁹Rabi Moisés filho de Maimon ou Rambam (1138-1204), nascido na Espanha, emigrou para o Marrocos e depois para Israel, fugindo de perseguições. Adquiriu conhecimentos em Matemática, Física, Astronomia, Medicina e em Filosofia e, no Egito, adquiriu fama praticando a Medicina, tornando-se médico da corte. Entre suas grandes obras, estão *Mishné Tora*, *Sefer haMitsvot*, os 13 Princípios da Fé e o *More Nevuchim* (Guia dos Perplexos). (ibid., 17-18; PINTO, R. Samy. *Maimônides, O Mestre: Uma Pedagogia para o Século XXI*. São Paulo: Perspectiva, 2003, Introdução.)

figo, uva e romã, e diz a *Torá* (Dt 29:5): ‘Pão não comestes, e nem vinho novo ou velho bebestes’, e tudo isso são sinais de que ocorreram milagres à vista dos olhos. [...] Aqueles que ouvirem não acreditarão, e pensarão que [os israelitas] ficaram em um deserto próximo às cidades, onde as pessoas vivem, onde há plantação e colheita, onde há alimentos para o homem e poços de água. Para tal, distanciou dos corações dos homens estes pensamentos, e fortaleceu as maravilhas, promovendo as jornadas, para que as gerações futuras saibam dos grandes milagres ocorridos e como os homens sobreviveram por 40 anos nestes locais”. (*Guia dos Perplexos*, Vol. 3, Capítulo 50, citado por Ramban, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 698, tradução nossa).

Um dos grandes milagres relatados por Maimônides foi a sobrevivência dos Filhos de Israel no deserto, durante quarenta anos. Dever (1997) confirma que a região atravessada pelos israelitas não poderia tê-los mantido à partir, unicamente, dos recursos naturais:

“A única rota do Sinai no segundo milênio a.C. que é arqueologicamente comprovada é a rota norte seguindo as dunas costeiras – o caminho de Horus. Mas os Israelitas se desviaram desta rota, de acordo com a tradição bíblica, devido ao controle egípcio. O que podemos dizer é que, recentemente, há uma extensa exploração de todo o Sinai feita por arqueólogos e geólogos israelenses que ainda não detectou presenças na Idade do Bronze nas regiões central e sul do Sinai. Conhecimento detalhado desta área remota e hostil põe em dúvida a tradição bíblica de 2 milhões de pessoas vagando por lá por quarenta anos (Nm 11:21). O terreno estéril e os oásis escassos poderiam ter mantido um punhado de nômades, porém não mais do que isso”.

Segundo Sforno⁵⁰, o propósito do registro das jornadas é destacar o mérito dos israelitas:

“Deus queria que se escrevessem as jornadas do povo de Israel para que seja divulgado o mérito do povo em segui-lo pelo deserto, uma terra que não se semeia, de modo que merecessem entrar na terra”. (Sforno, Nm 33:1, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 696-7, tradução nossa.)

Para Baal Shem Tov⁵¹, cada uma das jornadas no deserto representa

⁵⁰Rabbi Obadia ben Jacob Sforno (1475-1550), nascido em Cesena, Itália, um grande matemático, estudou Medicina em Roma e produziu um dos mais famosos comentários da *Torá*, chamado *Kavonath Hatorah*. (Sforno em [Chabad.org](http://www.chabad.org), disponível em: <http://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/111930/jewish/Rabbi-Obadiah-Sforno.htm>, acesso em: 16/08/2009).

⁵¹Rabbi Israel ben Eliezer, mais conhecido como Baal Shem Tov ou “Master of the Good Name” (1698-1760), natural da Ucrânia, fundador do Hassidismo, um dos mais importantes movimentos do Judaísmo Ortodoxo; (*Baal Shem Tov* em [Chabad.org](http://www.chabad.org), disponível em <http://www.chabad.org/search/keyword_cdo/kid/98/jewish/Baal-Shem-Tov.htm>, acesso em: 16/08/2009). Citação de *Degel Machaneh Ephraim*: Parshas Masei (TOUGER, Eli. *Forward Movement*: Likkutei Sichos, Vol. II, p. 348, disponível em: http://www.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/535212/jewish/The-Forty-Two-Journeys-Why-Document-Them.htm, acesso em: 30/07/2008).

uma etapa correspondente do crescimento espiritual da vida de cada pessoa:

“Whatever happened to the people as a whole will happen to each individual. All the 42 journeys of the children of Israel will occur to each individual between the time he is born and the time he dies. [...] This entire journey through the wilderness (and through life) is intended to reflect continual spiritual growth. Even those stages which are associated with negative events have a positive impetus at their source”.

Para Bogomilsky (2006, p. 234-236), todos devemos passar por jornadas, progredindo em etapas, para vencer nossas próprias limitações, e nos fortalecer. Quando uma pessoa passa de um nível para outro, ela deve aprender a lidar com novos desafios. O sucesso da missão é alcançar a Terra Prometida, “que mana leite e mel”.

A exegese argumenta que, para fortalecer a idéia de que a saída do Egito corresponde à idéia de libertar-nos das nossas próprias dificuldades ou limitações, a raiz da palavra hebraica utilizada para descrever Egito, *mišraym*, é a palavra *mešer*, que pode significar “dificuldades⁵²” ou “limites, fronteiras⁵³”.

É importante destacar, também, que, se o objetivo final é conquistar a terra de Israel, então os acampamentos seriam apenas estágios intermediários da jornada. O objetivo final tem grande importância, mas talvez os acampamentos devam ser considerados como simples locais temporários de descanso. Mas, segundo Rashi⁵⁴, a *Torá* menciona estes lugares para destacar os fatos ocorridos em cada um deles, já que, com cada fato ocorrido, é possível se aprender algo. Cada etapa da jornada, então, possui importância própria⁵⁵.

⁵²Harris (1998, p. 1973).

⁵³Berezzin (1995, p. 395).

⁵⁴Rashi sobre Nm 33:1: “[...] It is analogous to a king whose son became sick, so he took him to a far away place to have him healed. On the way back, the father began citing all the stages of their journey, saying to him, “This is where we sat, here we were cold, here you had a headache, etc.” [Mid. Tanchuma Massei 3, Num. Rabbah 23:3]”. (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 696-8, tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9961/showrashi/true>, acesso em: 17/08/2009).

⁵⁵Talmud: Eruvin 55b. (Citado por TÖUGER, Eli. *Forward Movement*: Likkutei Sichos, Vol. II, p. 348, disponível em: http://www.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/535212/jewish/The-Forty-Two-Journeys-Why-Document-Them.htm, acesso em: 30/07/2008).

Capítulo 4 Os Protagonistas da Narrativa das Jornadas pelo Deserto

4.1. O papel desempenhado por Deus e o Seu relacionamento com os israelitas

“Eu sou o Eterno, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa dos escravos”. (Ex 20:2; Dt 5:6)

Sarna (*Exploring Exodus*, 1996, p. 1) descreve assim o papel do Deus Criador na Bíblia, aquele que impõe aos homens suas leis e atributos morais:

“He is vitally concerned with the welfare of his creatures, intensely involved in their fate and fortune. An unqualifiedly moral Being, He insistently demands human imitation of His moral attributes. He imposes his law on the human race, and He judges the world in righteousness. History, therefore, is the arena of Divine activity, and the weal and woe of the individual and of the nation is the product of God’s providence, conditioned by human response to his demands”.

Para Johnson (1987), é um Deus impossível de se representar, que enfatiza as exigências morais e a obediência às leis:

“This personal G-d, from the start, makes absolutely clear moral distinctions, which his creatures must observe, so that in the Jewish version of early man moral categories are present and imperative from the very beginning”. (1987, p. 8)

“G-d made the law and constantly intervened to ensure it was obeyed”. (ibid., p. 40)

“The entire universe was His mere creation. He is the cause of all things, there is no other source of Power. Divinity is indivisible, unique, single. Since He is not merely bigger than the world, but infinitely bigger, the idea of representing Him is absurd”. (ibid., p. 39)

Scherman (1996, p. 133, Introdução ao Êxodo) deixa bem claro o papel de Deus como “Dono da natureza” ou “Arquiteto da História”:

“The miracles of the Exodus are well known. What is more important than the events themselves is that God demonstrated that He is the Master of nature and the Architect of history. [...] He controls nature”.

Deus também é chamado, ocasionalmente, de Rei:

“O Eterno reinará para todo o sempre”. (Ex 15:18)

“[...] O Eterno, seu Deus, está com ele, e júbilo de seu Rei há nele”. (Nm 23:21)

“E foi o Eterno Rei em Ieshurun (Israel) [...]” (Dt 33:5)

“[...] o Senhor se assenta como Rei, perpetuamente”. (Sl 29:10)

“[...] Os caminhos do meu Deus, meu Rei, no santuario”. (Sl 68:24)

E é descrito como honesto e confiável:

“Deus não é homem para que minta, nem é filho de homem para que se arrependa; se Ele disse, não o fará? E tendo falado, não o cumprirá?” (Nm 23:19)

Segundo Durham (1987), a abertura do mar, as provisões no deserto, as vitórias sobre os inimigos, o recebimento das leis no Monte Sinai – enfim, tudo isso serve para a glória de Deus, que é o principal protagonista de todas estas ações, enquanto que o povo, muitas vezes, constitui apenas um expectador passivo.

Bright (2000, p. 156) vê o povo de Israel como vassalo na aceitação do pacto de Deus. Não é um povo superior, favorecido por seu merecimento, mas, pelo contrário, o recipiente da Graça Divina é, muitas vezes, visto como um povo covarde, mal-agrado e rebelde (p. 149).

Israel é descrito como um povo abençoado e protegido por Deus, em diversas passagens:

“E abençoarei os que te abençoarem, e aqueles que te amaldiçoarem, amaldiçoarei”. (Gn 12:3)

“Deus Todo-Poderoso de Jacob, do pastor do pai e dos filhos de Israel”. (Gn 49:24)

“Não viu iniquidade em Jacob e não viu transgressão em Israel; o Eterno, seu Deus, está com ele, e júbilo de seu Rei há nele”. (Nm 23:21)

“Quão belas são suas tendas, ó Jacob, as tuas moradas, ó Israel! Como rios que se estendem, como jardins à beira do rio, como especiarias que plantou o Eterno, como cedros juntos às águas. Correrão águas de seus poços e sua prosperidade será como a semente juntos às águas. E seu rei se levantará mais que Agag, e o seu reino será exaltado. Deus, que o tirou do Egito com sua alta força, consumirá as nações, seus adversários, e seus ossos quebrará, e as flechas de Deus submergirão em sangue. Repousar-se-á e se estabelecerá Israel na sua terra como um leão, e como leão, quem o levantará? Os que te abençoarem serão benditos, e os que te amaldiçoarem serão malditos!” (Nm 24:5-9)

“[...] O Deus que sempre está em tua ajuda e com a Sua Glória monta nos céus”. (Dt 33:26)

A fé de Israel só permite um Deus. A proibição de ter outros deuses é expressa no segundo mandamento⁵⁶. As imagens também são proibidas, conforme o mesmo mandamento⁵⁷, ao contrário das religiões pagãs, onde a imagem de um deus representa sua presença viva. Segundo Bright (2000, p. 161-2), as religiões pagãs antigas eram baseadas na natureza, onde os deuses eram, em geral, identificados com os corpos celestes, ou as forças e funções da natureza, e, como a natureza é desprovida de um caráter moral particular, não havia um senso de orientação divina em direção a algum objetivo. A religião de Israel acreditava em um Deus que não se identifica com alguma força ou evento natural, nem se localiza em um ponto específico do céu ou da terra, mas controla os elementos⁵⁸ e corpos celestes⁵⁹; não é um deus-sol, nem deus-lua, nem deus-tempestade, nem deus-fertilidade. Ao tirar seu povo do Egito, Deus mostra seu poder, controlando as forças da natureza – pragas, oceanos, ventos, terremotos e tempestades – para que sirvam aos seus propósitos. Um Deus que tirou seu povo da escravidão para um novo futuro, e que exige obediência às suas leis justas.

É interessante notar como a relação entre Deus e Israel, durante a permanência no deserto, é metaforicamente comparada a relações familiares amorosas, como a relação de pai para filho, ou mesmo se assemelhando a uma lua-de-mel; é como se houvesse uma intimidade entre ambos.

“Filhos sois do Eterno, vosso Deus”. (Dt 14:1)

“E saberás em teu coração que, como o homem castiga seu filho, assim te castiga o Eterno, teu Deus”. (Dt 8:5)

“[...] Lembro-me de ti, da beneficência da tua mocidade, e do amor dos teus desposórios, quando andavas após mim no deserto, n’uma terra que não se semeava”. (Jr 2:2)

⁵⁶“Não terás outros deuses diante de Mim”. (Ex 20:3)

⁵⁷“Não farás para ti imagem de escultura, figura alguma do que há em cima, nos céus, e abaixo, na terra, e nas águas, debaixo da terra”. (Ex 20:4)

⁵⁸“[...] a terra estremeceu; até os cues gotejaram: até as nuvens gotejaram águas”. (Jz 5:4)

⁵⁹“[...] E o sol se deteve, e a lua parou [...]” (Js 10:13)

4.2. Moisés

Hoffmeier (2005, p. 9) afirma que o nome Moisés é mencionado 693 vezes na Bíblia Hebraica, sendo a personalidade mais dominante das Escrituras judaicas.

Bright (2000, p. 127) o considera o grande fundador da fé de Israel, uma grande personalidade por trás dos acontecimentos do Êxodo e do Sinai.

O único homem que, eventualmente, poderia atingir o *status* de super-homem foi Moisés, sem dúvida alguma o maior dos profetas do Velho Testamento, segundo Margaliot (1983, p. 198-199). Porém, até mesmo ele, o maior e mais poderoso profeta, que tinha um relacionamento mais próximo de Deus que qualquer outro ser humano, não era divino. E a Bíblia Hebraica não esconde as transgressões de seus heróis, mesmo que estes heróis sejam de extrema importância para a história religiosa e nacional de Israel. Há uma transgressão relatada de Moisés e Aarão em Nm 20:1-13, quando Moisés bate na rocha, e uma ofensa em Nm 11:21-23, onde Moisés supostamente duvida da habilidade de Deus em fornecer carne para o povo.

“[...] E não havia água para a congregação. [...] E falou o Eterno a Moisés, dizendo: ‘Toma a vara e reúne a congregação, tu e Aarão, teu irmão, e falareis à rocha diante de seus olhos; e dará as suas águas, e tirareis para eles águas da rocha e dareis de beber à congregação e aos seus animais’. [...] E levantou Moisés sua mão e feriu a rocha com sua vara duas vezes, e saiu muita água, e beberam a congregação e seus animais. [...]” (Nm 20:1-13)

“E disse Moisés: Seiscentos mil homens de pé, é este povo no meio do qual estou, e Tu disseste: ‘Dar-lhes-ei carne, e a comerão durante um mês.’ Degolar-se-ão para eles ovelhas e vacas que lhe bastem? E disse o Eterno a Moisés: ‘Será que o poder do Eterno é curto? Agora mesmo verás se esta Minha palavra se cumprirá ou não!’” (Nm 11:21-23)

Hendel (2001, 616-620) descreve Moisés como um mediador, com um pé dentro e outro fora do Egito. Um homem único, capaz de unir as histórias do Êxodo, do Sinai e as jornadas pelo deserto. O autor analisa o papel de mediador de Moisés sob seis aspectos: o do *status* social, da identidade, da autoridade, da geografia, da teologia e do relacionamento entre as tribos.

Status social: Moisés livra os hebreus da escravidão e os transforma em um povo livre e independente; uma mudança de identidade, talvez um rito de passagem

que transforma os hebreus no “povo de Deus”. Ele é o agente humano desta passagem, que ele próprio já experimentou, tendo nascido escravo, filho de hebreus, e atingido um novo *status* de pessoa livre como resultado de seu salvamento do Nilo. O conflito interno entre o homem livre e o estado de escravidão de seu povo leva Moisés a matar um egípcio que estava ferindo um de seus irmãos⁶⁰. Após este ato imaturo de justiça, Moisés foge e retorna depois, para terminar a tarefa de libertação. Ter experimentado as categorias de escravo e de homem livre fez de Moisés um mediador apto para a transformação de seu povo. Ironicamente, de acordo com os relatos dos murmúrios⁶¹ do povo, esta transformação só se concretizará na próxima geração, que irá adquirir maturidade quando em liberdade.

Identidade: a história do nascimento de Moisés o torna, de certa forma, tanto israelita quanto egípcio. Nascido hebreu, mas adotado e criado pela filha do faraó como egípcio, foi reconhecido como egípcio pelas filhas do sacerdote de Midian:

“Um homem egípcio livrou-nos da mão dos pastores [...]” (Ex 2:19)

Hebreu de nascimento, egípcio de criação, casado com uma midianita. Esta identidade misturada faz de Moisés uma pessoa capaz de assumir o papel de mediador entre egípcios e israelitas, o salvador enviado por Deus para “tirar Meu povo, os filhos de Israel, do Egito” (Ex 3:10), e conduzi-los à montanha sagrada.

Autoridade: Moisés liberta o povo da autoridade do faraó e os conduz à autoridade de Deus. Por mais legítimo que seja o reinado do faraó, Israel pertence ao domínio de Deus. Como filho adotivo da filha do faraó, ele é um membro da família real, talvez até um potencial rei. Nos domínios de Deus, ele é um agente da autoridade Divina na Terra. A sua mistura de características – herdeiro do faraó e agente de Deus – também o torna um mediador apto entre estas autoridades opostas. Moisés é também o mediador entre o domínio de Deus e a autoridade dos líderes tribais, como mostra Ex 19:7:

⁶⁰“[...] E viu um homem egípcio ferindo a um homem hebreu, um de seus irmãos. [...] e matou o egípcio e o escondeu na areia”. (Ex 2:11-2)

⁶¹“[...] Os murmúrios dos filhos de Israel, que esta congregação faz murmurar contra Mim, escutei”. (Nm 14:27)

“E veio Moisés e chamou os anciãos do povo, e expôs diante deles todas estas palavras que lhe ordenou o Eterno. E respondeu todo o povo juntamente, dizendo: Tudo o que falou o Eterno, faremos”.

Geograficamente, Moisés nasce no Egito, foge para Midian, e retorna para o Egito, com o objetivo de liderar os filhos de Israel na sua fuga do Egito. Ele os lidera até a montanha sagrada, e posteriormente para a terra de Israel, através do deserto. Como na transição da escravidão para a liberdade, Moisés já experimentou esta jornada para fora do Egito, sendo a pessoa mais apropriada para conduzir seus liderados por este caminho. Sua morte na entrada da Terra Prometida, após visualizar toda a terra, faz com que este não permaneça nem no Egito, nem na Terra Prometida. Suas migrações geográficas também o tornam um mediador da transformação espacial do povo.

Teologia: a função de Moisés como mediador entre Deus e Israel é o que define seu lugar na Bíblia. Ele é lembrado como o único humano “a quem o Eterno aparecera cara a cara” (Dt 34:10), aquele que subiu à montanha sagrada para falar com Deus, receber suas leis e transmiti-las às pessoas. No Monte Sinai, o povo pede a Moisés:

“[...] Fala tu conosco e ouviremos, e não fale conosco Deus para que não morramos”. (Ex 10:19)

Moisés, é o único homem que pode falar com Deus e com as pessoas, mediando os domínios Divino e humano. Como tal, Moisés também adquire aspectos de Divinidade:

“[...] Moisés não sabia que resplandecia a pele de seu rosto por (Deus) ter falado com ele”. (Ex 34:29)

Moisés é também o mediador entre as tribos, dentro da estrutura social de Israel. Para forjar uma união entre as tribos, Moisés é o juiz de disputas entre o povo e é ele quem distribui os territórios conquistados entre as tribos.

“E foi no dia seguinte, e sentou-se Moisés para julgar ao povo; e esteve o povo diante de Moisés desde a manhã até a tarde”. (Ex 18:13)

“E lhes deu Moisés, aos filhos de Gad, aos filhos de Rubem e à metade da tribo de Menashe, filho de José, o reino de Sichón, rei do Emoreu, e o reino de Og, rei de Bashan: a terra com suas cidades, os seus distritos e as cidades da terra em redor”. (Nm 32:33)

Sua condição de membro da tribo de Levi também contribui para sua autoridade pessoal e institucional, já que esta tribo, mesmo sendo parte do povo de Israel, possui um status diferente: trata-se de uma tribo sem terras – o que permite a Moisés dividir territórios sem interesse próprio – e uma tribo de sacerdotes, para quem a mediação religiosa entre Deus e as pessoas é uma função central. Moisés se torna, então, um expoente das funções e responsabilidades sacerdotais.

Porém, um aspecto importante e curioso da função de mediador de Moisés é que sua função, até certo grau, ficou incompleta ou comprometida. Ele não é totalmente bem sucedido em transformar escravos em homens livres, já que o povo detém sua “mentalidade de escravos” expressa em seu desejo de retornar ao Egito sempre que há dificuldades⁶²; Moisés tampouco consegue evitar rebeliões, até mesmo de seus companheiros da tribo de Levi⁶³, e algumas vezes não consegue evitar o perigo da destruição de todo o povo⁶⁴. Moisés pede alívio para o seu fardo⁶⁵; e não completa sua tarefa de levar os israelitas para a Terra Prometida, tendo morrido nas planícies de Moab⁶⁶. O fato do local da sua sepultura ser desconhecido⁶⁷ talvez possua alguma relação com o fato de que o verdadeiro Monte Sinai também se encontra em um local desconhecido, apesar das muitas teorias a este respeito.

A Bíblia Hebraica deixa registrado um relato extraordinário sobre a personalidade deste grande homem que foi Moisés:

“E o homem Moisés era muito humilde, mais do que todos os homens que houve sobre a face da terra”. (Nm 12:3)

⁶²Pi Hairote (Ex 14:10), Refidim (Ex 17:1-7), Marah (Ex 15:22), Taberah/Kibroth HaTaavah (Nm 11), o episódio dos espiões (Nm 14).

⁶³Refidim (Ex 17:1-7) e as revoltas de Korach (Nm 16) e o Bezerro de Ouro (Ex 31:18).

⁶⁴Ex 32:10, Nm 14:12, Nm 17:9.

⁶⁵Nm 11:14-5.

⁶⁶Dt 34:1-4.

⁶⁷Dt 34:6.

Capítulo 5 O Significado do Deserto

B. Mazar⁶⁸ identifica vários nomes para o deserto nas escrituras:

- מדבר (*midbar*, nome mais comum⁶⁹)
- שממה (*šmamah*, Is 64:9; Jr 12:10)
- ישימון (*yešimon*, Dt 32:10; Sl 78:40)
- ציה (*šyah*, Isaías 41:18; Os 2:5)
- ציון (*šayon*, Is 25:5, 32:2).

O nome *midbar* (מדבר), segundo Mazar, significa um lugar que não é próprio para ser habitado, como também território de pasto; esta segunda idéia está baseada possivelmente na utilização da raiz da palavra em aramaico: conduzir rebanho para o pasto (מרעה בעל).

Para Hirsch (2002), *yešimon* e *šmamah* são sinônimos de desolação, enquanto *šyah* implica falta de água. Uma definição mais fiel do que “deserto” seria “lugares abandonados”, uma extensão de terras não cultivadas, eventualmente próprias para pasto e ocupadas por nômades.

Para Alter e Kermode (1997, p. 626-9), o “deserto” do Antigo Testamento, em língua inglesa, corresponde a diversos termos hebraicos diferentes, mas é consistentemente chamado *eremos* no grego dos Setenta. Este termo é traduzido para o inglês ora como “*wilderness*”, ora como “*desert*”. Ele significa território “selvagem”, indomado pelo homem, mas não necessariamente inabitável; *midbar*, o equivalente usual hebraico, indicava terra de pastagem seca onde vegetação esparsa era disponível para ovelhas; na verdade, esse era seu significado principal.

Alguns estudiosos das jornadas dos filhos de Israel após o Êxodo descrevem os desertos por onde passaram:

⁶⁸B. Mazar (*Enciclopedia Mikrait*, vol. 4, p. 673-676).

⁶⁹Há 102 ocorrências da palavra *midbar* apenas no Pentateuco.

Palmer (1872, p. 234) refere-se ao deserto como muito árido e quase sem água:

“Arid, featureless waste; [...] the country is nearly waterless, with the exception of a few springs in the larger wadies; but even here water can only be obtained by scraping small pits in the ground and baling it out with the hand. All that is obtained by the process is a yellowish solution that baffles all attempts at filtering; [...] utterly arid nature of the soil”.

Prentice (1913, p. 239) descreve o planalto central da Península do Sinai como um lugar sombrio, de difícil travessia:

“The plateau of the Tih is dreary in the extreme. During our journey across we did not see a single tent, or a beast grazing. The probable route of the Hebrews lay across this desert. This seems to me to be absolutely impossible, for the people could not get across this desert with flocks and herds”.

Beit-Arieh (1988, p. 35) faz um estudo aprofundado da região centro-sul da península do Sinai. As temperaturas médias, mínima e máxima, são -5° C e 40,5° C. Chuvas são raras e irregulares, a média anual está abaixo de 0,6 milímetros. Uma pequena parte da neve que cobre alguns picos aumenta os estoques de água, e há também reservatórios subterrâneos suficientemente próximos à superfície para serem interceptados. Piscinas naturais também se formam esporadicamente com água das chuvas, ao longo dos *wadis*, e estas águas podem durar meses. Algumas vezes, as águas de reservatórios subterrâneos correm para os *wadis*, fazendo com que alguns oásis se mantenham, como o oásis de Feiran no oeste e Ein-Kid no leste da península do Sinai. Há vegetação rasteira, típica do deserto, explorada pelos beduínos locais como pasto e combustível. A população de beduínos é de aproximadamente dez mil, que vivem tanto em vilarejos temporários como permanentes. Eles moram em tendas, cabanas de madeira e, em locais permanentes, em estruturas de pedra. Há poucos recursos econômicos e pouca água, e conseqüentemente, não há população regular ou sedentária. O Sinai central é chamado em Árabe “*Badyat el-Tih*,” “o Deserto dos Viajantes”, uma área plana de calcário e areia, imprópria para qualquer tipo de plantação. Até a vegetação selvagem luta para sobreviver devido à escassez de água. A economia é baseada em rebanho de cabras, principalmente cabras negras de uma raça anã, adaptada às condições áridas. Estas cabras podem permanecer por quatorze dias sem água,

mesmo perdendo até 40% do seu peso. Não há evidências de presença egípcia na região centro-sul do Sinai em época alguma.

Segundo Mazar, o deserto é lembrado como lugar ruim⁷⁰, onde não há árvores frutíferas, nem é possível de se semear⁷¹, mas há animais malvados e peçonhentos, cobras e escorpiões⁷². Uma terra desolada, onde não passam nem moram pessoas⁷³, e aquele que se arriscar está sujeito à fome e à sede⁷⁴. Os habitantes do deserto estão sujeitos à privações⁷⁵, e se empobrecem fora dos assentamentos. As Escrituras também descrevem o deserto como local de escuridão⁷⁶ e sombra da morte:

“E não disseram Onde está o Senhor, que nos fez subir da terra do Egypto? Que nos guiou pelo deserto, por uma terra de charnecas, e de covas, por uma terra de sequidão e sombra de morte, por uma terra pela qual ninguém passava, e homem nenhum morava n’ella?” (Jr 2:6)

Do deserto temível⁷⁷ se ouvem os uivos⁷⁸ e de lá vem o vento da destruição⁷⁹. O deserto também pode estar em oposição ao Éden⁸⁰, ou ao abismo (ermo)⁸¹. Sendo o deserto claramente ruim, é como se fosse um modelo de coisas ruins⁸².

Apesar do aspecto negativo do deserto estar incorporado à consciência das Escrituras, também há uma relação positiva com o deserto nas lembranças do passado do povo de Israel, em especial neste período de quarenta anos em que os

⁷⁰“E porque nos fizestes subir do Egito, para trazer-nos a este mau lugar?” (Nm 20:5)

⁷¹“[...] n’uma terra que não se semeava.” (Jr 2:2)

⁷²“Quem te conduziu pelo deserto grande e temível, em que há cobras, serpentes abrasadoras e escorpiões, lugar árido onde não há água;” (Dt 8:15)

⁷³“[...] uma terra pela qual ninguém passava, e homem nenhum morava n’ella” (Jr 2:6-7)

⁷⁴“Andaram desgarrados pelo deserto, por caminhos solitários; não acharam cidade para habitarem. Famintos e sedentos, a sua alma n’elles desfalecia.” (Sl 107:4-5)

⁷⁵“[...] recolhiam-se para os logares seccos, tenebrosos, assolados e desertos.” (Jó 30:3)

⁷⁶“[...] porventura tenho eu sido para Israel um deserto? Ou uma terra da mais espessa escuridão?” (Jr 2:31)

⁷⁷“[...] e andamos por todo aquele deserto grande e temível que vistes [...]” (Dt 1:19); “Quem te conduziu pelo deserto grande e temível, [...]” (Dt 8:15).

⁷⁸“Proporcionou-lhe as necessidades, na terra do deserto, e no ermo solitário cheio de uivos; [...]” (Dt 32:10)

⁷⁹“Como os tufões de vento passam por meio da terra do sul, assim do deserto virá, da terra horrível” (Is 21:1); “[...] virá o vento leste, vento do Senhor, subindo do deserto, e seccar-se-ha a sua veia, e seccar-se-ha a sua fonte; [...]” (Os 13:15); “Eis que um grande vento sobreveio d’além do deserto, e deu nos quatro cantos da casa, e caiu sobre os mancebos. [...]” (Jó 1:19).

⁸⁰“[...] e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão como o jardim do Senhor; [...]” (Is 51:3); “[...] a terra diante d’elle é como o jardim do Eden, mas atraz d’elle um deserto de assolação. [...]” (Jl 2:3).

⁸¹“Proporcionou-lhe as necessidades, na terra do deserto, e no ermo solitário cheio de uivos; cercou-o, instruiu-o, guardou-o como a menina de seus olhos.” (Dt 32:10)

⁸²“Melhor é morar n’uma terra deserta do que com a mulher contenciosa e iracunda.” (Pr 21:19)

filhos de Israel perambularam pelo deserto. O grande evento das peregrinações dos israelitas no deserto nesta época é o encontro com Deus no Sinai, encontro este de grande importância para a história da humanidade.

O período de caminhadas configurou a relação entre o povo de Israel e o deserto. Segundo a visão de alguns profetas, as peregrinações no deserto tornaram possível a aproximação entre Deus e Israel. Apesar de, conforme já mencionado, o deserto ser uma terra árida, desolada e da sombra da morte, de todos os lugares por onde Israel passou, é no deserto que o profeta, alegoricamente, chama Israel de noiva, aquela que passa por provações e segue a Deus, que é como um noivo, numa terra não semeada:

“[...] Lembro-me de ti, da beneficência da tua mocidade, e do amor dos teus desposórios, quando andavas após mim no deserto, n’uma terra que não se semeava”. (Jr 2:2)

Percebe-se que os anos após a saída da terra do Egito são comparados aos anos de juventude, e Deus trata Israel com bondade e amor. As mesmas idéias dos nostálgicos anos de juventude e de bondade se encontram em Os 2:15:

“E lhe darei as suas vinhas d’ali, e o vale de Achor, para porta de esperança; e ali cantará, como nos dias da sua mocidade, e como no dia em que subiu da terra do Egypto”.

Enquanto estava no deserto, Israel era fiel à Deus:

“Achei a Israel como uvas no deserto, vi a vossos paes como a fructa temporã da figueira no seu princípio”. (Os 9:10)

O deserto é considerado por Ezequiel como um lugar de julgamento:

“Como já entrei em juízo com vossos paes, no deserto da terra do Egypto, assim entrarei em juízo convosco [...]. E os farei passar debaixo da vara, e foi farei entrar no vínculo do concerto”. (Ez 20:36-37)

O deserto parece ser uma alusão ao exílio, um local de arrependimento. A volta para Judá parece, para Isaías, uma nova saída do Egito, uma nova encarnação das viagens pelo deserto, onde ocorrem maravilhas Divinas:

“[...] porque águas arrebentarão no deserto e ribeiros no ermo. E a terra secca se tornará em tanques, e a terra sedenta em mananciaes d’água; e nas habitações em que jaziam os dragões haverá herba com cannas e juncos”. (Is 35:6-7)

Alter e Kermode (1997, p. 626-9) acreditam que tanto a topografia quanto a cronologia da história têm significação religiosa. Os israelitas saem do Egito, uma terra de sofrimento, mas de fartura, e rumam para o deserto, uma terra de fome e morte potenciais, atravessando a água para a terra seca. Isto é possível por causa da intervenção Divina. Pela intervenção Divina ulterior, o faraó e o exército egípcio são destruídos. Mas os israelitas são miraculosamente providos de alimento (maná) e água. No fim do período de quarenta anos de vagueação no deserto, mais uma vez os israelitas atravessam a água (desta vez o Jordão) para a terra seca. (Josué 3:4)

Alter e Kermode acreditam em um deserto prototípico, um suposto “outro mundo”, fornecido pelo meio geográfico das vagueações do Livro do Êxodo:

“Se se está no Egito, o deserto é onde se chega ao cruzar o Mar Vermelho; se se está na terra de Israel, o deserto é onde se chega ao cruzar o Jordão. O deserto é o Outro Mundo. Entrar ou sair do deserto simboliza um movimento metafísico do aqui-e-agora para a ausência de tempo do Outro ou vice-versa. Nesse outro mundo tudo acontece às avessas. O pão celestial cai do céu como chuva; a água celestial não cai como chuva, mas emerge de uma rocha”.

“O deserto é marcado como o Outro absoluto. Ele é um mundo onde o alimento comum não está disponível, mas onde o povo eleito de Deus é alimentado com pão Divino e com água Divina. É um mundo em que os profetas escolhidos, Moisés e Josué, e em grau menor Aarão e Miriam, conversam diretamente com Deus. É um mundo em que o rito da circuncisão não é exigido (com a enigmática exceção de Gérson). É um mundo com limites de água nitidamente definidos: o Mar Vermelho, de um lado, o Rio Jordão, de outro. Para entrar neste outro mundo sagrado, pessoas comuns (outros que não profetas escolhidos como Moisés e Aarão) precisam de intervenção Divina pela qual os limites de água sejam tornados transponíveis. É um mundo que inclui a montanha de Deus, Monte Sinai (Horebe), que é em si limitado, um mundo à parte dentro de um mundo à parte (Ex 19:12, 23-24). Assim especificado, o deserto, o Outro Mundo das coisas sagradas, é em tudo o avesso exato do mundo profano familiar às pessoas comuns, entregues às suas atividades comuns seculares”.

Mas, para Teague (2009, p. 106-8), o deserto da Península do Sinai tem outro significado: uma ponte entre continentes, como também entre Deus e o homem:

“For millennia the Sinai Peninsula has served as a bridge. A land bridge for people moving from one continent to another, yes, but also a metaphysical bridge between man and God”.

Capítulo 6 A Descrição dos Acampamentos

Segundo Hoffmeier (2005, p. 53), os nomes dos lugares podem ser divididos em quatro diferentes categorias: nomes de etimologia egípcia (como Ramsés, Pitom ou *yām sūp*); termos descritivos hebraicos que explicam características naturais (como Pi-Hachiroth ou Mará); nomes semíticos utilizados pelos egípcios (como Baal-Tsefon ou Migdol); nomes dados pelos israelitas para explicar algum evento ocorrido no local (como Meribá ou Kibrot Hataavá).

Os nomes dos acampamentos estão de acordo com a grafia de Melamed (2001). Os nomes de lugares transliterados seguem Francisco (2005); Kirschbaum (2009) e Berezzin (1995, p. XLI-XLVI). A cronologia refere-se ao sistema temporal intra-Bíblico. (Mapas 2, 3 e 4, Anexo I)

Tabela 6. A Rota do Êxodo

Estação	1ª. Fonte: Êxodo e Números	2ª. Fonte: Números 33
1	Ex 12:37	Ramsés
2		Sucot
3	Ex 13:20	Etam
4	Ex 14:2	Pi-Achiroth entre Migdol e o mar, diante de Baal-Tsefon
	Ex 14:21-30	Travessia do mar
5	Ex 15:22	Deserto de Shur para Marah
	Ex 15:23	
6	Ex 15:27	Elim
7		
8	Ex 16:1	Deserto de Sin
9		
10		
11	Ex 17:1	Refidim (Massá e Meribá)
12	Ex 19:1-2	Deserto do Sinai em frente ao monte
	Nm 10:12	Deserto de Paran
	Nm 11:3	Taberá
13	Nm 11:34	Kibrot Hataavá
14	Nm 11:35	Chatserot
	Nm 13:26	Cadesh no Deserto de Paran
	Nm 14:25	Volta para o deserto, em direção ao Mar Vermelho

15			Nm 33:18	Ritmá
16			Nm 33:19	Rimon-Perets
17			Nm 33:20	Libná
18			Nm 33:21	Rissá
19			Nm 33:22	Keeláta
20			Nm 33:23	Monte Shefer
21			Nm 33:24	Charadá
22			Nm 33:25	Mac'helot
23			Nm 33:26	Táchat
24			Nm 33:27	Tárach
25			Nm 33:28	Mitcá
26			Nm 33:29	Chashmona
27			Nm 33:30	Mosserót
28			Nm 33:31	Bene-laacán
29			Nm 33:32	Chor-Haguidgad
30			Nm 33:33	Iotbáta
31			Nm 33:34	Abroná
32			Nm 33:35	Etsion-Gueber
33			Nm 33:36	Cadesh no Deserto de Tsin
34	Nm 20:22	Monte Hor	Nm 33:37	Monte Hor
35			Nm 33:41	Tsalmoná
36			Nm 33:42	Punon
37	Nm 21:10	Obot	Nm 33:43	Obot
38	Nm 21:11	Ruínas de Abarim, no deserto em frente de Moab	Nm 33:44	Ruínas de Abarim, na fronteira de Moab
	Nm 21:12	Rio Zered		
	Nm 21:13	Arnon		
	Nm 21:16	Beer (Poço)		
	Nm 21:18	Mataná		
	Nm 21:19	Nachaliel Bamot		
	Nm 21:20	Vale no campo de Moab, no cume da colina que olha para o Ieshimon (deserto)		
39			Nm 33:45	Dibon-Gad
40			Nm 33:46	Almon-Diblatáima
41			Nm 33:47	Montes de Abarim em frente a Nebo
42	Nm 22:1	Planícies de Moab, do outro lado do Jordão, frente de Jericó	Nm 33:48	Planícies de Moab, junto ao Jordão, na altura de Jericó
			Nm 33:49	Desde Bet-Haieshimot até Abel-Hashitim

6.1. Local de Partida: Ramsés

Hebraico	<p>רַעַמְסֵס</p> <p><i>ra'amsēs</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Gn 47:11, Ex 1:11 e 12:37, Nm 33:3, 5
Significado do Nome	Pi-Ramsés ou Per-Ramsés, “a casa de Ramsés” em egípcio ⁸³ . Ramsés vem do egípcio <i>Ra-meses</i> , “nascido de Rá”, onde <i>meses</i> (“nascido de”) é também a raiz do nome Moisés ⁸⁴ . O nome Ramsés foi usado por onze reis da décima - nona e vigésima dinastias, por volta de 1290-1070 a.C. ⁸⁵
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Khatana-Qantir⁸⁶, sobre a antiga capital dos hicsos, Hat-waret ou Avaris – nome atual: Tell el-Dab‘a. • Pelusium⁸⁷ – nome atual: Tell el-Farama/Baluzá • Heliopolis/Pithom⁸⁸ – nome atual: Tell el-Retabeh • Zoan/Tanis/Djanet⁸⁹ – nome atual: San el-Hagar
Fatos Relevantes	Local das pragas (Ex 7:19 a 12:29) e da saída do Egito (Ex 12:37, 13:17).
História / Geografia	Os reis da décima - segunda dinastia fizeram sua capital em Zoan. Segundo o Salmo 78 ⁹⁰ , Moisés encontrou o faraó em Zoan. Os hicsos ⁹¹ mudaram a capital para Avaris. Avaris, a capital dos hicsos, foi provavelmente fundada entre 1720 e 1700 a.C. ⁹² (A. MAZAR, 2003, p. 201). Ahmose (1552-1527 a.C.), da décima – oitava dinastia, vence os hicsos e captura a sua capital. Começa o período do Novo Império Egípcio. Os reis da décima - oitava dinastia (1552-1306 a.C.) vivem no Alto Egito e reinavam de Memphis ou Tebas, negligenciando a região do Delta. Haremhab (1333-1306 a.C.), o último faraó desta dinastia, renovou o templo do deus local Seth no Delta oriental. Seti I (1305-1209 a.C.), da décima – nona dinastia, construiu, ao norte da antiga cidade de Avaris, de onde originava sua família, um palácio de verão. Este local foi transformado por Ramsés II, sucessor de Seti I, na grande cidade que leva o seu nome. A cidade de Pi-Ramsés continuou a ser o centro de domínio faraônico no Delta oriental durante a décima - nona e vigésima

	<p>dinastias. Pi-Ramsés deixou de ser a residência real aproximadamente em 1130 a.C., quando o braço do Nilo junto a Ramsés sofreu assoreamento, migrando para longe da cidade, que ficou sem suas veias de transporte, e forçou os faraós da vigésima - primeira dinastia a construir uma nova capital (SARNA, <i>Exploring Exodus</i>, 1996, p. 16-19). Tanis se tornou a nova capital, e Tanis nunca foi chamada de Pi-Ramsés. Por volta de 1069 a.C., Pi-Ramsés foi abandonada, tornando-se uma cidade fantasma, e os faraós mudaram-se para Memphis. Quando os faraós da vigésima – primeira dinastia precisaram de pedras para a construção de novos templos em sua capital, Tanis, eles simplesmente saquearam as ruínas de Pi-Ramsés e levaram muitas estátuas, estelas e outras peças ornamentais arquitetônicas para a cidade nova (KITCHEN, 2006, 255-6). Os faraós da vigésima - segunda dinastia estabeleceram uma segunda capital no delta, em Bubastes, e também levaram para ali estátuas e outras peças das ruínas de Ramsés.</p>
Arqueologia	<p>Na capital dos hicsos, Avaris (Tell El-Dab'a), escavações revelaram uma enorme cidade com uma cultura material quase idêntica à do Bronze Médio na Palestina e na Síria. (A. MAZAR, 2003, p. 198). O templo era um edifício monumental retangular, com grossas paredes indicando uma altura considerável, similar a outros templos da mesma época por todo o Levante. (ibid., p. 217). Escavações também revelaram armas típicas da Palestina, jarros de armazenamento, usados para o transporte de vinho, azeite e outros produtos agrícolas de Canaã para o Egito (ibid., p. 195).</p> <p>Zoan e Ramsés estão registradas no Onomasticon de Amenope⁹³, e escavações em Zoan nos anos 60 concluíram que esta apenas existiu na época da vigésima - primeira dinastia, o que a impede de ser identificada com Ramsés. Ramsés foi então procurada em Qantir, na região de Faqus, vinte e sete quilômetros a sudeste de Zoan. Em Qantir foram descobertas ruínas de um castelo</p>

	<p>esplêndido de Ramsés II, em contraste com os achados de Zoan, onde as pedras das construções não são do local de origem. Nas escavações em Qantir, nos anos 50 e 60, juntamente com Qantana, três quilômetros a sudeste de Qantir, foram encontradas ruínas de construções da época ramessida, entre estas uma estátua gigante de Ramsés II. Nestas escavações, na região de Qantana/Qantir, foi possível verificar que Ramsés foi construída sobre as ruínas da capital dos hicsos <i>Hat-waret</i> (Avaris). Nas escavações, ficaram comprovadas as características sírio-israelitas (hicsos) do sítio, devido aos túmulos e à cerâmica. (B. MAZAR. <i>Encyclopaedia Mikraït</i>, 1982, Vol. 7, p. 389-394).</p>
Cronologia	1º dia da saída do Egito. Data: 15 de Nissan, 2448 ⁹⁴ , quinta-feira ⁹⁵ .

⁸³Aharoni (1999, p. 45). O nome completo seria *Pi-Ramesse A-nakhtu*, “House of Ramesses Beloved of Amun, Great of Victories”, segundo Hoffmeier (1996, p. 117-9); ou “Domain of Ramesses II, Great in Victory”, segundo Kitchen (2006, p. 255).

⁸⁴Kaplan (1981, p. 237).

⁸⁵Kitchen (2006, p. 255).

⁸⁶Aharoni (1979, p. 176, 196); B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 7, p. 389-394); Josephus (*Contra Apion* 1:14 in Kaplan, 1981, p. 237); Hoffmeier (1996, p. 117-9); Bright (2000, p. 121-2); Naville (1924, p. 18-39); Davies (2009, p. 79); Cole (2000, p. 520); Freedman (1992, Vol. 5, p. 639); Levine (2000, p. 515); Byers (2006, Part II); Kitchen (2006, p. 255); Sarna (*Exploring Exodus*, 1996, p. 20). Segundo A. Mazar (2003, p. 198), Avaris é a Zoan Bíblica, identificada com Tell El Dab’a. Robinson (1901, p. 410-414) acredita que o ponto de partida seja Tell el-Yehudiyeh, ou “Hill of the Jews”.

⁸⁷Targum Jonathan (comentário sobre Êxodus 47:11 em KAPLAN, 1981, p. 237); Targum HaAretz Halsraeli Al HaTorah (em MOSCOVITZ, Nm 33:3); Schwartz (2003, p. 7); Herodotus (2:141 em KAPLAN, 1981, p. 258); Gardiner (1918, p. 261-2).

⁸⁸Septuaginta (46:28 em KAPLAN, 1981, p. 237); Josefo (*Antiquities* 2:7:6, *ibid.*, p. 237); e Saadia Gaon (comentário sobre Exodus 1:11, *ibid.*, p. 237).

⁸⁹Salmos 78:12, 43.

⁹⁰Salmo 78:12: “Maravilhas que elle fez á vista de seus paes na terra do Egypto, no campo de Zoan”. Segundo Hoffmeier (1996, p. 117-9), Pi-Ramsés foi dominante aproximadamente entre 1300 e 1100 a.C., e foi substituída por Tanis no período subsequente. Tanis nunca foi chamada de Pi-Ramsés. O fato do nome Ramsés estar nos registros Bíblicos mostra que o local associado à narrativa do Êxodo e ponto de partida do Egito deve ser (Pi)-Ramsés, e não Tanis. Este fato também é um indício de que a tradição do Êxodo remonta ao período em que Pi-Ramsés floresceu, entre 1270 and 1100 a.C. (HOFFMEIER, 2005, p. 53-7).

⁹¹O termo “hicsos” foi usado por Maneton, o historiador egípcio-helenístico, para designar os dominadores estrangeiros do Baixo Egito (a região do Delta) naquela época. De fato, o nome se originou de duas palavras egípcias, *hekau khasut*, “dominadores estrangeiros”. Estes estrangeiros eram cananeus que se estabeleceram no Delta oriental e fundaram uma dinastia local, designada como a décima - quinta dinastia na história egípcia. (A. MAZAR, 2003, p. 201)

⁹²Deduzido da estela de “quatrocentos anos”, uma estela memorial mencionando que Seti I, antes de se tornar faraó, comemorou o quadricentésimo aniversário do deus Seth, o deus principal de Avaris. (A. MAZAR, 2003, p. 201).

⁹³O *Onomasticon de Amenope* é um documento egípcio do período entre a vigésima e a vigésima – segunda dinastias, uma compilação pertencente a uma tradição do Médio Império, que inclui o *Ramesseum Onomasticon*, do final do Médio Império. (EDWARDS, I. S.; HAMMOND, N. G. L.; e GADD C. J. *The Cambridge Ancient History*, Cambridge University Press 1975, p. 531, em MAZAR, B. *Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 7, p. 389-394)

⁹⁴Kantor (2007, p. 70); Deutsch (1998, p. 305, 314-5, 324); Kaplan (1981, p. 237); Hahn (1996, p. 114-5); Rashi sobre Ex 12:41 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 270).

⁹⁵Deutsch (1998, p. 321, 324).

6.2. Sucote

Hebraico	<p>סֹכֹת</p> <p><i>sukkôt</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Ex 12:37, 13:20, Nm 33:5, 6
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Coberturas, tendas ou cabanas⁹⁶ • Abrigos⁹⁷ • Tjeku⁹⁸ (<i>tkw</i>), em egípcio, que é uma tradução do nome Sucote, dado ao local por tribos de pastores semitas, que estavam acostumados a acampar lá e construir abrigos (cabanas) para seus rebanhos. • Thukka (termo africano), que significa pasto⁹⁹.
Localização	<p>De acordo com Rashi, Sucote fica à distância de 170 quilômetros de Ramsés¹⁰⁰.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tjeku¹⁰¹ (<i>tkw</i>), em Tell el-Maskhuṭa no Wadi Tumilat – nome atual: Tell Deir ‘Allā. (A palavra arábica <i>Maskhuṭa</i> preserva o nome antigo, Sucote). O egípcio <i>tkw</i> pode significar uma área genérica ou um local específico¹⁰². (Figura 5, Anexo II) • Letopolis¹⁰³, reconstruída como Babel quando Cambises destruiu o Egito, aparentemente Fostat ou Cairo. • A Sucote Bíblica é o nome associado com os tanques de irrigação mais a oeste de Pitom, na direção do moderno lago Timsa. Sucote é uma região de pastagem conhecida dos beduínos Shasu durante a décima - nona dinastia⁹⁸. Sucote não é uma cidade, mas uma área adjacente ao Yam Suf¹⁰⁴.
Fatos Relevantes	<p>Pela primeira vez, as Nuvens da Glória protegeram os Filhos de Israel (Baal HaTurim sobre Nm 33:5, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 701, tradução nossa; Targum Yonathan em Kaplan, 1981, p. 315).</p> <p>A viagem até Sucote foi feita “em asas de águias¹⁰⁰”, ou seja, ao invés de três dias de viagem, chegaram em uma hora (Daat</p>

	<p>Zkenim sobre Ex 12:37, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 266).</p> <p>Ao chegarem, os Israelitas aproveitaram a oportunidade para descansar e se refazer do nervosismo decorrentes dos últimos eventos relacionados à saída do Egito (DEUTSCH, 1998, p. 313)</p>
História/ Geografia	<p>A utilização de um nome de raiz semítica em egípcio é um indício de que pessoas que falam línguas semíticas acampavam no Wadi Tumilat no caminho para o Egito. (HOFFMEIER, 2008, 121-2). Local de acampamento de pastores asiáticos. (AHARONI, 1999, p. 46). A região de Tjeku é uma conhecida zona militar documentada em inscrições desde a décima – oitava dinastia. Os Papyrus Anastasi V e VI registram diversas instalações militares na região. Os Israelitas com certeza teriam evitado o forte Tjaru, evitando a rota costeira; sendo assim, teriam que escolher cuidadosamente o caminho através da região de Tjeku/Sucote, particularmente a parte mais oriental do Wadi Tumilat, para evitar os fortes e postos militares da região. Os Israelitas dificilmente teriam acampado ao lado de uma das fortalezas em Tjeku. Atravessando a parte mais ocidental do Wadi Tumilat, os Israelitas estariam tomando uma das rotas principais de saída do Egito, especialmente se o objetivo fosse as regiões central ou sul do Sinai. (HOFFMEIER, 1996, p. 179-181)</p>
Arqueologia	<p>Um texto que ainda não é amplamente considerado sobre o valor military de Tjeku é o <i>ostracon</i> Deir el-Medineh 1076 (ODM 1076), cuja tradução aparentemente não se encontra publicada. Tjeku é descrito como um lugar específico, e não uma região genérica, onde há uma estação própria para cavalos e seus cavaleiros. É em um forte como este deve estar a cavalaria que defenderia o Egito, e que eventualmente seria despachada para perseguir os israelitas, conforme Ex 14:6-8. (HOFFMEIER, 1996, p. 179-181). Este <i>ostracom</i> é o que restou de uma carta</p>

	<p>escrita em nome de “todos os deuses de Tjeku”, um tipo de expressão utilizada geralmente em nome dos deuses de cidades, mais do que de distritos. O Papiro Anastasi VI preserva uma mensagem enviada por um oficial de fronteira para seu superior mencionando que os beduínos <i>shasu</i>¹⁰⁵ de Edom, indo de leste para oeste, passaram pelo “forte de Merenptah em Tjeku”, para levar seu rebanho até as “poças de Pitom-de-Merenptah em Tjeku”. Ambos os locais mencionados se encontram na mesma área. O Papiro Anastasi V relata o caminho de dois fugitivos de Ramsés, que passam por Tjeku, e depois seguem em direção leste pelo forte de Tjeku e Migdol de Seti I. Estes últimos são dois lugares específicos que se encontram na área chamada de Tjeku. No mesmo papiro, um oficial solicita a vinda de um grupo de <i>Medjai</i> (mercenários núbios) para Tjeku – que só pode significar um local específico (forte ou vilarejo), e não uma área genérica.</p> <p>Estes documentos são indícios de que Sucote/Tjeku se encontra em Tell el-Maskhuṭa e Pitom em Tell el-Retaba, um pouco à oeste.</p> <p>Em Tell el-Maskhuṭa (Figura 5, Anexo II) foram encontrados os seguintes monumentos do período de Ramsés II: uma grande estela de granito com uma figura de falcão, dedicados ao deus-sol (Re-Horakhty); um pequeno pedaço de um relicário, mencionando o rei como o “amado do deus de Tjeku”; uma estátua do filho do rei, o príncipe Ramsés-Merenptah, com a figura de Atum-Khopri de Heliopolis; duas esfinges quebradas, uma delas mencionando o deus semita Horon; dois monólitos com Ramsés II, Atum e Re, um de cada lado do caminho, um deles descoberto em antigas escavações. (KITCHEN, 2006, 256-9)</p>
Cronologia	<p>Chegada em Sucote: 1º dia da saída do Egito¹⁰⁰. Data: 15 de Nissan de 2448, quinta-feira.</p> <p>Saída de Sucote para Etam: 2º dia da saída do Egito¹⁰⁶. Data:</p>

⁹⁶Hoffmeier (2005 p. 65-68); Robinson (1901, p. 418). A palavra hebraica *sucote* corresponde ao topônimo egípcio *ṯkw* (Tjeku). Segundo Hoffmeier, parece ser uma palavra de origem semita utilizada pelos egípcios.

⁹⁷Kaplan (1981, p. 315).

⁹⁸Aharoni (1999, p. 46).

⁹⁹Naville (1924, p. 18-39).

¹⁰⁰Mekhilta, citado por Rashi no comentário sobre Ex 12:37: "They were 120 'mil' [apart]. Yet they arrived there instantly, as it is said: 'and I carried you on eagles' wings'", (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 268, tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9873/showrashi/true>, acesso em: 17/08/2009); Segundo Kaplan (1981, p. 315), 120 *mil* (milhas Bíblicas) correspondem a 102 milhas ou 170 quilômetros.

¹⁰¹Kaplan (op. cit.); Aharoni (op. cit., p. 196); Sarna (*Exploring Exodus*, 1996, p. 108); Hoffmeier (1996, p. 179-181); Moskovitz (1988); Kitchen (2006, p. 256-9); Davies (2009, p. 79); B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 5, p. 1035-6), Cole (2000, p. 521); Freedman (1992, Vol. 6, p. 217-8); Levine (2000, p. 516). Naville (1924, p. 18-39), Giveon (1977) e Halladay (1997) identificam Tell el-Maskhuṭa com Pitom. Segundo Naville, Pitom (chamada de Heroopolis pelos gregos e de Ero pelos romanos) se localizava dentro da região conhecida como Sucote.

¹⁰²Hoffmeier (1996, p. 179-181).

¹⁰³Josefo (*Antiquities* 2:15:1); Strabo (17:807) em Kaplan (op. cit.).

¹⁰⁴Schwartz (2003, p. 7).

¹⁰⁵Beduínos do deserto. (Aharoni, op. cit.)

¹⁰⁶Kaplan (op. cit.); Deutsch (1998, p. 321-2, 324); Rashi sobre Ex 13:20: "They traveled from Succoth on the second day, for on the first day they came from Rameses to Succoth." (Mikraot Gedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 300, tradução disponível em < http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9874/showrashi/true>, acesso em: 18/08/2009.) Segundo Landa (1996, p. 9), não houve acampamento em Sucote; os israelitas apenas passaram pelo local e não permaneceram.

6.3. Etam

Hebraico	<p style="text-align: center;"> אֶתָם ’ēṭām </p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Ex 13:20, Nm 33:6-8
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Em egípcio antigo, Etam significa “costa, beira-mar”¹⁰⁷. • Etham é o mesmo local que o deserto de Shur¹⁰⁸. A palavra <i>shur</i>, em hebraico, significa “parede, muro”; outro significado seria “olhar” ou “sentinela, vigia”¹⁰⁹. • Ketem¹¹⁰ (<i>htm</i>), que significa, em egípcio, fortificação ou muralha. • Forma sintética de <i>p(r) itm</i>, Pitom, que significa, por sua vez, “Casa de Atum”, sem o elemento <i>pr</i>, conforme se representava a divindade egípcia Atum na Vigésima – Primeira Dinastia¹¹¹. • Ilha de Atum¹¹².
Localização	<p>Na extremidade do deserto. (Ex 13:20)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nome atual: Khirbet el-Khôkh¹¹³. • Algum dos fortes (<i>htm</i>) localizados na parte oriental do Wadi Tumilat¹¹⁴. • Deserto de Shur¹¹⁵. • A egípcia Chetem, uma fortaleza. Há uma Chetem próxima a Pelusium, a oeste do lago Sirbonis¹⁰⁷. • Local de águas ao norte de Suez¹¹⁶. • Serapheum, ao norte dos Lagos Amargos, no meio do caminho entre Ismailia e Abu Sultan¹¹⁷. • Alguma ilha de Atum, ou colina de Atum, próximo aos Lagos Amargos, talvez na vizinhança de Ismailia. Nomes relacionados a Atum são freqüentes nesta área¹¹⁸.
Fatos Relevantes	Havia uma cidade chamada Etam neste deserto. O nome do deserto era devido a esta cidade. (LANDA, 1996, p. 9)

	<p>À partir de Etam, os Israelitas mudaram de direção, e viajaram em direção ao Egito¹¹⁹. O anúncio da mudança de rota causou consternação e confusão entre os Israelitas, e foi reportado pela inteligência egípcia à corte. Os egípcios acreditaram que os israelitas estavam desorientados e perdidos no deserto. O faraó, então, reuniu seus exércitos para perseguir e recuperar seus escravos, compreendendo o tamanho do prejuízo causado à economia egípcia pela perda significativa daquela força de trabalho. (SARNA, <i>Exploring Exodus</i>, 1986, p. 104-6)</p>
Cronologia	<p>Chegada em Etam¹²⁰: 2º dia da saída do Egito. Data: 16 de Nissan de 2448, sexta-feira.</p> <p>Saída de Etam¹²⁰ para Pi-Hairote: 4º dia da saída do Egito. Data: 18 de Nissan de 2448, domingo.</p>

¹⁰⁷ Kaplan (1981, p. 320).

¹⁰⁸ Ibn Ezra sobre Ex 13:20 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 300, tradução nossa).

¹⁰⁹ Har-El (1983, p. 316-8). Segundo Deutsch (2006, p. 16-18), *shur* pode significar também “visão”.

¹¹⁰ Robinson (1901, p. 418-9); Davies (2009, 79). Segundo Kitchen (2006, p. 259), o significado de Etam não pode ser *khetem* (palavra egípcia que significa “forte”), pois a letra hebraica *'aleph* não pode transcrever o egípcio *kh*.

¹¹¹ GÖRG, Manfred. *Etham und Pithom*. *Biblische Notizen*, No. 51 (1990), p. 9-10, em Hoffmeier (1996, p. 182); Levine (2000, p. 516); Freedman (1992, Vol. 2, p. 644).

¹¹² *(i(w) itm)*. Kitchen (2003, p. 259).

¹¹³ Aharoni (1979, p. 434).

¹¹⁴ Cazelles (1955, p. 358-359); Hoffmeier (1996, p. 182); Robinson (1901, p. 418-9).

¹¹⁵ Ibn Ezra (comentário sobre Ex 13:20, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 300); Har-El (1983, p. 316-8); Cole (2000, p. 521). O deserto de Shur fica “em frente ao Egito” (Gn 25:18; 1 Sm 15:7), ou à leste do istmo de Suez (Davies, 2009, p. 82). Segundo Hoffmeier (1996, p. 188), o deserto de Shur está associado à linha de fortes que defende a fronteira egípcia, chamado de “Walls of the Ruler”. Segundo Sarna (*Exploring Exodus*, 1996, p. 105), esta linha de fortificações de fronteira fora construída ao longo do istmo de Suez, desde o reinado de Amenemhet I (1991-1962 a.C.), e chamava-se “Wall of Horus” ou “Wall of the Ruler”, que corresponde à Bíblica Shur. Segundo Landa (1996, p. 11), Etam e Shur são dois desertos distintos e adjacentes um ao outro.

¹¹⁶ Noth (1985).

¹¹⁷ Moskovitz (1988).

¹¹⁸ “Ilha de (A)tum”, *'(w)-(l)tm*, ou “colina de (A)thum”, *(i)3(t)-(l)tm*, segundo Kitchen (2006, p. 259).

¹¹⁹ “[...] And let them turn back to their rear. They approached nearer to Egypt during the entire third day in order to mislead Pharaoh”, Rashi sobre Ex 14:20 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 304, tradução disponível em < http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9875/showrash/true>, acesso em: 19/08/2009).

¹²⁰ Deutsch (1998, p. 324).

6.4. Pi-Hairote, em frente de Baal-Zefom, diante de Migdol.

6.4.1. Pi-Hairote

Hebraico	פִּי הַחִירֹת <i>pî haḥîrôt</i>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Ex 14:2, 9; Nm 33:7-8
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • São dois pilares de pedra com uma “boca” (vale) entre elas¹²¹. • Literalmente “Boca da Liberdade”, possivelmente “baía ou foz da liberdade¹²²” • The place of sedges¹²³. • Pi-Hathor¹²⁴ (<i>Pr-Hthr</i>, “House of [the goddess] Hathor”) • “Boca de Hiroth¹²⁵”, um nome de canal que desembocaria em algum lago ou afluente do Nilo. • “Boca de Hirathata¹²⁶”. • “Boca do Canal¹²⁷”. • <i>Hirote</i> significa “entalhado, esculpido, recortado”. Neste contexto, deve ser um vale entre montanhas¹²⁸. • Entrada para caminhos no deserto¹²⁹.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Pitom¹³⁰. (Mapa 4, Anexo I) • Jabel Geneiffe, a oeste dos Lagos Amargos, onde as montanhas ‘descem’ até os lagos¹³¹. • Foz de Suez¹³². • Um ponto onde um canal se abre ou se esvazia em um lago ou rio, talvez o Lago El-Ballah ou o Timsah. Agora que existem evidências de um canal dos tempos faraônicos, é possível entender Pi-hairote como a junção do canal a um dos lagos do istmo de Suez¹³³. • Pi-Keheret¹³⁴, próximo à praia ocidental do Lago de juncos Crocodilo-Timsah. O nome significa “onde nascem ciperáceas”.

Fatos Relevantes	<p>O local se tornou um ponto onde não havia mais retorno para aqueles que desejavam escapar do Egito. Quem conseguisse chegar até este local, poderia se considerar livre. Aqui os Israelitas se tornaram homens livres. Por isso, o local recebeu este nome, Pi-Hairote, “a boca (ou abertura) da liberdade”. Pi-Hairote situava-se em um vale estreito entre dois pilares de pedra, parecendo uma boca. (Rashi sobre Êxodo 14:20, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 304)</p> <p>Os dois grandes pilares de pedra que ficavam na entrada do vale tinham a forma de um homem e de uma mulher. (DEUTSCH, 1998, p. 326; LANDA, 1996, p. 10).</p> <p>Acontecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Perseguição egípcia. (Ex 14:1) • Travessia do Mar. (Ex 14:15) • Derrota do exército egípcio. (Ex 14:26) • A Poesia da Travessia. (Ex 15)
Cronologia	<p>Chegada em Pi-Hairote¹²⁰: 4º dia da saída do Egito. Data: 18 de Nissan de 2448, domingo.</p> <p>Saída de Pi-Hairote¹³⁵ e travessia do mar: 7º dia da saída do Egito. Data: 21 de Nissan de 2448, quarta.</p>

¹²¹Rashi sobre Ex 14:2: “and encamp in front of Pi-hahiroth: That is Pithom [one of the cities built by the Israelites, Exod 1:11], but now it was called Pi-hahiroth, since there they [the Israelites] became free men (חֹרֵי בְּנֵי). They [the Hiroth] are two high upright rocks, and [because there is] the valley between them [this] is called the mouth (פִּי) of the rocks”. [from Mechilta] (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 304, tradução disponível em <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9875/showrashi/true>, acesso em: 19/08/2009).

¹²²Kaplan (1981, p. 322); Sarna (*Exploring Exodus*, 1996, p. 108-9); Deutsch (1998, p. 326).

¹²³“The place of sedges”, segundo Davies (1968, p. 508).

¹²⁴Sarna (*Exploring Exodus*, 1996, p. 108-9).

¹²⁵Kitchen (2006, p. 259-260); Septuaginta sobre Nm 33:7 em Hoffmeier (1996, p. 169-171).

¹²⁶Targum de Jonathan Ben Uzziel em Hoffmeier (1996, p. 169-171).

¹²⁷*Pi-hiriti*, “a boca do canal”, (Acádio), talvez a extremidade leste do delta oriental, segundo Freedman (1992, Vol. 5, p. 640); Cole (2000, p. 521); Levine (2000, p. 517). Segundo Aharoni (1979, p. 196), a raiz *hrt* (“cavar”) pode ser um indício da localização em um dos canais do Nilo. Segundo Hoffmeier (1996, p. 169-171), as palavras *pi* e *hiroth* podem ser descritas, respectivamente: “In English we use the term “mouth” to describe the opening of a river or stream, especially where it pours into a larger body of water. The Hebrew *pi* is used in the same manner in Isaiah 19:7 to describe the mouth of the Nile” [...] “In Mesopotamian texts from as early as the Akkadian period (late third millennium BC) *herû* is attested and means “to dig, dig out, dig up” and is applied to rivers and canals. From the Old Babylonian period onward, *harâru* means “to dig (with a hoe)”, “to groove”, and *harru* means “a water course” or “irrigation ditch”. *Herûtu* from the Kassite period (1600-1200 BCE) is a noun meaning “digging work”, and is applied to ditches and canals. It is this form of the word that comes closest to the Hebrew writing *hiroth*. The root *hrt* is found also in Ugaritic, Hebrew, Punic and Arabic and carries similar meanings. These meanings suggest that a feature which have been dug, like a trench or canal, is behind the heretofore elusive toponym”.

¹²⁸Har-El (1983, p. 345-51).

¹²⁹“Entrance of desert tracks”, Clines (1993, Vol. 3, p. 217).

¹³⁰Rashi sobre Ex 14:2 (veja comentário dh); Landa (1996, p. 3; Mapa 4, Anexo I); Sifteí Chachamim sobre Ex 14:2 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 304, tradução nossa): “Pi-Hahiroth é um wadi que é Pithom. Pithom = *pe stum*, ‘boca fechada’. O nome mudou para Pi-Hairoth por ter-se tornado um local de liberdade. Eram duas grandes pedras, e o espaço entre elas parecia uma boca (vale)”.

¹³¹Har-El (1983, p. 345-51).

¹³²Abarbanel em Kaplan (1981, p. 323).

¹³³Hoffmeier (1996, p. 169-171); Kitchen (2006, p. 259-260).

¹³⁴Robinson (1901, p. 420-2). “Where sedges grow”. “Sedges” são plantas, possivelmente açoros – *acorus calamus* ou ciperáceas – *cyperaceae juss*, plantas herbáceas que produzem um tubérculo conhecido como chufa. São plantas perenes similares à grama, de difícil identificação. (*Sedges*, em *Aquaplant*. Texas: Texas AgriLife Extension Services, Texas A&M University, 2009, disponível em: <http://aquaplant.tamu.edu/database/emergent_plants/sedges.htm#description>, acesso em: 22/09/2009).

¹³⁵Deutsch (1998, p. 362); Kantor (2007, p. 77). Alguns autores acreditam que foi em 22 de Nissan, como Hahn (1996, p. 114-5). Provavelmente a travessia ocorreu na noite entre o dia 21 e 22 de Nissan.

6.4.2. Baal-Zefom (ponto de referência)

Hebraico	<p style="text-align: center;">בַּעַל זְפוֹן</p> <p style="text-align: center;"><i>ba' al šəpōn</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Ex 14:2, Nm 33:7
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • “Lorde do Norte”, um ídolo enorme¹³⁶. • Dos registros ugaríticos é sabido que os cananeus fixavam o local do Baal em elevações voltadas para o norte (nas escrituras ugaríticas, elevação norte ou monte norte), e por isso este local também foi chamado Baal-Zefom¹³⁷. • Uma divindade cananita conhecida através dos textos Ugaríticos. Seu principal templo era em Jebel el-Aqra', quarenta quilômetros ao norte de Ugarit, na foz do rio Orontes, chamado pelos semitas de sapānu (Hebraico <i>šāpôn</i>), e os não semitas o chamavam <i>hazi</i>, mais tarde Kasios. Identificado com o deus egípcio Seth¹³⁸.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Monte Casios¹³⁹ ou Machmudiyya no Golfo de Serbonis (Sabkhat Bardwil) – nome atual: Ras Kasrun. • Um santuário na parte oriental do Lago Timsah¹⁴⁰. • Mais para o sul do Egito, ao longo do Mar Vermelho¹⁴¹. • Migdal Baal Zephon¹⁴² (<i>Megdal pef Bla Tzapnu</i>) registrado no papiro do período dos seleucidas (Cairo 31169) como um local na fronteira egípcia, que era um templo fortificado de Seti I, em Jebel Abu Hasan, 24 km ao norte de Suez, na extremidade sul dos Lagos Amargos. • Dafne ou Tahpanhes¹⁴³ próximo a Pelusium e lago Serbonis, 43 quilômetros a sudoeste de Port Said. • Um pequeno templo fortificado em Jebel Abu Hassa¹⁴⁴, sudoeste dos Lagos Amargos.
Fatos Relevantes	Rashi, Daat Zkenim e Kli Yakar afirmam que Baal-Zefom foi o deus egípcio que restou da destruição causada pela última

	<p>praga do Egito (Ex 14:2, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 304, tradução nossa).</p> <p>Baal-zephon foi a única divindade egípcia que sobrou. Havia muita idolatria com relação a muitos corpos celestes, e acreditava-se que cada divindade tinha uma esfera de ação específica, tinha força para uma função; Baal-Zefom era a divindade que trazia riquezas, ouro e pérolas em abundância. (Kli Yakar sobre Ex 14:2, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 304, tradução nossa).</p> <p>A crença dos egípcios era que Baal-Zefom “fechou o deserto” para os israelitas. (Sforno sobre Ex 14:2, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 304).</p> <p>O ídolo era feito de cobre e tinha a forma de um cão raivoso. (Mekhilta; Targum Jonathan sobre Nm 14:2; Ialkuth Reubeni em DEUTSCH, 1998, p. 326).</p> <p>O templo de Baal-Zephom ficava no centro de uma praça, um local de excepcional beleza e esplendor, um orgulho do Egito. Abaixo do templo, estava escondido um terço dos tesouros acumulados por José para os cofres reais. (DEUTSCH, 1998, p. 326)</p>
História/ Geografia	<p>Pelo menos 3 santuários de Baal-Zefom são conhecidos, em Memphis, Tahpanhes (Tel Dephneh) e Monte Casios (Ras Qasrun). Possivelmente um dos templos em Tell el-Dab‘a, 2 km ao sul de Qantir, também fosse dedicado ao Baal. (FREEDMAN, 1992, Vol. 5, p. 639-640; LEVINE, 2000, p. 517)</p>
Arqueologia	<p>Baal-Zefom está incluído na lista de deuses da “casa de Ptah” em Memphis, da época ramessida, no Papiro Sallier 4¹⁴⁵, como também aparece como protetor dos marinheiros em um cilindro de Tell El-Dab‘a, do período dos hicsos¹⁴⁶. A figura do deus tem os pés sobre montanhas. (HOFFMEIER, 1996, p. 190).</p>

¹³⁶Mekhilta; Rashi; Ibn Ezra sobre Ex 14:2 em Kaplan (1981, p. 323); para Robinson (1901, p. 420-2), havia um santuário religioso dedicado ao “Lorde do Norte”;

¹³⁷B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 2, p. 291-2).

¹³⁸Sarna (*Exploring Exodus*, 1996, p. 108-9).

¹³⁹Davies (2009, p. 82); Sarna (*Exploring Exodus*, 1996, p. 108-9); HarEl (1983, p. 345-51); Aharoni (1979, p. 196); Cazelles (1955, p. 358-359); B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 2, p. 291-2); Albright (1973, 2, p. 61).

¹⁴⁰Robinson (1901, p. 420-2).

¹⁴¹Josefo (2:15:1); Me'am Lo'ez (5:166) em Kaplan (1981, p. 323).

¹⁴²B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 2, p. 291-2); Kaplan (1981, p. 323).

¹⁴³ALBRIGHT, W. F. *Bulletin of American School of Oriental Research*, No. 109 (1948), p. 16, em Har-El (1983, p. 345-51); Sarna (*Exploring Exodus*, 1996, p. 108-9); AIMÉ-GIRON, Noel. *Ba' al Saphon et les Dieux de Tahpanhes Dans un nouveau papyrus Phénicien*, in *Annales du service des antiquites de l'Egypte* No. 40 (1941), p. 433-460, em Hoffmeier (1996, p. 190). O nome Tahpanhes está registrado em Jr 2:16; 43:7; Ez 30:18, além de uma carta do sexto século a.C. enviada de Tahpanhes para Memphis, que continha os dizeres: “I wish you blessing from Baal-zephon and from all the gods of Tahpanhes”. (Kanaanäische und Aramäische Inschriften, 50, 11, 2-3, p. 12; Beyerlin, W. *Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. Philadelphia: Westminster, 1978:253-54, em SARNA, *Exploring Exodus*, 1996, p. 108-9). A frase sugere que Baal-Zefom situava-se perto, ou talvez fosse idêntica a Tahpanhes.

¹⁴⁴Segundo Hoffmeier (1996, p. 190-1), o local foi descoberto por Jean Clédât (*Notes sur l'Isthme de Suez*, in *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale* No. 16, 1919, p. 208-212).

¹⁴⁵GARDINER, Alan H. *Late Egyptian Miscellanies*. Biblioteca Aegyptiaca; Brussels: Édition de La Fondation Égyptologique Reine Elizabeth, 1937, p. 89.6-7, em Hoffmeier (1996, p. 190).

¹⁴⁶PORADA, Edith. *The Cylinder Seal from Tell El-Dab'a*, in *American Journal of Archaeology* 88 (1984), p. 485-488, em Hoffmeier (1996), p. 190.

6.4.3. Migdol (ponto de referência)

Hebraico	<p style="text-align: center;">מִגְדֹּל</p> <p style="text-align: center;"><i>migdol</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Ex 14:2, Nm 33:7, Jr 44:1, 46:14, Ez 29:10, 30:6
Significado do Nome	Torre ou fortaleza ¹⁴⁷ .
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Serapeum, entre os Lagos Amargos e o Lago Timsah¹⁴⁸. • Tell el-Heir, fortaleza de fronteira egípcia, situada ao nordeste de Silo¹⁴⁹. • Tell al-Khayri, fortaleza de fronteira egípcia, próximo de Pelusium, habitada por judeus na época de Jeremias (44:1). A grega Magdolos e o Migdol de Baal-Zefon no papiro demótico do Cairo (31169)¹⁵⁰. • Tell Habua foi identificado como Tjaru/Silo em 1999. Migdol é o segundo forte a leste de Habua, sudeste de Tell El-Borg¹⁵¹. • A fortaleza “Dwelling of the Lion”, três a cinco quilômetros a sudeste de Tell El-Borg¹⁵². • O papiro demótico do Cairo (31169) lista ao menos quatro locais chamados de Migdol na região do Delta. Migdol Bíblico pode ser qualquer um dos cerca de doze locais, da época do Novo Império, já descobertos entre o Canal de Suez e o lago Sirbonis¹⁵³.
Fatos Relevantes	Ao norte de Pi-Hairot havia uma fortificação conhecida como Migdol. Esta torre era utilizada pelos militares egípcios para atividades militares (reconhecimento e emboscadas contra forças inimigas durante períodos de guerra). Era uma estrutura intimidadora. (Mekhilta; Abarbanel; Malbim sobre Nm 33:7, em DEUTSCH, 1998, p. 326).
História/ Geografia	Há vinte e cinco localidades chamadas de Migdol em Israel e no Líbano do período do Primeiro e Segundo Templos, além de

	<p>muitas ruínas. No Egito, este nome só é encontrado onde haviam assentamentos de semitas, próximo à fronteira do leste, e sua localização era determinada pelas rotas principais que levavam à Canaã, Edom e Midian, e eram locais construídos para controlar tribos semíticas que entravam no Egito buscando alimentos, ou contra invasores. (HAR-EL, 1983, p. 345-51)</p>
Arqueologia	<p>Segundo Hoffmeier (2008, p. 123-124), a palavra Migdol é mencionada diversas vezes em documentos egípcios, alguns dos quais são:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O relevo, em Karnak, do faraó Seti I, que registra os fortes que se encontram ao norte do Sinai, através da estrada conhecida como Via Maris (GARDINER, 1920, p. 99-116), que vai do Egito até Gaza. O local chamado de Migdol de Menmaatre (Seti I) é o terceiro na seqüência, após o forte de Tjaru/Silo e o “Dwelling of the Lion”. - O Papiro Anastasi V, que menciona um local chamado Migdol de Seti Merneptah, possivelmente uma variação de Migdol de Menmaatre. (Seti Merneptah poderia se referir a Seti II). Este aparentemente é o terceiro forte no itinerário de Karnak (GARDINER, 1920, p. 99-116). - O Templo Funerário de Ramsés III (1184-1153 a.C.) em Medinet Habu, de onde vem a última referência a Migdol do Novo Império. Após uma batalha marítima contra os povos do mar, o faraó retorna para o forte chamado Migdol de Ramsés, soberano de Heliopolis, para celebrar sua vitória e registrar o número de inimigos mortos. <p>Este nome aparece também nas cartas de Tel el-Amarna com o nome <i>URU Ma-ag-da-li</i> (EA 234:29), porém sem referências à sua localização. (LEVINE, 2000, p. 517)</p>

¹⁴⁷Kaplan (1981, p. 322-3); Schwartz (2003, p. 7); Oren (1984, p. 31); Robinson (1901, p. 420-2); Kitchen (2006, p. 260-1); Clines (1993, Vol. 5, p. 130-2); Freedman (1992, Vol. 5, p. 640); Propp (2000, p. 751). *Migdol* é palavra semítica, segundo Sarna (*Exploring Exodus*, 1996, p. 108-9); para Hoffmeier (1996, p. 189-190), a palavra semítica era utilizada durante o Novo Império, e pode significar “torre”, “torre de vigilância”, “forte” ou “fortaleza”.

¹⁴⁸Robinson (1901, p. 420-2).

¹⁴⁹Aharoni (1979, 196-7); Davies (2009, p. 82).

¹⁵⁰Michael Avi-Yonah in *Encyclopaedia Judaica* (1997).

¹⁵¹Hoffmeier (2005, p. x).

¹⁵²Scolnik (2004, p. 120).

¹⁵³Oren (1984, p. 35).

6.4.4. Yam Suf (o mar da travessia)

Hebraico	<p style="text-align: center;">יָם־סוּף</p> <p style="text-align: center;"><i>yām sūp</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	<ul style="list-style-type: none"> • Como <i>yām sūp</i>, referindo-se ao local da travessia, Ex 15:4, 22; Nm 21:14; Dt 11:4; Js 2:10, 4:23, 24:6; Ne 9:9; Sl 106:9, 22, 136:13, 15. • Como <i>hayyām</i>, também se referindo ao mar da travessia, Ex 14:2, 9, 16, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30; 15:1, 4, 8, 10, 19, 21; Nm 33:8; Js 24:6-7; Ne 9:11; Sl 78:13, 53. • Outras ocorrências de <i>yām sūp</i>: Ex 10:19, 13:18, 23:31; Nm 14:25, 21:4, 33:10-11; Dt 1:1, 1:40; 2:1; Jz 11:16; 1 Rs 9:26; Jr 49:21, Sl 106:7.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Yam</i> significa “mar, oceano, lago”; <i>Yam Suf</i> significa “Mar Vermelho”¹⁵⁴. • <i>Suf</i> é um nome de lugar. <i>Yam Suf</i> é o oceano que vai até o fim do mundo. Mas o mar em questão é o mar oriental de frente para o Egito¹⁵⁵. • <i>Suf</i> é um tipo de planta aquática, <i>phiom enshari</i>. “O mar da planta aquática Shari”¹⁵⁶. • A palavra Hebraica <i>sūp</i> é derivada da egípcia <i>twf</i>, que significa “papiro (cana, junco)”. Literalmente, Mar Vermelho deveria ser traduzido como Yam Adam, e não Yam Sūp. Na mais antiga tradução conhecida da Bíblia – do hebraico para o grego – a Septuaginta (aproximadamente em 300 a.C.), a tradução de <i>Yam Suf</i> é <i>Erythra Thalassa</i>, que significa “Mar Vermelho.” Na Vulgata (cerca de 400 d.C.), <i>Yam Suf</i> é traduzido como <i>Mare Rubrum</i>, “Mar Vermelho”. Esta tradução se manteve na tradição ocidental¹⁵⁷. • <i>Suf</i>: surge nas escrituras como nome de vegetal, ou de algumas espécies que crescem nas margens do Nilo. Em Ex 2:3 é lembrada através do material do qual foi feita a cesta de

Moisés. Em Is 19:6, aparece como cana e junco ao mesmo tempo. Alguns defendem a idéia de que seja a espécie *Typha angustata*, em que a cana nasce junto com o junco. É uma planta que nasce em várias épocas, cujo caule é um tubo com raiz submersa. As folhas são como faixas altas e eretas, com utilidade para a fabricação de cestos e tapetes, e suas flores ficam concentradas em camadas espessas na extremidade. Planta difundida nos pântanos em Israel e margens de rios. É também lembrada em Jn 2:5, “a alga se embrulhava á minha cabeça.” (D’ALMEIDA, 1950, p. 824), cuja intenção é indicar uma planta aquática em geral, que talvez seja usada desta forma¹⁵⁸.

- *Suf* nunca significou “vermelho”, mas sim, “juncos” (plantas). Yam Suf pode ser traduzido como “mar/lago de juncos”. *Suf* pode ser comparado à egípcia *tjuf*, “plantas pantanosas/juncos/papiros”. Juncos tolerantes à água salgada (*halófitas*) crescem e florescem na região dos lagos (Manzaleh, Ballah, Timsah e Lagos Amargos) que ocupam a linha norte-sul entre o Mediterrâneo e o Golfo de Suez. Mas há uma outra alternativa: ao invés de “Mar dos Juncos”, “Mar do Fim” (*soph*), referindo-se ao fim do mundo. O termo *Yam Suph* também é aplicado ao Golfo de Suez a ao Golfo de ‘Aqaba, ao redor da Península do Sinai¹⁵⁹.
- O termo egípcio *twf(y)* não está restrito ao papiro, mas pode ser aplicado a outras espécies do pântano, como as halófitas, tolerantes ao sal. Mas tradutores da Septuaginta entenderam o termo como *sôp*, significa “fim”, e não *sûp*, “juncos”. A travessia do mar sinalizou o fim da estadia dos israelitas no Egito, e certamente foi o fim do exército egípcio (Ex 14:23-29, 15:4-5). Talvez o verbo *sôp*, que significa “destruir” e “finalizar”, tenha se originado deste fato. (Am 3:15, Jr 8:13, Is 66:17, Sl 73:19). Esta raiz também pode ter originado a palavra *sûpah*, que significa “tempestade/tormenta”, que

	<p>possui uma grande capacidade destrutiva (Ex 14:21, Am 1:14, Os 8:7, Jr 4:13, Is 5:28, 17:13). Os significados “fim” e “tempestade” seriam perfeitos trocadilhos com relação ao evento ocorrido no Yam Suf¹⁶⁰.</p>
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Golfo de Suez¹⁶¹. • Golfo de Serbonitis¹⁶². • Região do lago Timsah¹⁶³. • Entre o norte do Lago Timsah e o sul do Lago Ballah¹⁶⁴. • Entre o Lago Timsah e os Lagos Amargos, na extremidade leste do Wadi Tumilat¹⁶⁵. • Lago Ballah¹⁶⁶ (Tell Abu Şefeh).
Fatos Relevantes	<p>Segundo Schwartz (2003, p. 7-10), Landa (1996, p. 11) e o Talmud (Tossefot Eruchin 15a), não houve travessia do mar. Os israelitas andaram em um semi-círculo por dentro do mar e retornaram para o mesmo local, porém mais para o norte.</p> <p>Segundo Lopiansky¹⁶⁷, haveriam dois propósitos para a abertura do mar: os israelitas atravessariam para fugir dos egípcios, e os egípcios morreriam afogados. Maimônides¹⁶⁸ escreve que o propósito seria afogar os egípcios, omitindo que o milagre da abertura do mar teria o intuito de possibilitar a travessia dos israelitas.</p> <p>Sendo assim, deixar os israelitas atravessarem não pode ter sido o propósito da abertura do mar, já que estes não fizeram a travessia; o único propósito seria destruir os egípcios.</p>
História/ Geografia	<p>O Mar Vermelho chegava até o Wadi Tumilat. Os estudiosos da expedição de Napoleão eram contrários à idéia de que, desde a Antiguidade, não teriam havido mudanças no istmo de Suez; eles acreditavam que o Golfo de Suez, na época dos gregos, se estendia bem mais para o norte, até o atual lago Timsah. A porção norte do Mar Vermelho era chamada de Golfo de Heroopolis. Não podemos supor que o golfo recebesse este nome de uma cidade distante 80 quilômetros, e que Heroopolis, conhecida como um porto, fosse tão distante do golfo. (NAVILLE, 1924, p. 18-39)</p>

	<p>Os lagos atuais nem sempre correspondem ao seu tamanho de três ou quatro mil anos atrás. O que restou do Lago Ballah foi drenado no Século Dezenove, quando o canal de Suez foi escavado, mas partes da sua antiga configuração podem ser parcialmente vistas em imagens de satélite, e sinais de pântano ainda existem na parte ocidental do Canal de Suez. A costa do Mediterrâneo também se localizava bem mais para o sul do contorno atual, conforme estudos feitos por geólogos. (HOFFMEIER, 2005, p. 81-109)</p> <p>Mesmo antes da construção do moderno Canal de Suez, que destruiu as configurações dos lagos nesta região, o Egito possuía uma faixa considerável de águas entre o Mediterrâneo e o Golfo de Suez. A construção de antigos canais na direção norte-sul poderia facilmente fechar quaisquer espaços entre os lagos, formando uma barreira, o que traria grandes vantagens ao Egito em termos de segurança. Recentemente, traços de antigos canais foram revelados. (KITCHEN, 2006, p. 259-260)</p> <p>Para os povos antigos, o Mar Vermelho possuía um significado simbólico, além do histórico. Simbolicamente, seu nome significa “O Mar do Fim”, ou “O Mar do Fim do Mundo”. Historicamente, seu significado é o Mar Vermelho, e aqui que está além deste. Estes povos antigos viam o Mar Vermelho como um mar contínuo, que se entendia do Mar Vermelho de hoje através do Oceano Índico para o Golfo Persa, e incluíam neste conceito todos os mares ao sul. Presumivelmente, os antigos israelitas também incluíam na descrição de Yam Suf todos os oceanos que se conectam para o sul. (BATTO, 1984, p. 57-63)</p>
Arqueologia	<p>O engenheiro francês Linant de Bellefonds, que fez pesquisas extensas no istmo de Suez, acreditava que os Lagos Amargos e o Canal de Suez estavam conectados no primeiro milênio a.C. Três fatores podem ter contribuído para a mudança desta conexão: a quantidade de enchentes do Nilo, que afeta o nível dos lagos; o nível do Mar Vermelho; e a elevação da terra ao redor dos Lagos Amargos. Há também evidências de que os Lagos Amargos se</p>

estendiam bem mais para o sul na antigüidade. A área ao norte do Golfo de Suez, conhecida em árabe como *Shallûf* , apresentou dentes de crocodilos e ossos de hipopótamos durante as escavações do Canal de Suez. Também há evidências de que o nível do Mar Vermelho foi maior três a quarto mil anos atrás, e este recuou de sua orla original em torno de quinhentos metros. Existem evidências geológicas, ocanográficas e arqueológicas de que o Golfo de Suez e os Lagos Amargos poderiam realmente estar conectados durante o segundo milênio a.C., e esta conexão pode estar por trás do fato de que, tanto o lago por onde foi feita a travessia, quanto o Mar Vermelho, são chamados de Yam Suf. (HOFFMEIER, 1996, p. 204-15)

¹⁵⁴Berezin (1995, p. 275). Segundo Kaplan (1981, p. 305), há várias teorias sobre o motivo do nome “Mar Vermelho”: as cores dos seus juncos; os corais nas suas águas; as cores das montanhas ao seu redor; o brilho do céu refletindo nas águas; a antiga nação de Erythria, que possuía este nome devido à pintura vermelha no rosto de seus habitantes; a nação de Edom, cujo nome significa “vermelho”.

¹⁵⁵Ibn Ezra sobre Ex 13:18 (Mikraot Guedolot Meorot, Vol. 2, 1995, p. 299).

¹⁵⁶Davies (2009, p. 70-74).

¹⁵⁷Batto (1983, p. 57-63).

¹⁵⁸B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 3, p. 695-700).

¹⁵⁹Kitchen (2006, p. 261).

¹⁶⁰Hoffmeier (1996, p. 204-15).

¹⁶¹B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 3, p. 695-700). Segundo Mazar, esta tradição é reforçada pela tradução da Septuaginta e também por Josefo (2:15, 3).

¹⁶²Aharoni (1979, p. 196).

¹⁶³Robinson (1901, p. 420-2).

¹⁶⁴Kitchen (2006, p. 261).

¹⁶⁵Segundo Har-El (1983, p. 353): “After Muhammad Abdullah blocked the channel of Wadi Tumilat in the year 767 d.C., the Bitter Lakes became salty, and when the salt waters contacted the sulphuric gypsum they became bitter. For this reason they are known as the Bitter Lakes. We may assume that in ancient times the Bitter Lakes were thickly vegetated with reeds and grass and had rich fishing grounds, as quoted in Nm 11:5: “*We remember the fish that we ate in Egypt free of charge*”, free of charge suggests that this was not a public fishing-ground, but a distant location at the edge of the desert. According to Ex 14:21-26, the whole nation, including women, old people, children and cattle crossed the sea during one night; the Red Sea must therefore have been very narrow in order to allow such a large and mixed crowd to cross it in one night. In the southern part of the Bitter Lakes, the floor in some places reaches a depth of only four feet, and it may be assumed that during the period of low-tide in the Nile the level of the lakes was even lower, since the spring is the main period of lower water in the Nile. We think that if a strong east wind blew all night, a narrow ford would have been exposed at this location. Therefore we hold that the Red Sea was located in the Bitter Lakes”.

¹⁶⁶Segundo Hoffmeier (2005, p. 81-109): “Today, the Ballah Lakes are gone, and desert sands, especially in the area east of the Suez Canal, cover its ancient depression. But its ancient name may have been preserved in the name of Tell Abu Sefêh, the site that was probably Greco-Roman Sile, an important frontier town of Egypt in the Persian through Roman periods. Clearly the Arabic elements *abu*, *ab* and *bu* do represent the ancient Egyptian writing of *pi* or *p3*. And just as Hebrew *sûp* corresponds to Egyptian *twf*, so does the Arabic *suf*. Thus the name *abu sefêh* appears, on solid linguistic grounds, to preserve the ancient Egyptian name *p3 twfy*, and thus it points to the name of the ancient lake on whose shores it was situated, el-Ballah Lake. Tell Abu Sefeh, at modern Qantara East on the west side of the present Ballah Lake area, probably reflects the ancient Egyptian name for that lake (*p3 twfy*) and its Hebrew counterpart (*yam suph*). Excavations at Tell Abu Sefeh have uncovered remains of an impressive harbor with quays that once handled multiple trading vessels. I conclude that the geographical setting of Ex 14 is the area between the north side of the el-Ballah Lake system and the southern tip of the eastern lagoon (the proposed location of Migdol). This area had radically changed. The Pelusiac had migrated 15 to 20 km to the north, meaning that the Qantara region began to dry up, resulting in dessication of the East Frontier Canal.

¹⁶⁷LOPIANSKY, R. Leibl. *The Splitting of the Sea*, Yeshivat Ohr Yerushalayim; disponível em: <<http://www.yoy.org.il/article.php?id=280>>, acesso em: 21/08/2009.

¹⁶⁸Maimônides, em Yesodei Hatorah 8:1: “[...] all the miracles which Moshe performed in the desert were for a purpose, and not in order to validate his ability to prophesize. It was necessary to drown the Egyptians, therefore he split the sea and drowned them there [...]” (ibid.)

6.5. Etam para Mara, no Deserto de Shur.

Hebraico	<p>מָרָה</p> <p><i>mārâ</i></p>
Bíblia Hebraica	Ex 15:22-23, Nm 33:8
Significado do Nome	Amargor, amargura ¹⁶⁹ . Ser rebelde ou revoltoso ¹⁷⁰ .
Localização	<p>Aparentemente, o deserto de Etam ficava dos dois lados do norte do Mar Vermelho. Após a travessia do mar, os Israelitas estariam outra vez em Etam. Ao longo da margem oriental do Golfo de Suez, há uma faixa de terra, cuja parte norte, que vai até o Mediterrâneo, é conhecida como Shur, e a parte sul como deserto de Sin¹⁷¹.</p> <ul style="list-style-type: none"> • ‘Ayun Musa¹⁷². • ‘Ain Hawarah¹⁷³. • ‘Ain Naba, também conhecido como el-Churkudeh, 15 quilômetros sudeste de Suez¹⁷⁴. • Bir-el-Murah, aproximadamente 14 quilômetros ao leste da moderna Suez¹⁷⁵. • Em algum lugar entre o norte de ‘Ain Naba e ‘Ain Hawarah¹⁷⁶.
Fatos Relevantes	<p>Apesar do deserto chamar-se <i>Kuv</i>, foi renomeado <i>Shur</i> devido aos perigos encontrados neste deserto: <i>saraf</i>, <i>v’akrav</i>, <i>raav</i> – serpentes, escorpiões e fome. (Yefei To’ar em DEUTSCH, 2006, p. 16-18).</p> <p>Ibn Ezra afirma que talvez houvesse duas cidades neste deserto, que davam os nomes ao local: Etam e Shur (Ibn Ezra sobre Ex 15:23, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 354).</p> <p>Após três dias de caminhadas pelo deserto, os israelitas chegaram a Mará. A falta de água potável provocou reclamações do povo. As águas em Marah eram amargas, e se tornaram potáveis após Moisés atirar sobre elas uma árvore ou</p>

	<p>um pedaço de madeira (Ex 15:22-25). O fato de Moisés ter encontrado uma árvore, de qualquer espécie que seja, naquele deserto, por si só, é um fato incrível. (Mekhilta, <i>Shemot Rabbah</i> 23:3, Yalkut Reuveni em DEUTSCH, 2006, p. 19). Esta árvore pode ter sido: <i>zait</i> (oliveira, segundo BEREZZIN, 1995, p. 210); <i>aravah</i> (salgueiro, <i>ibid.</i>, p. 512); ou <i>hardufnit</i> (oleandro ou escorcioneira, <i>ibid.</i>, p. 160). (Kli Yakar sobre Ex 15:23, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 355). Moisés esculpiu o nome de Deus na árvore e a atirou sobre a água amarga, que não mudou de aparência, mas se tornou potável (doce). (DEUTSCH, 2006, p. 19).</p> <p>Em Mará, os Filhos de Israel recebem alguns mandamentos. (Ex 15:25-26; Senhedrin 56b; Yalkut sobre Nm 256-257; <i>ibid.</i>, p. 23-24).</p>
História/ Geografia	<p>O fato de o itinerário incluir Etam tanto antes quanto depois da travessia do mar mostra que foi escolhida uma rota circular, que trouxe os israelitas de volta para a área de Sucote e Etam. Viajantes já confirmaram que águas amargas são encontradas em muitas das fontes e nascentes do Sinai. Os israelitas supostamente teriam viajado noventa e seis quilômetros, três dias de jornadas, o que os levaria à região da atual Suez, ao norte do Golfo de Suez. (HOFFMEIER, 2005, p. 159-163)</p> <p>‘Ain Hawarah se localiza a setenta e cinco quilômetros ao sul de Suez, e a cerca de onze quilômetros do Mar Vermelho. Suas águas são muito amargas. (LEVINE, 2000, p. 517-8)</p> <p>A leste deste oásis encontra-se uma serra: Jebel Mirer, cujo nome lembra Mará. (MOSKOVITZ, 1988)</p> <p>Para Har-El (1983, p. 353), a identificação de Mara, feita pela maioria dos estudiosos, com ‘Ain Hawarah, é inaceitável, já que os israelitas viajaram por três dias sem água, e no caminho para ‘Ain Hawarah existem nascentes, das quais uma delas é ‘Ayun Musa. Bir-el-Murah, quatorze quilômetros ao leste de Suez, significa em árabe “o poço amargo”. No chão há depósitos de</p>

	gipsita, rica em enxofre, que causam o gosto amargo das águas. Não há fontes de água entre os Lagos Amargos e Bir-el-Murrah.
Arqueologia	A falta de água potável ao longo do istmo de Suez é reportada na história egípcia de Sinuhe ¹⁷⁷ : <p style="text-align: center;">“[...] an attack of thirst overcame me; I being parched, my throat being dry, and I thought, ‘this is the taste of death’.”</p> A história de Sinuhe mostra que, mesmo no Segundo Milênio a.C., havia falta de água doce nesta região. (HOFFMEIER, 2005, p. 159-163)
Cronologia	Chegada em Mará ¹⁷⁸ : entre o 9º e o 11º dia da saída do Egito. Data: entre 23 (sexta) e 25 (domingo) de Nissan de 2448. Saída de Mará para Elim ¹⁷⁹ : entre o 15º e 17º dia da saída do Egito. Data: entre 29 de Nissan (quinta) e 01 de Iyar (sábado) de 2448.

¹⁶⁹Berezin (1995, p. 402). O próprio texto da Bíblia Hebraica explica o significado e o motivo do nome: “E vieram a Mará e não puderam beber as águas de Mará porque eram amargas; portanto chamou seu nome Mará (amarga).” (Ex 15:23)

¹⁷⁰Clines (1993, Vol. 5, p. 480-1): “Be rebellious”.

¹⁷¹Kaplan (1981, p. 330). Ibn Ezra identifica o deserto de Etam com Shur, em comentário sobre Ex 13:20 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 300). Segundo Landa (1996, p. 11), são dois desertos distintos e adjacentes um ao outro. Maiores detalhes sobre Etam e o deserto de Shur no Capítulo 6, item 3.

¹⁷²Robinson (1901, p. 422-423).

¹⁷³Davies (2009, p. 84); Moskovitz (1988); Levine (2000, p. 517); Clines (op. cit.); Hoffmeier (2005, p. 159-163); Cole (2000, p. 521); Propp (2000, p. 747).

¹⁷⁴Kaplan (op. cit.).

¹⁷⁵Har-El (1983, p. 353).

¹⁷⁶Kitchen (2006, p. 269).

¹⁷⁷Papiro Anastasi V (ver Capítulo 6, item 2). (BLACKMAN, A. M., *Middle Egyptian Stories*, Bibliotheca Aegyptiaca 2, Brussels, Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1932, p. 13, em HOFFMEIER, 2005, p. 159-163).

¹⁷⁸Segundo Kantor (2007, p. 77), a chegada em Mará foi no dia 23 de Nissan. Segundo Kaplan (1981, p. 840); Hahn (1996, p. 114-5), foi no 24 de Nissan, e segundo Deutsch (2006, p. 19), no dia 25 de Nissan.

¹⁷⁹Os israelitas permaneceram seis dias em Mará e viajaram para Elim em Rosh Chodesh Iyar (30 de Nissan ou 01 de Iyar), (Yemot Olam to Seder Olam ch 5; Abarbanel em DEUTSCH, 2006, p. 26).

6.6. Elim

Hebraico	<p style="text-align: center;">אֵילִם 'elim</p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Ex 15:27, Nm 33:9
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Árvores, provavelmente palmeiras¹⁸⁰ (coqueiro e tamareira pertencem a esta família); carneiros¹⁸¹. • Local de Terebintos¹⁸² (árvore terebinto ou cornalheira). • Carneiro, chefe, soberano, frontispício¹⁸³. • Terebinto ou carneiro¹⁸⁴. • 'elah, 'elon e similares – árvores¹⁸⁵.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Wadi Gharandel¹⁸⁶, 30 quilômetros a sudeste de 'Ain Hawarah. • el-'Arish, onde existem algumas nascentes de água e um local de tamareiras¹⁸⁷. • 'Ayun Musa¹⁸⁸. • Elath¹⁸⁹. • Nahal Piran (Wadi Feiran)¹⁹⁰. Possui muitas palmeiras e fontes. (Figura 8, Anexo II)
Fatos Relevantes	<p>Em Elim, encontraram doze fontes de água e setenta tamareiras (Ex 15:27, Nm 33:9).</p> <p>Rashi vê um significado nestes números: as doze fontes correspondem às doze tribos formadoras do povo de Israel, e as setenta tamareiras correspondem aos setenta sábios (Rashi sobre Ex 15:27, Mikraot Guedolot Meorot, Vol. 2, 1995, p. 355)</p> <p>Este local era ótimo para descanso. (Mekhilta em KAPLAN, 1981, p. 335)</p> <p>Após os incidentes ocorridos em Mará, este oásis com árvores, brisa e água doce era um banquete para os olhos. (DEUTSCH, 2006, p. 26)</p> <p>Lá encontraram apenas umas setenta palmeiras, e ainda muito pequenas e pouco carregadas de frutos, por causa da esterilidade</p>

	<p>da terra. Encontraram também umas doze fontes, mas tão reduzidas que, em vez de correr, apenas destilavam. Fizeram pequenos regos para recolher a água, mas quando cavavam as fontes, encontravam lama em lugar de areia, e quase nada de água. Acusaram Moisés de ser a causa dos seus males e tomaram pedras para apedrejá-lo, mas foram dissuadidos por palavras sábias de Moisés, que também rezou por compaixão e foi atendido. (JOSEFO, 2008, p. 156-7)</p> <p>A viagem de Marah para Elim foi curta, e não havia intenção de se acampar neste local, mas ao encontrarem doze fontes de água, como se fosse uma para cada uma das doze tribos, e setenta tamareiras, como se fosse uma para cada um dos setenta sábios, decidiram acampar neste local. (Baal HaTurim; Kli Yakar sobre Nm 33:9, Mikraot Guedolot Meorot, Vol. 4, p. 703)</p>
Cronologia	<p>Chegada em Elim¹⁷⁹: entre o 15º e o 17º dia da saída do Egito. Data: entre 29 de Nissan (quinta) e 01 de Iyar (sábado) de 2448.</p> <p>Saída de Elim para o Mar Vermelho¹⁹¹: entre o 26º e o 28º dia da saída do Egito. Data: entre 10 (segunda) e 12 (quarta) de Iyar de 2448.</p>

¹⁸⁰Davies (1968, p. 31).

¹⁸¹ibid., p. 40.

¹⁸²Kaplan (1981, p. 335).

¹⁸³Berezzin (1995, p. 15).

¹⁸⁴Clines (1993, Vol. 1, p. 213).

¹⁸⁵B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 1, p. 268)

¹⁸⁶Kaplan (op. cit.); Davies (2009, p. 83); Freedman (1992, Vol. 2, p. 469); Levine (2000, p. 518); B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 1, p. 268); Budd (1984); Cole (2000, p. 521); Moskovitz (1988); Kitchen (2006, p. 269); Prentice (1913, p. 243).

¹⁸⁷B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 1, p. 268)

¹⁸⁸Har-El (1983, p. 318, 355).

¹⁸⁹Prentice (1913, p. 243).

¹⁹⁰Schwartz (2003, p. 11-12).

¹⁹¹Segundo Deutsch (2006, p. 26), a permanência em Elim foi de 11 dias.

6.7. Mar Vermelho¹⁹²

Hebraico	<p>יָם סוּף</p> <p><i>yām sūp</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	<p>Nm 33:10-11.</p> <p>Outras ocorrências (sem relação direta com a abertura do mar, de Ex 14 e 15): Ex 10:19, 13:18, 23:31; Nm 14:25, 21:4; Dt 1:1, 1:40; 2:1; Jz 11:16; 1 Rs 9:26; Jr 49:21, Sl 106:7.</p>
Significado do Nome	<p><i>Yam</i> significa “mar, oceano, lago”; <i>Yam Suf</i> significa “Mar Vermelho”¹⁹³.</p>
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • A foz do Wadi Tayibah, 26 quilômetros ao sul do Wadi Gharandel¹⁹⁴. • Planície de Markha, próxima à cidade de Abu Zenimah¹⁹⁵.
História/ Geografia	<p>O caminho do oásis Gharandel para o sul passa realmente junto à costa, ao lado da atual Abu Zanima, e não há outro caminho que valha a pena nesta região. (MOSKOVITZ, 1988)</p> <p>O Golfo de Suez, entre a egípcia Jubal e a cidade de Suez, é a separação entre a Península do Sinai e a costa leste do Egito. O comprimento do Golfo é de aproximadamente 300 quilômetros, a largura máxima chega a 60 quilômetros e a profundidade máxima chega a 80 metros. O Golfo de Eilat está entre a egípcia Yatvah (Tiran) e Eilat, e separa a Península do Sinai e a Península Arábica. Seu comprimento é de aproximadamente 180 quilômetros, a largura máxima chega a 30 quilômetros e a profundidade máxima chega a 1250 metros. (B. MAZAR, <i>Encyclopaedia Mikrait</i>, 1982, Vol. 3, p. 695-700)</p>
Cronologia	<p>Chegada ao Mar Vermelho¹⁹¹: entre o 26º e o 28º dia da saída do Egito. Data: entre 10 (segunda) e 12 (quarta) de Iyar de 2448.</p> <p>Saída do Mar Vermelho para o Deserto de Sin¹⁹⁶: entre o 29º e o 30º dia da saída do Egito. Data sugerida: 13 (quinta) a 15 (sábado) de Iyar de 2448.</p>

¹⁹²Local de acampamento; a descrição do mar da travessia se encontra no Capítulo 6, item 4.4.

¹⁹³Berezin (1995, p. 275). Segundo Kaplan (1981, p. 305), há várias teorias sobre o motivo do nome “Mar Vermelho”: as cores dos seus juncos; os corais nas suas águas; as cores das montanhas ao seu redor; o brilho do céu refletindo nas águas; a antiga nação de Erythria, que possuía este nome devido à pintura vermelha no rosto de seus habitantes; a nação de Edom, cujo nome significa “vermelho”.

¹⁹⁴Davies (2009, p. 84).

¹⁹⁵Hoffmeier (2005, p. 163-165); Moskovitz (1988); Kitchen (2006, p. 271).

¹⁹⁶Segundo Ex 16:1, a chegada no deserto de Sin foi no dia 15 de Iyar do segundo mês após a saída do Egito. Conseqüentemente, podemos supor que a saída do acampamento do Mar Vermelho em direção ao Deserto de Sin tenha ocorrido no mesmo dia, ou mesmo um dia antes da chegada ao deserto de Sin.

6.8. Deserto de Sin

Hebraico	<p>מִדְבַּר־סִין</p> <p><i>midbar sîn</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Ex 16:1, 17:1; Nm 33:11-12.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • O nome parece se originar de Sinai¹⁹⁷. • No início seu nome era Sin, depois foi chamado Sinai. Foi acrescentada uma letra <i>yud</i> (י), que tem valor numérico dez, por causa do recebimento dos dez mandamentos. O nome Sin (סין) tem valor numérico 120, que é o número de dias que Moisés ficou sobre o Monte Sinai¹⁹⁸.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Planície de Debet er-Ramleh¹⁹⁹, ao longo do Sinai. • Planície de al-Markha²⁰⁰. • O setor nordeste do Golfo de Suez²⁰¹.
Fatos Relevantes	<p>Acontecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O povo reclama com Moisés e Aarão de fome. (Ex 16:2-3) • Um bando de codornizes cobre o acampamento. (Ex 16:13) • Começa cair a <i>maná</i>. (Ex 16:13-36) <p>Segundo Rashbam (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 362), Rashi (ibid., p. 362) e Nahmânides (ibid., p. 363-4), neste local, toda a comida trazida pelos filhos de Israel do Egito se acabou. As reclamações contra Moisés e Aarão foram decorrentes deste fato. Para Nahmânides, o teor das reclamações também estava relacionado ao cansaço do povo, devido aos trinta dias de perambulações pelo deserto. (Segundo Deutsch, 2006, p. 29, isto ocorreu em Alush).</p>
História/ Geografia	O único lugar da Península do Sinai onde a umidade relativa se aproxima de 70% é em Suez. Nas demais regiões, longe da costa do Mediterrâneo, a umidade relativa fica entre 20 e 40%. Sendo assim, o orvalho só se forma próximo a Suez ou na costa do Mediterrâneo. Além disso, na foz da nascente de Jebel Er-Rahah, como também em Jebel Sumar, há uma relativa profusão de

	<p>bosques de tamaricáceas, apesar da erosão provocada pela pastagem dos camelos e os cortes efetuados pelos beduínos. É neste local que o <i>maná</i> foi recebido, envolto em orvalho. (HAR-EL, 1983, p. 318-9)</p>
Cronologia	<p>Chegada no Deserto de Sin²⁰²: 30º dia da saída do Egito. Data: 15 (sábado) de Iyar de 2448.</p> <p>A maná começou a cair no domingo, dia 16 de Iyar de 2448²⁰³.</p> <p>Saída do Deserto de Sin para Dofca²⁰⁴: aproximadamente no 32º dia da saída do Egito. Data aproximada: 17 (segunda) de Iyar de 2448.</p>

¹⁹⁷Har-El (1983, p. 318-319).

¹⁹⁸Baal HaTurim sobre Nm 33:11 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 703).

¹⁹⁹Kaplan (1981, p. 335); Freedman (1992, Vol. 6, p. 47); B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 5, p. 1019); Cole (2000, p. 522).

²⁰⁰Hoffmeier (2005, p. 164-5); Kitchen (2006, p. 271).

²⁰¹Har-El (op. cit.).

²⁰²A chegada ao deserto de Sin em 15 de Iyar é confirmada pelas seguintes fontes: Ex 16:1; Sefer HaYashar (2001, p. 205); Kaplan (1981, p. 335); Kantor (2007, p. 77); Ibn Ezra sobre Ex 16:1 (em nome do Gaon R. Saadia in Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 363). Ibn Ezra (ibid.) confirma que o dia 15 de Iyar de 2448 foi um sábado (*shabat*), e foram quatro dias ou mais de permanência neste local. Algumas fontes acreditam que a chegada a Alush foi neste dia, 15 de Iyar: Nm 33:13; Deutsch (2006, p. 28); Nahmânides sobre Ex 16:1 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 363); Baal HaTurim sobre Nm 33:13 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 703). Com respeito à chegada no sábado, Deutsch (2005, p. 27-8) afirma: "The question is when the Jews received the mitzvah of Shabat, what part of the laws they received and how long after Moshe received the instructions did he rely them to the Jews".

²⁰³Talmud Shabat 87b, citado por Rashi (comentário sobre Ex 16:1, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 363); Deutsch (2006, p. 41-2).

²⁰⁴Chegada no deserto de Sin em 15 de Iyar; chegada em Refidim em 23 de Iyar. Sendo assim, nestes nove dias de permanência neste deserto, houveram três acampamentos: Sin, Dofca e Alush. Em média, seriam três dias em cada lugar: dias 15, 16 e 17 em Sin; dias 18, 19 e 20 em Dofca; e dias 21, 22 e 23 em Alush, e no dia 23 há a viagem para Refidim.

6.9. Dofca

Hebraico	<p>דֹפְקָא</p> <p><i>dopqâ</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:12
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Conduzir gado, bater ou bater na porta²⁰⁵. • Relacionado à <i>mfkt</i>, a palavra egípcia para turquesa²⁰⁶. • Forma feminina da raiz (דפק), que em árabe significa derramar, jogar água²⁰⁷.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Serabith el-Khadim²⁰⁸. • Wadi Maghara²⁰⁹, vinte quilômetros do Golfo de Suez.
Fatos Relevantes	<p>Baal HaTurim acredita que, em Dofca, ainda não havia sido dado o maná:</p> <p style="text-align: center;">“Lá seus corações sofreram, pois não havia pão (alimento)”. (comentário sobre Nm 33:12, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 703, tradução nossa)</p> <p>O maná só teria sido dado na próxima estação, em Alush.</p> <p>Os nomes das estações Dofca e Alush não aparecem no livro de Êxodo, onde há apenas referências às caminhadas:</p> <p style="text-align: center;">“E viajou toda a congregação dos filhos de Israel do deserto de Sin em suas jornadas, por dito do Eterno, e acamparam em Refidim [...]”. (Ex 17:1)</p> <p>Ibn Ezra afirma que as Escrituras relatam as viagens de forma resumida; do Deserto de Sin viajaram para Dofca, e de lá para Alush, e de Alush para Refidim. (comentário sobre Ex 17:1, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 389)</p>
História/ Geografia	As minas de Wadi Maghara, vinte quilômetros do Golfo de Suez, foram utilizadas regularmente desde cerca de 2700 a.C., apesar de que, durante o período do Novo Império, aparentemente só havia

	<p>exploração limitada das minas, a julgar pelo número de inscrições do período. (HOFFMEIER, 2005, p. 165-9)</p> <p>Davies (2009, p. 84) não concorda com a identificação de Dofca com Serabith el-Khadim ou Wadi Magara, já que não considera válida a relação entre Dofca e <i>mafqat</i>, a palavra egípcia para turquesa e a área de mineração do Sinai.</p>
Cronologia	<p>Chegada em Dofca²⁰⁴: aproximadamente no 33º dia da saída do Egito. Data aproximada: 18 (terça) de Iyar de 2448.</p> <p>Saída de Dofca para Alush²⁰⁴: aproximadamente no 35º dia da saída do Egito. Data aproximada: 20 (quinta) de Iyar de 2448.</p>

²⁰⁵BROWN, F.; DRIVER, S. R.; e BRIGGS, C. A. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament with an appendix containing the Biblical Aramaic*. Oxford: Clarendon Press, 1907, p. 200, em Hoffmeier (2005, p. 165-9). Esta palavra aparece poucas vezes na Bíblia Hebraica: em Gn 33:13 se aplica a conduzir rebanhos; em Ct 5:2 e em Jz 19:22 se aplica a “bater na porta”. Gn 33:13: “[...] e se as ovelhas e as vacas que têm cria se fatigarem um só dia, morrerá todo o rebanho”; Ct 5:2: “Ouço o som do meu amado batendo à porta. [...]” (ROSENBERG, A. J. *Cântico dos Cânticos*. Tradução e Compilação por Adolpho Wasserman. São Paulo: Maayanot, 2003, p. 63); Jz 19:22: “[...] os homens d’ aquela cidade cercaram a casa, batendo á porta; [...]”.

²⁰⁶Freedman (1992, Vol. 2, p. 222-3); Hoffmeier (2005, p. 168).

²⁰⁷B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 2, p. 700).

²⁰⁸Levine (2000, p. 518); Cole (2000, p. 522); Freedman (1992, Vol. 2, p. 222-3); Hoffmeier (op. cit., p. 165-9). Segundo Hoffmeier (ibid.), Dofca eventualmente pode se localizar na área de Serabit el-Khadim, principalmente devido à similaridade com a palavra egípcia *mfk’it*, turquesa. (KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*. Leiden: Brill, 1985, p. 229).

²⁰⁹Hoffmeier (op. cit., p. 165-9).

6.10. Alush

Hebraico	<p>אַלוֹשׁ</p> <p>'ālûš</p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:13.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Toca, cova²¹⁰ de animal selvagem ou leão (ליש). • Cidade poderosa²¹¹. • Deriva da palavra <i>lushi</i>, que significa “misturar, amassar”²¹².
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Wady el-'Esh²¹³. • Assim como Dofca, Alush se localiza no deserto de Sin²¹⁴.
Fatos Relevantes	<p>O Talmud registra que Alush foi construída por Sheshai, um dos gigantes de Hebrom. (Nm 13:22; Talmud Yoma 10a em KAPLAN, 1981, p. 845; LANDA, 1996, p. 4)</p> <p>Alush não é uma cidade, apenas um nome de lugar. Esta Alush não deve ser a cidade construída por Sheshai (conforme Talmud Yoma 10a), porque não é comum a construção de cidades no deserto árido, onde não há água e é impossível produzir frutas e vegetais, e onde há perigos como cobras e escorpiões. (SCHWARTZ, 2003, p. 11)</p>
Cronologia	<p>Alguns comentaristas acreditam que a chegada a Alush foi em 15 de Iyar²⁰². Neste caso, os eventos descritos no Capítulo 6, item 8 – Deserto de Sin, teriam ocorrido em Alush.</p> <p>Chegada em Alush²⁰⁴: aproximadamente no 36º dia da saída do Egito. Data aproximada: 21 (sexta) de Iyar de 2448.</p> <p>Saída de Alush para Refidim²⁰⁴: aproximadamente no 38º dia da saída do Egito. Data aproximada: 23 (domingo) de Iyar de 2448.</p>

²¹⁰Davies (1968, p. 40).

²¹¹Targum Yonathan em Kaplan (1981, p. 845).

²¹²Misturar e amassar é uma alusão à massa do pão. Devido ao mérito de Abraão, ao preparar pão para suas visitas (os três anjos de Gn 18), os seus descendentes receberam o *maná*. (Bereshit Rabbah 48:12 em DEUTSCH, 2005, p. 27-28).

²¹³Freedman (1992, Vol. 1, p. 167); Durham (1987, Vol. 3); Hoffmeier (2005, p. 169-171).

²¹⁴Parece que as duas estações, Dofca e Alush, se encontram no Deserto de Sin, conforme os Sábios confirmam: “É no deserto de Sin, que é o Deserto de Alush” (Ber.Rab. 48:12 em Moskovitz, 1988).

6.11. Refidim (Massá e Meribá)

Hebraico	<p>רִפְדִּים</p> <p><i>repídîm</i></p>
Nome Alternativo	<p>מַסָּה וּמְרִיבָה</p> <p><i>massâ ûmëribâ</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Ex 17:1; Nm 33:14. (Massa e Meribá: Ex 17:7)
Significado do Nome	<p>Refidim:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Refrescar ou fortalecer²¹⁵. • A palavra <i>refidim</i> parece derivar da raiz <i>rpđ</i>, que significa ajuda, suporte; parece refletir a ajuda Divina necessária para derrotar os amalequitas²¹⁶. • O nome <i>Refidim</i> é remanescente de <i>rifyon yadayim</i>, que significa literalmente “fraqueza das mãos” ou “incapacidade”. Em outras palavras, uma deterioração²¹⁷. <p>Masá Umribá:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Teste e disputa²¹⁸. • Masá significa teste, para lembrar que os israelitas testaram a Deus; Umribá significa disputa, para lembrar que os israelitas discutiram continuamente com Moisés. O teste foi, obviamente, uma ofensa maior que a discussão²¹⁹.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Wadi Rephayad²²⁰. • Parte superior do Oásis de Feiran, a parte mais fértil do Sinai, ou o estreito desfiladeiro de el-Watiya, quarenta quilômetros de Feiran²²¹. • Wadi Mukattab ou na parte norte do Wadi Feiran²²². • Wadi Feiran²²³. (Figura 8, Anexo II) • Entre os desertos de Sin e Sinai. Entre o Wadi Suder e o leste de ‘Ayun Musa. Nesta região, há poços que secam nos anos de aridez²²⁴.

Fatos Relevantes	<p>Acontecimentos (Ex 17):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reclamações do povo devido à falta de água. (Ex 17:1-4) • Moisés bate numa pedra com seu cajado e sai água, na presença dos sábios. (Ex 17:5-6) • O local recebe o nome de Masá Umrivá – teste e disputa – já que o povo testou a Deus e discutiu com Moisés. (Ex 17:7) • Ataque de Amalek, vitória de Israel. (Ex 17:8-13) (Durante a batalha, Moisés fez o sol parar no céu, adiando a chegada da noite, segundo Deutsch (2006, p. 123); os israelitas saíram vitoriosos, mas não conseguiram destruir completamente os amalequitas, segundo Abarbanel (em Deutsch, <i>ibid.</i>, p. 125). • Promessa da guerra contra o povo de Amalek em cada geração e de sua futura destruição. (Ex 17:14) • Moisés constrói um altar comemorativo e de agradecimento devido à vitória contra os amalequitas. (Ex 17:15-16)
Cronologia	<p>Chegada em Refidim²²⁵: 38º dia da saída do Egito. Data: 23 (domingo) de Iyar de 2448.</p> <p>O ataque de Amalek²²⁶ ocorreu em 29 (sábado) de Iyar de 2448.</p> <p>Saída de Refidim para Sinai²²⁷: 45º dia da saída do Egito. Data: 01 (domingo) de Sivan de 2448.</p>

²¹⁵Davies (1968, p. 602).

²¹⁶Hoffmeier (2005, p. 169-171).

²¹⁷O sentido de deterioração refere-se à conexão do povo com a *Torá*. Eles negligenciaram o estudo e a observação dos mandamentos recebidos em Mará. (Sanhedrin 106a com Maharsha; Rif sobre Shabbos 118a; Targum Yonatan; Sechel Tov sobre Ex 17:1 em DEUTSCH, 2006, p. 83; Ohr HaHaim sobre Ex 17:1 in Mikraot Gedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 389). Como resultado, enfrentaram dois testes em Refidim: falta de água potável e um ataque traiçoeiro dos amalequitas. (Rashi sobre Sanhedrin 106a; Bechorot 5a; Targum Yonathan, em DEUTSCH, 2005, p. 83).

²¹⁸Freedman (1992, Vol. 5, p. 677-8).

²¹⁹Mekhilta; Targum Yonathan; Ibn Ezra sobre Ex 17:7; Sifri Beha'aloscha em Deutsch (2006, p. 88).

²²⁰Ramban 17:5 em Kaplan (1981, p. 845); Levine (2000, p. 518); Davies (2009, p. 84); Cole (2000, p. 522); Budd (1984, Vol. 5); Freedman (1992, Vol. 5, p. 678); B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 7, p. 425-6).

²²¹Kaplan (op. cit., p. 341).

²²²Kitchen (2006, p. 270-271).

²²³Hoffmeier (op. cit.); Moskovitz (1988); Levine (2000, p. 518); Prentice (1913, p. 243); B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 7, p. 425-6).

²²⁴Har-El (1983, p. 319, 356-359).

²²⁵Seder Olam 5 em Kaplan (op. cit., p. 845); Deutsch (2006, p. 83).

²²⁶Panim Yafot Beshalach em Deutsch (op. cit., p. 110). Sendo que o dia religioso começa ao anoitecer, o ataque deve ter se iniciado na sexta-feira, dia 28 de Iyar.

²²⁷Segundo Deutsch (op. cit., p. 97), a permanência em Refidim foi de uma semana, e após este período, os filhos de Israel viajaram direto para o Sinai. O mês judaico de Iyar possui 29 dias. A saída de Refidim e a chegada no Sinai foram no dia 1 de Sivan segundo Seder Olam 8 em Kaplan (op. cit.); Deutsch (op. cit., p. 135); Baal HaTurim sobre Ex 19:1 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 439).

6.12. Deserto do Sinai

Hebraico	<p style="text-align: center;">מִדְבַּר סִינַי</p> <p style="text-align: center;"><i>sînay</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	<p>Ex 19:1-2, Nm 33:15-16.</p> <p>Outras ocorrências de Sinai: Ex 16:1; 19:11, 18, 20, 23; 24:16; 31:18; 34:2, 4, 29, 32; Lv 7:38; 25:1; 26:46; 27:34; Nm 1:1, 19; 3:1, 4, 14; 9:1, 5; 10:12; 26:64; 28:6; Dt 33:2; Jz 5:5; Ne 9:13; Sl 68:8, 17.</p> <p>Ocorrências de Horebe: Ex 3:1; 17:6; 33:6; Dt 1:2, 6, 19; 4:10, 15; 5:2; 9:8; 18:16; 29:1; 1 Rs 8:9; 19:8; 2 Cr 5:10; Sl 106:19; MI 4:4.</p> <p>Ocorrências de “Monte de Deus”: Ex 4:27; 18:5; 24:13; Sl 68:16.</p>
Significado do Nome	<p>Horebe:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O nome Horebe parece significar “deserto, abandonado²²⁸”. • Horebe aparentemente deriva da raiz <i>hrb</i>, que significa “seca²²⁹”. <p>Sinai:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O nome Sinai pode ser derivado da sarça ardente (Ex 3:2), chamada de “<i>s^eneh</i>” (הסנה)²³⁰. • Pode haver uma relação entre a palavra hebraica Sinai e o nome egípcio da cidade de Pelusium, Tell Farama, no norte do Sinai. Pelusium é o nome grego, que significa “cidade do barro”, que pode ser derivado do termo egípcio <i>sin</i>, que significa “mud of clay”²³¹. • A origem do termo Sinai pode estar relacionada com o nome da divindade lunar da Mesopotâmia Sin, uma palavra acádia²³².
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Jebel Halal²³³. • Jebel Musa²³⁴. (Figura 7, Anexo II) • Jebel Serbal²³⁵. • Jebel Safsafah²³⁶. • Jebel Sin Bisher²³⁷, no Wadi Suder. • Har Karkom²³⁸.

	<ul style="list-style-type: none"> • Jebel El Lawz²³⁹, na Península Árábica.
Fatos Relevantes	<p>Acontecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Visita de Jetró, sogro de Moisés. (Ex 18) - Escolha de líderes do povo – juízes e guardas. (Ex 18:21-26) - A entrega dos Dez Mandamentos. (Ex 19:16-20:23) - Moisés permanece no topo da montanha por três períodos de 40 dias cada. (Primeiro período: subida em Ex 24:12-18 – 7 de Sivan – e descida em Ex 32:15 – 17 de Tamuz; Segundo período: subida em Ex 32:30-31 – 18 de Tamuz a 29 de Av; Terceiro período: subida em Ex 34:4 – 30 de Av – e descida em Ex 34:29 – 10 de Tishrê) (KANTOR, 2007, p. 77) - O pecado do bezerro de ouro. (Ex 32:1-6) - Construção do Tabernáculo e de seus utensílios. (Ex 39:32-43) - Primeiro censo e escolha dos líderes das Tribos. (Nm 1) - Organização do acampamento de acordo com as Tribos. (Nm 2) - Primeira Páscoa no deserto. (Nm 9:1-5) <p>Horebe também é o lugar para o qual o profeta Elias escapou da ameaça de Jezebel²⁴⁰. (1 Rs 19:8)</p>
História / Geografia	<p>O Sinai supera em altura todos os montes das províncias vizinhas e está tão cheio de escarpas por todos os lados que não somente é muito difícil lá subir como também não se poderia contemplá-lo sem temor, pois é crença comum que Deus lá habita, e este lugar mostra-se assustador e inacessível. (JOSEFO, 2008, p. 164)</p> <p>O Sinai não era considerado pelos faraós como parte do Egito. O Egito propriamente dito, ou seja, <i>kmt</i> ou a “Terra Negra” era composto pelo Vale do Nilo e pelo Delta, enquanto as regiões desérticas eram chamadas de “Terra Vermelha” (<i>dšrt</i>), o que também significava “terra estrangeira”. Áreas externas ao Vale do Nilo e ao Delta também eram conhecidas como <i>h3st</i>, significando “terra estrangeira” ou “deserto”. De fato, não havia um nome egípcio específico para toda a Península do Sinai. Parece que o nome Sinai</p>

também só se aplicava a uma area limitada, e não a península completa. Como e quando o nome Sinai passou a denominar toda a região é desconhecido. Para os escritores clássicos, Arábia é o nome dado para o Sinai. Possivelmente durante o período bizantino, o nome Bíblico Sinai substituiu o nome Arábia e se estendeu para toda a península.

A palavra Sinai é encontrada 35 vezes na Bíblia Hebraica, enquanto Horebe aparece 17 vezes. Monte Horebe, apenas uma vez. Har Sinai (Monte Sinai) é a utilização mais comum, 16 vezes. Deserto do Sinai ocorre 13 vezes, e a palavra Sinai isolada ocorre 6 vezes. (HOFFMEIER, 2005, p. 37-40)

Os filhos de Israel acamparam no deserto do Sinai por cerca de um ano. Aparentemente, o deserto do Sinai não seria apenas próximo ao deserto de Sin e ao Egito, mas seria também um grande deserto com numerosas fontes de água e pastos, e terra suficientemente boa para suportar um povo deste tamanho. (HAR-EL, 1983, p. 321-2)

O Monte Sinai não poderia se localizar no sul da península, já que os israelitas acamparam durante cerca de um ano, e os fatores geológicos, o solo e a vegetação desta região não suportam plantações ou pastos. As condições naturais do sul do Sinai tornam impossível a sobrevivência de um grande número de pessoas durante longos períodos, por falta de alimentos para os homens e os animais. Além disso, a parte sul do Sinai não se localiza na rota para Canaã e nem para Cadesh-Barnea; nem mesmo para Midian, para onde Moisés se dirigiu ao fugir do Egito (Ex 2:15) e de onde voltou (Ex 4:20). Segundo Ex 8:24, o Monte Sinai deve se localizar próximo ao Egito, já que o faraó pede a Moisés que não se distancie; a expressão recorrente “três dias de viagem” (Ex 5:3, 8:21, 16:22, Nm 10:33, 33:8), também evidencia a proximidade do Egito. As minas de cobre e turquesa do império egípcio se

	<p>localizavam no sul do Sinai, e seria ilógico para os israelitas deliberadamente entrarem em contato com o exército egípcio, que cuidava das minas. Dt 1:2 registra que são onze dias de viagem entre Horebe e Cadesh-Barnea, porém a distância até o sul do Sinai é bem maior, mais de 350 quilômetros. (ibid., 372-373)</p> <p>O Monte Sinai não pode se localizar no norte da Península do Sinai, devido aos seguintes fatores: não há, no norte, um “deserto grande e temível”, devido à proximidade com o Mediterrâneo; também não há a terra montanhosa dos amorreus (Dt 1:19). Não há falta de água no nordeste do Sinai, que é a região mais fértil para a agricultura de toda a península. Em Nm 11:5, os israelitas reclamam da falta de peixes (“Lembramo-nos do peixe que comíamos no Egito de graça”), quando próximo à costa do Mediterrâneo e lago Sirbonis há abundância de locais de pesca. Além disso, esta região é muito próxima do “Caminho da Terra dos Filisteus”, por onde os israelitas não devem ter passado. Dt 1:2 registra que são onze dias de viagem entre Horebe e Cadesh-Barnea através do Monte Seir; a distância da região norte para Cadesh-Barnea é muito curta, além de que o Monte Seir não se localiza nesta região. (ibid., p. 415-420)</p> <p>O Monte Sinai também não se localiza nas montanhas de Midian e Edom: a distância de Goshen (Egito) até Midian ou Edom seria cerca de 450 quilômetros, grande demais; e teríamos de ignorar algumas importantes estações intermediárias da rota, como o deserto de Shur, de Sin, de Paran e Mará. (ibid., p. 415-420)</p>
Cronologia	<p>Chegada no Sinai²⁴¹: 45º dia da saída do Egito. Data: 01 (domingo) de Sivan de 2448.</p> <p>Os Dez Mandamentos²⁴² foram dados em 06 (sábado) de Sivan de 2448.</p> <p>O Tabernáculo²⁴³ foi erguido em 25 de Kislev ou 01 de Adar de 2449.</p>

	Saída de Sinai para Kibrot-Hataavá: 389º dia da saída do Egito, que corresponde a 1 ano, 1 mês e 5 dias. Data: 20 de Iyar de 2449 ²⁴⁴ .
--	--

²²⁸Levine (2000, p. 518).

²²⁹Encyclopaedia Judaica (1997).

²³⁰*Cassia obovata*, segundo KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*. Leiden: Brill, 1985, p. 760, em Hoffmeier (2005, p. 37-40).

²³¹Gardiner (1918, p. 253-254).

²³²KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*. Leiden: Brill, 1985, p. 751, em Hoffmeier (2005, p. 37-40).

²³³Aharoni (1979, p. 198-9).

²³⁴Bright (2000, p. 125); Davies (2009, p. 63-69); Kitchen (2006, p. 270).

²³⁵Kitchen (2006, p. 270); Hoffmeier (2005, p. 122-148).

²³⁶Hoffmeier (2005, p. 122-148).

²³⁷Har-El (1983, p. 415-420); Cole (2000, p. 523).

²³⁸Anati (2001).

²³⁹WYATT, Ronald; FASOLD, David. *Anchor Stone International*, disponível em:

<<http://anchorstone.com/real-mt.-sinai/newsletter-06-january-1994.html>>, acesso em: 30/06/2009.

²⁴⁰"Levantou-se, pois, e comeu e bebeu. E com a força daquela comida caminhou quarenta dias e quarenta noites até H'orev, o monte de D'us." (1 Rs 19:8 em BLAU, Avraham. *O Livro dos Reis I*. São Paulo: Maayanot, 1997, p. 132)

²⁴¹Seder Olam 8 em Kaplan (1981, p. 845); Kantor (2007, p. 77); Deutsch (2006, p. 135); Baal HaTurim sobre Ex 19:1 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 2, p. 439).

²⁴²Kantor (2007, p. 77); Shabbos 88a Rabbanan em Deutsch (2006, p. 139).

²⁴³Kantor (2007, p. 77).

²⁴⁴Seder Olam 8 em Kaplan (1981, p. 845); Mechilta; Lekach Tov sobre Ex 19:2 em Deutsch (2006, p. 141). Segundo Deutsch, os filhos de Israel permaneceram no Sinai durante 344 dias. Se fossem mais dez dias, teriam permanecido por um ano completo, de 01 de Sivan de 2448 a 01 de Sivan de 2449, conforme Rashi sobre Números 10:11: "Hence, you say that they spent twelve months minus ten days at Horeb, for on the first day of [the month of] Sivan, they encamped there, and did not travel until the twentieth of Iyyar of the following year." (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 176. Tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9938/showrashi>true>, acesso em: 25/08/2009).

(Um ano judaico/lunar tem 354 dias, segundo *The Jewish Calendar*, in *Web Exhibits*, disponível em: <<http://www.webexhibits.org/calendars/calendar-jewish.html>>, acesso em: 24/08/2009). Como chegaram no Sinai no 45º dia após a saída do Egito, e permaneceram por 344 dias, o dia da saída do Sinai é o 389º dia desde a saída do Egito. Como o calendário judaico possui 354 dias, 389 dias correspondem a 1 ano e 35 dias, ou seja, aproximadamente 1 ano, 1 mês e 5 dias.

6.13. Kibrot Hataavá

Hebraico	<p>קִבְרוֹת הַתְּאֵוָה</p> <p><i>qibrōt hatta'awāh</i></p>
Nome Alternativo	<p>תַּבְעֵרָה</p> <p><i>tab'erah</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	<p>Nm 10:12, 33:16-17; Dt 1:1, 9:22.</p> <p>Taberá: Nm 11:3</p> <p>Kibrot Hataavá: Nm 11:34-5</p>
Significado do Nome	<p>Taberá:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Incêndio, fogo, desastre, desgraça²⁴⁵. <p>Kibrot Hataavá:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sepulcro dos Desejosos²⁴⁶. • Sepulcros da Concupiscência²⁴⁷. • Graves of Craving²⁴⁸. • The graves of those who lusted²⁴⁹.
Localização	<p>Kibrot Hataavá fica no deserto de Paran²⁵⁰.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Oásis de Feiran²⁵¹. (Figura 8, Anexo II) • Rueiss el-Ebeiring²⁵². • Talvez na zona quente e seca ao redor da curva do Wadi Sa'l e Wadi Murra²⁵³. • Rigm al-Fased²⁵⁴. • Cadesh-Barnea²⁵⁵.
Fatos Relevantes	<p>Acontecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reclamações do povo são punidas com um fogo que consumiu as extremidades do acampamento (Nm 11:1-4). • Escolha dos setenta sábios que recebem o dom da profecia. (Nm 11:16-17; 24-25) • O povo reclama da falta de carne e recebe as codornizes. Uma praga severa mata muitas pessoas. (Nm 11:4-6; 31-34).

<p>História / Geografia</p>	<p>Parece que Taberá e Kibrot Hataavá são o mesmo acampamento. Pode ser também que sejam dois lugares diferentes, porém na mesma estação: um lugar onde houve o fogo, e outro onde houve os enterros. Kivroth Hataavah, Chatserot e Ritma, entre outros lugares, se localizam no Deserto de Paran. Também é possível que Deserto de Paran seja um nome genérico dado aos desertos que se localizam ao sul e leste do Monte Seir. (MOSKOVITZ, 1988)</p> <p>As fronteiras do Deserto de Paran são: ao sul, o norte do planalto de Et-Tih; ao norte, Kadesh-Barnea; na direção leste-oeste, se estende da fronteira de Midian até a fronteira do Egito. (HAR-EL, 1983, p. 322-324)</p> <p>Ao contrário do que ocorre com o deserto do Sinai, que é lembrado somente devido aos eventos ocorridos no Monte Sinai, o deserto de Paran é mencionado em conexão com outros eventos: no episódio da fuga de Hagar com Ismael (Gn 21:21); na fuga de Adad, rei de Edom, do rei David (1 Rs 11:18) e na fuga de David do rei Saul (1 Sm 25:1). (AHARONI, 1979, p. 167-169).</p>
<p>Cronologia</p>	<p>Chegada em Kibrot-Hataavá²⁵⁶: 392º dia da saída do Egito, que corresponde a 1 ano, 1 mês e 8 dias. Data: 23 de Iyar de 2449.</p> <p>Saída de Kibrot-Hataavá para Chatserot²⁵⁷: 422º dia da saída do Egito, que corresponde a 1 ano, 2 meses e 9 dias. Data: 22 de Sivan de 2449.</p>

²⁴⁵Berezzin (1995, p. 659). O próprio texto de Nm 11:1-3 explica o motivo deste nome: “E o povo queixava-se da má sorte aos ouvidos do Eterno. E escutou o Eterno e ascendeu-se Sua ira, e ardeu neles fogo do Eterno e queimou parte dos indignos que havia no acampamento. E chamou o povo a Moisés, e orou Moisés ao Eterno, e apagou-se o fogo. E chamou o nome daquele lugar Taberá, porque ardeu entre eles o fogo do Eterno.”

²⁴⁶Melamed (2001, p. 422). O povo reclama da falta de carne (Nm 11:4-6) e recebe os quails. Uma praga severa mata muitas pessoas, que são enterradas naquele lugar; (Nm 31-34) o lugar em que foram sepultados aqueles que desejaram carne.

²⁴⁷Josefo (2008, p. 190). Josefo também chama o local de Chibrotaba.

²⁴⁸Kaplan (1981, p. 710).

²⁴⁹Ancient Tales from Sefer Hayashar (2001, p. 210).

²⁵⁰Conforme Nm 10:12; Rashi sobre Nm 10:12 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 176).

²⁵¹Paran é evidentemente um nome genérico para os desertos do sul da Península do Sinai. O principal oásis do sul da península, Feiran, evidentemente preserva o nome antigo do deserto de Paran. (AHARONI, 1979, p. 167-169); Paran deve ser o antigo nome de toda a Península do Sinai, já que Feiran (= Paran) é o nome do principal oásis do sul do Sinai. (MILGROM, 1996).

²⁵²Freedman (1992, Vol. 4, p. 36).

²⁵³Kitchen (2006, p. 272-273).

²⁵⁴Davies (2009, p. 88).

²⁵⁵Ibn Ezra sobre Nm 33:16 (Mikraot Guedolot Meorot, Vol. 4, p. 702); Landa (1996, p. 16).

²⁵⁶Segundo Kaplan (1981, p. 710), foram 3 dias de viagem do Sinai para Kibrot Hataavá.

²⁵⁷Segundo Nm 11:19-20, quando foi feita a promessa aos israelitas do recebimento de carne, esta foi prometida por um período de trinta dias: “Não comereis um dia, nem dois dias, nem cinco dias, nem dez dias e nem vinte dias; porém um mês [...]”. Isto significa que os israelitas estiveram acampados neste local por pelo menos trinta dias. 392 dias + 30 dias = 422 dias, que correspondem a 1 ano, 2 meses e 9 dias, já que o mês judaico de Iyar possui somente 29 dias. Kaplan (1981, p. 721-3) confirma que a chegada a Chatserot foi em 22 de Sivan.

6.14. Chatserot

Hebraico	<p>חֲצֵרוֹת</p> <p><i>hăṣērôt</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 11:35, 12:16, 33:17-18, Dt 1:1
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • חצר = pátio, quintal, aldeia²⁵⁸. • Pequenas aldeias abertas, sem muralhas²⁵⁹. • Parque, cercado, colônia, pátio ou aldeia²⁶⁰. • Cercado²⁶¹ feito por um muro baixo de pedras onde são inseridos fardos de acácia espinhosa; os galhos emaranhados e as longas pontas como agulhas formam uma cerca impenetrável em torno do local que o cercado protege. São cercados comuns no deserto de Paran.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • ‘Ain Khadra²⁶². • ‘Ain el-Hudhera ou Wady Hudeirat²⁶³. • Bir et-Themmed²⁶⁴. • ‘Ain Hutzrah²⁶⁵. • Vilarejo Hatzirah²⁶⁶. • ‘Ain al-Hazar²⁶⁷.
Fatos Relevantes	<p>Acontecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Miriam e Aarão falam contra Moisés. Miriam é punida com uma praga, que a deixou sete dias de quarentena e, durante este período, os israelitas não viajaram. (Nm 12; KAPLAN, 1981, p. 721-3; Ancient Tales from Sefer Hayashar, 2001, p. 211) • A rebelião de Côrach (Nm 16; a rebelião ocorreu em Chatserot segundo Rashi sobre Dt 1:1, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 5, p. 6; KAPLAN, 1981, p. 721-3) <p>Segundo Landa (1996, p. 16), Chatserot está no plural porque são dois lugares. Os filhos de Israel passaram por um deles e acamparam no outro, ao saberem da quarentena de Miriam.</p>

História / Geografia	Kibrot Hataavá, Chatserot e Ritma, entre outros lugares, se localizam no Deserto de Paran, segundo Moskovitz (1988).
Cronologia	Chegada em Chatserot ²⁶⁸ : 422º dia da saída do Egito, que corresponde a 1 ano, 2 meses e 9 dias. Data: 22 de Sivan de 2449. Saída de Chatserot para Ritma ²⁶⁹ : 429º dia da saída do Egito, que corresponde a 1 ano, 2 meses e 16 dias. Data: 29 de Sivan de 2449.

²⁵⁸Davies (1968); Levine (2000, p. 519).

²⁵⁹“E as casas das aldeias que não têm muro ao redor, como os campos da terra serão consideradas...” (Lv 25:31); Moskovitz (1988).

²⁶⁰Freedman (1992, Vol. 3, p. 86-7).

²⁶¹“Fenced enclosures consisting of ‘a low wall of stones in which thick bundles of thorny acacia are inserted, the tangled branches and long needle-like spikes forming a perfectly impenetrable hedge around the encampment’ of tents and cattle which they sheltered. Such like enclosures abound in the wilderness of Paran, which the Israelites entered after leaving Sinai”. (EASTON, 1897)

²⁶²Kaplan (1981, p. 721-723); Aharoni (1979, p. 200); Freedman (1992, Vol. 3, p. 86-7); Levine (2000).

²⁶³Freedman (op. cit.); Clines (1993, Vol. 3, p. 298); Cole (2000, p. 523); Easton (1897); Budd (1984, Vol. 5); Milgrom (1996); Moskovitz (1988); Kitchen (2006, p. 271); Davies (2009, 85).

²⁶⁴Freedman (op. cit.);

²⁶⁵B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 3, p. 277)

²⁶⁶ibid.

²⁶⁷Davies (2009, 88).

²⁶⁸Kaplan (1981, p. 721-3) confirma que a chegada a Chatserot foi em 22 de Sivan (segundo Taanit 29a; Chizzkuni).

²⁶⁹Segundo Kaplan (id.), a saída de Chatserot foi em 29 Sivan (Taanit 29a; Seder Olam Rabah 8), exatamente uma semana de permanência, devido à quarentena de Miriam (Nm 12).

6.15. Ritmá

Hebraico	<p>רִתְמָה</p> <p><i>ritmāh</i></p>
Nome Alternativo	<p>קָדֵשׁ בַּרְנֵעַ</p> <p><i>qādeš barnēa'</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	<p>Ritmá: Nm 33:18-19.</p> <p>Cadesh-Barnea: Nm 32:8; 34:4; Dt 1:2, 19; 2:14; 9:23; Js 10:41; 14:6-7; 15:3.</p> <p>Cadesh: Gn 14:7 (En-Mispate que é Cades); 16:14; 20:1; Nm 13:26; Dt 1:46; Sl 29:8; Ez 47:19, 48:28.</p>
Significado do Nome	<p>Ritmá:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nome de uma planta: giesta ou zimbro²⁷⁰. • Este nome foi dado devido à difamação dos espiões. O Salmo 120 compara a “língua enganadora” com flechas agudas e brasas de zimbro²⁷¹. • Provavelmente neste local havia muitas giestas/zimbros²⁷². <p>Cadesh-Barnea:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Cadesh</i> significa “sagrado, santo²⁷³”, mas o significado de Barnea é desconhecido. Um significado proposto seria “santuário no local do conflito²⁷⁴”.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • ‘Ain el-Quḏeirāt no Wadi el-‘Ain²⁷⁵. (Figura 6, Anexo II) • ‘Ain Qadeis²⁷⁶. • Beer Um Ratam²⁷⁷, noroeste de Ovdath. • Rekem Ge'a²⁷⁸. • Beer Sheba²⁷⁹. Gerar, Beer Sheba e Cadesh Barnea seriam o mesmo lugar.
Fatos Relevantes	<p>Ritma era um bosque de crescimento de árvores, de um lado <i>retamim</i> (giestas, segundo Berezzin, 1995, p. 613), e de outro, <i>elonim</i> (carvalhos, <i>ibid.</i>, p. 19); este local, o bosque, ficava um pouco longe da cidade, a um dia de distância. (LANDA, 1996, p. 25).</p>

	<p>Acontecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os espiões e o decreto de 40 anos no deserto. (Nm 13, 14) • Alguns arrependidos tentam invadir a terra de Canaã, mas são derrotados pelos amalekitas e cananitas. (Nm 14:40-45) • Permanência de 19 anos neste local²⁸⁰. (Dt 1:46) <p>Segundo Landa (1996, p. 5), Cadesh Barnea está ao norte de Ritmá.</p> <p>Ritmá é Cadesh Barnea, segundo Schwartz (2003), p. 9; Kaplan (1981), p. 845; Nahmânides:</p> <p>“A viagem foi de Hatzeroth, no deserto de Paran, para Cadesh Barnea, no mesmo deserto de Paran. De lá foram enviados os espiões (13:26). O deserto de Paran foi lembrado para que esta Cadesh Barnea, do deserto de Paran, não seja confundida com a Cadesh do deserto de Zin, onde houve a disputa de Mei Meribah, no ano 40. O local onde foi falado ‘[...] e permaneceram em Cadesh por muitos dias’ é Cadesh Barnea, no deserto de Paran, de onde foram enviados os espiões, no segundo ano; mas Cadesh é no deserto de Zin, onde chegaram no 40º ano, onde faleceu Miriam”. (Ramban sobre Nm 20:1, in Mikraot Guedolot Meorot, Vol. 4, p. 145, tradução nossa.)</p> <p>Em Nm 32:8, há também a confirmação de que os espiões foram enviados a partir de Cadesh Barnea:</p> <p>“Assim fizeram vossos pais quando os enviei de Cadesh Barnea para ver a terra”.</p>
História / Geografia	<p>Cadesh Barnea (Figura 6, Anexo II) se localiza no deserto de Tsin, num local que também pertence ao deserto de Paran (Nm 13:26). Existem opiniões que dizem que sua localização está na fronteira entre os dois desertos, mas parece que o deserto de Paran é o nome de um território mais abrangente, do qual faz parte o deserto de Tsin. Cadesh Barnea é identificada como o conjunto de fontes de ‘Ain el-Quḏeirah, ‘Ain el-Quzeima, ‘Ain Muvaylih e ‘Ain el-Qadeis, 75 quilômetros ao sul de Beer-Shebah. O nome é lembrado em ‘Ain el-Qadeis, a fonte mais ao sul de todas estas, uma fonte pequena num vale profundo, de difícil acesso, que nem seria levada em</p>

	<p>consideração por uma multidão, uma grande concentração de população. ‘Ain el-Quḍeirāt é uma fonte mais rica que alimenta um vale largo e campos férteis. (B. MAZAR, <i>Encyclopaedia Mikrait</i>, 1982, Vol. 7, p. 39-42)</p> <p>Provavelmente toda a região era chamada de Cadesh Barnea, mas este nome só foi preservado no oásis mais ao sul. Cadesh Barnea é o maior oásis ao norte da Península do Sinai, o mais importante ao norte do deserto de Paran (Feirân). Cadesh Barnea é identificado com Em-Mishpat. (AHARONI, 1979, p. 198)</p> <p>Cadesh Barnea deve estar próximo ao mar Mediterrâneo, na fronteira meridional da terra de Canaã; nesta região, os únicos oásis estão localizados em Quzeima – ‘Ain el-Quḍeirāt. (HAR-EL, 1983, p. 326-7)</p>
Arqueologia	<p>‘Ain el-Quḍeirāt é uma fonte mais rica que alimenta um vale largo e campos férteis, e lá foi descoberta uma fortaleza enorme da Idade do Ferro (Khirbet Kudirath), construída abaixo da fonte e governando os campos e as águas do vale, provavelmente dos séculos Nono ou Oitavo a.C., do tipo que os reis de Judá construíam. Lá também foram encontrados potes primitivos, feitos à mão, dos séculos Décimo - Terceiro ao Décimo a.C., e uma muralha de pedras provavelmente construída por pastores com data ainda não determinada. Percebe-se que na região da fortaleza dos tempos do reinado havia assentamentos mais antigos, mas suas datas precisas ainda não foram determinadas. Duas outras fortalezas ainda mais antigas que a de Khirbet Kudirath foram descobertas, uma na escarpa ao norte de ‘Ain el-Quḍeirāt, e outra ao norte de ‘Ain el-Qadeis. (B. MAZAR, <i>Encyclopaedia Mikrait</i>, 1982, Vol. 7, p. 39-42)</p>
Cronologia	<p>Chegada em Ritmá²⁸¹: 429º dia da saída do Egito, que corresponde a 1 ano, 2 meses e 16 dias. Data: 29 de Sivan de 2449.</p> <p>Data do envio dos espiões²⁸²: 29 de Sivan de 2449. Data de retorno</p>

	<p>dos espiões²⁸³: 8 de Av de 2449. Data do decreto de quarenta anos no deserto²⁸³: 9 de Av de 2449.</p> <p>Permanência de 19 anos neste local²⁸⁰.</p> <p>Saída de Ritmá para Rimon-Perets: aproximadamente 20º ano da saída do Egito. Data: 2468²⁸⁴.</p>
--	---

²⁷⁰Para Berezzin (1995, p. 613), **Giesta**. A giesta é um pequeno arbusto caducifólio de textura semi-lenhosa, que pode alcançar de 1,5 a 3 metros de altura. Seu nome botânico *Spartium*, deriva do gregos *spartion* e designa as plantas produtoras de fibras têxteis e empregadas para fazer ataduras. Seus ramos são finos, flexíveis, verdes e longos, lembrando juncos. As folhas são lanceoladas ou lineares, pequenas, afiladas e esparsas. É uma planta xerófila, com folhas adaptadas para reduzir a perda de água por transpiração. Para compensar a redução nas folhas, os ramos também apresentam função fotossintética. (*Giesta* em [Jardineiro.net](http://www.jardineiro.net), 2006, disponível em: <http://www.jardineiro.net/br/banco/spartium_junceum.php>, acesso em: 31/08/2009).

Para Blau (1997, p. 131-2), **zimbros**. “E ele foi ao deserto caminho de um dia e veio e se sentou debaixo de um zimbro [...]. E deitou-se e dormiu debaixo de um zimbro [...]”. (1 Rs 19:4-5). Zimbro (*Juniperus communis*), é uma árvore perene que pode ser encontrada por praticamente todo o hemisfério norte. Por estar amplamente distribuída, existem muitas subespécies de zimbro, sua altura é geralmente entre um e dois metros porém pode chegar a até dez metros. Possui folhas pontiagudas, verdes e firmes. Seus frutos são pequenos e redondos, semelhante à uva, de cor verde e ao amadurecer, depois de dois a três anos, adquirem uma coloração arroxeada. Os frutos do zimbro são indicados para problemas de ordem digestiva, problemas nos rins e na bexiga (dificuldade para urinar, etc). O fruto, quando maduro, tem propriedades anti-sépticas, diuréticas e tônicas. Infusão dos galhos e folhas são usados como xampú anti-caspa; também pode ser usado como repelente de insetos. Usado também para aromatizar bebidas alcoólicas (gin) e na culinária como tempero.

Nome em inglês: *juniper, cedar*. (Zimbro em [Fitoterapicos.net](http://www.fitoterapicos.net), 2006, disponível em: <<http://www.fitoterapicos.info/zimbro.php>>, acesso em: 31/08/2009).

Para B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 7, p. 442), **rotem** (*Retama raetam*). "Desert shrub of Syria and Arabia having small white flowers; constitutes the juniper of the Old Testament; sometimes placed in genus *Genista*". (*Rotem* em [WordNet](http://www.wordnet.princeton.edu), Princeton University, 2006, disponível em: <<http://dictionary.reference.com/browse/retama%20raetam>>, acesso em: 31/08/2009).

Para Davies (1968, p. 607), Levine (2000, p. 519) e Trumbull (1884, p. 155), **broom-plant**. Planta com flores amarelas que cresce em locais abandonados, desertos. O nome deriva da planta *rotem*, "broom plant" (Levine, 2000, p. 519). "Any of various Mediterranean shrubs of the genus *Cytisus* in the pea family, especially *C. scoparius*, having mostly compound leaves with three leaflets and showy, usually bright yellow flowers. Any of several similar or related shrubs, especially in the genera *Genista* and *Spartium*". (*Broom-plant* em [Answers.com](http://www.answers.com), 2009, disponível em: <<http://www.answers.com/topic/broom>>, acesso em: 31/08/2009).

²⁷¹Salmo 120:4: הַצִּי נְבוֹר שְׁנוּנִים עִם גְּחָלֵי רְתָמִים.

Salmo 120: "Na minha angústia clamei ao SENHOR, e me ouviu. SENHOR, livra a minha alma dos lábios mentirosos e da língua enganadora. Que te será dado, ou que te será acrescentado, língua enganadora? **Flechas agudas do poderoso, com brasas vivas de zimbro**. Ai de mim, que peregrino em Meseque, e habito nas tendas de Quedar. A minha alma bastante tempo habitou com os que detestam a paz. Pacífico sou, mas quando eu falo já eles procuram a guerra." (Tradução ACF Portuguesa Corrigida Fiel 1753/1995, software BibleWorks 5.0)

Rashi: "*Rithmah* Heb. רִיתְמָה named because of the slander of the spies, for it says, 'What can He give you, and what can He add to you, you deceitful tongue? Sharpened arrows of a mighty man, with coals of brooms מִי רִיתְמָה' (Sl 120:3-4). - [*Mid. Aggadah*]" (Rashi sobre Nm 33:18, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 705, tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9961/showrashi/true>, acesso em 28/08/2009. Baal HaTurim cita o mesmo comentário de Rashi: o nome Ritmah foi dado devido aos espiões, como foi dito: "sharpened arrows of a mighty man, with coals of brooms" (comentário sobre Nm 33:18, ibid., mesma tradução anterior).

²⁷²Targum Yonathan, 1 Rs 19:4; Jó 30:4 em Kaplan (1981, p. 845).

²⁷³Berezin (1995, p. 565); Freedman (1992, Vol. 5, p. 775); Hoffmeier (2005, p. 123).

²⁷⁴NOTH, Martin *Das Buch Joshua*, Handbuch zum Alten Testament 7. Tübingen: J. C. B. Moh, 1971, p. 150, em Hoffmeier (2005, p. 123).

²⁷⁵Aharoni (1979, p. 198); Freedman (1992, Vol. 5, p. 775); Har-El (1983, p. 326-7); B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 7, p. 39-42); Hoffmeier (2005, p. 123); Beth-Arieh (1988, p. 31).

²⁷⁶Davies (2009, p. 74-75).

²⁷⁷B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 7, p. 39-42).

²⁷⁸MacDonald (2000, p. 63-87).

²⁷⁹Landa (1996, p. 17). Gerar, Cadesh Barnea e Beer Sheba seriam o mesmo lugar. Gerar era o nome antigo, da época de Abraham (Gn 20:1-2; 26:1, 6, 17, 20, 26). Havia um bosque de zimbros/giestas próximo à cidade. Quando o nome da cidade era Beer Sheba, o bosque era chamado de Beer Sheba; quando o nome da cidade era Cadesh Barnea, deram o nome ao bosque de Ritma. Abraham e Isaac a chamavam de Beer Sheba, e estrangeiros que chegaram depois deles a chamavam de Cadesh Barnea. Os habitantes de Judá voltaram a chamá-la, após conquistarem a terra de Israel, de Beer Sheba, como seus patriarcas.

²⁸⁰Dt 1:46: "E estivestes em Cadesh muitos anos, igual ao total do número de anos que estivestes nos outros lugares"; Kaplan (1981, p. 845, 873); Kantor (2007, p. 78); Landa (1996, p. 19). Rashi: "And you dwelled in Kadesh many days: Nineteen years, as it says, 'as the days that you dwelled' in the other stations. They totaled thirty-eight years; nineteen of them were spent at Kadesh, and for nineteen years they were continually wandering about, and they returned to Kadesh, as it says, (Nm 32:13), 'And He made them wander about in the desert'-thus I have found in *Seder Olam* (ch. 8). (Comentário sobre Dt 1:46, in Mikraot Guedolot Meorot, Vol. 5, p. 39, tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9965/showrashi/true>, acesso em: 31/08/2009).

²⁸¹Kaplan (1981, p. 845).

²⁸²Kantor (2007, p. 78); Rashi sobre Dt 1:2: "It is eleven days journey from Horeb: Moses said to them: 'See what you caused! There is no shorter route from Horeb to Kadesh-Barnea than the way through Mount Seir, and even that is a journey of eleven days. But you traversed it in three days!' For they traveled from Horeb on the twentieth of Iyar, as it is said, 'And it came to pass in the second year, in the second month, on the twentieth of the month [... the children of Israel traveled...]' (Nm 10:11-12). And on the twenty-ninth of Sivan, they sent out the spies from Kadesh Barnea, (an interval of 40 days; cf. *Ta'anith* 29a). Subtract from them the thirty days they spent at Kivroth Hataavah (Nm 11:34), where they ate the meat a "month of days," and the seven days they spent at Hazeroth for Miriam to be confined [as a *mezora'ath*] (Nm 12:15); we find therefore, that this entire journey [from Horeb to Kadesh-Barnea] took [only] three days. And to such an extent did the Shechinah exert itself to hasten your arrival to the land of Canaan, but because you sinned, He made you travel around Mount Seir for forty years. [from *Sifre*] (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 5, p. 8, tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9965/showrashi/true>, acesso em: 31/08/2009).

²⁸³Kantor (2007, p. 78).

²⁸⁴Kaplan (1981, p. 845); Kantor (op. cit.).

6.16. Rimon-Perets

Hebraico	<p>רִמּוֹן פְּרֵץ</p> <p><i>rīmmōn pāreš</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:19-20.
Significado do Nome	<p>“Árvore de romã que se expande” ou “árvore de romã com muitas frutas”²⁸⁵.</p> <p>Desfiladeiro (vale) da Romã²⁸⁶.</p>
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Monte Ramon no deserto do Negev²⁸⁷. • Be'er Lotz²⁸⁸. • Naqb el-Biyar, oeste de ‘Aqaba²⁸⁹. • Wadi Mayayn, próximo a Naqb al-Biyar, cerca de trinta quilômetros a oeste de ‘Aqaba²⁹⁰.
Fatos Relevantes	A Bíblia não descreve quaisquer eventos que tenham ocorrido desde o retorno dos espiões, em Cadesh Barnea, no ano de 2449, até a morte de Miriam, em Cadesh, no deserto de Zin, no ano de 2487; apenas são listados os 20 lugares por onde passaram os filhos de Israel durante estes 38 anos ²⁹¹ .
Cronologia	Chegada em Rimon-Perets ²⁹² : aproximadamente em 2468, 20º ano da saída do Egito.

²⁸⁵“Spreading Pomegranate Tree” or “Heavy-fruited Pomegranate”. Targum Yonathan em Kaplan (1981, p. 845).

²⁸⁶Levine (2000, p. 519).

²⁸⁷Kaplan (1981, p. 845).

²⁸⁸(ibid., p. 843).

²⁸⁹Freedman (1992, Vol. 5, p. 773-4).

²⁹⁰Michael Avi-Yonah (Encyclopaedia Judaica, 1997).

²⁹¹Kantor (2007, p. 78); Ibn Ezra afirma que “[...] não há na *Torá* fato ou profecia, apenas no primeiro ano e no quadragésimo ano” (comentário sobre Nm 20:1, Mikraot Guedolot Meorot, Vol. 4, p. 402, tradução nossa); Rashi confirma que foram 20 estações em 38 anos no comentário sobre Nm 33:1 (ibid., p. 696-8).

²⁹²Kaplan (op. cit., p. 845).

6.17. Libná

Hebraico	<p>לִבְנָה</p> <p><i>libna</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	<p>Nm 33:20-21; em Dt 1:1 aparece Laban (não sabemos se é a mesma localidade).</p> <p>Outras ocorrências: Js 10:29, 31, 32, 39; 12:15; 15:42; 21:13; 2 Rs 8:22; 19:8; 23:31; 24:18; 1 Cr 6:57; 2 Cr 21:10; Is 37:8; Jr 52:1.</p>
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Brancura, brilho; cidade branca²⁹³. • Tijolos²⁹⁴, um local no qual as fronteiras eram demarcadas com tijolos.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Be'eroth Oder²⁹⁵. • Tell el-Bornât²⁹⁶. • Tell Judeideh²⁹⁷, 3 quilômetros a leste de Tell Bornat e 10 quilômetros a nordeste de Laquish. • Umm Leben²⁹⁸.
Fatos Relevantes	<p>A Bíblia não descreve quaisquer eventos que tenham ocorrido desde o retorno dos espiões, em Cadesh Barnea, no ano de 2449, até a morte de Miriam, em Cadesh, no deserto de Zin, no ano de 2487; apenas são listados os 20 lugares por onde passaram os filhos de Israel durante estes 38 anos²⁹¹.</p>
Cronologia	<p>Chegada em Libná²⁹⁹: aproximadamente em 2469, 21º ano da saída do Egito.</p>

²⁹³Davies (1968, p. 317).

²⁹⁴Targum Yonathan em Kaplan (1981, p. 846).

²⁹⁵Kaplan (1981, p. 843).

²⁹⁶Aharoni (1979, p. 86).

²⁹⁷Freedman (1992, Vol. 4, p. 322).

²⁹⁸Davies (2009, p. 88).

²⁹⁹Como foram 20 estações em 38 anos, e em Cadesh, que é uma destas estações, os israelitas ficaram por 19 anos, então concluímos que, nos 19 anos restantes após a saída de Cadesh, foram 19 estações. Dt 1:46: "E estivesdes em Cadesh muitos anos, igual ao total do número de anos que estivesdes nos outros lugares"; Kaplan (1981, p. 845, 873); Kantor (2007, p. 78); Rashi: "And you dwelled in Kadesh many days: Nineteen years, as it says, 'as the days that you dwelled' in the other stations. They totaled thirty-eight years; nineteen of them were spent at Kadesh, and for nineteen years they were continually wandering about [...]". (Comentário sobre Dt 1:46, in Mikraot Guedolot Meorot, Vol. 5, p. 39, tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9965/showrashi/true>, acesso em: 31/08/2009). A média seria, então, de um ano para cada estação, conforme Kaplan (op. cit., p. 846).

6.18. Rissá

Hebraico	<p>רִסָּה</p> <p><i>rissá</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:21-22
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Quebra ou ruína³⁰⁰. • Em árabe, significa um poço obstruído por pedras³⁰¹. • Despedaçaram-se lá³⁰². (שנתרוסו שם)
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Eyn HaMa'arah³⁰³. • Rasa³⁰⁴, 32 milhas norte-noroeste de Aila, entre 'Aqaba e Gypsaria. • Kuntilet el-Gerafi³⁰⁵, entre Qseimé e 'Aqaba. • Bir al-Qena³⁰⁶.
Fatos Relevantes	A Bíblia não descreve quaisquer eventos que tenham ocorrido desde o retorno dos espiões, em Cadesh Barnea, no ano de 2449, até a morte de Miriam, em Cadesh, no deserto de Zin, no ano de 2487; apenas são listados os 20 lugares por onde passaram os filhos de Israel durante estes 38 anos ²⁹¹ .
Cronologia	Chegada em Rissá ²⁹⁹ : aproximadamente em 2470, 22º ano da saída do Egito.

³⁰⁰Davies (1968, p. 597).

³⁰¹Kaplan (1981, p. 846).

³⁰²Baal HaTurim sobre Nm 33:21 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 705, tradução: Berezzin, 1995, p. 199).

³⁰³Kaplan (op. cit., p. 843).

³⁰⁴Freedman (1992, Vol. 5, p. 775); Levine (2000, p. 519).

³⁰⁵Freedman (op. cit.); Levine (op. cit.).

³⁰⁶Davies (2009, p. 88).

6.19. Keeláta

Hebraico	<p>קְהֵלָתָה</p> <p><i>qěhelātâ</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:22-23
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Assembléia³⁰⁷. • Local de reunião e congregação³⁰⁸. • Congregar³⁰⁹. • Extremidade de um planalto³¹⁰.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Be'er el Mayin³¹¹. • Kuntilet 'Ajrud³¹², também chamado Kuntilet Qraye. • Kuntilat-Kurayah³¹³, nordeste do Sinai, 50 quilômetros ao sul de Cadesh Barnea ('Ain el-Quðeirát), e um quilômetro a noroeste dos poços 'Ajrud.
Fatos Relevantes	<p>Talvez seja o mesmo local que Mac'helot (B. MAZAR, <i>Encyclopedia Mikraít</i>, 1982, Vol. 5, p. 360).</p> <p>Alguns acreditam que este foi o local da rebelião de Côrach. (Targum Yonathan, Baal HaTurim sobre Nm 33:22, em Mikraot Guedolot Meorot, 1955, Vol. 4, p. 705; KAPLAN, 1981, p. 846; LANDA, 1996, p. 5, 31); mas, Segundo Rashi, esta ocorreu em Chatserót. (Rashi sobre Dt 1:1, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 5, p. 6; KAPLAN, 1981, p. 721-3).</p> <p>Nm 16:3 e 16:19, respectivamente:</p> <p>“E congregaram-se contra Moisés e contra Aarão [...]”</p> <p>“E congregou contra eles Côrach [...]”</p>
Cronologia	Chegada em Keeláta ³¹⁴ : aproximadamente em 2471, 23º ano da saída do Egito.

³⁰⁷Freedman (1992, Vol. 4, p. 13).

³⁰⁸B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraít*, 1982, Vol. 7).

³⁰⁹Baal HaTurim sobre Nm 33:22 (Mikraot Guedolot Meorot, 1955, Vol. 4, p. 705).

³¹⁰Davies (2009, p. 88).

³¹¹Kaplan (1981, p. 843).

³¹²Freedman (op. cit.).

³¹³B. Mazar (op. cit.).

³¹⁴“Since there were 18 stops between Ritmah and Kadesh, the Israelites spent on the average of one year at each stop. Therefore, this occurred approximately in 2471”. (Kaplan, 1981, p. 846)

6.20. Monte Shefer

Hebraico	<p>הַר־שֵׁפֶר</p> <p><i>har-šeper</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:23-24
Significado do Nome	<p>Har:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Montanha, monte³¹⁵. <p>Shafer:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Beleza, formosura, graça, encanto³¹⁶. • Brilho, agradabilidade, charme³¹⁷. • Linda montanha³¹⁸.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Monte Arif³¹⁹. • Jebel Arayif e-Na'akeh³²⁰, 33 quilômetros ao sul de Cadesh Barnea. • Jebel Harb/Jebel Debba³²¹.
Fatos Relevantes	A Bíblia não descreve quaisquer eventos que tenham ocorrido desde o retorno dos espiões, em Cadesh Barnea, no ano de 2449, até a morte de Miriam, em Cadesh, no deserto de Zin, no ano de 2487; apenas são listados os 20 lugares por onde passaram os filhos de Israel durante estes 38 anos ²⁹¹ .
Cronologia	Chegada no Monte Shefer ^{299, 314} : aproximadamente em 2472, 24 ^o ano da saída do Egito.

³¹⁵Berezzin (1995, p. 159).

³¹⁶(ibid., p. 648).

³¹⁷Davies (1968, p. 667).

³¹⁸Kaplan (1981, p. 846); Levine (2000, p. 519).

³¹⁹(ibid., p. 843).

³²⁰B. Mazar (*Encyclopedia Mikrait*, 1982, Vol. 8, p. 253).

³²¹Davies (2009, p. 88).

6.21. Charadá

Hebraico	<p style="text-align: center;">חַרְדָּה</p> <p style="text-align: center;"><i>ḥarādāh</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:24-25.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Pavor, terror, medo, pânico, zelo, solicitude³²². • Tremor, terror, ansiedade³²³. • Tremor³²⁴.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Be'er Karkom³²⁵. • Wadi Lussan³²⁶. • Jebel Aradeh³²⁷. • Nos arredores de Naqb el-Arud³²⁸. • El-Haradah³²⁹, que fica a 85 quilômetros ao sul de 'Aqaba.
Fatos Relevantes	<p>Este é o local no qual os filhos de Israel tremeram por causa da praga (Targum Yonathan em KAPLAN, 1981, p. 846.):</p> <p style="text-align: center;">“E tomou Aarão, como falou Moisés, e correu ao meio da congregação, e eis que já havia começado a mortandade do povo, e pôs o incenso e fez expiação pelo povo. E pôs-se entre os mortos e entre os vivos, e deteve-se a mortandade. Os que morreram na praga foram quatorze mil e setecentos [...]” (Nm 17:12-14)</p>
Cronologia	Chegada em Charadá ^{299, 314} : aproximadamente em 2473, 25º ano da saída do Egito.

³²²Berezzin (1995, p. 248).

³²³Davies (1968, p. 229).

³²⁴Kaplan (1981, p. 846).

³²⁵ibid., p. 843.

³²⁶Freedman (1992, Vol. 3, p. 57).

³²⁷Palmer (1872).

³²⁸B. Mazar (*Encyclopedia Mikra'it*, 1982, Vol. 3, p. 280).

³²⁹B. Mazar (ibid.); Clines (1993, Vol. 3, p. 313); Davies (2009, p. 88).

6.22. Mac'helot

Hebraico	מַקְהֵלוֹת <i>maqhelōt</i>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:25-26.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Assembléias³³⁰. • Juntar, reunir³³¹.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Monte Karkom³³². • O mesmo local que Keélata, em Kuntilet 'Ajrud, também chamado Kuntilet Qraye³³³. • Kuntilat-Kurayah³³⁴, nordeste do Sinai, 50 quilômetros ao sul de Cadesh Barnea, e um quilômetro a noroeste dos poços 'Ajrud. • Al-Malqata³³⁵.
Fatos Relevantes	<p>Possivelmente aqui ocorreu o milagre da vara de Aarão, segundo Kaplan (1981, p. 846):</p> <p style="text-align: center;">“E no dia seguinte, veio Moisés à tenda do testemunho, e eis que floresceu a vara de Aarão, da casa de Levi, e deu flor, deu brotos e deu amêndoas”. (Nm 17:23)</p> <p>Segundo Baal HaTurim, neste local o povo se congregou contra Moisés e Aarão. (Comentário sobre Nm 33:25, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 705)</p> <p>Seu nome descreve um local de reunião e congregação. (B. MAZAR, <i>Encyclopaedia Mikrait</i>, 1982, Vol. 5, p. 360).</p>
História / Geografia	Freedman (1992, Vol. 4, p. 478) e Levine (2000, p. 519) acreditam que este local é o mesmo que Keélata (Capítulo 6, item 19).
Cronologia	Chegada em Mac'helot ^{299, 314} : aproximadamente em 2474, 26º ano da saída do Egito.

³³⁰Davies (1968, p. 375); Kaplan (1981, p. 846).

³³¹Bogomilsky (2006, Vol. 4, p. 238).

³³²Kaplan (1981, p. 843).

³³³Freedman (1992, Vol. 4, p. 478).

³³⁴B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 5, p. 360).

³³⁵Davies (2009, 88).

6.23. Táchat

Hebraico	<p>תַּחַת</p> <p><i>taḥat</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:26-27
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Talvez substituição, troca; pode ser também depressão; partes de baixo do corpo (joelhos ou pernas); lugar ou posição; no lugar de; debaixo, abaixo³³⁶. • O nome pode significar uma substituição ou troca, uma pessoa ou coisa que vem no lugar de outra³³⁷. • Abaixar³³⁸. • “Ao pé do monte”³³⁹. • Pode ser que o nome se refira a algum povo antigo – de origem hitita ou horita – que habitava estes desertos³⁴⁰. • À partir de Mac’helot, os israelitas voltaram a viajar para o sul, pelo trecho ocidental do caminho, chamando, assim, a próxima estação de <i>Táchat</i>³⁴¹.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Área sul do Monte Karkom ou Ram-el-Parudi no Sinai³⁴². • Nahal Sagi³⁴³.
Fatos Relevantes	A Bíblia não descreve quaisquer eventos que tenham ocorrido desde o retorno dos espiões, em Cadesh Barnea, no ano de 2449, até a morte de Miriam, em Cadesh, no deserto de Zin, no ano de 2487; apenas são listados os 20 lugares por onde passaram os filhos de Israel durante estes 38 anos ²⁹¹ .
Cronologia	Chegada em Táchat ^{299, 314} : aproximadamente em 2475, 27º ano da saída do Egito.

³³⁶Davies (1968, p. 685-6).

³³⁷B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 8, p. 521-2)

³³⁸Bogomilsky (Vol. 4, 2006, p. 238).

³³⁹(*betaḥtīt hāhār*, בתחתית ההר), conforme Ex 19:17. (MELAMED, 2001, p. 213; LEVINE, 2000, p. 519).

³⁴⁰Moskovitz (1988).

³⁴¹Landa (1996, p. 5).

³⁴²Kaplan (1981, p. 846).

³⁴³ibid., p. 843.

6.24. Tárach

Hebraico	<p>תָּרַח</p> <p><i>terah</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:27-28
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Nome do pai de Abraão³⁴⁴. • Talvez viajante³⁴⁵. • Uma espécie de ibex, e neste local possivelmente estes animais eram encontrados³⁴⁶.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Tell Tarach (<i>Til (ša) Turāḥi</i>) sobre o Vale Baliah, não muito longe de Haran e do lugar 'Nahur', na região próxima ao centro Horita³⁴⁷.
Fatos Relevantes	A Bíblia não descreve quaisquer eventos que tenham ocorrido desde o retorno dos espiões, em Cadesh Barnea, no ano de 2449, até a morte de Miriam, em Cadesh, no deserto de Zin, no ano de 2487; apenas são listados os 20 lugares por onde passaram os filhos de Israel durante estes 38 anos ²⁹¹ .
Cronologia	Chegada em Tárach ^{299, 314} : aproximadamente em 2476, 28º ano da saída do Egito.

³⁴⁴Conforme Gn 11:24-26; Davies (1968, p. 699); Levine (2000, p. 519); Moskovitz (1988); Kaplan (1981, p. 846).

³⁴⁵(תָּרַח = viajar). Davies (1968, p. 699).

³⁴⁶Kaplan (1981, p. 846). O ibex é uma espécie de cabra da montanha, mamífero e herbívoro. É o animal que representa o signo do zodíaco Capricórnio. (SIPPL, J. *Capra ibex*, em Animal Diversity Web, 2003, disponível em: <http://animaldiversity.ummz.umich.edu/site/accounts/information/Capra_ibex.html>, acesso em: 31/08/2009.

³⁴⁷Moskovitz (1988).

6.25. Mitcá

Hebraico	מִתְקָה <i>mitqâ</i>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:28-29
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none">• Doçura³⁴⁸. Um local com águas boas e frescas (Targum Yonathan em KAPLAN, 1981, p. 846); boas nascentes (FREEDMAN, 1992, Vol. 4, p. 876-7); água doce (LEVINE, 2000, p. 519).
Localização	<ul style="list-style-type: none">• Beer el-Mayin or Beer Bedah no Sinai³⁴⁹.• Kunteles³⁵⁰.• Al-Hadab Massif³⁵¹.
Fatos Relevantes	Este nome pode estar associado às águas doces da região, em contraste com Mará, onde as águas eram amargas, impróprias para o consumo. (MOSKOVITZ, 1988)
Cronologia	Chegada em Mitcá ^{299, 314} : aproximadamente em 2477, 29º ano da saída do Egito.

³⁴⁸Davies (1968, p. 390); Clines (1993); Kaplan (1981, p. 846).

³⁴⁹Kaplan (id.).

³⁵⁰ibid., p. 843.

³⁵¹Davies (2009, p. 88).

6.26. Chashmona

Hebraico	חַשְׁמוֹנָה <i>ḥašmōnāh</i>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:29-30. Em Salmo 68:32, surge como <i>ḥašmānim</i> - חַשְׁמוֹנִים; em Js 15:27 como <i>ḥešmôn</i> - חֶשְׁמוֹן.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Brilho³⁵². • Cardeal, príncipe, nobre (<i>ḥašmān</i>)³⁵³. • A Septuaginta traduz <i>ḥašmān</i> do Sl 68:32 (חַשְׁמוֹנִים) como “embaixador”³⁵⁴. • Em Js 15:27, <i>ḥešmôn</i> (חֶשְׁמוֹן) é uma cidade localizada no Negeb (porção de Judá)³⁵⁵.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Segundo a Septuaginta, Selmonah³⁵⁶. • Tâmilés Suvelimeh³⁵⁷. • Qešeimeh no Wadi el-Hashim³⁵⁸. • Próximo ao Wadi el-Hashim³⁵⁹. • O nome lembra <i>ḥešmôn</i>, uma das montanhas do deserto na fronteira de Edom³⁶⁰.
Fatos Relevantes	A família dos Hasmoneus (Macabeus) poderia ter tido sua origem neste local. (Middoth 1:6; Shabbat 21b em KAPLAN, 1981, p. 846-7.)
Cronologia	Chegada em Chashmona ^{299, 314} : aproximadamente em 2478, 30º ano da saída do Egito.

³⁵²Davies (1968, p. 237).

³⁵³Berezin (1995, p. 252).

³⁵⁴Kaplan (1981, p. 846-7).

³⁵⁵Levine (2000, p. 519).

³⁵⁶Kaplan (op. cit.); Cole (2000, p. 525).

³⁵⁷ibid., p. 843.

³⁵⁸Levine (op. cit.); Freedman (1992, Vol. 3, p. 65).

³⁵⁹B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 3, p. 317).

³⁶⁰Moskovitz (1988).

6.27. Mosserót

Hebraico	<p style="text-align: center;">מוֹסֵרוֹת <i>mōsērôt</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:30-31. Dt 10:6.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Punição, castigo. Um local onde houve algum castigo ou rebelião³⁶¹. Vínculo, obrigação, compromisso³⁶². • Já que deriva do verbo juntar, pode ser um local de reunião ou pacto³⁶³. • Rédeas, correias³⁶⁴.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Geresah³⁶⁵. • Jebel Matzrah (גִּבְל מַצְרָח), nos arredores de Ovdah³⁶⁶. • El-Tayibeh³⁶⁷, uma pequena fonte na passagem que leva à subida do Monte Hor.
Fatos Relevantes	<p>Havia duas cidades, ambas chamadas de Mosserá, próximas uma da outra. E os israelitas acamparam nas duas cidades, Mosserót. (LANDA, 1996, p. 6).</p> <p>Há uma aparente contradição sobre o local da morte de Aarão. Clines (1993, Vol. 5, p. 178) e Levine (2000, p. 520) acreditam que seja em Mosserá, conforme Dt 10:6:</p> <p style="text-align: center;">“E os filhos de Israel partiram de Beerot Benê Iaacán para Mosserá; ali morreu Aarão e ali foi sepultado [...]”.</p> <p>Em Nm 33:38 e em 20:28 há uma outra versão:</p> <p style="text-align: center;">“E subiu Aarão, o sacerdote, ao Monte Hor, por mandado do Eterno, e morreu ali [...]”. (Nm 33:38)</p> <p style="text-align: center;">“E fez Moisés despir a Aarão de suas roupas, e fez vesti-las a Elazar, seu filho; e morreu Aarão ali, no cume do monte [...]”. (Nm 20:28)</p> <p>Rashi explica, no comentário sobre Dt 10:6-7, que, após a morte de Aarão, no Monte Hor, os israelitas tiveram medo da ameaça de</p>

	<p>batalha do rei de Arad; voltaram, então, até Mosserá, onde houve um conflito entre a tribo de Levi e as demais. Somente após este conflito é que os filhos de Israel retomaram as jornadas e enfrentaram, finalmente, o rei de Arad:</p> <p>“And the children of Israel journeyed from the wells of B’nei Ya’akan to Moserah: what is the relevance of this here? Furthermore, did they really journey from the wells of B’nei Ya’akan to Moserah? Was it not from Moserah that they came to the wells of B’nei Ya’akan, as it is said, ‘And they journeyed from Moseroth [and encamped in B’nei Ya’akan]’ (Num. 33:31)? Moreover, [why does it say:] ‘there Aaron died’? Did he not die at Mount Hor? If you calculate it, you will find eight stations from Moseroth to Mount Hor! However, [the answer is that] this is also part of the reproof [introduced in Deut. 1:1 and continued through here]: [In effect Moses said,] This, also, you did. When Aaron died on Mount Hor at the end of the forty years and [consequently] the clouds of the Divine Glory departed, you were afraid of the [impending] war with the king of Arad. So you appointed a leader to return to Egypt, and you went back eight stations until B’nei Ya’akan, and from there to Moserah. There, the sons of Levi battled with you. They slew some of you, and you some of them, until they forced you to return by the way you had retreated. From there, you returned to Gudgodah, which is Hor Hagidgad (Num. 33:32). And from Gudgodah [to Yotvath...]: And at Moserah, you made a great mourning for the death of Aaron, which was the cause of this [your retreat], and it seemed to you as though he had died there (Yerushalmi Sotah 1:10, Tanchuma, Chukath 18)”. (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 5, p. 200-202, tradução disponível em: http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9974/showrashi/true%3C, acesso em: 31/08/2009.)</p> <p>Mas, Segundo Kaplan (1981, p. 847), este retorno do monte Hor até Mosserá foi como um ato de rebelião e, por isso, muitos israelitas foram mortos. (Yerushalmi; Yoma 2:2, 2a).</p>
Cronologia	Chegada em Mosserót ^{299, 314} : aproximadamente em 2479, 31º ano da saída do Egito.

³⁶¹Targum Yonathan em Kaplan (1981, p. 847).

³⁶²Davies (1968, p. 340); Clines (1993, Vol. 5, p. 178).

³⁶³Freedman (1992, Vol. 4, p. 909).

³⁶⁴Levine (2000, p. 520).

³⁶⁵Kaplan (1981, p. 843).

³⁶⁶B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 4, p. 736).

³⁶⁷Easton (1897).

6.28. Benê-laacán

Hebraico	בְּנֵי יַעֲקֹב <i>běně yaăqān</i>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:31-32. Dt 10:6.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Talvez perverso, torto, desonesto (עקון)³⁶⁸. • Poços dos filhos de Yaacan³⁶⁹. • Poços da desgraça ou poços da passagem estreita³⁷⁰.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Beeroth Oded no Sinai³⁷¹. • Gerez³⁷². • Birein (בירין), nos arredores de Og El-Rafir, 60 quilômetros a sudeste de Beersheva³⁷³. • Biar e-Taibeh, dezesseis quilômetros de Petra, possivelmente na saída de Wadi-Musa³⁷⁴.
Fatos Relevantes	A Bíblia não descreve quaisquer eventos que tenham ocorrido desde o retorno dos espiões, em Cadesh Barnea, no ano de 2449, até a morte de Miriam, em Cadesh, no deserto de Zin, no ano de 2487; apenas são listados os 20 lugares por onde passaram os filhos de Israel durante estes 38 anos ²⁹¹ .
Cronologia	Chegada em Benê-laacán ^{299, 314} : aproximadamente em 2480, 32º ano da saída do Egito.

³⁶⁸Davies (1968, p. 76).

³⁶⁹Segundo Kaplan (1981, p. 847), Yaacan era um horita, conforme: “Estes são os filhos de Etser: Bil’hán, Zaavan e Acán”. (Gn 36:27); “Os filhos de Eser eram Bilhan, e Zaavan, e Jaacan [...]”. (1 Cr 1:42). Para Freedman (1992, Vol. 1, p. 668-9), Jaacan é um clã Horita na genealogia de Seir.

³⁷⁰Targum Yonathan in Kaplan (1981, p. 847).

³⁷¹Kaplan (id.).

³⁷²ibid., p. 843

³⁷³Clines (1993); B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 2, p. 9).

³⁷⁴B. Mazar (ibid.).

6.29. Chor Haguidgad

Hebraico	<p style="text-align: center;">חֹר הַגִּידְגָּד <i>ḥōr haggidgād</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:32-33. Dt 10:7.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Caverna do desfiladeiro³⁷⁵. • Buraco ou fenda de Gidgad³⁷⁶. • Monte de Gidgad³⁷⁷. • Chão duro³⁷⁸. Talvez haja alguma relação com o nome Gad. • Talvez Hor se refira a Horita, dos filhos de Lotan, contado entre os Horitas da terra de Seir³⁷⁹.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Nahal Shahruth³⁸⁰. • A oeste de El-Gerafi³⁸¹. • Wadi Ghadhaghedh³⁸². • Wadi Atzaetz, que adentra o Wadi Gerafi, ao norte de Kuntileh³⁸³. • Biar el-Udid, aos pés do Monte Paran, entre el-Birein e ‘Ain-Ṭabeh³⁸³. • Bir G’did, 40 quilômetros ao norte de el-Harade³⁸³. • Bir Jadid³⁸⁴.
Fatos Relevantes	Em Dt 10:7 é chamado de Gudgod. (MELAMED, 2001, p. 534)
Cronologia	Chegada em Chor Haguidgad ^{299, 314} : aproximadamente em 2481, 33º ano da saída do Egito.

³⁷⁵Davies (1968, p. 200).

³⁷⁶Targum Yonathan em Kaplan (1981, p. 847).

³⁷⁷Septuaginta em Freedman (1992, Vol. 3, p. 287).

³⁷⁸B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 2, p. 431).

³⁷⁹Moskovitz (1988).

³⁸⁰Kaplan (op. cit.).

³⁸¹Clines (1993, Vol. 3, p. 305).

³⁸²Freedman (1992, Vol. 3, p. 287); Levine (2000, p. 520).

³⁸³B. Mazar (op. cit.).

³⁸⁴Davies (2009, p. 88).

6.30. Iotbáta

Hebraico	<p>יֹטְבָתָה</p> <p><i>yot̄bata</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:33-34. Dt 10:7.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Prazer, prazeroso. Um local com boa água. A raiz deste nome (יטב) quer dizer “estar bem” ou “melhorar”³⁸⁵. • Um lugar bom e calmo, com riachos ou córregos³⁸⁶.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Ṭabeh³⁸⁷, a onze quilômetros ao sul de Elath, na costa ocidental do Golfo de ‘Aqaba, a mesma que a bizantina Yotabe. • Wadi Eh-Tabah³⁸⁸, rico em águas subterrâneas, trinta e cinco quilômetros ao norte de Ezion-geber. • ‘Ain Gadyan³⁸⁹.
Fatos Relevantes	<p>Dt 10:7-8:</p> <p>“Dali partiram para Gudgod, e de Gudgot para Iotbat, terra de ribeiros de águas. Naquele tempo separou o Eterno a tribo de Levi para levar a arca da aliança do Eterno [...]”</p> <p>A escolha da tribo de Levi para o sacerdócio não ocorreu neste momento, mas no primeiro ano de jornadas, conforme explica Rashi:</p> <p>“At that time: During the first year of your departure from Egypt, when you erred [by making] the calf, and the sons of Levi did not thus err, the Omnipresent separated them from you. This verse is juxtaposed to the retreat to B’nei Ya’akan, to tell you that also in this matter, the sons of Levi did not err, but rather remained steadfast in their faith”. (Rashi sobre Dt 10:8, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 5, p. 202, tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9974/showrashi/true>, acesso em: 31/08/2009.</p>
História / Geografia	A dezesseis quilômetros ao sul de Elath, a pequena ilha de Jezirat Far’on, a “Ilha do Faraó”, tem um nome que lembra Iotbatá e Yotabe. Podemos presumir a continuação dos nomes, da Bíblica Iotbatá para a bizantina Yotabe e para a moderna Ṭabeh, o que fortalece a identificação. (AHARONI, 1979, p. 199-200)

Arqueologia	Nesta ilha há antigos restos de fortificações e de um porto. A arqueologia submarina encontrou enormes instalações para navegação, para tráfego pesado de navios. (AHARONI, 1979, p. 199-200)
Cronologia	Chegada em Iotbáta ^{299, 314} : aproximadamente em 2482, 34º ano da saída do Egito.

³⁸⁵Davies (1968, p. 261-2).

³⁸⁶Targum Yonathan em Kaplan (1981, p. 847).

³⁸⁷Aharoni (1979, p. 199-200); Clines (1993, Vol. 4, p. 206); Freedman (1992, Vol. 3, p. 1021); Cole (2000, p. 525).

³⁸⁸Biniamin Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 3, p. 673).

³⁸⁹Davies (2009, p. 92).

6.31. Abroná

Hebraico	עֲבְרֹנָה <i>'abrōnâ</i>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:34-35.
Significado do Nome	Travessa de um rio ou vau. Provavelmente onde os israelitas atravessaram o vale da Aravá no caminho para Eilat ³⁹⁰ .
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Be'er Orah³⁹¹. • <i>Dāfiya</i> ou 'Ain Avronah³⁹², localizada a quinze quilômetros ao norte do Golfo de 'Aqaba. • Eilat (a moderna Umm Rashrash)³⁹³, na costa setentrional do Golfo de 'Aqaba. • Tell el-Kheleifeh³⁹⁴. • Kirvatah³⁹⁵.
Fatos Relevantes	A Bíblia não descreve quaisquer eventos que tenham ocorrido desde o retorno dos espiões, em Cadesh Barnea, no ano de 2449, até a morte de Miriam, em Cadesh, no deserto de Zin, no ano de 2487; apenas são listados os 20 lugares por onde passaram os filhos de Israel durante estes 38 anos ²⁹¹ .
Cronologia	Chegada em Abroná ^{299, 314} : aproximadamente em 2483, 35º ano da saída do Egito.

³⁹⁰Kaplan (1981, p. 847).

³⁹¹(ibid., p. 843).

³⁹²Freedman (1992, Vol. 1, p. 45); Cole (2000, p. 525); B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 6, p. 73).

³⁹³Freedman (op. cit.).

³⁹⁴B. Mazar, *Ezion-geber and Ebronah* (Hebrew), *Eretz Israel* 12 (1975), p. 46-48, em Milgrom (1996).

³⁹⁵Moskovitz (1988).

6.32. Etsion-Gueber

Hebraico	<p>עֲצִיּוֹן גְּבֵר</p> <p><i>‘esyôn geber</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:35-36; Dt 2:8; 1 Rs 9:26; 22:49; 2 Cr 8:17; 20:36.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Provavelmente espinha dorsal de um gigante (עצה)³⁹⁶. • Canto do galo ou cidade do galo³⁹⁷. • Cidadela forte³⁹⁸.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Cidade no Golfo de ‘Aqaba³⁹⁹, cerca de 3 quilômetros a leste de Eilat. • ‘Aqaba⁴⁰⁰. • Tell el-Kheleifeh⁴⁰¹. • ‘Ain el-Gudyan⁴⁰². • Jezeirat Fara‘un⁴⁰³, “ilha do faraó”, doze quilômetros ao sul de Elat, que seria, por sua vez, Tell el-Kheleifeh.
Fatos Relevantes	<p>Através do relato de Dt 2:8, de 1 Rs 9:26 e de 2 Cr 8:17, podemos perceber que Etsion-Gueber está próximo de Elat em ‘Aqaba:</p> <p>“E passamos de nossos irmãos, filhos de Esaú, que habitam em Seir, pelo caminho da planície, de Elat e de Etsion-Gueber”. (Dt 2:8)</p> <p>“E o rei Salomão fez navios em Etsyon-Guever, que está junto a Elot, à beira-mar de Suf, na terra de Edom”. (1 Rs 9:26, Blau, 1997, p. 73)</p> <p>“Então foi Salomão a Esion-geber, e a Eloth, á praia do mar, na terra d’Edom”. (2 Cr 8:17)</p>
História / Geografia	<p>Percebe-se que Ezion-geber era um porto ou ancoradouro. Em Tel el-Khalifah não foram encontradas ruínas de porto ou ancoradouro. Há um local ao norte do Golfo de Eilat apropriado, um ancoradouro natural, uma faixa estreita de mar entre a ilha de coral Gazireth Faroun e a praia da Península do Sinai. A ilha Gazireth Faroun é circundada por uma muralha fechada, e sobre suas ruínas foi construída uma outra muralha mais recente, cujas datas de construção ainda não foram determinadas. Na própria ilha foi</p>

	<p>descoberto um porto interno com duas torres de segurança na entrada, que se assemelha a portos fenícios. Na praia da Península do Sinai em frente à entrada do porto, foram encontradas ruínas de um cais da época da construção do porto. Etsion-Gueber também já foi identificada como esta área em frente à ilha Gazireth Faroun e também com ‘Aqaba. Etsion-Gueber era o porto feito pelo rei Salomão para Tarsis, e durante três anos os homens de Salomão e de Hiram de lá partiram. Com a interrupção das viagens pelo Mar Vermelho, provavelmente após o falecimento do rei Salomão, Etsion-Gueber diminuiu de importância, e talvez até foi abandonado. O rei Jeosafá reiniciou as viagens para Ofir (1 Rs 22:49, “Yehoshafat fez navios de Tarshish para irem a Ofir por causa do ouro. Porém, não foram, porque os navios se quebraram em Etsion Gueber”. BLAU, 1997, p. 159) e tornou Etsion-Gueber sua base. Desta época em diante, Etsion-Gueber não foi mais lembrada nas Escrituras. (B. MAZAR, <i>Encyclopaedia Mikrait</i>, 1982, Vol. 6, p. 332-333)</p> <p>Etsion-Gueber era um porto com estrutura para a construção de navios, que faziam o comércio com Ofir e Tarshish. (MACDONALD, 2000, 63-87)</p>
Arqueologia	<p>Jezeirat Fara‘un, “ilha do faraó”, doze quilômetros ao sul de Elat, o único ancoradouro natural no Golfo de Elat, não era apenas o porto de Salomão, como também um importante centro industrial para a manufatura de ferramentas de cobre e ferro, que serviam como mercadorias para exportação. Excavações recentes descobriram instalações de um porto da Idade do Ferro. Muralhas extensas de casamata e um porto muito bem construído tetemunham seu uso nos tempos Bíblicos. Através das descobertas arqueológicas no sul da Arabá, é possível deduzir que, mesmo antes dos navios de Salomão se encontrarem em Etsion-Gueber (Jezeirat Fara‘un), expedições egípcias que se dirigiam às minas de cobre da Arabá utilizavam Etsion-Gueber como porto. (ROTHENBERG, Beno.</p>

	<p>Encyclopedia Judaica, 1997).</p> <p>Algumas das descobertas em Jezeirat Fara'un incluem:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cacos de porcelana da Idade do Ferro I e II, do mesmo tipo encontrado nos campos de fundição de Timna (do tipo de Midian e do Negeb). - Evidências de um porto muito bem construído na direção da praia. - Evidências de um muro de casamata ciclópico, com traços de torres de defesa projetadas em direção ao mar. - Este local é o único ancoradouro natural na região norte do Golfo de 'Aqaba/Eilat, provavelmente seria um porto para mineração egípcio. <p>(MACDONALD, 2000, 63-87)</p>
Cronologia	<p>Chegada em Etsion-Gueber^{299, 314}: aproximadamente em 2484, 36º ano da saída do Egito.</p>

³⁹⁶Davies (1968, p. 485).

³⁹⁷Kaplan (1981, p. 847).

³⁹⁸"Strong Citadel", Freedman (1992, Vol. 2, p. 723).

³⁹⁹Kaplan (op. cit.).

⁴⁰⁰Milgrom (1996).

⁴⁰¹Aharoni (1979, p. 434); B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 6, p. 332-3); Davies (2009, p. 88); Budd (1984); Glueck (1943, p. 125-131); Cole (2000, p. 525); Levine (2000, p. 520); Freedman (1992, Vol. 2, p. 723).

⁴⁰²Robinson (1901, p. 410-423); Palmer (1872).

⁴⁰³Rothenberg (*Encyclopaedia Judaica*, 1997); Freedman (1992, Vol. 2, p. 725); McDonald (2000, p. 63-87).

6.33. Cadesh no Deserto de Tsin (Mei Meribá)

Hebraico	<p>מִדְבַּר־צִין הוּא קָדֵשׁ</p> <p><i>midbar Šin, qādeš</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 13:21; 20:1; 27:14 (Mei Meribá); 33:36-37; 34:3-4; Dt 32:51 (Mei Meribá); Js 15:1,3; Jz 11:16-17.
Significado do Nome	<p>Cadesh:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sagrado, santo⁴⁰⁴. • Santuário⁴⁰⁵. <p>Tsin:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Arbustos espinhosos, palmeiras, que crescem no deserto⁴⁰⁶. • Sarça ou espinho⁴⁰⁷. Tsin é um termo abreviado para palmeira dura. • Também chamado deserto das palmeiras⁴⁰⁸. • Deriva de <i>šiwui</i>, que significa mandamento, ordem⁴⁰⁹.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Ao sul do Mar Morto⁴¹⁰. • Rekem (Petra)⁴¹¹.
Fatos Relevantes	<p>Acontecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falecimento de Miriam. (Nm 20:1) • Novas reclamações do povo sobre falta de água. Moisés bate na pedra ao invés de pedir água. Como punição, Moisés e Aarão não entrarão na Terra de Israel junto com seu povo. (Nm 20:7-13) • Mensagem para o rei de Edom solicitando passagem pelo seu território. Pedido negado. (Nm 20:14-21) <p>Para Nahmânides, haviam dois lugares no deserto chamados de Cadesh: o primeiro, no deserto de Paran, que também se chamava “Cadesh Barnea”, ou “Ritmah”, de onde saíram os espiões, no segundo ano de jornadas pelo deserto; o segundo, no deserto de Tsin, no quadragésimo ano. Nahmânides explica:</p> <p>“A viagem foi de Hazereth, no deserto de Paran, para Cadesh</p>

	<p>Barnea, no mesmo deserto de Paran. De lá foram enviados os espiões (13:26). O deserto de Paran foi lembrado para que esta Cadesh Barnea, do deserto de Paran, não seja confundida com a Cadesh do deserto de Zin, onde houve a disputa de Mei Meribah, no ano 40. O local onde foi falado ‘[...] e permaneceram em Cadesh por muitos dias’ é Cadesh Barnea, no deserto de Paran, de onde foram enviados os espiões, no segundo ano; mas Cadesh é no deserto de Zin, onde chegaram no 40º ano, onde faleceu Miriam”. (Ramban sobre Nm 20:1, em Mikraot Guedolot Meorot, Vol. 4, p. 402, tradução nossa.)</p> <p>Segundo Josefo (2008, p. 204), Miriam foi enterrada em um monte de nome Seim.</p>
História / Geografia	<p>Deserto de Tsin: deserto ao sul da terra de Israel. Também aparece na descrição das fronteiras da terra de Canaã em Nm 34 e na descrição das fronteiras da tribo de Judá em Js 15:1-3. Possui uma faixa bem clara: desde a extremidade sudeste do Mar Morto até Cadesh Barnea. Seria apenas uma ponta do deserto, apenas a faixa descrita. (B. MAZAR, <i>Encyclopaedia Mikrait</i>, 1982, Vol. 6, p. 743-4) Aharoni (1979, p. 181-2) o considera ao norte de Cadesh Barnea, como parte do deserto de Paran.</p> <p>Esta região é relativamente pobre em terras cultiváveis em comparação com a região das montanhas mais à oeste; mas é uma boa região para pasto, tendo mais fontes de água e vegetação do que a região leste do deserto de Paran. (HAR-EL, 1981, p. 324-5)</p>
Cronologia	<p>Chegada em Cadesh no deserto de Tsin⁴¹²: 01 de Nissan de 2484, 36º ano da saída do Egito.</p> <p>Miriam faleceu em 10 de Nissan de 2484⁴¹³.</p>

⁴⁰⁴Berezzin (1995, p. 565); Freedman (1992, Vol. 6, p. 1095-6); Hoffmeier (2005, p. 123).

⁴⁰⁵Milgrom (1996).

⁴⁰⁶Moskovitz (1988).

⁴⁰⁷Zin é um termo abreviado para “palmeira dura”, segundo Har-El (1983, p. 324-5).

⁴⁰⁸Adereth Eliahu em Kaplan (1981, p. 762).

⁴⁰⁹Landa (1996, p. 29).

⁴¹⁰Kaplan (1981, p. 762).

⁴¹¹Moskovitz (1988); MacDonald (2000, p. 63-87).

⁴¹²Segundo Nahmânides (Ramban sobre Nm 20:1, Mikraot Guedolot Meorot, Vol. 4, p. 402) e o Ancient Tales do Sefer HaYashar (2001, p. 213), os israelitas teriam chegado no deserto de Tsin no primeiro mês do quadragésimo ano após a saída do Egito (Nissan de 2488).

Segundo Rashi, Ibn Ezra e Nahmânides (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 402), ao chegarem em Cadesh, a geração do deserto já havia perecido. Rashi sobre Nm 20:1: “[...] for the ones destined to die in the desert had already died [...]”. (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 402, tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9948/showrashi/true>, acesso em: 31/08/2009).

⁴¹³Kaplan (1981, p. 762-3). Segundo Kantor (2007, p. 78), Miriam falece em 10 de Nissan de 2487.

6.34. Hor

Hebraico	<p style="text-align: center;">הַר הָהָר</p> <p style="text-align: center;"><i>hōr</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 20:22, 23, 25, 27; 21:4; 33:37, 38, 39, 41; 34:7, 8; Dt 32:50.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Uma montanha sobre outra, como se fosse uma maçã pequena sobre uma grande⁴¹⁴. • A maior das montanhas⁴¹⁵.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Jebel Nabi Harun, sudeste de Petra⁴¹⁶. • Jebel El-Matzrah, no meio do caminho entre Wadi Kudirat e extremidade sul do Mar Morto⁴¹⁷. • Jebel Medurah, nordeste do Mar Morto⁴¹⁸. • Gebel el-Hamrah⁴¹⁹. • Imaret el-Khureisheh, treze quilômetros ao norte de Cadesh, na “Estrada de Atharim” (Capítulo 1, item 4), entre Cadesh e Arad⁴²⁰. • Petra⁴²¹ (antigamente se chamava Arcé). • Monte Ramon⁴²², a oeste da cratera de Ramon, que é a maior montanha do Negev (1033 metros acima do nível do mar), devido ao nome Hor HaHar, “a maior das montanhas”. No topo, há uma grande pilha de pedras, parecendo uma tumba.
Fatos Relevantes	<p>Acontecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falecimento de Aarão. (Nm 20:23-29) • Confronto contra o rei cananeu de Arad. (Nm 21:1-3) <p>Quando o rei cananeu de Arad ficou sabendo que os israelitas estavam chegando pela Estrada de Atarim, preparou-se para o conflito. Os filhos de Israel tiveram medo do enorme exército, e recuaram por três dias até Mosserót, onde permaneceram pelo período de trinta dias. Quando os levitas perceberam que os demais filhos de Israel não estavam se dirigindo ao seu destino, entraram em conflito com seus irmãos e conseguiram forçá-los a retornar até</p>

	<p>o Monte Hor. Os israelitas venceram os cananitas, e suas cidades foram devastadas, e o lugar chamado Chormah. (Ancient Tales do Sefer HaYashar, 2001, p. 214)</p>
<p>História / Geografia</p>	<p>É possível supor que a palavra <i>hor</i> seja como uma mudança ou variação na pronúncia de Har, talvez com a troca do <u>a</u> hebraico pelo <u>o</u> fenício, como o nome <i>achbor</i>, que é também uma mudança do nome <i>achbar</i>. <i>Har</i>, que é <i>hor</i>, é teófora (nome que contém elementos alusivos a Deus ou a deidades), como, por exemplo, os nomes hicsos Yakub-Har⁴²³ e Anat-Her⁴²⁴, e também os nomes de Haran⁴²⁵, irmão de Abraão e Horam⁴²⁶, rei de Gezer, dentre muitos outros nomes, que se encontram nos escritos cuneiformes, ligados pela base (הר=) חר. Mas a ordem das palavras <i>hor hahar</i> é contraditória, de acordo com os exemplos dos nomes dos outros montes (como <i>Har HaMoriah</i>), seria preciso dizer <i>Har HaHor</i> ao invés de <i>Hor HaHar</i>. Portanto, parece aos estudiosos que explicam <i>Hor HaHar</i> que este nome possui uma linguagem de elevação ou orgulho da montanha, um nome apelativo que foi mudado para ser o nome próprio do monte. De todos os lugares onde está registrada a morte de Aarão, está claro que <i>Hor HaHar</i> é uma montanha de verdade, e não o nome de uma possível localidade entre montanhas. (B. MAZAR, <i>Encyclopaedia Mikrait</i>, 1982, Vol.2, p. 854)</p> <p>Jebel Nabi Harun é uma montanha com 1460 metros de altura, próximo a Petra, no meio do território de Edom, e não na sua borda. Há uma tumba, supostamente pertencente a Aarão, na parte superior, que é uma mesquita. A tumba, porém, parece mais de uma Igreja bizantina reconstruída, do tempo de Justiniano (527-65 d.C.). Já que os edomitas conseguiram evitar a passagem dos israelitas pelo seu território com um poderoso exército (Nm 20:17-21), os israelitas não poderiam ter chegado até Jebel Nebi Harun. Além disso, este monte fica longe demais de Cadesh, e o topo é muito inacessível para os israelitas assistirem à cerimônia de transferência do sumo-sacerdote (Nm 20:22-29). Jebel Madurah, a</p>

	vinte e quatro quilômetros nordeste de Cadesh, se localiza na fronteira noroeste de Edom, fora do território edomita. (MACDONALD, 2000, p. 63-87; FREEDMAN, 1992, Vol. 3, p. 287)
Arqueologia	Segundo A. Mazar (2003, p. 323-4), extensas pesquisas no vale de Arad não revelaram nenhuma evidência de assentamento cananeu na Idade do Bronze Recente. Em Arad propriamente dita houve uma lacuna na ocupação depois da destruição da cidade no Bronze Antigo II (3050-2300 a.C.) até a época da monarquia unida, quando um pequeno assentamento israelita foi fundado lá. Havia dois cômodos ocupados no Bronze Médio II (2000-1750 a.C.), Tel Malhata e Tel Masos. Refletiria a narrativa bíblica um período anterior, durante a qual cananeus se estabeleceram na região, ou a expressão “rei de Arad” se refere ao líder de uma população nômade ou seminômade da qual não sobreviveu nenhum remanescente material.
Cronologia	<p>Chegada no Monte Hor⁴²⁷: 01 de Av de 2488, 40º ano da saída do Egito.</p> <p>Aarão faleceu no primeiro dia do quinto mês (01 de Av) no quadragésimo ano após a saída do Egito (Nm 33:38), aos cento e trinta e três anos de idade. (Nm 33:39).</p> <p>Os filhos de Israel prantearam por trinta dias, mas há alguns eventos registrados neste período. No final dos trinta dias, houve a batalha contra Sihon. (KAPLAN sobre Nm 20:29, 1981, p. 767)</p>

⁴¹⁴Rashi sobre Nm 20:22 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 424, tradução nossa).

⁴¹⁵Har-El (1983, p. 430).

⁴¹⁶Davies (2009, p. 90); Moskovitz (1988); MacDonald (2000, p. 63-87); segundo Davies (1968, p. 161), “montanha do profeta”. Segundo Freedman (1992, Vol. 3, p. 287), “montanha de Aarão”. Jebel Nabi Harun fica a cerca de 80 quilômetros ao sul do Mar Morto e ao sul de Petra, na fronteira de Edom, numa área conhecida como Acre (Josefo, *Antiquities* 4:5:7 em Kaplan, 1981, p. 848).

⁴¹⁷Moskovitz (1988).

⁴¹⁸Kaplan (1981, p. 848); Freedman (1992, Vol. 3, p. 287); Cole (2000, p. 526).

⁴¹⁹Clines (1993, Vol. 2, p. 588).

⁴²⁰Aharoni (1979, p. 436). Arad = Tell el-Milh; Hormah = Tell el-Meshash.

⁴²¹Josefo (2008, p. 205).

⁴²²Har-El (op. cit.).

⁴²³Yaqub-Har (ou Yakubher), também conhecido como Yak-Baal, era um faraó asiático do Egito, entre a décima - sétima e a décima - quinta dinastias, sendo difícil a datação do seu reinado. Pode ter sido um membro da dinastia do rei Sheshi no Baixo Egito. Muitas vezes é descrito como hicso. Pode ter sido sucessor de Mayebre e, neste caso, teria sido o segundo governante hicso.

Associados com os escaravelhos do rei Mayebre Sheshi, estão aqueles de um importante oficial hicso, que possuía um conhecido nome semítico, Hur, (escrito em egípcio, ‘Har’) e os títulos “Tesoureiro do Rei do Baixo Egito”, “Único Companheiro (do rei)”, e “Administrador do Tesouro”. Os escaravelhos deste homem – sem dúvida alguma, responsável pelo recebimento de impostos para o rei Sheshi – foram encontrados por todo o caminho desde Gaza, na Palestina, até Kerma, no Sudão. (Edwards, 1989, p. 59-60).

⁴²⁴Anat-her foi um governante hicso do Egito, da 16ª Dinastia (cerca de 1600 a.C.), durante o Segundo Período Intermediário. Não há evidências concretas de que realmente tenha reinado. Seu nome significa “Anat está contente”, e refere-se à deusa semítica que confirma sua herança não-egípcia. Seu nome pode estar associado ao título “*heka kha-sw*”, que significa “governante das terras desérticas”, talvez alguma referência à parte do território que estaria sob seu domínio. (Anat-her, Wikipédia.org, disponível em: < <http://en.wikipedia.org/wiki/Anat-her>>, acesso em 31/08/2009.)

⁴²⁵Haran (יֶרָח) nasceu e morreu em Ur, filho de Térach, irmão de Nachór e Abrão, pai de Lot, Milcá e Iscá (Sara). (Gn 11:26-29)

⁴²⁶Horam (Horão): rei de Gezer, derrotado por Josué. (Js 10:33)

⁴²⁷Kaplan (op. cit.); segundo Kantor (2007, p. 78), 01 de Av de 2487. O ano religioso da Torá começa em Nissan, que é chamado de “primeiro mês”, e não em Tishrei. Av, então, é o quinto mês. A morte de Moisés, em 7 de Adar de 2488, ocorre no décimo-segundo mês.

6.35. Tsalmoná

Hebraico	<p>צַלְמוֹנָה</p> <p><i>şalmônâ</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:41-42.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Sombra, escuro ou sombrio (צַלִּים)⁴²⁸. • Escuridão⁴²⁹.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Be'er Mak'khur, na Arabá⁴³⁰. • Calamona⁴³¹, um forte romano na região de Arabá; nome atual: es-Salmaneh. • Ao sul do território de Edom⁴³², um local de serpentes. <p>Talvez tenha alguma relação com Monte Zalmon:</p> <p>“Subiu pois Abimelech ao monte de Salmon, elle e todo o povo que com elle havia”. (Jz 9:48)</p> <p>“Quando o Omnipotente ali espalhou os reis, ella ficou alva como a neve em Salmon (בצלמון)”. (Sl 68:15)</p>
Fatos Relevantes	<p>Aqui, as pessoas começaram a reclamar de novo (<i>Targum Yonathan</i> in Kaplan, 1981, p. 848).</p> <p>“[...] E impacientou-se a alma do povo no caminho. E falou o povo contra Deus e contra Moisés [...]”. (Nm 21:4-5)</p> <p>Rashi explica que o motivo do descontentamento das pessoas era a dificuldade da jornada:</p> <p>“Because of the hardship of traveling, which was hard for them. [...] The expression shortness of spirit (עָצוּר נְפֶשׁ) for a thing means that it is intolerable, and the mind cannot bear it”. (Rashi sobre Nm 21:4, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 430, tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9949/showrashi/true>, acesso em: 31/08/2009.</p>
Cronologia	Chegada em Tsalmoná ⁴³³ : aproximadamente entre 08 e 09 do mês de Av de 2488, 40º ano da saída do Egito.

⁴²⁸Davies (1968, p. 539); Freedman (1992, Vol. 6, p. 1039); MacDonald (2000, p. 63-87).

⁴²⁹Levine (2000, p. 521).

⁴³⁰Kaplan (1981, p. 843); B. Mazar (Encyclopaedia Mikrait, 1982, Vol. 6, p. 736); MacDonald (op. cit.).

⁴³¹Aharoni (1979, p. 202, 443); B. Mazar (op. cit.); Cole (2000, p. 525); Davies (2009, p. 90); Moskovitz (1988).

⁴³²Schwartz (2003, p. 9).

⁴³³Já que os filhos de Israel chegaram em Hor no dia 01 de Av, e em Dibon-Gad em 15 de Av, as estações intermediárias de Tsalmoná, Punon, Obot e Ruínas de Abarim foram percorridas neste intervalo. Considerando-se um período de luto conforme a lei judaica de uma semana (GANTZFRIED, R. Shlomo. *Kitsur Shulchan Aruch – O Código da Lei Judaica Abreviado*. Vol. 2. São Paulo: Maayanot, 2008, p. 1028-1030), a saída de Hor não poderia ser antes de 08 de Av. Entre 08 e 15 de Av, são oito dias, nos quais foram percorridas quatro estações, ou seja, em média foram dois dias por estação.

6.36. Punon

Hebraico	פּוֹנוֹן <i>pûnōn</i>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:42-43.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Punon é identificado como o local de moradia de um dos descendentes de Esaú, Pinon (Gn 36:41; 1 Cr 1:52)⁴³⁴. • Virar-se, afastar-se; sol se pôr; escurecer = (פּוֹן)⁴³⁵. • Pode ser interpretado pela palavra arábica <i>faynân</i>, “ter longos e bonitos cabelos”, como <i>Seir</i> (“cabeludo”)⁴³⁶.
Localização	<p>Punon é o grande centro de mineração de cobre de Feinan⁴³⁷, na parte mais baixa das montanhas de Edom, 35 quilômetros ao sul do Mar Morto e 8,5 quilômetros a sudeste de Khirbet Nahas.</p> <p>A história da cobra de cobre talvez esteja conectada com Khirbet en-Nahas (naḥaš = “serpente”), ao lado de Punon.</p>
Fatos Relevantes	<p>Acontecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pessoas são mordidas por cobras venenosas após reclamações (sobre estas reclamações, veja Capítulo 6, item 35, Tsalmoná). Moisés constrói uma cobra de cobre e a fixa sobre um mastro; aqueles que a observam são curados das picadas. (Nm 21:6-9) <p>Kaplan (1981, p. 769) confirma que isto ocorreu em Punon.</p>
História / Geografia	<p>Esta identificação de Punon coloca os israelitas na região central de Edom. (LEVINE, 2000, p. 521).</p> <p>No XIII século a.C., Ramsés II menciona <i>pwnw</i> como uma das regiões habitadas por Shasu, “nômades”. (FREEDMAN, 1992, Vol. 5, p. 556-7)</p> <p>Khirbet Feinan se encontra em região fértil, onde vários rios próximos trazem água por todo o ano, e há uma quantidade grande de tipos de cobre e ruínas de fornos de fundição. À partir de todos estes achados, juntamente com muitos potes, acredita-se que Feinon seria o centro mais importante de Edom na produção do</p>

	<p>cobre, e talvez também na fundição do bronze. A localização geográfica deste centro de produção em massa de cobre se estende de Tzoar ao norte até Petra ao sul. Tanto a região fértil, quanto a existência de água, e sendo uma região de divisas de estradas, são fatores que colaboram para aumentar a importância deste centro de produção. Na própria Punon não se extraía o cobre, parece que o pó do minério era extraído da mina, em Um el-Ohamid, a 8 quilômetros ao sul, e enviado para lá. (B. MAZAR, <i>Encyclopaedia Mikrait</i>, 1982, Vol. 6, p. 445-6).</p>
Arqueologia	<p>A maioria dos potes encontrados no local se referem à Idade do Ferro, e a idade do assentamento foi fixada nos séculos XIII a VI a.C. Alguns potes da Idade do Bronze também foram encontrados (cerca de 2200-1900 a.C.), como também da época dos nabateus, romanos, bizantinos, e dos árabes. O assentamento em Punon existiu continuamente em todos os períodos históricos desde a Idade do Bronze Antiga, tendo sido abandonada apenas entre os anos 1800 a 1300 a.C. aproximadamente. No período Israelita, Punon pertenceu alternadamente à Judá e à Edom. (B. MAZAR, <i>Encyclopaedia Mikrait</i>, 1982, Vol. 6, p. 445-6).</p>
Cronologia	<p>Chegada em Punon⁴³³: aproximadamente entre 10 e 11 do mês de Av de 2488, 40º ano da saída do Egito.</p>

⁴³⁴B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 6, p. 445-6).

⁴³⁵Davies (1968, p. 505).

⁴³⁶Freedman (1992, Vol. 5, p. 556-7).

⁴³⁷Aharoni (1979, p. 202); B. Mazar (op. cit.); Cole (2000, p. 526); Budd (1984, Vol. 5); Moskovitz (1988); Elitzur (1993); MacDonald (2000, p. 63-87).

6.37. Obot

Hebraico	<p>אֹבֹת</p> <p>'ōbōt</p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 21:10-11; 33:43-44.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Odre⁴³⁸, vasilha de couro para água ou vinho. A intenção talvez seja no sentido de fonte de água, da qual se enchem os cantis⁴³⁹. • Passagem oca, vazia⁴⁴⁰. • Necromante, aquele que acorda os mortos para revelar o futuro, bruxo⁴⁴¹.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • 'Ain el-Weiba, 48 quilômetros ao sul do Mar Morto, quase 30 quilômetros a oeste de Feinan⁴⁴². • 'Ain Hosob, 24 quilômetros ao sul do Mar Morto⁴⁴³. • Qaşr Ēn Ḥarūff (Meşad Rāḥēl) no oeste da Arabá⁴⁴⁴. • Al-'Aynah, na margem norte do Wadi al-Hasa, no território moabita⁴⁴⁵.
Fatos Relevantes	Os israelitas vieram para Obot depois da praga das cobras, que ocorreu entre Tsalmoná e Punon. (Daat Zkenim sobre Nm 21:10, Mikraot Guedolot Meorot, 1955, Vol. 4, p. 437, tradução nossa). A praga das cobras não terminou até que os israelitas chegaram a Obot. (Nahmânides sobre Nm 33:41, Mikraot Guedolot Meorot, 1955, Vol. 4, p. 707, tradução nossa).
Cronologia	Chegada em Obot ⁴³³ : aproximadamente entre 12 e 13 do mês de Av de 2488, 40º ano da saída do Egito.

⁴³⁸Davies (1968, p. 15); MacDonald (2000, p. 63-87); Moskovitz (1988), conforme o exemplo: “Eis que o meu ventre é como o mosto, sem respiradouro, e virá a arrebentar, como odres novos.” (Jó 32:19). Os odres eram cheios de água da fonte. Segundo a Bíblia Online: “Os odres eram, e ainda são, feitos de peles de animais, preparadas para esse fim. As peles são despegadas dos animais com o maior cuidado - separam-se do corpo, depois de removida a cabeça e as extremidades, como uma luva bem ajustada - e depois são cosidas as aberturas à exceção do pescoço, que é atado como um saco por meio de um cordel de chicote. Estes odres eram de diversos volumes, segundo eram grandes ou pequenas as peles. Enquanto está a pele ainda fresca, é dada a um curtidor, que a torna própria para conter não somente água, mas vinho, leite, e outros líquidos. O curtimento é feito com casca de carvalho ou de acácia, sendo deixada de fora a parte cabeluda. Durante as longas caminhadas no deserto, estas vasilhas de couro, principalmente as de pele de cabra, tornam-se secas e gretadas, como os ‘odres de vinho, velhos, rotos, e consertados’, que os gibeonitas trouxeram a Josué, querendo enganá-lo quanto à duração da sua viagem. Os odres, feitos de peles de animais, não eram somente usados pelos árabes: na Europa, Ásia e África estava muito generalizado o seu uso. Ainda hoje em Espanha e Portugal há as borrachas, para vinho, que são muito semelhantes às da Arábia. De tais vasilhas também os gregos, os romanos e os egípcios faziam uso para o mesmo fim. Na Pérsia eram as peles conservadas, sendo barradas de breu. ‘Já me assemelho a um odre na fumaça’: esta passagem do Salmo 119:83 é uma referência à ação do calor sobre a pele, secando-a e gretando-a”. (*Odre*, Dicionário da Bíblia Online, disponível em: <<http://www.bibliaonline.net/scripts/dicionario.cgi?procurar=odre&exata=on&link=bol&lang=BR>>, acesso em: 31/08/2009.

⁴³⁹B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 1, p. 69-70).

⁴⁴⁰Davies (op. cit.).

⁴⁴¹ibid.

⁴⁴²Kaplan (1981, p. 769); Freedman (1992, Vol. 5, p. 7); Cole (2000, p. 526); Davies (2009, p. 90).

⁴⁴³Kaplan (id.).

⁴⁴⁴Clines (1993, Vol. 1, p. 148).

⁴⁴⁵MacDonald, (2000, p. 63-87).

6.38. Ruínas de Abarim

Hebraico	<p>עֵי הַעֲבָרִים '<i>ıyyê-`abārîm</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 21:11; 33:44-45.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Ruínas de Abarim⁴⁴⁶. • A passagem da terra desolada⁴⁴⁷. • <i>Megizat Avar'i</i> – “travessias das passagens” ou “caminhos de travessias”⁴⁴⁸. • 'ıyym (עֵי-עִיִּים) corresponde a uma pilha de pedras nas passagens dos rios ou vales; a palavra 'abārîm (עֲבָרִים) pode se referir à passagem sul da escarpa junto ao Nahal Zered meridional⁴⁴⁹. • “Pilhas de pedras nas passagens dos rios”, ou “ערמות אבנים במעברות הנהלים”⁴⁵⁰ • O nome indica a existência de ruínas antigas⁴⁵¹. • “Fantasmas” ou “ruínas dos que partiram”⁴⁵².
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Khirbet El-Medayneh, no vau do Wadi Zered, fronteira entre Edom e Moab⁴⁵³. • Mahai⁴⁵⁴. • Khirbet Ay⁴⁵⁵.
Arqueologia	<p>Este local deve estar na fronteira de Moab, onde há concentração de tumbas de pedra. Há centenas destas tumbas do período do Bronze Antigo I-IV (3300-2000 a.C.) entre Wadi Khanazir e Bab adh-Dhra, tanto ao sul quanto ao norte da extremidade ocidental do Wadi al-Hasa, a fronteira tradicional entre Edom e Moab. Como referência às numerosas sepulturas na planície sudeste do Mar Morto, o nome “fantasmas” ou “ruínas dos que partiram” parecem apropriados. A localização da moderna vila de 'Ay também se encaixaria neste itinerário. (MACDONALD, 2000, p. 63-87)</p> <p>Na lista topográfica egípcia de Tutmósis III (1504-1450 a.C.), inscrita</p>

	no templo de Amon em Karnak, esta localidade aparece com o nome Iyyin. (COLE, 2000, p. 526; KRAHMALKOV, 1994, p. 55-62. Maiores detalhes no Capítulo 7, item 2)
Cronologia	Chegada em Ruínas de Abarim ⁴³³ : aproximadamente entre 14 e 15 do mês de Av de 2488, 40º ano da saída do Egito.

⁴⁴⁶Melamed (2001, p. 453); Cole (2000, p. 526).

⁴⁴⁷Rashi sobre Nm 21:11: “*the wasteland passes*: Heb. וְעַיִן הָעֲבָרִים do not know why they were called עַיִם, *wastelands*. The word עַיִן denotes a ruin; something swept aside with a broom. Only the letter ‘ayin’ in it belongs to the root; it derives from the word שׁוֹעֵי “shovels” (Ex 27:3), [and as in] וְעַיִן הָעֲבָרִים “and hail shall sweep away” (Is 28:17). - [*Machbereth Menachem* p. 135]; *passes*: This was the route for those crossing Mount Nebo on the way to the Land of Canaan, which separates the land of Moab from the land of Amorites; *facing Moab toward the rising sun*: To the east of the land of Moab”. (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 436, tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9949/showrashi/true>, acesso em: 31/08/2009)

⁴⁴⁸Targum Onkelos in B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 7, p. 188).

⁴⁴⁹B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 7, p. 188).

⁴⁵⁰Moskovitz (1988).

⁴⁵¹Aharoni (1979, p. 436).

⁴⁵²MacDonald (2000, p. 63-87).

⁴⁵³Aharoni (1979, p. 436); B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 7, p. 188); MacDonald (op. cit.);

⁴⁵⁴B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 7, p. 188);

⁴⁵⁵Davies (2009, 90).

6.39. Dibon-Gad

Hebraico	<p>דִּבּוֹן גָּד</p> <p><i>dībôn</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	<p>Dibon-Gad: Nm 33:45-46.</p> <p>Dibon: Nm 21.30; 32.3, 34; Js 13.9, 17; Is 15.2, 9; Jr 48.18, 22; Ne 11:25.</p>
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Fluir or definhar = דוב. Gad: coentro. Os grãos possuem pequenos riscos, sulcos. Também pode ser boa sorte, oportunidade⁴⁵⁶. • Local de boa sorte⁴⁵⁷. • Dhiban = Dibon = “lobo”⁴⁵⁸.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Tel Diban, 4 quilômetros ao norte do Arnon. Nome atual: Dhibân⁴⁵⁹. • Nahal Zered⁴⁶⁰.
Fatos Relevantes	<p>Dibon-gad do deserto não corresponde à cidade de Dibon. (ELITZUR, 1993)</p> <p>Para diferenciar este local de outros com o mesmo nome (exemplo: Dibon em Judá – Ne 11:25), acrescentou-se “Gad” ao nome da cidade. Havia dois locais com este nome em Moab: primeiro, a cidade de Dibon, herança dos filhos de Reuben ou Gad (Nm 32:3, 34), cujo nome foi traduzido como Madbashtah (segundo Onkelos: Malbishtah); o segundo é Dibon Beit Mazlah’á. (MOSKOVITZ, 1988).</p> <p>As cidades de Atarot, Dibon, e Yazer se localizavam na Transjordânia e em parte dos territórios de Sihon e Og. Quando as tribos de Ruben e Gad solicitaram sua permanência do lado da Transjordânia, estas cidades possuíam outros nomes: Machelta, Malbeshta, e Kumrin. A Bíblia Hebraica registra os nomes conhecidos, já que, no futuro, estes seriam os nomes dados a estas cidades pelos israelitas. (BOGOMILSKY, 2006, Vol. 4, p. 227)</p>
História /	<p>Dibon-gad, Dibon e Daibon da estela de Mesha (linhas 21 e 28) são</p>

Geografia	<p>geralmente consideradas a mesma cidade, e são quase universalmente identificadas com a moderna Dhiban, localizada no planalto, cinco quilômetros ao norte do Arnon. (MACDONALD, 2000, p. 63-87)</p> <p>É a cidade mais importante da estrada norte do Arnon, e pertencia, segundo Josué 13:17, à tribo de Rubem, e de acordo com Números 32:34, à tribo de Gad. É a cidade natal de Meshá, rei de Moab. A Estela de Meshá, descoberta em 1868 em Dibon (Anexo II, Figura 2), é a única estela comemorativa de vitória deste tipo, de um rei palestino no período israelita. Além do seu conteúdo histórico, contém detalhes topográficos sobre o Mishor – região norte do Arnon. As principais cidades moabitas eram Medeba no norte e Dibon no sul, ambas no “Caminho do Rei” (Capítulo 1, item 2). (AHARONI, 1979, p. 207)</p> <p>Segundo as Escrituras (Nm 21:30), Sihon conquistou a cidade de Divon do primeiro rei de Moab, ou seja, a cidade era inicialmente uma cidade moabita. Segundo Nm 32:34, os Filhos de Gad construíram Divon, e a cidade também se chama Divon Gad, conforme Nm 33:45. Em Jos 13:17, Divon é enumerada entre as cidades dos filhos de Rubem. Parece que inicialmente Divon pertencia à tribo de Rubem, e passou mais tarde para a tribo de Gad. Na Estela de Meshá, Divon é chamada Qarho. (B. MAZAR, <i>Encyclopaedia Mikrait</i>, 1982, Vol. 2, p. 650-1; KRAHMALKOV, 1994, p. 55-62. Maiores detalhes no Capítulo 7, item 2)</p>
Arqueologia	<p>Na pesquisa arqueológica dos anos 1950/51, foram descobertas ruínas da Idade do Bronze e, em especial, da Idade do Ferro, como também do período nabateu e romano-bizantino. Cinco muralhas ainda não foram datadas, descobertas segmentadas. Entre os objetos encontrados, há fragmentos de basalto, com letras hebraicas da época. (B. MAZAR, <i>Encyclopaedia Mikrait</i>, 1982, Vol. 2, p. 650-1)</p> <p>A mais antiga ocupação em Dhiban data do período do Bronze Antigo II-IV (cerca de 3050-2000 a.C.). Não há evidências de</p>

	<p>ocupação nos períodos do Bronze Médio e Recente. As escavações revelaram potes característicos da Idade do Ferro Antiga, mas não há estruturas que possam ser associadas com este período. O período do Ferro II (1000-925 a.C.) é representado por dois estágios de um grande portão, uma muralha de cidade que chega a três metros de altura, muitas cisternas e uma necrópole. Dhiban era uma localidade importante também durante os períodos medieval, árabe antigo, bizantino e romano-nabateano. A descoberta da Estela de Mesha neste local é um forte indício que Dhiban é a mesma cidade que a Bíblica Dibon. (MACDONALD, 2000, p. 63-87)</p> <p>As escavações em Dhiban, o suposto local da capital moabita Dibon, mostraram que não havia cidade alguma neste local antes da Idade do Ferro I (cerca de 1200-1000 a.C.). Mas Dibon é mencionada diversas vezes na Bíblia, como em Números 21:30 e 32:3, por exemplo, como sendo uma cidade existente nos tempos de Moisés. Alguns estudiosos se inclinaram a resolver o problema tratando as referências bíblicas como anacronismos; mas isto não pode estar correto, já que há evidências da existência de Dibon antes deste período. Dibon é quase certamente mencionada numa lista topográfica egípcia do reino de Tutmósis III (1490–1436 a.C.), e definitivamente está registrada em um texto de Ramsés II (1290–1224 a.C.), provando sua existência, ao menos na Idade do Bronze recente (1550-1200 a.C.). (COLE, 2000, p. 527; KRAHMALKOV, 1994, p. 55-62. Maiores detalhes no Capítulo 7, item 2).</p> <p>A explicação para esta discrepância entre as evidências escritas e a arqueologia de Dhiban provavelmente se deve ao fato de que a Dibon Bíblica estaria localizada em algum outro local, ainda não descoberto. (BIMSON, 1987, p. 44)</p>
Cronologia	<p>Chegada em Dibon-Gad⁴⁶¹: 15 de Av de 2488, 40º ano da saída do Egito.</p> <p>Final do decreto de morte no deserto para a geração da saída do Egito. (Período de 40 anos de jornadas pelo deserto)⁴⁶².</p>

⁴⁵⁶Davies (1968, p. 145).

⁴⁵⁷Targum Yonathan em Kaplan (1981, p. 848).

⁴⁵⁸Aharoni (1979, p. 207).

⁴⁵⁹Clines (1993, Vol. 2, p. 433); Davies (2009, p. 90); Aharoni (1979, p. 207).

⁴⁶⁰Schwartz (2003, p. 9); Kaplan (1981, p. 848).

⁴⁶¹Kaplan (op. cit.). Sobre o decreto de quarenta anos no deserto, Capítulo 6, item 15.

⁴⁶²Dt 2:14: "E os dias que andamos de Cadesh Barnea, até que passamos o rio Zered, foram trinta e oito anos, até acabar-se toda a geração dos homens de guerra do meio do acampamento, como lhes havia jurado o Eterno".

6.40. Almon-Diblatáima

Hebraico	<p>עֲלְמוֹן דִּבְלַתַּיִם</p> <p><i>‘almōn-diblātayim</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	<p>Nm 33:46-47.</p> <p>Outras ocorrências similares:</p> <p>Almon: Js 21:18.</p> <p>Beit Diblatáima: Jr 48:22.</p> <p>Diblá: Ez 6:14.</p>
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • ‘Almon: “esconderijo”. Diblatáima: “duplo-bolo”. <i>Diblá</i>, em siríaco, é o nome de Antíoco/Antioquia⁴⁶³. • ‘Almon: escondido⁴⁶⁴. • Bolo de figo: דבֵּלָה.⁴⁶⁵ • ‘Almon: nome de lugar; Diblatáima: fazer bolos de figos: דִּבְלַתַּיִם.⁴⁶⁶
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Nome atual: Khirbet Deleilât esh-Sherqîyeh, no “Caminho do Rei”, na vizinhança do Monte Nebo. A Bíblica Almon Diblatáima é provavelmente Beit-Diblatáim⁴⁶⁷. • ‘Almon Diblatáima em Deleilât el-Arbiyeh e Beit Diblatáima em Deleilât esh-Sherqîyeh, nordeste de Khirbet Lib, nos arredores de Medeba⁴⁶⁸. • Beit Diblatáim é talvez Khirbet Et-Tēm, 5 quilômetros a nordeste de Beth-Baal-Meon⁴⁶⁹. • Nahal Arnon⁴⁷⁰.
Fatos Relevantes	<p>Acontecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A poesia do poço. (Nm 21:16-18) • Vitórias sobre Sihon e Og, e conquista de suas terras. (Nm 21:21-25, 31-33) <p>Schwartz (2003, p. 9) identifica Almon-Diblatáima com Naha Arnon. Ibn Ezra identifica Almon-Diblatáima com Mataná (comentário sobre Nm 21:18, em KAPLAN, 1981, p. 849)</p>

Lekach Tov identifica Almon-Diblatáima com Nahaliel. (comentário sobre Nm 21:19, ibid.)

O nome “Almon” também é nome de cidade na margem leste da terra de Israel, no território de Benjamin (Js 21:18). O nome “Diblatáima” foi acrescentado, por estar a localidade adjacente à Beit Diblatáima, cidade conhecida no território de Moab (Jr 48:22). Os locais no deserto chamados Beer, Matanah e Nahaliel estão localizados em Almon Diblatáima, que é um nome genérico para todos eles. (MOSKOVITZ, 1988)

Rashi, no comentário sobre Nm 21:15, explica um milagre ocorrido em Arnon: as montanhas se moveram para destruir os amorreus que preparavam uma emboscada contra os israelitas:

“[...] Os milagres que Ele fez no Mar Vermelho, e aqueles nos rios de Arnon; e na corrente dos rios que se estendiam no meio do território de Ar (Moab) e agora está junto ao termo de Moab”. (Nm 21:14-5)

Rashi: “*The spilling of the streams*: The Aramaic translation of פֶּשַׁח ‘spilling’, is תַּשֵּׁחַ the spilling of the streams, for [there] the blood of the Amorites who were hidden there was spilled. The mountains were high and the gorge deep and narrow, and the mountains were so close to each other, that a man standing on the mountain on one side [of the gorge] could speak to his fellow standing on the mountain on the other side. A road passed along [the floor of] the gorge. The Amorites said, ‘When the Israelites enter the land by passing through the gorge, we will come out of the caves in the mountains above them and kill them with arrows and stones shot from catapults.’ There were clefts in the rock on the Moabite side [of the canyon], and directly opposite those clefts, on the mountain on the Amorite side, there were protrusions, [appearing] like horns and breasts. When the Israelites prepared to pass through, the mountain of the Land of Israel trembled, like a maidservant going out to greet her mistress, and moved toward the mountain of Moab. Then those breastlike protrusions entered the clefts, killing them [the Amorites]. This is the meaning of, ‘that turned to settle at Ar.’ The mountain swung from its place and moved toward the side of the Moabite border, and attached itself to it. Thus, ‘[it] leaned on the border of Moab.’” - [Midrash Tanchuma Chukkath 20, Num. Rabbah 19:25] (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 439-440, tradução disponível em: <
http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9949/showrashi>true

	>, acesso em: 31/08/2009)
História / Geografia	Já que o termo <i>diblatáima</i> está no plural, localidades gêmeas são esperadas para a localização de Almon-Diblatáima, que é geralmente aceito como a Beth-Diblatáima de Jr 48.22. Existem duas cidades gêmeas que podem identificar Almon-Diblatáima e Beth-Diblatáima: Khirbat ad-Deleilat al-Gharbiyya e Khirbat ad-Deleilat ash-Sharqiyya, respectivamente. A primeira é um local completamente destruído, comandando um cruzamento de três estradas, quarto quilômetros ao norte de Libb, onde foram encontrados cacos dos períodos nabateano, bizantino e árabe medieval. A segunda localidade é também um local em ruínas, e possui cacos dos períodos do Ferro I-II (1200-586 a.C.), como também dos períodos nabateano, bizantino e árabe medieval. (MACDONALD, 2000, p. 63-87)
Arqueologia	Nm 21:21-32 conta sobre as guerras dos Israelitas contra Seon, rei dos “amorreus”, e a conquista de Hesebon. Hesebon (Tell Hesban) foi povoada pela primeira vez na Idade do Ferro I, porém muito escassamente, de acordo com os remanescentes. Não existe testemunho arqueológico de um estado “amorreu” nesta região, o qual pudesse ter sido conquistado pelos Israelitas. E também não existe evidência de um estado moabita na Idade do Ferro I, a despeito da descoberta de diversos sítios deste período na região. (A. MAZAR, 2003, p. 324) Em Dalalilat e-Sharqyieh foram encontrados fortes que são provas de assentamentos da Idade do Bronze Antiga. (B. MAZAR <i>Encyclopedia Mikrait</i> , 1982, Vol. 6, p. 234). O nome <i>Dbltn</i> também ocorre na estela Moabita, linha 30, onde Mesha registra ter fortificado esta cidade. (LEVINE, 2000, p. 522)
Cronologia	Chegada em Almon-Diblatáima: entre 15 de Av (chegada em Dibon-Gad) e 7 de Adar de 2488 (falecimento de Moisés nas Planícies de Moab), 40º ano da saída do Egito.

⁴⁶³Davies (1968, p. 137, 474).

⁴⁶⁴Segundo Levine (2000, p. 522), “escondido”. Talvez seja uma alusão a algum aspecto de sua topografia ou localização.

⁴⁶⁵Zilberman (1990, p. 39).

⁴⁶⁶Rosenberg (1923, p. 375).

⁴⁶⁷Aharoni (1979, p. 339).

⁴⁶⁸B. Mazar (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 6, p. 234); Cole (2000, p. 527); Levine (2000, p. 522); Freedman (1992, Vol. 1, p. 161).

⁴⁶⁹Clines (1993).

⁴⁷⁰Schwartz (2003, p. 9).

6.41. Montes de Abarim em frente a Nebo

Hebraico	<p>הַרֵי הָעֲבָרִים לְפָנֵי נְבוֹ</p> <p><i>ăbārîm</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	<p>Nm 27:12; 33:47-48; Dt 32:49.</p> <p>Nebo: Nm 32:38; 33:47; Dt 32:49; 34:1; 1 Cr 5:8; Is 15:2; 46:1; Jr 48:1, 22.</p>
Significado do Nome	<p>Abarim:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Passagens⁴⁷¹. • Os montes podem ter sido chamados de Avarim por estarem em frente ao ponto de travessia do Jordão em direção a Jericó⁴⁷². • “As alturas além” ou “alturas distantes.”⁴⁷³ <p>Nebo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Orador (נבא). (Profecia = נבואה)⁴⁷⁴. • Palavra semítica aparentemente associada com o “deus” babilônico Nabu⁴⁷⁵.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Cadeia de montanhas ao leste do Mar Morto, particularmente ao extremo norte⁴⁷⁶. • Monte Nebo e Monte Pisgá são os dois picos em Jebel Shayhan, e Pisgá se localiza a cerca de 2,5 quilômetros a oeste-noroeste de Nebo⁴⁷⁷. • Jebel Neba⁴⁷⁸. • Khirbat al-Mukhayyat⁴⁷⁹.
Fatos Relevantes	<p>Moisés sobe as montanhas de Abarim para ver a terra de Israel, na qual ele não poderá entrar. (Nm 27:12; Dt 32:49-50)</p>
História / Geografia	<p>Nebo era uma cidade israelita, noroeste de Medeba, que foi conquistada por Mesha, rei de Moab (2 Rs 1:1, 3:4-27).</p>
Arqueologia	<p>Khirbat al-Mukhayyat é a única grande ruína na região do Monte Nebo com remanescentes significativos da Idade do Ferro. É uma área rica em sítios arqueológicos, incluindo plataformas, tumbas e</p>

	<p>cacos do período calcolítico, da Idade do Bronze Antigo, Ferro II e bizantinos. (MACDONALD, 2000, p. 63-87)</p> <p>Na estela de Mesha (linhas 17-18) está registrada a conquista da cidade israelita de Nebo, próxima ao Monte Nebo, noroeste de Medeba. Esta foi a cidade mais ao norte conquistada por Mesha, e todos os sete mil habitantes da cidade foram aniquilados. (AHARONI, 1979, p. 337-9)</p>
Cronologia	<p>Chegada nos Montes de Abarim: entre 15 de Av (chegada em Dibon-Gad) e 7 de Adar de 2488 (falecimento de Moisés nas Planícies de Moab), 40º ano da saída do Egito.</p>

⁴⁷¹Berezzin (1995, p. 492).

⁴⁷²Josefo (*Antiquities* 4:8:48 em Kaplan, 1988, p. 811).

⁴⁷³MacDonald (2000, p. 63-87).

⁴⁷⁴Davies (1968, p. 451).

⁴⁷⁵MacDonald (op. cit.).

⁴⁷⁶Kaplan (1988, p. 811).

⁴⁷⁷Freedman (1992, Vol. 1, p. 6-7).

⁴⁷⁸Aharoni (1979, p. 337).

⁴⁷⁹MacDonald (op. cit.).

6.42. Planícies de Moab, junto ao Jordão, na altura de Jericó, desde Bet-Haeshimot até Abel-Hashitim

6.42.1. Planícies de Moab

Hebraico	<p>עֲרֵבֹת מוֹאָב</p> <p><i>ărbot moab</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 22:1; 26:3, 63; 31:12; 33:48-50; 35.1; 36.13; Dt 34.1, 8; Js 13.23.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Planícies ocidentais⁴⁸⁰. • Estepes de Moab⁴⁸¹.
Localização	Nordeste do Mar Morto ⁴⁸² .
Fatos Relevantes	<p>Acontecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Episódio de Balak e Bilaam. Incitação à imoralidade pelas filhas de Moab e Midian. (Nm 25:1) • Pinchas salva o povo de uma nova praga, e recebe o sacerdócio eterno como recompensa. (Nm 25:10-13) • Novo censo. (Nm 26) • Os israelitas recebem mais ensinamentos e leis (Nm 36:13) • Mulheres recebem o direito à herança. (Nm 27:1-11) • Josué é escolhido sucessor de Moisés (Nm 27:15-23), e novos líderes para as tribos também são escolhidos (Nm 34:16-29) • Vitória sobre Midian e divisão dos despojos de guerra. (Nm 31) • As Tribos de Reuven, Gad e metade da Tribo de Menassés recebem como herança as terras de Sihon e Og, do outro lado do Jordão. (Nm 32) • A poesia de Moisés. (Dt 32) • Bênção das Tribos. (Dt 33) • O falecimento de Moisés. (Dt 34)
Arqueologia	A tradição sobre Balaão, o vidente (Nm 22-24), está agora bem atestada arqueologicamente pelas inscrições em argamassa encontradas em Tell Deir 'Alla, perto da foz do Jaboc, mas estas

	inscrições datam da Idade do Ferro II (séculos oito e sete a.C.) e não confirmam a historicidade da tradição no período decisivo em questão. (A. MAZAR, 2003, p. 324, 512)
Cronologia	Falecimento de Moisés: 7 de Adar de 2488 (Seder Olam 10; Kiddushin 38a em KAPLAN, 1981, p. 1046; KANTOR, 2007, p. 78). Os filhos de Israel permaneceram enlutados durante trinta dias, até 7 de Nissan de 2448. (KANTOR, 2007, p. 83).

⁴⁸⁰Kaplan (1981, p. 849).

⁴⁸¹Milgrom (1996).

⁴⁸²Kaplan (op. cit.).

6.42.2. Bet-Haeshimot (ponto de referência)

Hebraico	בֵּית הַיְשִׁמוֹת <i>bêt-hayyěsímōt</i>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 33:49; Js 12:3; 13:20; Ez 25:9. leshimon: Nm 21:20; Dt 32:10. Is 43:19.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> Local de isolamento – uma cidade de Moab. Desolação, devastação = ישימה.⁴⁸³ Terra desolada (<i>yeshimon</i>) de Nm 21:20⁴⁸⁴. Desolação (ישימות)⁴⁸⁵. A palavra <i>leshimon</i> é utilizada para designar um deserto ou terra desolada, e descreve bem um local sem possibilidades de produção agrícola⁴⁸⁶.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> Aparentemente é uma área de quase cinco quilômetros, ao norte da extremidade nordeste do Mar Morto, possivelmente no riacho de Abu Arabá, que pode ser identificado com a Bíblica Nachaliel⁴⁸⁷. Tell el-`Azeimeh, sete quilômetros a leste do local de encontro entre o Jordão e o Mar Morto⁴⁸⁸. Um deserto específico ao norte do Mar Morto, dos dois lados do Jordão⁴⁸⁹.

⁴⁸³Davies (1968, p. 88, 280).

⁴⁸⁴Chizzkuni em Kaplan (1981, p. 849).

⁴⁸⁵Clines (1993, Vol. 2, p. 165); Milgrom (1996).

⁴⁸⁶MacDonald (2000, p. 63-87).

⁴⁸⁷Chizzkuni em Kaplan (op. cit.).

⁴⁸⁸Aharoni (1979, p. 432); Clines (1993, Vol. 2, p. 165); Freedman (1992, Vol. 1, p. 689); Levine (2000, p. 522); Milgrom (1996); Moskovitz (1988).

⁴⁸⁹Milgrom (op. cit.).

6.42.3. Abel-Hashitim (ponto de referência)

Hebraico	<p style="text-align: center;">אֶבֶל הַשִּׁטִּים</p> <p style="text-align: center;">'ābēl haššittîm</p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 25:1; 33:49; Js 2:1; 3:1, 18; Mq 6:5.
Significado do Nome	<p>Abel:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Luto (אבל)⁴⁹⁰. • Avel indica destruição, desolação, ruína. Significa que é um local devastado ou destruído, sem plantações ou construções⁴⁹¹. • Campina⁴⁹². • Planície⁴⁹³. • Lugar plano (מישרה)⁴⁹⁴. <p>Shitim:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Shitim: Acácia, uma árvore de Israel que era muito utilizada no passado para construções, e hoje é plantada para embelezar regiões áridas de Israel. Sua madeira foi utilizada na construção do Tabernáculo, conforme Ex 25-27. (O Tabernáculo, ou <i>miškan</i>, era o templo portátil que os israelitas construíram para acompanhá-los por todo o período do deserto)⁴⁹⁵. • Campina de acácia⁴⁹⁶. <p>Talvez este lugar tenha relação com <i>Abel Mitsráyim</i> (“Luto do Egito”)⁴⁹⁷.</p>
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Há uma planície, Abel-Hashitim, e o córrego ou wadi que corre em direção ao extremo nordeste do Mar Morto, o “córrego de Shitim”, que pode ser chamado de “Bosque de Acácia”⁴⁹⁸. Abel-Hashitim, segundo o Talmud, está a dezenove quilômetros de Bet-Haieshimot⁴⁹⁹. Parece que os israelitas estavam acampados entre os córregos Ujemi, ao norte do

	<p>Mar Morto, e Abu Arabah, oito quilômetros mais ao norte. A planície entre o Jordão e as montanhas da Arabá tem aproximadamente vinte quilômetros de largura⁵⁰⁰.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nome atual: Tell el-Ḥammâm, no Wadi Kafrein, ao sul do Jabbok⁵⁰¹. • Tell Kefren, nove quilômetros a leste do Jordão⁵⁰².
Fatos Relevantes	O território possui aproximadamente 130 quilômetros quadrados, segundo o Talmud (Raba Bar Bar Chana; R. Yohanan; Aruvin 35 em MOSKOVITZ, 1988).
História / Geografia	Šittāh ou šittīm é a palavra utilizada para a árvore de acácia, e é provavelmente uma palavra de origem egípcia (<i>šnd.t.</i>). É uma das poucas espécies de árvores encontradas em climas secos como o Negev, a Arabá e o Sinai, adequada para a construção de móveis e instrumentos de madeira. São encontradas até os dias de hoje no Sinai, e são mais comuns em wadis onde há maior umidade. (HOFFMEIER, 2005, p. 209)

⁴⁹⁰Clines (1993, Vol. 1, p. 109).

⁴⁹¹Nahmânides sobre Gn 14:6 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 1, p. 268).

⁴⁹²Davies (1968, p. 5).

⁴⁹³Onkelos: *mishor* (planície), em Moskovitz (1988).

⁴⁹⁴Nahmânides sobre Gn 14:6 (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 1, p. 268, tradução BEREZZIN, 1995, p. 363).

⁴⁹⁵Encyclopaedia Judaica (1997).

⁴⁹⁶Davies (op. cit.).

⁴⁹⁷Gn 50:11, Melamed (2001, p. 149).

⁴⁹⁸Saadia em Kaplan (1981, p. 849).

⁴⁹⁹Eruvin 55b; Yerushalmi, Shevi'it 6:1.

⁵⁰⁰Kaplan (1981, p. 849).

⁵⁰¹Aharoni (1979, p. 429); Freedman (1992, Vol. 1, p. 39-40); Levine (2000, p. 522).

⁵⁰²Clines (1993, Vol. 1, p. 109); Milgrom (1996).

Estações Relatadas em Números 21:11-22:1

6.39a. Nahal Zered

Hebraico	<p style="text-align: center;">נַחַל זֶרֶד</p> <p style="text-align: center;"><i>naḥal zered</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 21:12; Dt 2:13, 14.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Riacho ou córrego de Zered⁵⁰³. • Zered: broto ou ramo⁵⁰⁴.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • É o rio que corre para o extremo sudeste do Mar Morto, e forma a fronteira meridional de Moab. Os israelitas, supostamente, estariam em algum lugar do extremo leste do Zered. O local da travessia deste rio é identificado com Dibon-Gad⁵⁰⁵. • Wadi Ḥasa⁵⁰⁶. • Iyei HaAbarim⁵⁰⁷. • Wadi al-Karak⁵⁰⁸.
Fatos Relevantes	Todos estes locais se encontram no Nahal Zered: Ruínas de Abarim, Dibon-Gad, Almon-Diblatáima, Montes de Abarim. (LIBERMAN, 1997)
História / Geografia	Um <i>wadi</i> (<i>naḥal</i>) é um desfiladeiro através do qual um riacho corre. Atualmente, em Israel, a maioria dos <i>wadis</i> estão secos quase todo o ano, fora da estação das chuvas. O <i>wadi</i> Zered contém um córrego perene, identificado com o <i>wadi</i> el-Ḥesa, que possui 55 quilômetros de comprimento, e cujas águas correm para a extremidade sudeste do mar Morto, com queda de aproximadamente 1200 metros. É a fronteira setentrional de Edom, e meridional de Moab. (MILGROM, 1996).
Arqueologia	O nome do rio Zered está quase completamente preservado no mapa-mosaico de Madaba, que o identifica com Wadi al-Hasa. (MACDONALD, 2000, p. 63-87). Madaba ou Medeba é uma cidade no centro-oeste da Jordânia, a trinta e dois quilômetros ao sul de Aman, situada a 760 metros de altitude. Em Nm 21:30, a cidade dos amorreus é conquistada pelos israelitas. Em Js 13:16, a cidade passou a pertencer à tribo de Rubem. Tornou-se uma fortaleza moabita após ser conquistada por

	<p>Mesha (Nono Século a.C.). A cidade se tornou famosa pelo seu mapa-mosaico, supostamente o mais antigo mapa da Palestina e territórios vizinhos. O mapa, cuja linguagem é o grego, data do sexto século d.C.; forma o piso de uma das muitas ruínas de antigas igrejas da cidade, e foi descoberto em 1884. (Figura 3 do Anexo II. Madaba in <i>Encyclopaedia Britannica</i>, disponível em: < http://www.britannica.com/EBchecked/topic/355551/Madaba#ref162511>, acesso em: 03/09/2009).</p>
Cronologia	<p>Dt 2:14 registra um dado importante:</p> <p style="text-align: center;">“E os dias que andamos de Cadesh-Barnea, até que passamos o rio Zered, foram trinta e oito anos, até acabar-se toda a geração de homens de guerra do meio do acampamento, como lhes havia jurado o Eterno”.</p> <p>Este fato identifica o Nahal Zered com Dibon-Gad, cuja chegada foi em: 15 de Av de 2488, 40º ano da saída do Egito. (KAPLAN, 1981, p. 848), data do final do decreto de morte no deserto para a geração da saída do Egito. (Período de 40 anos de jornadas pelo deserto).</p>

⁵⁰³ Kaplan (1981, p. 769). MacDonald (2000, p. 63-87) acredita que “o riacho do salgueiro”, de Isaías, e o “riacho da Arabá”, de Amós, se referem ao riacho Zered: “Willow Brook”, (Is 15:7, SCHERMAN, 1996, p. 979), “o riacho do salgueiro”; “Arabah Brook” (Am 6:14, *ibid.*, p. 1365), “o riacho da Arabá”.

⁵⁰⁴ Berezin (1995, p. 216).

⁵⁰⁵ (Capítulo 6, item 39). Nm 33:45, *Baalei Tossafoth*; Chizzkuni em Kaplan (1981, p. 769).

⁵⁰⁶ Freedman (1992, Vol. 5, p. 811-2); Milgrom (1996); Aharoni (1979, p. 39, 206); MacDonald (2000, p. 63-87); Davies (2009, p. 92).

⁵⁰⁷ Moskowitz (1988).

⁵⁰⁸ MacDonald (2000, p. 63-87).

6.40a. Arnon

Hebraico	<p>אַרְנוֹן</p> <p>'<i>arnôn</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 21:13, 14, 24, 26, 28; 22:36; Dt 2:24, 36; 3:8, 12, 16; 4:48; Js 12:1, 2; 13:9, 16; Jz 11:13, 18, 22, 26; 2 Rs 10:33; Is 16:2; Jr 48:20.
Significado do Nome	Barulhento ⁵⁰⁹ .
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • O Arnon é uma enorme trincheira através do planalto de Moab, com pouco mais de 500 metros de profundidade e mais de três quilômetros de largura⁵¹⁰. • “Arnon é o limite entre Moab e o Emoreu”⁵¹¹. • Arnon se localiza entre Moab e Israel⁵¹². • Almon Diblatáima⁵¹³. • Nachaliel⁵¹⁴. • Wadi al-Mujib⁵¹⁵.
Fatos Relevantes	<p>A estação onde acamparam os israelitas deve estar no norte do Arnon, em um ponto oriental no deserto. Os Israelitas avançaram, na maior parte do tempo, em sentido norte, no caminho do deserto, e não dentro das vilas ou cidades. Não penetraram nas cidades, que pertenciam ao reino de Moab naquele momento. (MOSKOVITZ, 1988)</p> <p>Rashi, no comentário sobre Nm 21:15, explica um milagre ocorrido em Arnon: as montanhas se moveram para destruir os amorreus que preparavam uma emboscada contra os israelitas:</p> <p>“[...] Os milagres que Ele fez no Mar Vermelho, e aqueles nos rios de Arnon; e na corrente dos rios que se estendiam no meio do território de Ar (Moab) e agora está junto ao termo de Moab”. (Nm 21:14-5)</p> <p>Rashi: “<i>The spilling of the streams</i>: The Aramaic translation of פָּרַךְ ‘spilling’, is תַּשְׁךְ the spilling of the streams, for [there] the blood of the Amorites who were hidden there was spilled. The mountains were high and the gorge deep and narrow, and the mountains were so close to each other, that a man standing on the mountain on one side [of the gorge] could speak to his fellow</p>

	<p>standing on the mountain on the other side. A road passed along [the floor of] the gorge. The Amorites said, 'When the Israelites enter the land by passing through the gorge, we will come out of the caves in the mountains above them and kill them with arrows and stones shot from catapults.' There were clefts in the rock on the Moabite side [of the canyon], and directly opposite those clefts, on the mountain on the Amorite side, there were protrusions, [appearing] like horns and breasts. When the Israelites prepared to pass through, the mountain of the Land of Israel trembled, like a maidservant going out to greet her mistress, and moved toward the mountain of Moab. Then those breastlike protrusions entered the clefts, killing them [the Amorites]. This is the meaning of, 'that turned to settle at Ar.' The mountain swung from its place and moved toward the side of the Moabite border, and attached itself to it. Thus, '[it] leaned on the border of Moab'." - [Midrash Tanchuma Chukkath 20, Num. Rabbah 19:25] (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 439-440, tradução disponível em: < http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9949/showrashi/true >, acesso em: 31/08/2009)</p>
História / Geografia	<p>O <i>wadi</i> se enche de águas durante a estação das chuvas, mas no verão fica normalmente seco. A largura do <i>wadi</i> é de cerca de cinco quilômetros. Há um caminho de aproximadamente 50 metros de largura no meio do <i>wadi</i>, que fica a 600 metros de profundidade, e serve de passagem durante os meses sem chuva. (SCHWARTZ, 2003, p. 18-9)</p> <p>O Rio Arnom nasce nas montanhas da Arábia e, depois de atravessar todo o deserto, entra no lago Asphaltite, e separa os moabitas dos amorreus. (JOSEFO, 2008, p. 205)</p> <p>Wadi al-Mujib é um rio perene, cuja fonte se encontra próxima ao forte das legiões romanas de Lajjun, em torno de dezesseis quilômetros a nordeste de al-Karak. De lá, corre em direção noroeste por cerca de vinte e cinco quilômetros, e faz uma curva para oeste, correndo por mais vinte e cinco quilômetros, até desembocar no Mar Morto, em Ras al-Ghor. (MACDONALD, 2000, p. 63-87)</p>
Cronologia	<p>Se Almon Diblatáima coincide com o Arnon, então a chegada seria entre 15 de Av (chegada em Dibon-Gad) e 7 de Adar de 2488 (falecimento de Moisés nas Planícies de Moab), 40º ano da saída do Egito.</p>

⁵⁰⁹“Noisy”. *Arnon* in Wikipédia, disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Arnon_\(western_Jordan\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Arnon_(western_Jordan))>, acesso em: 04/09/2009.

⁵¹⁰Kaplan (1981, p. 770).

⁵¹¹Nm 21:13, Melamed (2001, p. 453).

⁵¹²Aharoni (1979, p. 206).

⁵¹³Chizzkuni, Nm 33:46, em Kaplan (1981, p. 770); Schwartz (2003, p. 9).

⁵¹⁴Adereth Eliahu, Nm 21:19, em Kaplan (op. cit.).

⁵¹⁵Davies (2009, 92); MacDonald (2000, p. 63-87).

6.41a. Beer

Hebraico	<p style="text-align: center;">בְּאֵר</p> <p style="text-align: center;"><i>bě'ēr</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 21:16.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Poço⁵¹⁶. • Fontes ou instalações de água⁵¹⁷.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Almon Diblataima⁵¹⁸. • Wadi eth-Themed⁵¹⁹, nordeste de Moab, um tributário do Wadi el-Wāle, onde há suprimento de água para um grande número de pessoas, próximo à superfície.
Fatos Relevantes	<p>Esta é a Beer onde Moisés reuniu o povo (não é a reunião de Refidim e nem a de Mei Meribá, pois já estavam longe daqueles locais), ao leste de Moab, e possivelmente aqui ocorreu algum outro milagre, que deu ao local o nome de 'Beerah' ou 'Beer'. A novidade é que não foi o povo que pediu água, mas sim Moisés, e Deus concedeu o seu pedido. O local não foi identificado. O poço que dá nome ao local teria sido cavado por Moisés e Aarão, não com ferramentas convencionais, mas com seus cajados, os mesmos dos milagres do Egito. (MOSKOVITZ, 1988)</p> <p>O poço pode ter sido cavado por Moisés e Aarão, antes do falecimento de Aarão, conforme o comentário de Rashi e de Rashbam:</p> <p style="padding-left: 40px;">“A well dug out: this is the well dug out by princes, Moses and Aaron. [See Mid. Lekach Tov, Mid. Hagadol, Mid. Aggadah]” (Rashi sobre Nm 21:18, Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 442, tradução disponível em: < true">http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9949/showrashi>true >, acesso em: 04/09/2009. Rashbam confirma esta informação, ibid., p. 443)</p> <p>O poço pode ter sido cavado por Moisés e Elazar, depois da morte de Aarão. (Lekach Tov em KAPLAN, 1981, p. 773).</p>

História / Geografia	<p>Para Milgrom (1996), Beer de Jz 9:21, Beeroth de 2 Sm 4:2, e a Beer-elim de Is 15:8, seriam o mesmo lugar.</p> <p>Beer-elim, que significa “poço dos chefes” ou “poço dos terebintos”, pode ser uma forma abreviada de Beer. <i>Themed</i> significa “buraco de água”, similar a Beer; e terebintos crescem neste <i>wadi</i> ; esta é a única localidade ao norte do Arnon onde há água próxima à superfície. (FREEDMAN, 1992, Vol. 1, p. 640)</p> <p>Beer supostamente se localiza no Wadi eth-Themed, já que o termo “eth-Themed” se refere à quaisquer tipos de cavidades que contêm águas estagnadas, depositadas pelas chuvas. Nestes locais, é fácil cavar e encontrar água. O Wadi eth-Themed é supostamente o único lugar ao norte do Wadi al-Mujib onde há reservas de água suficientes para um grande número de pessoas. (MACDONALD, 2000, p. 63-87)</p>
Cronologia	<p>Se Almon Diblatáima coincide com Beer, então a chegada seria entre 15 de Av (chegada em Dibon-Gad) e 7 de Adar de 2488 (falecimento de Moisés nas Planícies de Moab), 40º ano da saída do Egito.</p>

⁵¹⁶Freedman (1992, Vol. 1, p. 640); MacDonald (2000, p. 63-87).

⁵¹⁷Aharoni (1979, p. 109).

⁵¹⁸Lieberman (1997).

⁵¹⁹Freedman (op. cit.); MacDonald (op. cit.).

6.42a. Mataná

Hebraico	<p style="text-align: center;">מתנא</p> <p style="text-align: center;"><i>mattānā</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 21:18.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Presente⁵²⁰. • Presente ou doação⁵²¹.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Khirbet el-Medeiyineh⁵²². • Vahev⁵²³. • Almon Diblatáima⁵²⁴. • Montes Abarim⁵²⁵. • Bashan⁵²⁶, traduzido pelo <i>Targum</i> (Nm 21:33) como Mathnan.
Fatos Relevantes	Pode ser que os israelitas cavaram um canal neste local, fazendo com que as águas do poço corressem até Mataná. (Yehuda HaChasid; Chizzkuni, em KAPLAN, 1981, p. 775)
Cronologia	Se Mataná coincide com Almón Diblatáima ou com os Montes de Abarim, a chegada seria entre 15 de Av (chegada em Dibon-Gad) e 7 de Adar de 2488 (falecimento de Moisés nas Planícies de Moab), 40º ano da saída do Egito.

⁵²⁰Kaplan (1981, p. 775). Em linguagem curta, mas poética, segundo Onkelos, “do deserto, que é uma terra árida e seca, vem este presente (Mataná) para nós...”. Liberman (1997). Rashi também menciona a tradução de Onkelos em seu comentário sobre Nm 21:18: “from the desert: it was given to them [as a gift]. — [Onkelos]” (Mikraot Guedolot Meorot, 1995, Vol. 4, p. 442-444, tradução disponível em: <http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/9949/showrashi/true>, acesso em: 04/09/2009.

⁵²¹Freedman (1992, Vol. 4, p. 613); MacDonald (2000, p. 63-87).

⁵²²Kaplan (op. cit.); Freedman (1992, Vol. 4, p. 613); Moskovitz (1988); MacDonald (2000, p. 63-87).

⁵²³Sdereth Eliahu em Kaplan (op. cit.).

⁵²⁴Ibn Ezra em Kaplan (op. cit.); Liberman (1997).

⁵²⁵Chizzkuni in Kaplan (op. cit.).

⁵²⁶Kaplan (op. cit.).

6.43a. Nachaliel

Hebraico	<p>נַחֲלִיֵּל</p> <p>naăhlî 'ēl</p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 21:19.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Riacho forte⁵²⁷. • Herança de Deus⁵²⁸. • Riacho de Deus⁵²⁹. • Vale ou <i>wadi</i> de Deus⁵³⁰. • Grande corrente⁵³¹.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Wadi Wala⁵³². • Wadi Zarqa Ma'in⁵³³, a cerca de dezoito quilômetros ao norte do Arnon. • Almon Diblataimah⁵³⁴. • Wadi Enkheileh⁵³⁵.
Cronologia	Se Nachaliel coincide com Almón Diblatáima, a chegada seria entre 15 de Av (chegada em Dibon-Gad) e 7 de Adar de 2488 (falecimento de Moisés nas Planícies de Moab), 40º ano da saída do Egito.

⁵²⁷Saadia in Kaplan (1981, p. 775).

⁵²⁸Targum; Rashi sobre Nm 21:19 em Kaplan (op. cit.).

⁵²⁹Freedman (1992, Vol. 4, p. 995).

⁵³⁰MacDonald (2000, p. 63-87).

⁵³¹Milgrom (1996).

⁵³²MacDonald (op. cit.).

⁵³³MacDonald (op. cit.); Kaplan (op. cit.).

⁵³⁴Lieberman (1997).

⁵³⁵Davies (2009, p. 92).

6.44a. Bamot

Hebraico	בָּמוֹת <i>bāmôt</i>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 21:19.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Lugares ou altares elevados⁵³⁶. • Altares idólatras⁵³⁷. • Instalações especiais para cultos⁵³⁸.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Montes Abarim⁵³⁹, que são as montanhas a leste do Mar Morto. • Khirbat al-Queiqiyeh, sul do Monte Nebo⁵⁴⁰.
História / Geografia	<p>Pode ser que Bamot seja o mesmo local que Bamoth Baal de Nm 22:41 e Js 13:17; como também Bamoth Moab de Is 16:2. (KAPLAN, 1981, p. 775-6).</p> <p>Talvez seja identificado com <i>bt bmt</i>, “Beth Bamoth”, da Estela Moabita (PRITCHARD, J. B. <i>Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament</i>. Princeton: Princeton University Press, 1969, linha 27, p. 320, em FREEDMAN, 1992, Vol. 1, p. 574)</p> <p>Bamot, como nome topográfico, nunca aparece fora do território moabita. (MILGROM, 1996)</p>
Cronologia	Se Bamot se localiza nos Montes de Abarim, a chegada seria entre 15 de Av (chegada em Dibon-Gad) e 7 de Adar de 2488 (falecimento de Moisés nas Planícies de Moab), 40º ano da saída do Egito.

⁵³⁶ Kaplan (1981, p. 775-6); MacDonald (2000, p. 63-87).

⁵³⁷ Saadia in Kaplan (1981, p. 775-6).

⁵³⁸ Aharoni (1979, p. 109).

⁵³⁹ Lekach Tov, 21:11-15, em Kaplan (1981, p. 775-6); Liberman (1997).

⁵⁴⁰ MacDonald (2000, p. 63-87).

6.45a. Vale no campo de Moab, no cume da colina que olha para o leshimon (deserto)

Hebraico	<p>הַנִּיאֲ אֲשֶׁר בְּשֵׂדֵה מוֹאָב רֹאשׁ הַפְּסָנָה וְנִשְׁקָפָה עַל־פְּנֵי הַיְשִׁימוֹן</p> <p><i>hagay ' 'asher bisdeh mo ' ab ro ' š hapisgâ venišqafah 'al-pney hayešimon</i></p>
Ocorrências na Bíblia Hebraica	Nm 21:20.
Significado do Nome	<ul style="list-style-type: none"> • Vale no campo de Moab, no cume da colina que olha para o leshimon (deserto)⁵⁴¹. • Pisgá⁵⁴²: colina; penhasco/rochedo; pedreira. • Yeshimon⁵⁴³: área desolada no nordeste do Mar Morto. • Gai⁵⁴⁴: um vale entre montanhas.
Localização	<ul style="list-style-type: none"> • Abel Hashitim⁵⁴⁵. • Montes Abarim⁵⁴⁶. • Planícies de Moab⁵⁴⁷. • Topo do penhasco/rochedo de Pisgá, onde Moisés morreu⁵⁴⁸. • Ras al-Siyagha no Wadi 'Uyun Musa⁵⁴⁹, que significa “fonte de Moisés”.
História / Geografia	<p>Geograficamente, parece ser a depressão na serra ao sul do Monte Nebo, que é a origem atual do riacho Ujami, que corre em direção à extremidade norte do Mar Morto, por volta de cinco quilômetros a leste do Jordão. (KAPLAN, 1981, p. 775-6)</p> <p>Deve ser uma colina alta ou alguma montanha a leste de Jericó, ao norte do Mar Morto, de onde é possível observar os arredores sem obstruções. Ras al-Siyagha é atualmente o local de uma Igreja Franciscana e monastério. (MACDONALD, 2000, P. 63-87)</p>
Cronologia	<p>Se o vale no campo de Moab se localiza nos Montes de Abarim, a chegada seria entre 15 de Av (chegada em Dibon-Gad) e 7 de Adar de 2488 (falecimento de Moisés nas Planícies de Moab), 40º ano da saída do Egito. Se for nas Planícies de Moab, a chegada seria, então, em 7 de Adar de 2488, também no 40º ano da saída do Egito.</p>

⁵⁴¹Melamed (2001, p. 454).

⁵⁴²Colina (Melamed, op. cit.); penhasco/rochedo (Kaplan, 1981, p. 775-6); pedreira (Septuaginta em Kaplan, 1981, p. 775-6).

⁵⁴³Kaplan (op. cit.).

⁵⁴⁴Milgrom (1996).

⁵⁴⁵Chizzkuni em Kaplan (op. cit.).

⁵⁴⁶Lieberman (1997).

⁵⁴⁷HaKetav VeHaKabbalah em Kaplan (op. cit.).

⁵⁴⁸Ibn Ezra em Kaplan (op. cit.).

⁵⁴⁹MacDonald (2000, p. 63-87).

Capítulo 7 Comparação com Registros Históricos

7.1. Estilo Literário do Registro das Jornadas

Davies (1974) faz um estudo comparativo do itinerário dos filhos de Israel pelo deserto descrito em Nm 33:1-49.

Segundo Davies (ibid., p. 46), um itinerário é o relato escrito de uma rota; esta rota pode ter sido atravessada por um indivíduo ou um grupo, ou pode vir a ser utilizada no futuro:

“Itinerary: a written account of a route, either one already traversed by a particular individual or group or one that would be suitable for use in the future”.

Um itinerário é algo conciso, no qual o interesse é concentrado no processo de movimento de um local para outro, e outras informações são geralmente excluídas. Um itinerário diferencia-se de outros registros de jornadas pelo uso repetitivo de fórmulas estereotipadas e referências contínuas ao movimento.

No caso do registro das jornadas dos filhos de Israel, em Nm 33:1-49, é perceptível uma fórmula estereotipada: o itinerário é construído de acordo com um padrão: “E partiram de A, e acamparam em B...”. (É possível ver este padrão em MELAMED, 2001, p. 492-495). Há quarenta e uma sentenças como esta.

Cada uma destas sentenças é conectada à próxima pelo fato de que o nome do lugar B estará na próxima sentença na posição A.

“E partiram do Mar Vermelho e acamparam no deserto de Sin. E partiram do deserto de Sin e acamparam em Dofca. E partiram de Dofca e acamparam em Alush”. (Nm 33:11-13)

Este padrão é quebrado apenas por algumas sutis variações, como no verso 9:

“E partiram de Mará e vieram a Elim, e em Elim havia doze fontes de água e setenta palmeiras, e acamparam ali”. (Nm 33:9)

Alguns versos fornecem maiores detalhes sobre a localização do acampamento:

“E partiram de Etam e voltaram a Pi-Hachiroth, que fica defronte de Baal-Tsefón, e acamparam diante de Migdol”. (verso 7)

“E partiram de Etsión-Guéber e acamparam no deserto de Tsin, que é Cadesh”. (verso 36)

“E partiram de Almón-Diblatáima e acamparam nos montes de Abarim, defronte de Nebô. E partiram dos montes de Abarim e acamparam nas planícies de Moab, junto ao Jordão, na altura de Jericó. E acamparam junto ao Jordão, desde Beth-Haieshimót até Abel-Hashitim, nas planícies de Moab”. (versos 47, 48 e 49)

Alguns versos especificam importantes transições territoriais, e outras demonstram interesse em recusos hídricos:

“E partiram de Sucot e acamparam em Etam, que fica na extremidade do deserto. E partiram de Etam e voltaram a Pi-Hachiroth, que fica defronte de Baal-Tsefón, e acamparam diante de Migdol. E partiram de Pi-Hachiroth e passaram pelo meio do mar ao deserto, e fizeram uma jornada de três dias no deserto de Etam e acamparam em Mara”. (versos 6-8)

“E partiram de Cadesh e acamparam no monte Hor, na extremidade da terra de Edom”. (verso 37)

“E partiram de Obot e acamparam nas ruínas de Abarim, na fronteira de Moab”. (verso 44)

Enfim, uma pequena seleção de material da narrativa do Êxodo e das jornadas está incluída: a data e circunstâncias da saída do Egito (versos 3-4); a travessia do mar e os três dias seguintes de jornadas (verso 8); a morte de Aarão, a data e sua idade (versos 38-39); e o registro da proximidade dos israelitas enviado para o rei de Arad (verso 40).

“Partiram de Ramsés aos quinze dias do primeiro mês; no dia seguinte ao da páscoa, saíram os filhos de Israel de cabeça erguida, aos olhos de todo o Egito. E os egípcios sepultavam os primogênitos a quem o Eterno havia ferido entre eles; e também contra seus deuses o Eterno havia feito juízos”. (versos 3 e 4)

“E partiram de Pi-Hachiroth e passaram pelo meio do mar ao deserto, e fizeram uma jornada de três dias no deserto de Etam e acamparam em Mara”. (verso 8)

“E subiu Aarão, o sacerdote, ao monte Hor, por mandado do Eterno, e morreu ali, no quinto mês do quadragésimo ano da saída dos filhos de Israel da terra

do Egito, no primeiro do mês. E Aarão tinha cento e vinte e três anos de idade ao morrer no monte Hor”. (versos 38-9)

“E ouviu o cananeu, rei de Arad, que habitava ao sul, na terra de Canaã, que haviam chegado os filhos de Israel”. (verso 40)

O substantivo hebraico (יּוּמָה) pode significar “partida”, como nos exemplos abaixo, mas pode significar também “um estágio de uma jornada”, talvez especialmente “um dia de jornada”.

“[...] para a partida dos acampamentos”. (Nm 10:2)

“[...] tocarão para as suas partidas”. (Nm 10:6)

“Estas são as partidas dos filhos de Israel [...]”. (Nm 10:28)

É importante analisar antigos registros históricos de itinerários extra-Bíblicos:

a. Três tábuas da Antiga Babilônia (cerca de 1770 a.C.) possuem um texto que revela um itinerário, e contam a mesma história de três formas diferentes. A maior delas, UIOM 2134, descreve a rota entre o norte da Babilônia, via Assíria, para um destino desconhecido – a tábua está quebrada neste ponto – e o retorno a Larsa por um caminho diferente, em parte. UIOM 2370 é uma tábua bem menor, que duplica o texto da maior, variando apenas a ortografia, com dez linhas se referindo à viagem de volta. A terceira, YBC 4499, corresponde à primeira parte da maior das tábuas e registra uma viagem para Emar, no alto Eufrates, próxima à Carchemish. A maioria dos dados das três tábuas possuem a fórmula: “dia X, lugar Y”; uma retrospectiva.

“From the month of Addaru, the 26th day having passed, to the month of Aiaru, 4th day, total 1 month and 8 days since the city was passed, and they girded themselves in Dur-Apil-Sin”. (GOETZE, A. *Journal of Cuneiform Studies* 7, 1953, p. 51-72; HALLO, *Journal of Cuneiform Studies* 18, 1964, p. 57-88, em DAVIES, 1974, p. 52-3)

b. Uma carta de Shamshi-Adad I da Assíria (cerca de 1780 a.C.), encontrada nos arquivos de Mari, descreve um transporte de madeiras: “de Shubat-Enlil para Tilla, de Tilla para Ashihim, de Ashihim para Iyati, de Iyati para Lakushir, de Lakushir para Sagaratim”. Aqui, as estações são repetidas. Cada nome de lugar é escrito uma vez como ponto de partida, e outra como ponto de chegada.

“To Iasmah-Adad say this: thus (speaks) Shamshi-Adad your father. After the 20th day of the month [Mam]mitum, on the second day, I will leave for Mari. The day when I shall have sent this my tablet to you, on the second day from Shubat-Enlil, in the direction of Mari, I will depart. In the evening . . . from (*ištu*) Shubat-Enlil to (*ana*) Tilla, from Tilla to Ashihim, from Ashihim to Iyati, from Iyati, to Lakushir, from Lakushir to Sagaratim”. (Archives Royales de Mari, Textes – Traductions. Paris: Imprimerie Nationale, I-XXI, 1950-1983 ; Éditions Recherche sur les Civilizations, XXII-XXVIII, 1983-98, 1.26, em DAVIES, 1974, p. 71).

c. Dentre os anais dos imperadores assírios do Nono Século a.C., Tukulti-Ninurta II (890-884 BC) e Ashurnasirpal II (883-859 BC), há trechos que apresentam a fórmula “da cidade A eu parti, na cidade B eu passei a noite”, sendo que no próximo estágio, B ocupa a posição A. Cada local, como no exemplo anterior, é repetido duas vezes, em relação à partida e em relação à chegada. Outro ponto interessante é a expansão desta fórmula, como pode ser conferido no relato da campanha de Ashurnasirpal II: “Passei a noite na cidade de Shadikanni, o imposto de Shadikanni – prata, ouro, chumbo, utensílios de cobre e rebanhos – eu recebi, da cidade de Shadikanni eu parti.” Há expansões que se referem, além do recebimento de tributos, à atos de heroísmo militar, travessias de rios, e o problema da busca de água, fatos esperados em uma expedição militar real. O interessante sobre estas expansões é que estas não são inserções posteriores, são parte integral do itinerário; são registros de eventos essenciais à jornada.

“On the sixth day of the month of Dilzu, I departed from the city of Tabite, and I marched unto the district of the river Harmish, I spent the night in the city of Magarisi. From the city of Magarisi I departed, and I marched to the district of the river Habur, I spent the night in the city of Shadikanni. The tribute of Shadikanni—silver, gold, lead, vessels of copper, cattle and flocks—I received. From the city of Shadikanni I departed. I spent the night in the city of Qatni, and I received the tribute of the Qatnites”. (Tukulti-Ninurta's annals. SCHEIL, V. *Annales de Tukulti-'Ninip', roi d' Assyrie 889-884*, Bibliothèque de l'École des Hautes Études, 4me section, 178, Paris (1909), traduzido por D. D. Luckenbill, *Ancient Records of Assyria and Babylonia* I, University of Chicago Press, 1926, pp. 126-133 (cf. esp.128ff.); Os anais de Ashurnasirpal podem ser encontrados em BUDGE, E. A.; KING, L. W. *Annals of the Kings of Assyria*, The British Museum, London, 1902, pp. 346-353, traduzido por Luckenbill, *op. cit.*, 138-171 (cf. esp. 159ff.), em DAVIES, 1974, p. 57.)

d. Nos itinerários egípcios, nomes de lugares não são repetidos. A continuidade é feita utilizando datas. Mesmo diferindo da Bíblia, a fórmula utilizada registra um fato que pode ser significativo para os itinerários Bíblicos. Os anais de

Tutmósis III (1490-1436 BC) testemunham que seus registros de campanha “estão marcados em um rolo de couro no templo de Amon hoje”, mostrando como é considerado vital preservar os registros das campanhas do faraó nos arquivos dos templos; os egípcios devem lembrar e valorizar estes feitos para sempre. Os israelitas possuem o propósito, a partir dos registros das jornadas e estações, de lembrar os feitos milagrosos no deserto, para reconhecerem a bondade com a qual foram conduzidos a terra prometida. (Ver comentário de Rashi, Capítulo 3). Dois textos deste reinado indicam a existência de registros de campanhas:

“Now everything which his majesty did to this town and to that wretched enemy and his wretched army is set down by the individual day, by the individual expedition, and by the individual [troop] commanders. . . They are set down on a roll of leather in the temple of Amon today”. (PRITCHARD, J. B. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. Princeton: Princeton University Press, 3rd ed., 1969, p. 237, em DAVIES, 1974, p. 60).

“I was the one who set down the victories which he (sc. the king) achieved over every foreign country, put into writing as it was done”. (*Theban tomb biography of the scribe Thaneni*. *ibid.*, p. 39, em DAVIES, 1974, p. 61).

Na narrativa da primeira campanha de Tutmósis III, o primeiro ponto interessante é a freqüência das datas. Após o registro de cada data, há uma ou mais frases onde o verbo está no infinitivo, ao invés do tempo verbal da narrativa, que surge nos anais, em outros lugares. Em alguns casos, não há verbos. A maioria dos temas neste formato nos anais lida com movimentos de tropas ou questões administrativas reais. Este texto se refere ao progresso do faraó em direção a Megido, através da planície costeira da Palestina. A continuidade é conseguida através do registro das datas, e nomes de lugares não são geralmente repetidos, além de que alguns locais de parada são omitidos:

“Year 23, 1st month of the third season, day 4, the day of the feast of the king's coronation—as far as the town of 'That-Which-The-Ruler-Seized' of which the Syrian name is Gaza.

[Year 23], 1st month of the third season, day 5, departure from this place. .

Year 23, 1st month of the third season, day 16—as far as the town of Yehem.

. .

Year 23, 1st month of the third season, day 19—the awaken-ing in life in the tent of life, prosperity, health at the town of Aruna. Proceeding northward by my majesty, carrying my father Amon-Re, Lord of the thrones of the two lands. . .” (*ibid.*, p. 235-6, em DAVIES, 1974, p. 61-2).

Davies (1974, p. 78-81), após comparar os itinerários do deserto de Nm 33:1-49 com outros exemplos deste gênero, conclui:

- a. Os itinerários do deserto não são um modelo isolado, mas pertencem a um gênero literário conhecido, do qual existem diversos exemplos.
- b. Os textos de Nm 33:1-49 possuem uma forma de itinerário do tipo retrospectiva, que são combinados com a narrativa. Aparentemente trata-se de um estágio anterior da história que está sendo relatada, de forma análoga aos arquivos de itinerários como os da antiga Babilônia. Os itinerários em Nm 21:12-20 e Dt 10:6-7 são mais parecidos com a forma de arquivo, já que alguns dos seus componentes não possuem verbo. As notas isoladas na narrativa principal, entretanto, estão totalmente bem adaptadas ao seu contexto literário.

“Dali partiram e acamparam no rio Zered. Dali partiram e acamparam na outra parte de Arnon, que fica no deserto e que se estende do território do Emoreu, porque Arnon é o limite de Moab, entre Moab e o Emoreu”. (Nm 21:12-12)

“E os filhos de Israel partiram de Beerot Benê laacán para Mosserá; ali morreu Aarão e ali foi sepultado; e oficiou Elazar, seu filho, no lugar dele. Dali partiram para Gudgod, e de Gudgod para lotbat, terra de ribeiros de águas”. (Dt 10:6-7)

- c. Há muitas similaridades entre Nm 33:1-49 e extratos dos anais assírios do Nono Século a.C.: ambos apresentam uma fórmula de duas partes envolvendo repetição de nomes de lugares, e material adicionado incluindo informações mais precisas sobre localização de acampamentos, notas sobre disponibilidade de água, datas, e um sumário ocasional das narrativas, muitas vezes substituindo exemplos da fórmula utilizada. Em nenhum destes textos, as distâncias entre locais são indicadas.
- d. A comparação dos itinerários do deserto com paralelos extra-Bíblicos não oferece uma perspectiva de solução para a questão da autenticidade. Por um lado, os textos extra-Bíblicos geralmente provêm de participantes das jornadas descritas; sendo assim, seria coerente acreditar na afirmação de Nm 33:2a, de que “[...] escreveu Moisés as suas saídas, conforme as suas jornadas [...]”. Por outro lado, a produção de itinerários, anterior ao período romano, parece

pressupor a existência de uma burocracia que supostamente não existia em Israel até o tempo de David (ou talvez Saul). Sem dúvida, isto pode ser uma generalização sem sentido, especialmente considerando-se a escassez de exemplos para comparação; a confiança no gênero literário dos itinerários também pode ser uma generalização sem sentido. A questão da autenticidade não pode ser resolvida somente com base num estudo comparativo.

- e. Itinerários comparáveis ao de Nm 33:1-49 do antigo Oriente Médio se referem exclusivamente, até onde vão as evidências conhecidas, a campanhas reais militares. O relato em forma de itinerário foi escrito devido à idéia do período no deserto ser comparável a uma expedição militar. Alguns elementos de linguagem das Escrituras nos dão esta visão das jornadas como campanhas militares: em Ex 13:18, “armados (חמשים) subiram os filhos de Israel da terra do Egito”; em algumas passagens os israelitas viajaram “segundo seus exércitos (לצבאותם)” (Nm 33:1); “com seus exércitos” (Ex 6:26); “tirarei os Meus exércitos” (Ex 7:4); “tirei os vossos exércitos” (Ex 12:17); “saíram todos os exércitos” (Ex 12:41); “por seus exércitos” (Ex 12:51); em Nm 10:14-27, há a repetição das expressões “segundo seus exércitos” e “sobre o exército”.
- f. Em todos os eventos do itinerário há um gênero literário que permaneceu até um período mais recente da Antiguidade. Os exemplos da Bíblia Hebraica, junto com as listas de fronteiras de Josué e as notas cronológicas de Reis nos lembram que havia mais do que profetas, sacerdotes e reis na vida de Israel, e há uma grande probabilidade de ter existido em Jerusalém e Samaria arquivos comparáveis àqueles encontrados em Ugarit e na Mesopotâmia.
- g. Os itinerários do deserto não são apenas relíquias da literatura antiga de Israel; são parte do cânone da Bíblia sagrada. Mas este gênero parece pertencer, acima de tudo, ao domínio da burocracia antiga, como se a Bíblia, além do trabalho de poetas, profetas e contadores de estórias, contivesse também o trabalho de servos civis.

Em resumo, o gênero literário da narrativa das jornadas pelo deserto está de acordo com o estilo dos registros de itinerários militares do antigo Oriente Médio, conforme confirma Milgrom:

“One can conclude that the list of stations in Nm 33 is a part of the widely attested itinerary genre. In particular, it exhibits the same form and style as the ninth-century campaign records of the Assyrian monarchs: it repeats the names of the campsites and adds pertinent information regarding military exploits, the availability of water and provisions, and the crossing of rivers, but it does not indicate dates or distances covered. Israel’s wilderness trek – also a military campaign – was, therefore, written down according to the prevailing ancient Near Eastern style of recording itineraries of military campaigns”. (MILGROM, *Numbers*, JPS Torah Commentary, 1996, pp. 497-498).

7.2. Comparação com Registros Egípcios

Segundo Krahmalkov (1994, p. 57-8), o Egito controlava Canaã na Idade do Bronze (entre a décima - oitava e a décima – nona dinastias, cerca de 1560-1200 a.C.), e na sua jurisdição de três séculos, o Egito mapeou a região. Nestes mapas estão incluídas as principais estradas de Canaã; entre elas, há uma importante rota através da Transjordânia que liga a Arabá e as Planícies de Moab, que foi continuamente utilizada neste período. Esta estrada foi mantida pelos egípcios, não somente para acesso a Transjordânia, como também para facilitar o acesso a Cisjordânia (Palestina) pelo leste. Esta estrada é diferente do Caminho do Rei (Capítulo 1, item 2), que é a grande estrada que vai de norte a sul, da Síria até o norte da Arábia. A estrada que vai da Arabá até as Planícies de Moab, por outro lado, era uma estrada relativamente curta servindo a um propósito específico: ligar o sul do Mar Morto até o vale do Jordão, próximo de Jericó.

Os mapas antigos do Egito sobreviveram em forma de listas. Cada lista contém os nomes das cidades que se localizam ao longo da estrada, transcritos do mapa original em uma seqüência precisa. Estes mapas foram combinados com outros, similares, em “listas topográficas” inscritas nas paredes dos antigos templos egípcios.

Três destes mapas da estrada que vai da Arabá até as Planícies de Moab sobreviveram até os nossos dias. Nenhum deles está completo, ou seja, nenhum

deles contém todas as estações ao longo da estrada, mas, juntos, os mapas se completam. Com os mapas juntos, podemos ter uma visão completa do caminho desde o sul do Mar Morto, até o rio Jordão.

O mais antigo dos três mapas pertence ao reinado de Tutmósis III (1504-1450 a.C.), inscrito no templo de Amon em Karnak⁵⁵⁰. Esta é a maior das listas topográficas egípcias, contém 119 nomes de locais associados a numerosas rotas na Palestina, Transjordânia, Líbano e Síria. A rota que vai da Arabá até as Planícies de Moab, de sul para norte, tem quatro estações registradas: Iyyin-Dibon-Abel-Jordan. Não é difícil reconhecer esta rota em Nm 33:45b–50.

Tabela 7.2.1. Estações da Lista de Tutmósis III, segundo Krahmalkov

Arabah para o Jordão	
Lista de Tutmósis III	Números 33
Iyyin	Iyyim
Dibon	Dibon
	Almon-diblathaim
	Nebo
Abel	Abel-shittim
Jordan	Jordan

Dois outros mapas egípcios complementam o mapa de Tutmósis III. O mais antigo destes dois mapas data do reinado de Amenófis III (1387-1350 a.C.), e está inscrito em seu templo mortuário, em Soleb⁵⁵¹. Três estações são listadas na direção norte-sul: Aqrabat-Hareseth-Melach (esta última significa “sal” e se refere ao Mar Salgado, que é o Mar Morto). A lista mais recente desta rota pertence ao reinado de Ramsés II (1279-1212 a.C.), e é parte de uma lista topográfica com quarenta e nove nomes, inscrita no lado oeste da entrada para o grande salão do templo de Amon em Karnak. Aqui, há quatro estações na direção sul-norte: Heres-Qarho-Iktanu-Abel.

⁵⁵⁰SIMONS, J. *Handbook for the Study of Egyptian Topographical Lists Relating to Western Asia*. Leiden: 1937, pp. 111–115, Lista I, Números 95, pp. 98–100; REDFORD, Donald B. *A Bronze Age Itinerary in Transjordan* (Nos. 89–101 of Thutmose III's List of Asiatic Toponyms), *Journal of the Society of Egyptian Archaeology* (1982), p. 55–74, em Krahmalkov (1994, p. 55-62).

⁵⁵¹EDEL, E. *Die Ortsnamentlisten aus dem Totentempels Amenophis III*. Bonn: 1966, List Bn, nos. 11–13, em Krahmalkov (op. cit.).

Tabela 7.2.2. Estações da Lista de Ramsés II, segundo Krahmalkov

Arabah para o Jordão	
Lista de Ramesses II	Números 33
	Iyyim
Heres	
Qarho (Dibon)	Dibon
	Almon-diblathaim
	Nebo
Iktanu	
Abel	Abel-shittim
	Jordan

Qarho é outro nome dado a Dibon, segundo a estela de Mesha (também conhecida como a pedra Moabita). O rei moabita Mesha (Nono Século a.C.) regularmente chamava Dibon de “Qarho”, e os dois nomes da cidade supostamente eram intercalados.

Ao combinarmos as três listas egípcias, conseguimos um mapa quase completo desta rota:

Tabela 7.2.3. Estações Egípcias Combinadas, segundo Krahmalkov

Estrada Arabah – Planície de Moab		
Nome Egípcio da Idade do Bronze	Nome Bíblico	Nome Moderno
(Yamm) ha-Melach	Melach (“Sal”)	Yam ha-Melach
Iyyin	Iyyim	Ay
Heres/Hareseth	Heres/Hareseth	Kerak
Aqrabat		al-Aqraba
Dibon/Qarho	Dibon	Dhiban
Iktanu		Tell Iktanu
Abel	Abel-shittim	Tell Hammam
Jordan	Jordan	Jordan River

Hoffmeier (1996, p. 178-179) descreve, da seguinte forma, uma conclusão sobre o trabalho de Krahmalkov, na qual qualifica os itinerários Bíblicos como fatos históricos confiáveis:

“Krahmalkov has identified parallel sequences between some of the Transjordanian toponyms in Egyptian itineraries and those in Numbers. These factors lead him to conclude that the Hebrew itineraries are at home in the Late Bronze Age. Krahmalkov, furthermore, argues that the correspondence between the two sources shows that the Biblical itineraries are reliable and historical, claiming ‘the account sounds credible enough, even authoritative, as if based on real and reliable sources. It certainly creates in the mind of even the most critical reader the impression of historical fact. After all, the historian is absolut and specific: He describes the Transjordanian route the invaders took in quite remarkable detail... On the face of it, this passage (Nm 33:45b-50) is an impressive and credible piece of ancient historical writing’.”

Em resumo, Kitchen (1964, pp. 47–70) afirma que a narrativa Bíblica da invasão da Transjordânia, ponto de partida para a conquista de toda Canaã, possui um *background* que é historicamente correto. A rota utilizada pelos israelitas para a invasão, descrita em Nm 33:45b–50, era, na verdade, uma rota egípcia oficial de grande circulação. A cidade de Dibon era realmente uma estação nesta estrada na Idade do Bronze, e não uma ruína silenciosa; Ramsés II saqueou a cidade durante uma campanha militar em Moab, comprovando que a cidade existia nesta época, e provavelmente estava ocupada de forma que valia a pena saqueá-la.

Capítulo 8 Ciclos/Padrões da Rota

B. Mazar (*Encyclopedia Mikrait*, 1982, vol. 5, pp. 167-170) e Milgrom (1996) dividem a rota do Êxodo pelo deserto em três etapas:

1. De Ramsés até o Sinai (Nm 33:5-15);
2. De Sinai até Cadesh-Barnea (Nm 33:16-36);
3. De Cadesh-Barnea até as planícies de Moab (Nm 33:17-49).

Wenham (1981, p. 15-18) acredita que estas etapas são três grandes ciclos, relacionados a três importantes eras de revelação, nos locais Sinai, Cadesh e nas planícies de Moab. Mesmo apresentando a história como cíclica, há algum desenvolvimento em cada ciclo.

Nos períodos associados com Sinai, Cadesh e as planícies de Moab, há a recorrência de tópicos similares no mesmo ponto de cada ciclo, o que parece mais do que simples coincidência. Na tabela abaixo, podemos ver alguns exemplos de tópicos recorrentes nos três grandes ciclos:

Tabela 8. Alguns Tópicos Recorrentes nos Três Grandes Ciclos

Tópico	até Sinai	até Cadesh	até Moab
Reclamações	Ex 15:23-24	Nm 11:1	Nm 21:5
Rebeliões	Ex 32	Nm 14:1-10	Nm 25:1-3
Pragas	Ex 32:35	Nm 14:37	Nm 25:8-9
Moisés Intercede	Ex 15:25; 31:11-14; 33:12-16	Nm 11:2	Nm 21:7
Leis sobre Sacrifícios	Lv 1-7	Nm 15:1-31	Nm 28-29
Impureza	Lv 11-16; Nm 9:6-14	Nm 19	Nm 31:19-24
Batalhas	Ex 17:8-16	Nm 14:40-45	Nm 21:1-3, 21-35
Hinos de Vitória	Ex 15:1-18	Nm 10:35-36	Nm 21:14-15
Miriam	Ex 15:20-21	Nm 12	Nm 20:1

Wenham (op. cit., p. 217-219) também sugere a divisão das quarenta e duas estações em seis grupos de sete estações cada, para encontrarmos tendências de ocorrências de eventos similares no mesmo ponto de cada ciclo. Cole (2003, p. 346)

faz este exercício com os dois primeiros grupos de sete estações. Baseado neste trabalho de Wenham e Cole, tentaremos encontrar algum padrão de eventos similares nos ciclos propostos. Vejamos os seis ciclos e seus acontecimentos (para maiores detalhes sobre cada estação, veja Capítulo 6):

Tabela 8.1. Primeiro Ciclo

Posição no Ciclo	Local	Número da Estação	Fato	Milagre	Reclamação / Revolta	Batalha
1	Ramsés	1	Saída do Egito Ex 12:37	Pragas Ex 7:19-12:29		
2	Sucote	2	Início da proteção das nuvens Ex 13:21-22			
3	Etam	3				
4	Pi Hairote	4	Poesia Ex 15	Abertura do mar Ex 14:15		Vitória sobre egípcios Ex 14:26
5	Mará	5	10 Leis Ex 15:25-26	Águas se tornam doces Ex 15:22-25	Falta de água potável Ex 15:22-25	
6	Elim	6	Oásis Ex 15:27			
7	Mar Vermelho	7				

Tabela 8.2. Segundo Ciclo

Posição no Ciclo	Local	Número da Estação	Fato	Milagre	Reclamação / Revolta	Batalha
1	Deserto de Sin	8		<i>Maná</i> e Codornizes Ex 16:13-36	Falta de Alimentos Ex 16:2-3	
2	Dofca	9				
3	Alush	10				
4	Refidim (Massá e Meribá)	11	Fonte de Miriam Ex 17:5-6	Água da pedra / Moisés faz o sol parar Ex 17:5-6; 8-13	Falta de água Ex 17:1-4	Vitória sobre amalequitas Ex 17:8-16
5	Sinai	12	10 Mandamentos, Tabernáculo, Jetró, Censo Ex 18-20, Nm 1	Recebimento da <i>Torá</i> Ex 19:16-20:23	Bezerro de Ouro Ex 32:1-6	
6	Kibrot	13	Fogo no	Codornizes	Pedido de	

	Hataavá		acampamento / escolha dos 70 Sábios Nm 11	Nm 11:4-6, 31-34	Carne Nm 11:4-6, 31-34	
7	Chatserót	14	Punição de Miriam Nm 12		Revolta de Côrach Nm 16	

Tabela 8.3. Terceiro Ciclo

Posição no Ciclo	Local	Número da Estação	Fato	Milagre	Reclamação / Revolta	Batalha
1	Ritmá (Cadesh Barnea)	15	Permanência de 19 anos Dt 1:46		Espiões – decreto de 40 anos no deserto Nm 13, 14	Derrota contra cananitas Nm 14:40-45
2	Rimon-Perets	16				
3	Libná	17				
4	Rissá	18				
5	Keeláta	19				
6	Monte Shefer	20				
7	Charadá	21			Praga Nm 17:12-14	

Tabela 8.4. Quarto Ciclo

Posição no Ciclo	Local	Número da Estação	Fato	Milagre	Reclamação / Revolta	Batalha
1	Mac'Helot	22		Flores no cajado de Aarão Nm 17:23		
2	Táchat	23				
3	Tárach	24				
4	Mitcá	25	Água doce Nm 33:28-29			
5	Chashmona	26				
6	Mosserót	27			Volta do Monte Hor até Mosserót Dt 10:6-7	
7	Benê-laacán	28				

Tabela 8.5. Quinto Ciclo

Posição no Ciclo	Local	Número da Estação	Fato	Milagre	Reclamação / Revolta	Batalha
1	Chor-Haguidgad	29				

2	Iotbáta	30				
3	Abroná	31				
4	Etsion-Gueber	32				
5	Cadesh no Deserto de Tsin – Mei Meribá	33	Falece Miriam / Edom recusa dar passagem aos israelitas Nm 20:1, 14-21	Água da Pedra Nm 20:7-13	Falta de Água / Moisés bate na pedra Nm 20:7-13	
6	Monte Hor	34	Falece Aarão Nm 20:23-29		Volta até Mosserót Dt 10:6-7	Vitória contra Arad Nm 21:1-13
7	Tsalmoná	35			Reclamação Nm 21:4-5	

Tabela 8.6. Sexto Ciclo

Posição no Ciclo	Local	Número da Estação	Fato	Milagre	Reclamação / Revolta	Batalha
1	Punon	36		Cobra de cobre Nm 21:6-9	Pessoas mordidas por cobras Nm 21:6-9	
2	Obot	37				
3	Ruínas de Abarim	38				
4	Dibon-Gad	39	Fim do decreto de 40 anos no deserto Dt 2:14			
5	Almon-Diblatáima	40	Poesia Nm 21:16-18			Vitórias contra Seon e Og Nm 21:21-35, 31-33
6	Montes de Abarim (Nebo)	41	Moisés vê a terra de Israel Nm 27:12, Dt 32:49-50			
7	Planícies de Moab	42	Leis, censo, poesia e falecimento de Moisés Nm 26; Dt 32-34		Imoralidade com Moab e Midian Nm 25:1	Vitória contra midianitas Nm 31

Analisando os dados acima, podemos perceber algumas tendências, conforme a tabela abaixo:

Tabela 8.7. Tendências Cíclicas

Posição no Ciclo	Tendência
1	Milagres: pragas (Ex 7:19-12:29) e saída do Egito (Ex 13:17), maná e codornizes (Ex 16:13-36), flores no cajado de Aarão (Nm 17:23), a cobra de cobre (Nm 21:6-9), mas também o episódio dos espiões (Nm 13-14).
2	Quase inexistência de acontecimentos relatados.
3	Quase inexistência de acontecimentos relatados.
4	Acontecimentos favoráveis: batalhas (vitórias sobre egípcios – Ex 14:26 e sobre amalequitas – Ex 17:8-16); águas (abertura do mar – Ex 14:15, água da pedra / fonte de Miriam – Ex 17:56, água doce – Nm 33:28-29); fim do decreto de 40 anos pelo deserto – Dt 2:14.
5	Grandes milagres e revelações: locais de recebimento de leis (Mara – Ex 15:25-26, Sinai – Ex 19:6-20:23, Cadesh – Nm 20); recebimento de água através de milagres (Ex 15:22-25, Nm 20:7-13); vitórias em batalhas também por milagres (Seon - Nm 21:21-35 e Og – Nm 21:31-33); mas também revoltas por falta de água (Ex 15:22-25, Nm 20:7-13); o bezerro de ouro (Ex 32:1-6); a morte de Miriam (Nm 20:1); Moisés bate na pedra (Nm 20:7-13).
6	Abundância: água de oásis (Ex 15:27); codornizes (Nm 11:4-6, 31-34); escolha dos setenta sábios (líderes – Nm 11); reclamações por carne (Nm 11:4-6, 31-34); retorno de algumas estações devido ao medo da guerra contra Arad (entre Hor e Mosserót – Dt 10:6-7), vitória contra Arad (Nm 21:1-13); morte de Aarão (Nm 20:23-29).
7	Reclamações e revoltas: punição de Miriam (Nm 12), revolta de Côrach (Nm 16), imoralidade com Midian e Moab (Nm 25:1), pragas (Nm 17:12-14), reclamações que resultaram em picadas de cobras como punição (Nm 21:4-5), vingança contra Midian (Nm 31), falecimento de Moisés (Nm 26, Dt 32-34).

Considerações Finais

Diversas estradas de grande importância existiam no Oriente Médio Antigo (capítulo 1). Após a saída do Egito, os israelitas não escolheram a rota aleatoriamente, e nem escolheram o caminho mais curto e direto. Diversos motivos os impeliram à rota escolhida (capítulo 2). O período de quarenta anos no deserto parece ter diversos objetivos, alguns fáceis de identificar, e outros que exigem algum raciocínio lógico, ou mesmo a interpretação de estudiosos (capítulos 2 e 3). Deus tem um papel ativo nesta narrativa, e Moisés apresenta-se como um líder e mediador (capítulo 4). O cenário escolhido para esta narrativa, o deserto, também é repleto de significados (capítulo 5). A rota, o itinerário do Êxodo, que possui quarenta e dois acampamentos, apresenta-se de forma bastante complexa (capítulo 6); cada lugar aparenta ter seu significado específico. Em muitos destes acampamentos, podemos identificar acontecimentos que levaram os israelitas a algum conflito ou sofrimento, ou a vislumbrar algum acontecimento fantástico, sempre dependendo da bondade Divina, que os leva a adquirir alguma maturidade, seja através dos acontecimentos, seja através do estudo das leis recebidas. E acontecimentos similares tendem a se repetir de forma cíclica ou padronizada (capítulo 8). Este itinerário está de acordo, literariamente e geograficamente, com outros antigos itinerários extra-Bíblicos (capítulo 7).

Tudo parece ter sido planejado. Aparentemente, há um grande plano Divino dirigindo os acontecimentos. Apesar de que não há provas indiscutíveis de que toda esta narrativa seja verdadeira, podemos, através da arqueologia, analisar alguns fatos relevantes, que nos levam a acreditar na viabilidade da história das jornadas pelo deserto.

Com base nos estudos de Propp (2000, p. 741-744):

1. Podemos encontrar diversas semelhanças entre os hicsos e os hebreus (Josefo em *Contra Apion* 1.91, p. 104, foi o primeiro de muitos autores a associar os hicsos com os hebreus): documentos egípcios da época da expulsão dos hicsos mencionam fenômenos meteorológicos incomuns; os quatrocentos anos de permanência dos israelitas no Egito remetem à tradição

egípcia de que o deus Seth reinou sobre o Egito durante quatrocentos anos; os israelitas guardam tradição sobre a data da fundação de Tanis em Nm 13:22 (“Hebron foi edificada sete anos antes de Tsóan, do Egito”); um dos governantes hicsos chamava-se *y’qbhr* (capítulo 6, item 34, comentário km), cuja forma abreviada seria o mesmo que o nome Bíblico “Jacob”; os hicsos mantinham alianças militares e relações comerciais com os núbios, e o nome do neto de Aarão, “Pinechás” (Nm 25:11), é uma palavra egípcia que significa “o núbio”, como também a esposa de Moisés é chamada em Nm 12:1 de “cushita”, ou seja, “núbia”.

2. Nos séculos décimo – sexto e décimo – quinto a.C., quase todas as cidades fortificadas de Canaã, inclusive Jericó, foram destruídas – a maioria pelos faraós da décima – oitava dinastia. Ao final da Idade do Bronze Médio, uma expulsão em grande escala de asiáticos ocorreu no Egito e, logo em seguida, veio uma era de conquistas.
3. Durante o Novo Império (cerca de 1558-1085 a.C.), haviam muitos asiáticos no Egito. Muitos eram escravos, outros foram criados na corte do faraó, e muitos possuíam nomes egípcios.
4. Textos egípcios dos reinados de Amenófis III, Ramsés II e Ramsés III mencionam seminômades chamados de “Shasu de *yhw3*”, na vizinhança do reino de Midian, leste da Arábia. É difícil negar a possível associação com o nome do Deus de Israel.
5. No décimo – quarto século a.C., um monoteísta governou o Egito, Amenófis IV ou Akhenaton.
6. O nome *ḥa-bi-ru*, utilizado no décimo – quarto século a.C., poderia corresponder ao termo *‘ibrî*, “hebreu”. Os *‘abiru* não são um grupo étnico, e possuem pouca semelhança com os israelitas pré-monárquicos, mas pode ter sido um termo genérico utilizado para discriminar os hebreus devido à ignorância das diferenças entre os grupos étnicos.

7. Evidências textuais sugerem uma epidemia internacional no décimo – quarto século a.C., talvez remanescente das pragas Bíblicas.
8. As cidades de Pitom e Ramsés foram também construídas neste período (Ex 1:11).
9. No décimo – terceiro século a.C., houveram grandes migrações populacionais através do Oriente Médio, que resultaram na troca de reinados. É também interessante notar que, neste mesmo período, há um relato de dois escravos fugindo do Egito para Canaã, registrado por Gardiner (1920, p. 99-116).
10. No décimo – terceiro século a.C., houveram grandes destruições em Tell Beit Mirsim, Bethel, Jokneam e Hazor, as últimas três tomadas por Israel, segundo a Bíblia. Muitos outros locais sem identificação também foram destruídos entre 1225 e 1175 a.C. (Curiosamente, exceto Hazor, muitas das cidades capturadas e queimadas por Josué e os israelitas, segundo a Bíblia, não mostram evidências de destruição no período de transição entre as idades do Bronze e do Ferro).
11. Nos séculos décimo – terceiro e décimo – segundo a.C., imigrantes triplicaram a população de Canaã. Muitas localidades foram fundadas. Estes novos moradores eram fazendeiros e pastores, com organização tribal, e criaram terras aráveis, cavaram cisternas e construíram silos para armazenagem de água e grãos. Seu artesanato não era de qualidade, e não criavam porcos. São chamados de proto-israelitas.
12. No décimo – terceiro século a.C., o faraó Merneptah afirma que destruiu um grupo chamado “Israel”. A escrita hieroglífica deste nome deixa claro que este “Israel” se refere a um grupo de pessoas, possivelmente tribal, e não a uma cidade, nação ou região. (Figura 4, Anexo II)
13. No décimo – segundo século a.C., os filisteus se alojaram na costa cananita, exatamente onde a Bíblia (Ex 13:17) os localiza.

Com base nos estudos de Malamat (1998, p. 62-66):

1. Ex 1:11 registra que Pitom e Ramsés foram construídas por escravos israelitas. O papiro Leiden 348, um decreto de um oficial de Ramsés II relacionado à construção da nova capital, Pi-Ramsés, declara:

“Distribute grain rations to the soldiers and to the Apiru who transport stones to the great pylon of Ramesses.” (WILSON, John A., in PRITCHARD, James B. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, 3rd ed. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 1969, p. 258, em MALAMAT, 1998, p. 64)

Se os ‘apiru têm alguma conexão com os hebreus, parece que os hebreus foram forçados a construir a capital de Ramsés, conforme a passagem Bíblica.

2. Mesmo não tendo conexão alguma com a narrativa do Êxodo, a estela de Merneptah (1208 a.C.) menciona um povo chamado Israel vivendo em Canaã. (Figura 4, Anexo II)
3. A rede de fortes ao longo da costa do Sinai conhecida como “O Caminho da Terra dos Filisteus” em Ex 13:17 (capítulo 1, item 1, estudada por GARDINER, 1920, pp. 99-116) permaneceu sob controle egípcio durante o décimo – terceiro século a.C. Mas o relato da Bíblia registra que Deus ordenou evitar esta rota, mostrando que havia ciência de que a rede de fortes poderia facilmente ter se tornado uma armadilha para os israelitas.
4. Papiros Anastasi: os registros dos oficiais de fronteira egípcios são de grande importância. Estes revelam o controle rígido exercido pelas autoridades egípcias sobre sua fronteira oriental nas últimas décadas do século décimo – terceiro a.C. Tanto estrangeiros quanto egípcios necessitavam de uma permissão especial das autoridades para atravessar as fronteiras. O papiro Anastasi III registra as travessias diárias de indivíduos devidamente autorizados durante o reinado de Merneptah (final do décimo – terceiro século a.C.). O papiro Anastasi VI registra a passagem de uma tribo proveniente de Edom para o Egito, durante uma seca. Este papiro registra que, para alguns

destes viajantes, a travessia para o Egito era necessária para mantê-los vivos, como também para seus rebanhos. Os patriarcas Abraão e Jacob também foram ao Egito para escapar de secas (Gn 12:10, 47:4). Se não houvesse este rígido controle de fronteiras, pessoas, ou até mesmo povos, poderiam atravessar do Nilo até o Sinai, ou até mesmo Canaã. Por isso, não é estranho o fato de que Moisés e Aarão foram ao faraó solicitar permissão de saída: “Envia meu povo” (Ex 5:1; 7:16, 26; 8:16; 9:1, 13; 10:3). O papiro Anastasi V se refere à fuga de dois escravos ou servos da residência real em Pi-Ramsés. Os fugitivos atravessaram a fronteira fortificada em direção ao Sinai. O oficial que escreveu o papiro recebeu ordens de capturar os fugitivos e trazê-los de volta. Esta história possui paralelos com a história do Êxodo: a fuga de escravos da região de Ramsés, em busca de liberdade; uma força militar egípcia persegue os fugitivos para trazê-los de volta; os fugitivos percorrem uma rota de fuga similar à rota dos israelitas.

5. Na estela da ilha de Elefantina, próxima à primeira catarata do Nilo (data do segundo ano do faraó Setnakht, na segunda década do décimo – segundo século a.C.), uma facção egípcia aparentemente se rebelou contra o faraó, e entrou em conflito com outra facção, leal ao rei. Os revolucionários subornaram alguns asiáticos, que se encontravam no Egito, com prata, ouro e cobre, para auxiliá-los neste conflito contra a coroa. Há alguns paralelos com a história do Êxodo: os israelitas, na sua fuga do Egito, recebem dos egípcios prata e ouro (Ex 3:21-22, 11:2, 12:35-36; Sl 105:37); em Ex 1:10, os egípcios temem que os israelitas (que são asiáticos) possam se unir aos seus inimigos em alguma eventual revolta, exatamente o que é narrado na estela de Elefantina.

Com base nos estudos de Sarna (*Exploring Exodus*, 1996, p. 7-14):

1. Na estela de Merneptah (Figura 4, Anexo II), as cidades de Ashkelon e Gezer formam um par, como também Yanoam e Israel. Como o primeiro par se localiza no sul, e Yanoam fica no norte, “Israel” também deve estar localizada no norte, ou, pelo menos, na região central. A conclusão é que, em

cerca de 1220 a.C. (época da estela), o povo de Israel havia alcançado recentemente Canaã, ainda sem fronteiras definidas.

“[...] Carried off is Ashkelon; seized upon is Gezer;
Yanoam is made as that which does not exist;
Israel is laid waste, his seed is not; [...]”
(PRITCHARD, J. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*.
Princeton, NJ, 1955, 1968, p. 378 em Sarna, *Exploring Exodus*, 1996, p. 11)

2. A cultura cananita teve um final abrupto na segunda metade do décimo – terceiro século a.C. Um número significativo de cidades-estado, entre estas Laquish, Betel e Hazor, deixaram de existir, e todas as evidências apontam para uma destruição violenta causada por homens. A cultura cananita foi substituída por outra, não mais baseada no sistema de cidades-estado, mas com características semi-nômades, em processo de sedentarização. Apesar da falta de evidências, há muitos pontos em comum com o relato Bíblico.

Com base nos estudos de Kitchen (2006, p. 311-312):

1. Israel e seus vizinhos, Edom e Moab, são mencionados em fontes egípcias pouco antes de 1200 a.C., ou seja, são reais.
2. A décima – nona dinastia ramessida ocorreu em uma época particularmente cosmopolita na história e cultura egípcia. Diversos povos, entre estes os semitas, se inseriram na sociedade egípcia em quaisquer níveis, desde a corte do faraó até os escravos.
3. As narrativas Bíblicas, do Êxodo ao Deuteronômio, refletem diretamente a realidade, e não uma fantasia fantástica. Juncos tolerantes ao sal, água da pedra, hábitos das codornizes, dentre muitos outros fatos, refletem condições locais reais, e necessitam de conhecimento específico da região, e não o estudo de livros à distância, na Babilônia ou em Jerusalém. Estas narrativas contrastam totalmente com textos fictícios.

4. A decisão de escolher um caminho para Canaã que não passasse pela conhecida rota norte é uma resposta direta à presença militar egípcia, exatamente no décimo – terceiro século a.C.
5. O Tabernáculo é uma concepção semita antiga, e foi construído com tecnologia egípcia.
6. A forma e conteúdo da aliança do Sinai se encaixam no período do antigo segundo milênio a.C.
7. Escravos que fabricam tijolos não são diplomatas; o formato da aliança exige um líder da corte. Teríamos de inventar um Moisés, se já não houvesse um disponível.

Com base nos estudos de Hoffmeier (2005, p. 248-9):

1. Os detalhes descritos pela Bíblia Hebraica das jornadas e viagens pelo Sinai se encaixam bem com os conhecimentos atuais sobre o Sinai.
2. O Tabernáculo faz sentido como um santuário móvel para um povo em trânsito, e há protótipos egípcios similares.
3. Na estrutura da aliança do Sinai há paralelos literários com tratados documentados da segunda metade do segundo milênio a.C. Os documentos do primeiro milênio a.C. apresentam um padrão totalmente diferente daquele usado na Bíblia Hebraica.
4. Muitas das palavras utilizadas para descrever os objetos do Tabernáculo e as vestimentas dos sacerdotes são de etimologia egípcia. De forma similar, muitos dos nomes de indivíduos da geração do Êxodo e das gerações seguintes possuíam nomes egípcios. Se os israelitas não estiveram no Egito, como isto seria possível? Com certeza, um redator de meados do primeiro milênio a.C. em Judá ou na Babilônia não poderia conhecer estes termos

egípcios, como também não poderia se referir a cidades egípcias (como exemplo, Ramsés) que teriam sido abandonadas há séculos.

Kitchen (2006, p. 310-1) afirma que não há registros egípcios que mencionam israelitas trabalhando no delta do Nilo, ou em qualquer outro lugar; nem mesmo registros de um Moisés como líder deste grupo, ou seu êxodo. Em lugar algum do Sinai há vestígios de um povo com o nome de Israel atravessando o deserto, na Idade do Bronze Recente. Devemos registrar as razões para a falta de documentação antiga de qualquer espécie, e entender que não é possível encontrarmos “provas”, como aquelas dos estilos bizantino ou medieval, que tanto estudiosos críticos, quanto pessoas simples, anseiam por encontrar. Não podemos solicitar aos faraós que divulguem suas derrotas, ou a perda de um esquadrão de elite de bigas, nas paredes dos templos, para que todos possam ver. Os deuses egípcios somente proporcionaram vitórias aos reis – e derrotas indicam desaprovação! Não é possível procurar registros administrativos que teriam dado aos hebreus “desembarço alfandegário” para que estes pudessem sair do Egito. De fato, 99% de todos os papiros do Novo Império foram perdidos na lama da região do delta; os poucos que restaram estavam nas areias secas de Saqqara e no Alto Egito, longe dos campos de barro da região de Pi-Ramsés, de onde foram recuperados pouquíssimos documentos em potes quebrados. Não restaram construções em Pi-Ramsés acima do nível do chão, nem templos, nem palácios. Como, então, poderíamos encontrar o barro e as cabanas de junco de escravos, que há muito tempo voltaram a formar um lamaçal? E um grupo de pessoas viajando pelas paisagens do Sinai, na expectativa de chegar a Canaã no período de, no máximo, um ano, não seria sobrecarregado com objetos de cerâmica grosseiros, apenas para o prazer dos arqueólogos. Outros viajantes, mesmo em períodos anteriores, utilizavam odres para transportar água, e não ânforas grosseiras.

Para Malamat (1998, p. 62), a ausência de evidências não serve como prova:

“The lack of direct Egyptian evidence for any of these events does not prove that they didn’t happen”.

Não há provas de que o Êxodo, os eventos no Sinai e a construção do Tabernáculo tenham ocorrido. Porém, estes fatos possuem uma base histórica, e

correspondem a realidades conhecidas do segundo milênio a.C. (KITCHEN, 2006, p. 312)

Bibliografia Geral

AHARONI, Yohanan [et al.]. *Atlas Bíblico*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

_____ *The Land of the Bible. A Historical Geography*. Philadelphia: The Westminster Press, 1979.

ALTER, Robert e KERMODE, Frank. *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

ANATI, Emmanuel. *The Riddle of Mount Sinai. Archaeological Discoveries at Har Karkom*. Capo di Ponte (Valcamonica, Brescia, Itália): Edizioni del Centro, 2001.

ANCIENT TALES: Amazing Torah Stories from Sefer Hayashar. New York: Yosher, 2001.

BEREZZIN, Jaffa Rivka. *Dicionário Hebraico-Português*. São Paulo: Editora Universitária de São Paulo, 1995.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2ª Impressão. São Paulo: Paulus, 2003.

BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BLAU, Avraham. *O Livro dos Reis (I)*. Bíblia Nachalat Avot. São Paulo: Maayanot, 1997.

BRIGHT, John. *A History of Israel*. Louisville (KY): Westminster John Knox Press, 2000.

BOGOMILSKY, Moshe. *Vedibarta Bam: And You Shall Speak of Them*. Vol. II - Shemot. New York: Hebrew Books, 2006.

_____ *Vedibarta Bam: And You Shall Speak of Them*. Vol. IV - Bamidbar. New York: Hebrew Books, 2006.

BUDD, Philip J. *Word Biblical Commentary*: Vol. 5: Numbers. Dallas: Word Books, 1984.

BUSHELL, Michael S.; TAN, Michael D. *The BibleWorks Program 5.0*. Bigfork (MT): Hermeneutika Computer Bible Research Software, 2001.

CLINES, David J. A. *The Dictionary of Classical Hebrew*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993.

COLE, R. Dennis. *The New American Commentary*. Vol. 38 – Numbers. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2000.

D'ALMEIDA, João Ferreira. *A Bíblia Sagrada*. Rio de Janeiro: Sociedades Bíblicas Unidas, 1950.

DAVIES, Benjamin. *Hebrew English Biblical Dictionary*. New York: DOT, 1968.

DAVIES, G. I. *The Way of the Wilderness: A Geographical Study of the Wilderness Itineraries in the Old Testament*, in The Society for Old Testament Study, Monograph Series No. 5. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

DEUTSCH, Yosef. *Let My Nation Go*. Jerusalem: Feldheim Publishers, 1998.

_____ *Let My Nation Serve Me*. New York: Mesorah Publications, 2006.

DEVER, William G. *What Did the Biblical Writers Know & When Did They Know It?* Grand Rapids (Michigan): William B. Eerdmans Publishing Company, 2002.

DURHAM, John I. *Word Biblical Commentary*: Volume 3: Exodus. Dallas: Word Books, 1987.

- EBAN, Abba. *A História do Povo de Israel*. Rio de Janeiro: Bloch, 1982.
- ELITZUR, Yehuda e KIEL, Yehuda. *Atlas Daat Mikra (Hebraico)*. Jerusalem: Mossad Harav Kook, 1993.
- Encyclopaedia Judaica. CD-ROM Edition. Jerusalém: Keter Publishing House, 1997.
- FRANCISCO, Edson F. *Manual da Bíblia Hebraica*. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- FREEDMAN, David N.. *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992.
- FRIEDMAN, Avraham I. *Mikraot Gedolot: Sefer Bamidbar*. New York: Gross Bros, 1971.
- _____ *Mikraot Gedolot: Sefer Shemot*. New York: Gross Bros, 1971.
- FUNARO, Vânia M. B. O. [et al.]. *Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP : documento eletrônico e impresso*. Parte I (ABNT). 2ª. Edição. São Paulo: Universidade de São Paulo. Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, 2009.
- GANTZFRIED, R. Shlomo. *Kitsur Shulchan Aruch – O Código da Lei Judaica Abreviado*. Vol. 1. São Paulo: Maayanot, 2008.
- GINZBERG, Louis. *The Legends of the Jews. Bible Times and Characters from the Exodus to the Death of Moses*. Vol III. Oxford: Gutenberg Foundation, 2001.
- GINSBURGH, Yitzchak. *The Hebrew Letters*. 2a. Edição. Jerusalem: Gal Einai Publications, 1992.
- GIVEON, Raphael. *Impact of Egypt on Canaan, Iconographical and Related Studies*. Fribourg: The Universitätsverlag Freiburg Schweiz, 1977.
- GOMES, Reginaldo. *Theologie der Wüste in Deuteronomium*. Frankfurt am Main: Lang, 1999.
- HAHN, Jerome S. *Bible Basics*. Boca Raton: International Traditions Corporation, 1996.
- HOLLADAY, J.S. *Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East 3*. New York: OUP, 1997.
- HAR-EL, Menashe. *The Sinai Journeys. The Route of the Exodus*. San Diego (CA): Ridgefield Publishing Company, 1983.
- HARRIS, R. Laird. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HOFFMEIER, James K. *Ancient Israel in Sinai. The Evidence for the Authenticity of the Wilderness Tradition*. New York: Oxford University Press, 2005.
- _____ *Israel in Egypt. The Evidence for the Authenticity of the Exodus Tradition*. New York: Oxford University Press, 1996.
- HUERIN, Yaacob B. I. *Kisur Seder Hadorot*. México D.F.: Editorial Jerusalem de México, 1993.
- ISAACS, Jacob. *Our People: History of the Jews*. New York: Kehot, 1946.
- JACOBSON, Simon. *Counting of the Omer*. New York: Meaningful Life Center, 5 edition, 1996.
- JewishEncyclopedia.com. West Conshohocken (PA): Kopelman Foundation, 2002.
- JOHNSON, Paul. *A History of the Jews*. New York: Harper Perennial, 1987.
- JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

KANTOR, Mattis. *Codex Judaica: Chronological Index of Jewish History*. New York: Zichron Press, 2007.

KAPLAN, Aryeh. *The Living Torah*. New York: Maznaim Publishing Corporation, 1981.

KIRSCHBAUM, Saul [et al.]. *Transliteração do Hebraico para Leitores Brasileiros*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KITCHEN, Kenneth A. *On the reliability of the Old Testament*. Grand Rapids (Michigan): William B. Eerdmans Publishing Company, 2006.

LANDA, Eli. *Sefer Masaot Israel (Hebraico)*. Jerusalém: Achim Goldenberg, 1996.

LEVINE, Baruch A. *The Anchor Bible. Numbers 21-36*. New York: Doubleday, 2000.

LIBERMAN, Pinchas Y. *Perush HaRamban Al HaTorah – Bamidbar (Hebraico)*. Jerusalem: 1997.

MAZAR, Amihai. *Arqueologia na Terra da Bíblia: 10.000-586 a.C.* São Paulo: Paulinas, 2003.

MAZAR, Biniamin. *Enciclopedia Mikraít (Hebraico)*. Jerusalém: Bialik Institute, 1982.

MELAMED, Meir M. *Torá – A Lei de Moisés*. São Paulo: Sefer, 2001.

MIKRAOT Guedolot Meorot. Volumes 1 a 5. Jerusalém: Bruchman, 1995.

MILGROM, Jacob. *Numbers. The JPS Torah Commentary*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1996.

MOSKOVITZ, Yehiel T. *The Chumash Bamidbar With The Commentary Daat Mikrah (Hebraico)*. Jerusalem: Mossad Harav Kook, 1988.

MUNK, Michael L. *The Wisdom in the Hebrew Alphabet*. New York: Mesorah Publications, 1995.

NOTH, Martin. *Estudios Sobre El Antiguo Testamento*. Salamanca: Sigueme, 1985.

ORENSTEIN, Zvi. *Chumesch: Tom 2: Shemot*. Lemberg: Druck und Verlag von Pessel Balaban, 1881.

_____ *Chumesch: Tom 4: Bamidbar*. Lemberg: Druck und Verlag von Pessel Balaban, 1881.

PALMER, E. *The Desert of the Exodus: Journeys on Foot in the Wilderness of the Forty Years' Wanderings*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1872.

PLAUT, Gunther. *The Torah: A Modern Commentary*. New York: Union of American Hebrew Congregations, 1983.

PROPP, William H. C. *The Anchor Bible. Volume 2A - Exodus 19-40*. New York: Doubleday, 2000.

RODRIGUES, André Figueiredo. *Como Elaborar e Apresentar Monografias*. 3ª Edição Atualizada. São Paulo: Humanitas, 2008.

_____ *Como Elaborar Referência Bibliográfica*. 7ª Edição. São Paulo: Humanitas, 2008.

ROSENBERG, A. *Otser HaShemot*. (Hebraico) Vol. 8. 2a. Edição. New York: Hebrew Books, 1923.

ROSENBERG, A. J. *The Judaica Press Complete Tanach with Rashi's commentary*. New York: Judaica Press, 2009.

- SACKS, Jonathan. *Uma Letra da Tora*. São Paulo: Sefer, 2002.
- SAFRAN, Alexandre. *A Cabalá*. São Paulo: Colel Torah Temimá do Brasil, 1995.
- SARNA, Nahum M. *Exodus. The JPS Torah Commentary*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1996.
- _____ *Exploring Exodus: The Origins of Biblical Israel*. New York: Schocken Books, 1996.
- _____ *Gênesis. The JPS Torah Commentary*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1996.
- SCHERMAN, Nossou. *The Stone Edition Tanach*. New York: Mesorah Publications, 1996.
- SCHOCHET, Jacob I. *Mystical Concepts in Chassidism*. New York: Kehot, 1979.
- SCHWARTZ, Dan. *Eleh Mas'ei*. Jerusalem: Dan Schwartz, 2003.
- SHOSHAN, Avraham E. *Milon Even Shoshan*. Israel: Hamilon Hachadash, 2004.
- TIGAY, Jeffrey H. *Deuteronomy. The JPS Torah Commentary*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1996.
- WEISSMAN, Moshe. *The Midrash Says*. New York: Benei Yakov Publications, 1980.
- WENHAM, G. J. *Numbers: An Introduction and Commentary. Tyndale Old Testament Commentary*. Downers Grove, IL: Intervarsity, 1981.
- ZILBERMAN, Shimon. *The Up-to-date English-Hebrew Dictionary*. Jerusalem: Zilberman, 1990.

Artigos

- ALBRIGHT, William F. From the Patriarchs to Moses II: Moses out of Egypt, in *The Biblical Archaeologist*, Vol. 36, No. 2 (1973), pp. 48-76, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3211050>>, acesso em: 19/08/2009.
- BACON, Benjamin Wisner. *JE in the Middle Books of the Pentateuch. III. From Egypt to Sinai: Analysis of Exodus xii. 37-xvii. 16*, in *Journal of Biblical Literature*, Vol. 11, No. 2. (1892), pp. 177-200, disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0021-9231%281892%2911%3A2%3C177%3AJITMBO%3E2.0.CO%3B2-T>>, acesso em 16/05/2007.
- BATTO, Bernard F. *Red Sea or Reed Sea?*, in *Biblical Archaeology Review*, Vol. 10, No. 04 (1984), pp. 57-63, disponível em: <<http://cojs.org/articles/BAR%201984%20Jul-Aug/Red%20Sea%20or%20Reed%20Sea.pdf>>, acesso em 23/06/2009.
- _____ *The Reed Sea: Requiescat in Pace*, in *Journal of Biblical Literature*, Vol. 102, No. 1 (1983), pp. 27-35, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3260744>>, acesso em: 14/08/2009.
- BEIT-ARIEH, Itzhaq. *The Route Through Sinai: Why the Israelites Fleeing Egypt Went South*, in *Biblical Archaeology Review*, Vol. 14, No. 03 (1988), pp. 28-37, disponível em: <<http://cojs.org/articles/BAR%201988%20May-Jun/The%20Route%20Through%20Sinai.pdf>>, acesso em: 23/06/2009.
- BIETAK, Manfred. *Rich beyond the Dreams of Avaris: Tell el-Dab^ca and the Aegean World: A Guide for the Perplexed: A Response to Eric H. Cline*, in *The Annual of the British School at Athens*, Vol. 95 (2000), pp. 185-205, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/30103431>>, acesso em 07/07/2009.

BIMSON, John J. e LIVINGSTON, David. *Redating the Exodus* in Biblical Archaeology Review, Vol. 13, No. 05 (1987), pp. 40-67, disponível em: <http://cojs.org/cojswiki/Redating_the_Exodus,_John_J._Bimson_and_David_Livingston,_BAR_13:05,_Sep/Oct_1987.>, acesso em 23/06/2009.

BYERS, Gary. *New Evidence from Egypt on the Location of the Exodus Sea Crossing: Part I*, in Bible and Spade, winter issue (2006), disponível em: <<http://www.biblearchaeology.org/post/2008/08/New-Evidence-from-Egypt-on-the-Location-of-the-Exodus-Sea-Crossing-Part-I.aspx>>, acesso em: 06/08/2009.

_____ *New Evidence from Egypt on the Location of the Exodus Sea Crossing: Part II*, in Bible and Spade, spring issue (2006), disponível em: <<http://www.biblearchaeology.org/post/2008/08/23/New-Evidence-from-Egypt-on-the-Location-of-the-Exodus-Sea-Crossing-Part-II.aspx>>, acesso em: 06/08/2009.

CAZELLES, Henri. *Les localizations de l'exode et la critique littéraire*, in Review Biblique No. 62 (1955), p. 358-359, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4196971>>, acesso em: 19/08/2009.

COLE, R. Dennis. *The challenge of faith's final step : Israel's journey toward victory in Numbers 33*, in GRISANTI, Michael A.; HOWARD, David M.. *Giving the Sense*. Grand Rapids (MI): Kregel Publications (2003), pp. 340-359, disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=stMd0QV97IYC&pg=PA340&lpg=PA340&dq=The+challenge+of+faith's+final+step+:+Israel's+journey+toward+victory+in+Numbers+33.&source=bl&ots=sd_RkSGHt4&sig=9bALSmSYy41QFOky8W-KxSlgyOg&hl=pt-BR&ei=a1JySpmyJLHIAeA193VCg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1#v=onepage&q=&f=false>, acesso em: 30/07/2009.

DAVIAU, Michèle and DION, Paul-Eugène. *Moab Comes to Life*, in Exploring Jordan: The Other Biblical Land, Biblical Archaeology Society (2008), p. 46.

DAVIES, G. I. *The Wilderness Itineraries and the Composition of the Pentateuch*, in Vetus Testamentum, Vol. 33, Fasc. 1 (1983), pp. 1-13, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1517990>>, acesso em 20/08/2008.

_____ *The Wilderness Itineraries: A Comparative Study*, in Tyndale Bulletin No. 25 (1974), pp. 46-81, disponível em: <http://www.tyndalehouse.com/TynBul/Library/00_TyndaleBulletin_ByAuthor.htm#D>, acesso em: 30/07/2009.

_____ *Was There an Exodus?*, in DAY, John. In search of pre-exilic Israel: Journal for the Study of the Old Testament (Oxford Old Testament Seminar), Supplement Series No. 406 (2003), pp. 23-40, disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=yM_X2yzRLx4C&pg=PA23&lpg=PA23&dq=Was+there+an+Exodus%3F,+Davies&source=bl&ots=9UUCĒCXOSR&sig=EDZudwdttSzmV21lqRe0toUkog&hl=pt-BR&ei=uyhyStamINmOtgf52KGNBA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1>>, acesso em: 30/07/2009.

DEVER, William G. *Is There Any Archaeological Evidence For The Exodus?*, in FRERICHS, Ernest S.; LESKO, Leonard H. Exodus: The Egyptian Evidence. Winona Lake (Indiana): Eisenbrauns, 1997, disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=ObnYAAAAMAAJ&q=Exodus:the+egyptian+evidence&dq=Exodus:the+egyptian+evidence>>, acesso em: 16/10/2007.

EASTON, Matthew G. *The Illustrated Bible Dictionary*. Publicado por Thomas Nelson. Santa Cruz (CA): Internet Sacred Text Archive (ISTA), 1897, disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/bib/ebd/>>, acesso em: 26/02/2009.

EDWARDS, I. E. S. [et. al.] *The Cambridge Ancient History*. 3a Edição. Volume 2, Parte 1. Cambridge: Cambridge University Press (1989), p. 59-60, disponível em: <

http://books.google.com/books?id=FF5-7JVj4jYC&pg=RA1-PR3&dq=yakubher&client=firefox-a&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=4#v=onepage&q=yakubher&f=false, acesso em: 31/08/2009.

GARDINER, Alan H.. *The Ancient Military Road between Egypt and Palestine*, in The Journal of Egyptian Archaeology, Vol. 6, No. 2 (1920), pp. 99-116, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3853611>>, acesso em: 22/07/2009.

_____ *The Delta Residence of the Ramessides*, in: The Journal of Egyptian Archaeology, Vol. 5, No. 4 (1918), pp. 242-271, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3853579>>, acesso em 22/07/2009.

_____ *The Geography of the Exodus: An Answer to Professor Naville and Others*, in The Journal of Egyptian Archaeology, Vol. 10, No. 2 (1924), pp. 87-96, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3854234>>, acesso em 22/07/2009.

GLUECK, Nelson. *Archaeological Activity in Palestine and Transjordan in 1941-1942*, in American Journal of Archaeology, Vol. 47, No. 1 (1943), pp. 125-131, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/499565>>, acesso em: 02/09/2009.

_____ *The Bible in the Light of Modern Archaeological Discoveries*, in Journal of Educational Sociology, Vol. 27, No. 8, Israel (1954), pp. 360-368, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2263816>>, acesso em: 02/09/2009.

GRAY, John. *The Desert Sojourn of the Hebrews and the Sinai-Horeb Tradition*, in Vetus Testamentum, Vol. 4, Fasc. 2. (1954), pp. 148-154, disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0042-4935%28195404%294%3A2%3C148%3ATDSOTH%3E2.0.CO%3B2-S>>, acesso em 16/10/2007.

HARRISON, Timothy P.. *Rabbath of the Ammonites*, in Exploring Jordan: The Other Biblical Land, Biblical Archaeology Society (2008), pp. 14-25.

HENDEL, Ronald. *The Exodus in Biblical Memory*, in Journal of Biblical Literature, Vol. 120, No. 4 (2001), pp. 601-622, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3268262>>, acesso em 30/03/2009.

HIRSCH, Emil G. *Wilderness*, in Jewish Encyclopedia (2002), disponível em: <http://www.jewishencyclopedia.com/view_friendly.jsp?artid=183&letter=W>, acesso em 05/07/2009.

HOFFMEIER, James K.; EL-MAKSOUUD, Mohamed Abd. *A New Military Site on 'The Ways of Horus': Tell el-Borg 1999-2001: A Preliminary Report*, in The Journal of Egyptian Archaeology, Vol. 89 (2003), pp. 169-197, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3822496>>, acesso em: 29/07/2009.

_____ *Major Geographical Issues in the accounts of the Exodus*, in BLOCK, Daniel I. Israel: Ancient Kingdom or Late Invention? Nashville (TN): B&H Publishing Group (2008), p. 97-129, disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=EFYp8I3icisC&printsec=frontcover&dq=BLOCK,+Daniel+I.+Israel:+Ancient+Kingdom+or+Late+Invention#v=onepage&q=&f=false>>, acesso em: 06/08/2009.

_____ *Out of Egypt : the archaeological context of the Exodus*, in Biblical Archaeology Review, Vol. 33, No.1 (2007), pp. 30-41, 77, disponível em: <<http://members.bib-arch.org/publication.asp?PubID=BSBA&Volume=33&Issue=1&ArticleID=7>>, acesso em: 30/07/2009.

KITCHEN, Kenneth A. *Some New Light on the Asiatic Wars of Ramesses II*, in The Journal of Egyptian Archaeology, Vol. 50 (1964), pp. 47-70, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3855742>>, acesso em: 30/08/2009.

KNAPP, Bettina L.. *Manna & Mystery. A Jungian Approach to Hebrew Myth and Legend*. Wilmette (IL): Chiron Publications, 1995. Pp. 11-12, 18-19.

KRAHMALKOV, Charles R.. *Exodus Itinerary Confirmed by Egyptian Evidence*, in Biblical Archaeology Review, Vol. 20, No. 05 (1994), pp. 55-62, disponível em: <<http://members.bib-arch.org/collections.asp?PubID=BSBA&Volume=20&Issue=5&ArticleID=4&>>, acesso em 23/06/2009.

MACDONALD, Burton. *East of the Jordan: Territories & Sites of the Hebrew Scriptures*. Atlanta, (GA, USA), American Schools of Oriental Research (2000), pp. 63-87, disponível em: <<http://site.ebrary.com/lib/usp/10022946&ppg=70>>, acesso em 24/09/2008.

MALAMAT, Abraham. Let My People Go and Go and Go and Go, in Biblical Archaeology Review, Vol. 24, No. 01 (1998), pp. 62-66, disponível em: <http://cojs.org/cojswiki/Let_My_People_Go_and_Go_and_Go_and_Go,_Abraham_Malamat,_BAR_24:01,_Jan/Feb_1998.>, acesso em: 24/06/2009.

MARGALOT, M. *The Transgression of Moses and Aaron: Num. 20:1-13*, in The Jewish Quarterly Review, New Ser., Vol. 74, No. 2. (1983), pp. 196-228, disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0021-6682%28198310%292%3A74%3A2%3C196%3ATTOMAA%3E2.0.CO%3B2-N>>, acesso em: 16/05/2007.

MATTINGLY, Gerald L.. *The Exodus-Conquest and the Archaeology of Transjordan: New Light on an Old Problem*, in Grace Theological Journal 4 (1983), pp. 245-62, disponível em: <http://faculty.gordon.edu/hu/bi/Ted_Hildebrandt/OTeSources/02-Exodus/Text/Articles/Mattingly-Ex-Conquest-GTJ.htm>, acesso em 30/04/2009.

NAVILLE, Edouard. *Goshen and the Shrine of Saft el Henneh (1885) [Fourth Memoir of the Egypt Exploration Fund]*, in The American Journal of Archaeology and of the History of the Fine Arts, Vol. 4, No. 1 (1888), pp. 65-67, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/496409>>, acesso em 06/07/2009.

_____. *The Geography of the Exodus*, in The Journal of Egyptian Archaeology, Vol. 10, No. 1 (1924), pp. 18-39, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3853993>>, acesso em 02/02/2009.

OREN, Eliezer D. *Migdol: A New Fortress on the Edge of the Eastern Nile Delta*, in Bulletin of the American Schools of Oriental Research, No. 256 (1984), pp. 7- 44, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1356923>>, acesso em 30/03/2009.

PRENTICE, Jr. Sartell. *The Route of Israel in the Desert*, in The Biblical World, Vol. 41, No. 4. (1913), pp. 238-244, disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0190-3578%28191304%2941%3A4%3C238%3ATROIIT%3E2.0.CO%3B2-2>>, acesso em 15/03/2007.

REDFORD, Donald B. *EXODUS I 11*, in Vetus Testamentum, Vol. 13, Fasc. 4. (1963), pp. 401-418, disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0042-4935%28196310%2913%3A4%3C401%3AEI1%3E2.0.CO%3B2-B>>, acesso em 15/05/2007.

ROBINSON, George L. *The Route of the Exodus from Egypt*, in The Biblical World, Vol. 18, No. 6 (1901), pp. 410-423, disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0190-3578%28190112%2918%3A6%3C410%3ATROTEF%3E2.0.CO%3B2-2>>, acesso em 15/05/2007.

SCOLNIC, Benjamin E. *A new working hypothesis for the identification of Migdol*, in HOFFMEIER, James K.; MILLARD, Alan R. The Future of Biblical Archaeology. Cambridge (UK): Wm. B. Eerdmans Publishing Company (2004), pp. 91-120, disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=PUcs-FQv4ulC&pg=PA91&lpg=PA91&dq=A+new+working+hypothesis+for+the+identification+of+Migdol&source=bl&ots=z8T0REX4-T&sig=KpXJSrEcVOv_6687OwLJIMHqBA&hl=pt-BR&ei=q69_Sr3zLNmBtgfDoLH-AQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1#v=onepage&q=&f=false>, acesso em: 09/08/2009.

SMITH, George Adam. *Historical Geography of the Holy Land*, in The Biblical World, Vol. 7, No. 1 (1896), pp. 75-77, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3140013>>, acesso em 06/07/2009.

TEAGUE, Matthew. *The Sinai's Separate Peace*, in National Geographic, Vol. 215, No. 3 (2009), pp. 98-121.

TRUMBULL, H. Clay. *Kadesh-Barnea*. New York: Charles Scribner's Sons, 1884, p. 147-155, disponível em: <<http://www.archive.org/stream/kadeshbarnea00trumuoft#page/n0/mode/1up>>, acesso em: 10/08/2009.

YURCO, Frank J. *3,200-Year-Old Picture of Israelites Found in Egypt*, in Biblical Archaeology Review Vol. 16, No. 05 (1990), pp. 20-37, disponível em: http://cojs.org/cojswiki/3,200-Year-Old_Picture_of_Israelites_Found_in_Egypt,_Frank_J._Yurco,_BAR_16:05,_Sep/Oct_1990, acesso em: 24/06/2009.

Softwares

Bible Works 5.0. Bigfork (MT): Hermeneutika Computer Bible Research Software, 2001.

Encyclopaedia Judaica – CD ROM Edition. Jerusalem: Keter Publishing House, 1997.

Judaic Classics Library – version 2.2. New York: Judaica Press, 2001.

Navigating the Bible II. Geneva: World Ort, 2000.

Responsa – version 16.0. Ramat Gan (Israel): The Responsa Project – Bar Ilan University, 2008.

The Soncino Classics Collection. New York: Judaica Press, 1990.

World Biblical Commentary. Dallas: Libronix, 1987.